



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA CULTURAL

**JOÃO VEIÂNIO M. DE OUFILHO**

**A FOLIA DE REIS EM SÃO BRAZ DE MIRAS: A  
migração, as transformações locais, e o imaginário  
religioso**

Brasília-DF  
Junho/2009

# **JOÃO VEI ÂI CIO M. DE OUROFI O**

## **A FOLIA DE REIS EM SÃO BRAZ DE MI AS: A migração, as transformações locais, e o imaginário religioso**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em História do Brasil, pela Universidade de Brasília, UnB, sob a orientação do Profº. Dr. Jaime de Almeida.

Data de Aprovação: 03 de julho de 2009.

Banca Examinadora

---

Orientador

Profº Dr. Jaime de Almeida

---

Examinadora

Profª Dra. Ellen F. Woortmann

---

Examinador

Profº Dr. José Walter Nunes

---

Suplente

Profª Dra. Clélia Botelho da Costa

**Esse trabalho é dedicado aos foliões e comunidade de São Braz de Minas, que com as suas Folias encantam com música, versos e devoção as noites de dezembro/janeiro, recebendo com carinho os que se deixam cair no seu “giro”.**

Dedico também este trabalho à minha neta Júlia Ourofino, por me mostrar que as brincadeiras se repetem e se reconstroem em seu tempo, sem deixar de perder o encanto. Obrigado por me convidar para brincar.

À minha filha Amanda. Nossa ligação é umbilical, nasceu em minhas mãos, de nosso contato veio seu nome, de seu crescimento nosso carinho irrestrito e agora mulher, uma grande amiga, valeu!

Ao meu filho Rudà, meu tupi guarani, seu nome quer dizer “Deus do amor”, e em você eu encontro amor e carinho. Estamos juntos nessa passagem.

Ao meu filho Tomás, meu amigo espiritual. Quanta leveza, bondade e senso de humor encontro em você. Seu trato com o conhecimento, com a leitura, sua curiosidade e respeito pelo saber me encantam e impulsionam para frente.

**Faço minhas as palavras de Carl Sagan “Diante da vastidão do espaço e da imensidão do tempo, é uma alegria para mim, partilhar um planeta e uma época com vocês”.**

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus e ao Frei Domenico, que sempre estiveram comigo nos momentos mais difíceis dessa empreitada.

A meu pai, Blasco Miranda de Ourofino exemplo de integridade, honestidade, ética e compromisso social. Obrigado pelos livros, que me levaram a leituras, viagens e conhecimentos fascinantes.

Ao meu amigo e orientador Dr. Jaime de Almeida pela sua disposição em me aceitar sob sua orientação. Momentos aguardados com expectativa, sempre fluidos e mágicos. Suas sugestões e observações eram suaves, colocadas no momento certo, como que o encaixe de um quebra cabeças, aguardadas com ansiedade e ao mesmo tempo confiança. Sua honestidade e seriedade me deram forças para prosseguir, sua extrema confiança em mim e a liberdade para produzir e errar é parte integral desse trabalho. Fechamos um momento de nossas histórias.

Ao Professor Dr. José Walter Nunes, pelas aulas durante o curso e nossas conversas, quando me cedia material de leitura, orientava e discutia comigo aspectos significantes de minhas entrevistas, compartilhou sua experiência e vasto conhecimento em prol da elaboração de meus instrumentos de pesquisa. Pela participação na qualificação e defesa desse trabalho.

À professora Dra. Cléria Botelho da Costa, por suas orientações e disponibilidade em me atender sempre tão docemente, me cedendo material de pesquisa, lendo meus textos, fazendo sugestões de leitura, e prestando apoio quando necessário. Pela participação na qualificação desse projeto.

À professora Dra. Ellen F. Woortmann, por suas pertinentes observações e contribuições na leitura de minha dissertação e estímulo para continuidade dos estudos.

Aos foliões e comunidade de São Braz que me receberam muito bem, com confiança. Cederam-me fotos, deram-me entrevistas, e permitiram que eu tirasse fotos para a pesquisa. Nos almoços e jantas sempre fui muito bem tratado e pude levar longas, médias e curtas conversas com a comunidade, aprendendo sempre mais um pouco sobre a Folia. Passei momentos inesquecíveis com aquela comunidade, e espero dar em retorno o resultado da pesquisa.

Aos entrevistados: Valdenir Alves Correia (Valdomiro), João do Sínico, Milton Correa de Castro, Donizete Osvaldino Pereira, Antônio Teixeira da Silva (Antônio

Firmino), Roldão Correia de Castro, Geovane Gonzaga da Silva, Luis Machado de Souza (Luis Prego), Claudinéia Maria Correia (Néia), Braz Mateus, Philippe Eduardo Correia Silva, Eduardo Correia dos Reis, Hilda Tiago da Silva, Sebastião Batista Mota (Tião Mota), Ivando Ribeiro da Silva, Virgílio Neto, foi muito valioso para o meu trabalho a disponibilização por vocês das entrevistas e fotos que me ajudaram na elaboração e realização da pesquisa.

Ao meu irmão Artur Juvêncio, pela atenção dispensada em momentos difíceis desse percurso, sempre atento às minhas dificuldades. Pela força na impressão de material.

À Cristiane Portela, pelas conversas, bibliografia e discussão para elaboração do roteiro de entrevista. Pela oportunidade de pela primeira vez apresentar uma comunicação em seminário. Carinho eterno.

À Virgínia Litwinczik, pela valorosa contribuição na degravação das entrevistas e conversas sobre o trabalho.

À Jeane Rodrigues da Silva, perene presença em minha vida, sua atenção, carinho, e espiritualidade permitem transbordar a minha alma.

À Kátia Itacarambi, pelas longas conversas que muito me ajudaram com o trabalho, pelos momentos tranquilos que me proporcionou em período tão conturbado.

Aos amigos de Goiânia, cidade pela qual me apaixonei, Ádria, Karine Portela, Josi, Dona Dulcena, Leandro Damasceno, pelas conversas, passeios, seminários e congressos. Pela hospedagem e camaradagem.

Aos amigos da Úmbria, pela devoção, palavras e orientações sábias. À Marivone e Jorge por dedicarem um tempo às minhas preocupações e estarem sempre solícitos quando preciso.

Ao Ronaldo que sempre me estimulou e demonstrou confiar na minha capacidade de concluir meu trabalho. Pelas preces e muitas conversas ao telefone.

À Regina Marangoni, Por seus e-mails sempre oportunos, tranquilos e cheios de estímulos para se chegar aos nossos objetivos.

Ao Jorge Olívio, da prefeitura de Lagamar, por me receber e disponibilizar todo e qualquer material por mim pedido, além do estímulo para a realização da pesquisa.

Ao João do Sínico, xará, sempre disposto a me atender, meu contato direto com São Braz, sua sabedoria de folião muito me ajudou na pesquisa, e sempre que precisei de um dado, um nome, uma referência, lá estava o João.

À Genôva Alves pelas fotografias disponibilizadas, que muito me ajudaram.

Ao Mauro Tentis (In memorian) pelas fotos e por me apresentar à Folia em seu sítio no Cerrado de São Braz. Eterna amizade.

Ao Antônio Firmino pelas fotografias emprestadas para reprodução em meu trabalho, a entrevista e esclarecedoras conversas informais.

À Gláucia Peclat, pelo empréstimo do gravador, pelas dicas sobre minha comunicação em Cáceres-MT. Pelo carinho e sensibilidade.

À Cláudia Pereira Brandão, pelo convívio dos últimos tempos e ajuda na elaboração do powerpoint para apresentação na defesa da dissertação.

À Maria Helenice, que me enviando seu trabalho sobre a literatura de cordel em Brasília, mais especificamente Ceilândia, onde trabalhou como ela afirma com os “documentos orais”, muito me auxiliou na utilização das entrevistas em minha pesquisa.

À SEED-DF pelo afastamento concedido para estudos, o que me possibilitou uma maior dedicação ao projeto. À Socorro, João Roberto e Bete que sempre estiveram solícitos com as informações necessárias na EAPE.

Ao Iran, Leila e Telma pela atenção com que sempre me receberam.

Aos amigos do Frangão (Tag. Sul), que entre uma cerveja e outra me aturaram falar da Folia e sempre que tinham algo sobre folias recolhiam e me passavam. Ao Ricardo e Cláudia que criaram um ambiente tranquilo e amistoso para nossas reflexões éticas.

## RESUMO

### RESUMO

Este trabalho pretende um olhar sobre a festa da Folia de Reis em São Bráz de Minas e a devoção da comunidade local. As alterações no mundo rural têm ocasionado dificuldades para a manutenção dos festejos da Folia e a formação de novos foliões. A afluência dos migrantes locais para outras regiões do Brasil e outros países transforma os papéis sociais tradicionais e o significado original da festa. Por outro lado, de maneira geral, a população que permanece no local conserva as práticas tradicionais, mantendo a fé e seguindo os ritos da tradição, em contraste com a atitude dos migrantes que vivem uma realidade urbana e suas representações, através das oralidades. Portanto, o objetivo deste trabalho foi observar os modos de usar, de elaborar representações, de assimilar elementos culturais e religiosos, como são ressignificados ou transformados, ou, por vezes, definitivamente abandonados.

Palavras chave: Folia de Reis, festas populares e história oral.

### ABSTRACT

This work aims to provide an overview on a celebration know as “Folia de Reis”, which takes place in São Braz de Minas (MG) and the devotion of the local community to such celebration. The changes in the countryside have prevented the keeping of this celebration and discovered new participants. The fact that some of the locals have either migrated or immigrated to the other regions have caused the traditional social rules to shift, along with the original significance of the party. On the other hand, a great part of the population that remains in the city seems to preserve the traditional practices, keeping their faith and devoting to the rituals, as opposed to those who have left the country and now have incorporated the urban life and its representations. This work also draws attention on the ways of using and building up representations, of assimilating cultural or religious elements and the way in which all of that gets transformed or at times even abandoned.

Key-words: Folia de Reis, popular celebrations e verbal history.

## SUMÁRIO

<b>II TRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A FOLIA DE REIS E A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA – UMA REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>18</b>
1.1 - A história oral como fonte de pesquisa e metodologia aplicada nas ciências sociais.....	32
1.2 - A festa como elemento de organização e constituição de práticas sociais.....	38
<b>CAPÍTULO 2 – O QUE É A FOLIA DE REIS.....</b>	<b>48</b>
2.1- Dificuldades encontradas pelo “capitão” para dar continuidade a Folia.....	71
<b>CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>91</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>108</b>
ANEXO I - Roteiro para entrevistas.....	114
ANEXO II - Cartaz de Encontro de Folia em São Braz De Minas-2007.....	115
ANEXO III - Programação de Encontros Nacionais de Falias.....	116
ANEXO IV - Entrevistas.....	120
ANEXO V - Fotos e Dados dos Entrevistados.....	164
ANEXO VI – Mapa rodoviário de Brasília-DF à Lagamar-MG.....	169

## INTRODUÇÃO

Hoje fico pensando e vou começando a escrever como a Folia de Reis me encantou. Revejo fotos, leio as entrevistas, cutuco as lembranças. Fui apresentado à Folia de São Braz em 1998, por seu Mauro Tentis (*in memoriam*) e Dona Maria Alves, na época meus sogros. Dona Maria nasceu na fazenda do córrego Dantas, Distrito de São Braz e ali passou sua infância e, quando do primeiro grande surto migratório, veio para Brasília. Trouxe consigo um pouco das tradições ou a vontade e desejo de estar lá na época natalina para rever os festejos. Quando os conheci, eu não entendia aquela magia que mexia com todos às vésperas do Natal: era o momento de ir para São Braz. Nos primeiros tempos (idos de 1975-1985) a viagem era toda em estrada de terra, numa Kombi que ia lotada, e que deixou muitas estórias para trás e incrivelmente sempre presente. Atualmente o asfalto vai até o trevo de São Braz e até lá são mais 20 km de terra, o que torna o acesso em dezembro mais difícil devido às chuvas na região, mas bem mais tranquilo que antigamente. (Fig. 1).



(Fig. 1 - Placa de acesso a São de Braz de Minas - estrada de terra - 22 km). Foto de João Venâncio.

Quando fui pela primeira vez fiquei maravilhado com a estrada, muitas fazendas, um lugar de curvas e montanhas, o “Indaiazinho” (pedaço bonito e muito perigoso,

devido às curvas). A cidade tem seu ritmo interiorano, sábado as pessoas saem das fazendas, vêm dos Distritos vizinhos e de Lagamar (sede do município) para visitar seus parentes e amigos. Durante a semana a labuta geralmente é na roça, porcos, galinhas, gado e as plantações requerem atenção e muito trabalho. A missa acontece de 15 em 15 dias, o padre vem de Lagamar, e agita um pouco a praça. (Fig. 2). Após a missa muitos vão para os bares que ficam em uma única rua e atraem todos que vieram para se divertir. Bares lotados, mais dois bares funcionam fora desse roteiro, mais para dentro da cidade, o forró sertanejo e o *funk* prevalecem numa disputa entre o som automotivo e os dos estabelecimentos comerciais.



(Fig. 2 - Igreja da comunidade católica de São Braz, onde são celebradas missas de 15 em 15 dias aos sábados). Foto de João Venâncio.

As mesas de sinuca sempre cheias, com moças e rapazes brincando. A cerveja e a pinga, ou destilados, o churrasquinho do Luís Prego já virou um ponto de encontro e prosa. Alguns comércios aproveitam o movimento e vão até mais tarde: mercearia, *lan house*, é um “*trottoir*” constante, as moças giram a praça, e os rapazes ao largo observando. As ruas cheias, grupos de visitantes se mesclam com grupos de moradores na frente das casas sentados a prostrar e rever os amigos.

Mesmo quando mais movimentada que o normal a cidade tem muitas crianças brincando nas ruas, pessoas nas portas de suas casas, ruas pequenas, iluminação fraca em postes onde cachorros se espreguiçam. Enquanto lá na rua principal o agito acontece, cá pra dentro um silêncio contrasta com o burburinho da praça.

Um dia assisto a toda uma movimentação na casa de meu sogro, um corre-corre, arruma lanche, dá uma limpada na casa que a Folia já vem. Foi para mim um momento único, inesquecível, aqueles músicos, a bandeira, o palhaço, toda a magia, a tradição, o excepcional, junto com a cantoria e suas cores, percebo a satisfação das pessoas que vieram de Brasília, Minas, São Paulo, etc.

A Folia colorida, misteriosa, cheia de símbolos e significados, estava ali com toda sua ancestralidade e sua oralidade a me surpreender, e a partir daí, sempre que possível, estive presente na saída e entrega da Folia em São Braz. Participei dos almoços e jantares na comunidade, e aos pouco fui me integrando, principalmente nos anos de 2002 e 2004. É com intensidade que se recebe as pessoas, depois os foliões, que se participam de todo o ritual, que inclui a chegada, o palhaço, o canto de entrada, a visita ao altar, a reza, os cantos de oferecimento e agradecimento aos donos da casa, além do almoço ou janta que se transforma no momento de conagração da festa.

E foi assim, pela ternura, amizade e deslumbre, na companhia de seu Mauro Tentis com seu sorriso sempre bondoso, um homem que soube se integrar à comunidade e festejava com devoção e admiração pela “liturgia” da Folia, pelo trabalho comunitário, com o encanto da Festa, que a Folia se apresentou para mim e no contato durante os anos fui me envolvendo com o fazer jantar, preparar-me durante o ano para dezembro passou a fazer parte do meu cotidiano e sempre que vinha Natal eu já estava ansioso pelo toque das caixas, a cantoria, o palhaço e as cores dos altares.

A partir das conversas e observações, duas questões surgiram para objeto de estudo: A dificuldade do Capitão em formar novos quadros e a continuidade dos festejos devido à modernização e migração de seus moradores, inclusive para o exterior. Assim, apresentei o projeto pretendendo estudar e me aprofundar sobre as transformações locais e sua relação e influência para dar continuidade à Folia de Reis em São Braz de Minas.

O primeiro passo foi cursar as disciplinas e preparar uma revisão da literatura e suas formas de problematizar o tema. Fiz a revisão, não só sobre a Folia de Reis, como também leituras sobre a história oral e sua metodologia e aplicabilidade ao projeto, já que propus trabalhar com entrevistas como base para as reflexões, temas, problemas e perguntas levantadas. O tema da Folia está incluído dentro das Festas do ciclo natalino e por isso realizei leituras sobre a Festa, seu uso no estudo de história e suas características.

Os objetivos apresentados no projeto de pesquisa e foram nossas preocupações iniciais ao trabalhar com a Folia de Reis e a comunidade de São Braz de Minas foram traçados a partir de observações, conversas e questionamentos aferidos em diversas visitas e na participação durante anos na Folia do Distrito, ora como festeiro, oferecendo duas jantãs em louvor aos Santos Reis, ora como participante e curioso pela dinâmica da cerimônia. A partir do tema escolhido passei à elaboração metodológica para alcançar os objetivos propostos, que no aspecto geral foi descrever as dificuldades encontradas pelo “Capitão” (Alferes) para dar continuidade e manutenção de quadros (cantadores, instrumentistas e foliões) da Folia, devido ao processo de migração dos jovens e óbito dos mais idosos.

Quanto aos específicos, foi verificar como o processo de modernização dos meios de comunicação e a migração influenciam os hábitos dos jovens e seu olhar sobre o tradicional local e identificar a visão dos mais velhos e dos que não migraram, sobre o processo de realização da Folia atualmente, em relação à sua memória, suas imagens, devoção, significados e o seu cotidiano rural.

Foi nossa proposta trabalhar com a história oral, visto que não encontrei documentos escritos nem históricos diretamente relacionados às Foliãs na região de São Braz de Minas, não há cadernos com versos, e a transmissão dos saberes ocorre na prática: acompanhando o “giro” da Folia, os foliões mais novos vão aprendendo, ouvindo os mais velhos a tocar e cantar, iniciando assim a sua formação musical e o aprendizado das dinâmicas internas do festejo. Acredito no trabalho com a oralidade,<sup>1</sup> pois ela carrega as experiências em suas memórias, lembranças como escavações, afirma Certeau,

A memória é o antimuseu: não é localizável. Dela saem clarões nas lendas. Aí dorme um passado, como nos gestos cotidianos de caminhar, comer, deitar-se onde dormitam revoluções antigas... O que mais impressiona aqui é o fato de os lugares vívidos serem como presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais... Os demonstrativos dizem do visível suas indivisíveis identidades. (CERTEAU, 1994:189)

Optei por entrevistas semi-estruturadas, por acreditar ser esta técnica de pesquisa mais adequada ao contexto do presente estudo. Isto me deu um norte mais objetivo e diversificado, e foi possível trabalhar com jovens aprendizes, Alferes e Capitão das

---

<sup>1</sup> Para aprofundar o tema ver: Paul Thompson, *A voz do passado: história oral*. Ed. Paz e terra, RJ, 1992. Cléria B. da Costa e Nancy A. Magalhães (org.), *Contar história, fazer história-História, cultura e memória*. Ed. Paralelo 15, Brasília, 2001. Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira (org.), *Usos & Abusos da História Oral*. Ed. FGV, RJ, 8ª ed., 2006.

Folias de São Braz, e com os festeiros que prepararam janta ou almoço para os foliões, incluindo o relato de mulheres que já fizeram a Festa, como uma senhora que fez em 2007/2008 uma janta que teve como característica a realização conjunta, devido aos laços de compadrio. Esta festa chamou-me a atenção, pois minha depoente relatou que contou com seus amigos (De Brasília) para proporcionar a eles a vivência da devoção, a Festa e a prática de seu fazer, além de poder oferecer conjuntamente uma melhor recepção aos foliões e participantes.

Entrevistei músicos, cantores e participantes que executam trabalhos diversos na Folia, e um morador evangélico da comunidade e ex-participante da Folia de São Braz. A atitude dos evangélicos é uma preocupação apontada por foliões principalmente dos morros do Rio de Janeiro<sup>2</sup>, e Folias que se desenvolvem no meio urbano.

Estabeleci um núcleo comum a todos entrevistados e para cada grupo participante elaborei perguntas específicas por núcleo de atuação. Trabalhei com entrevistas semi-estruturadas após estabelecer um piloto em julho de 2007 em conversa com o senhor Valdomiro Pereira e sua senhora, moradores do Cerrado em São Braz de Minas, e com o senhor Saul Caixeta, também morador do Cerrado, ambos antigos foliões, conhecedores e participantes dos festejos de Reis. A partir do piloto realizado em 07/2007, dos objetivos apresentados no início da pesquisa e nossas observações cotidianas nas visitas à comunidade, foi elaborado um roteiro para as entrevistas (V. Anexo) que se dividiu em três momentos:

- a) Entrevista com aqueles que este ano ou em anos anteriores ofereceram almoço ou jantar para a saída da Folia, entrega e Festa do dia 06/01, ou no giro da Folia pelas casas e fazendas da região.
- b) Entrevista com foliões participantes da Folia dos Correa ou da Folia do “Fulozino” ou Flauzino.

---

<sup>2</sup> Com a expansão da Igreja Universal do Reino de Deus e da Assembléia de Deus - principalmente -, religiões como o candomblé, a umbanda, o espiritismo e até o próprio catolicismo viram milhares de seus fiéis seguirem o caminho do pentecostalismo (movimento que surgiu nos Estados Unidos, no início do século XX, como opção ao protestantismo tradicional de batistas, luteranos, metodistas e presbiterianos). Nas favelas cariocas, o resultado foi o desaparecimento quase completo de festas populares tradicionais como o Reisado e o Caxambu. Ver, MONTEIRO, Marcelo, “Entre o céu e a favela”, postada em 08/04/2004 disponível no site: [www.favelatemmемoria.com.br/publique/cgi/cgi](http://www.favelatemmемoria.com.br/publique/cgi/cgi). A comunidade evangélica de São Braz é pequena, mas realiza outras atividades no período da Folia e muitos deles são ex-foliões.

- c) Entrevista com migrantes ou imigrantes que vêm para os festejos e trazem então toda uma experiência vivida em cidades grandes no Brasil e exterior, além de contatos dos mais diversificados com o mundo urbano e suas relações sociais.

Nessas conversas preliminares ouvi relatos sobre a chegada de Joaquim Correa e família: Ana Carolina, Zé Correa, Afonso Correa (que doou as terras para a formação do Distrito de São Braz), Antônio Correa e Virgílio Correa; assim como de seus descendentes netos e bisnetos, sobre a formação da Folia de São Braz por Afonso Correa em 1914, que prossegue até hoje sendo conhecida por Folia dos Correa (fig. 3). Posteriormente, em 1954, Afonso Correa fundou com Flauzino Pereira a atual Folia de São Braz, vinculada à igreja da cidade como mostra a sua bandeira (Fig. 4). Ouvi relatos que me ajudaram a entender as Folias com seus respectivos Capitães, a localização geográfica dos giros de cada uma, a demarcação territorial de cada uma, com seus capitães e componentes, a composição e a formação de uma Folia com mais ou menos 12 a 18 foliões, com seus instrumentos, as vozes, a bandeira, o palhaço e as comidas.



(Fig. 3 - Bandeira da Folia dos Correa, fundada em 1914). Foto de Mauro Tentis. 01/2006.



(Fig. 4 - Bandeira da Folia do Flauzino, assim chamada atualmente, composta por pessoas da comunidade em geral, tendo como Alferes o Sr. Luís Prego. Faz o giro na cidade e em fazendas perto da região.) Foto de Mauro Tentis. 01/2005.

Foram realizadas conversas preliminares com todos os entrevistados com o intuito de fazer uma sondagem, esclarecer os objetivos da pesquisa e deixar o entrevistado à vontade para responder às perguntas propostas pelo roteiro apresentado. Acredito que a entrevista semi-estruturada permite ao pesquisador estabelecer um eixo para seu trabalho e alcançar seus objetivos, além de permitir observar as nuances e particularidades de cada narrador e seu papel na Festa.

Fotografei cada entrevistado no local das entrevistas para registrar a maneira como estavam vestidos para a ocasião, o ambiente, suas feições. As fotos nos mostram o grau de tranqüilidade em que ocorreram as entrevistas. Numa delas o esposo da entrevistada ficou ao lado, pois no interior não é comum um estranho ficar a sós com uma senhora casada; as gravações das entrevistas foram realizadas em variados lugares: casas, currais, casa de farinha, em frente ao barracão, em varandas, ao ar livre, dependendo da disposição e localização do entrevistado (v. fotos e descrição dos entrevistados em anexo).

Coletei e produzi em torno de 1000 fotografias num trabalho de observação, atenção e cuidado com o objetivo de utilizá-las como parte integrante do trabalho, assim como os textos teóricos ou as entrevistas. As imagens, mostrando tantos detalhes (rostos, expressão das pessoas, qualidade das roupas, das casas, os instrumentos, os espaços de construção da Festa, as comidas, as cores dos altares, seus símbolos, etc.),

complementam o texto e convidam o leitor a participar da reflexão proposta por esta pesquisa. Neves (2004:01) em seu trabalho sobre o uso de imagens pelo historiador, afirma que esse é um recurso utilizado pelas outras ciências humanas há mais tempo e que a Escola dos Annales já vinha defendendo, desde sua formação, a diversificação dos documentos na pesquisa histórica “que podem e devem ser utilizados pelo historiador” para enriquecimento do campo de estudo.

O uso de imagens - e em especial a fotografia - como fonte de conhecimento histórico é prática que acompanha os avanços relativos à análise documental na História, inclusive no Brasil. As fontes imagéticas não devem ser interpretadas como ilustração, nem como reflexo do real, mas como sua representação. Assim, elas devem ser por meio de uma crítica externa e interna, decifradas, des-cobertas, de forma a permitir devolver às imagens congeladas o tempo delas abstraído, bem como apreender os significados nelas contidos. (NEVES, 2004:1)

As entrevistas foram gravadas em fita cassete simples, tendo sido utilizado um gravador portátil com microfone embutido. Após a degravação das entrevistas e construção do documento escrito, observei os assuntos/temas mais recorrentes nas falas dos narradores, para então, desenvolver a tematização. Elaborei um caderno de campo onde fiz as mais diversas observações durante o acompanhamento dos giros das Folias, do fazer a festa, dos foliões, participantes, de sua dinâmica interna, dos almoços e jantas, de variações dos cardápios oferecidos, vestuário, curiosidades.

Contei com vídeos de festas anteriores, cedidos pela comunidade que colaborou significativamente, me hospedando, indicando pessoas para entrevistas e trocando idéias ao longo das conversas, além de apoio do secretário de cultura do município, Sr. Jorge Olívio, que me cedeu DVD com programas da TV Cultura de MG, sobre a Folia de São Braz, CD com fotos da cidade de São Braz, documento com a doação das terras para a formação do Distrito de São Braz de Minas, e a planta baixa da cidade; obtive um CD gravado em São Braz com a Folia dos Correa, com os versos, músicos e cantores, e um DVD com as fotos da Folia de 2007/2008, que muito me ajudaram nas comparações com as narrativas dos foliões.

Ao construir os documentos escritos a partir das entrevistas, mantive a forma original do roteiro, com as perguntas e respostas por mim obtidas. Tendo em vista o fato de que a entrevista é o registro de uma linguagem oral, diferente da escrita, procurei manter a forma como a narrativa foi construída e as falas dos narradores não foram modificadas, mantendo-se inclusive as características regionais, com os sotaques, neologismos, e maneira de se expressar.

No Programa de Pós-graduação da UnB, participei de seminários coordenados pelo Prof. Dr. José Walter Nunes e pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nancy Alessio Magalhães, pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eleonora Zicari e pelo Prof. Dr. Jaime de Almeida. Participei de congressos e seminários onde pude apresentar minha pesquisa e receber observações que me auxiliaram na elaboração do trabalho. Os diálogos estabelecidos com os professores, meu orientador, com os colegas e as variadas leituras realizadas no transcorrer desses encontros, foram de extremada valia para dar forma ao objeto dessa pesquisa.

Este trabalho propõe um estudo sobre a festa da Folia de Reis em São Braz de Minas e a devoção da comunidade local. As alterações no mundo rural têm ocasionado algumas transformações na dinâmica e vida das comunidades interioranas do país, com a expansão agro empresarial em grandes plantações monocultoras de exportação, articulam-se a inovação tecnológica na produção e a manutenção de festejos e tradições, em que se destacam principalmente os gaúchos com seus Centros de Tradição Gaúcha.<sup>3</sup> Mas não só o agro-negócio: camponeses sem terra, acampados em beira de estrada ou assentados, trabalham para manter as manifestações dos integrantes dos acampamentos, numa luta constante contra a fragmentação e perda das tradições de seus componentes.

## **CAPÍTULO 1**

### **A FOLIA DE REIS | A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA – UMA REVISÃO DE LITERATURA**

A comunidade de São Braz (Figs. 5 e 6), fundada em 1906 no interior de Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro, também tem passado por transformações em sua estrutura fundiária e de produção. Até a década de 1980, não havia luz elétrica, água encanada, as fazendas eram distantes uma das outras, usava-se muito cavalo, carroça, carro de boi, e depois bicicletas, havia poucas estradas e muitas ficavam intransitáveis no período das chuvas. Com o acesso exclusivo por estradas de terra, o isolamento

---

<sup>3</sup> Ver, p. ex., CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato, *Brasil: questões atuais da reorganização do território*. Ed Bertrand Brasil, 1996. HAESBAERT, Rogério, *Territórios Alternativos*. Editora Contexto, 2002. VERDUM, Roberto; BASSO, Luís Alberto; SUERTEGARAY, Dirce Maria, *Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação*. UFRGS Editora, 2004.

manteve características comunitárias de troca de produtos entre famílias e de compadrio em seus festejos: casamentos, batizados, velórios, festas (entre elas a Folia de Reis), tendo sido por certo período mantido o cerimonial da Folia com pouca interferência externa e sem alterações no ritmo de ano após ano.

A partir de 1985, São Braz passa a ter um papel relevante por se tratar do maior colégio eleitoral após Lagamar, sede do município, com as eleições a partir de 1989, o Distrito começou a ganhar certa autonomia e a ter representante na câmara de vereadores de Lagamar, conquistando benefícios, a expansão de luz, telefone e água traz São Braz para o centro do mundo: seus filhos estão espalhados pelos quatro cantos do mundo, ansiosos para chegar dezembro quando todo mundo se reencontra na Folia.



Fig. 5- A modernidade vem de parabólica. A TV tem forte influência numa comunidade sem outro acesso ao mundo moderno, sem banca de jornal e revistas, cinema, teatro, biblioteca, etc., ela torna-se um poderoso meio formador de opinião. Foto de João Venâncio. 01/2007.



(Fig. 6- Rua principal de São Braz, ao fundo 3ª cavalgada de Santos Reis - 2000). Foto cedida por Gênova Alves.

Por ser uma comunidade de pequenos lavradores, a comunidade do Cerrado se originou de um loteamento de pequenas propriedades, como um bairro do Distrito de São Braz, permite o desenvolvimento de relações sociais mais estáveis internamente onde prevalecem laços de parentesco e de troca de produtos entre os moradores, vínculos sociais que se tornam mais precários com a proletarização do campo e sua automação. Nestas condições, a tradição fica mais arraigada no calendário e na memória das pessoas, e se mantêm as celebrações em cada período do ano, cada uma com suas representações.

Práticas sociais de união do grupo, de saídas extraordinárias do cotidiano na experiência de momentos únicos onde todos são participantes relativamente indiferentes às contradições do local, e vivem não só a Festa, mas constroem outros espaços dentro dessas manifestações, onde exercem papéis e práticas de rebeldia, confronto com o estabelecido, de liberação, fazendo desses momentos, lugar de ser solto, provisoriamente desprendidos do social, do trabalho, do cotidiano, integrados no rebuliço da Festa.

A partir da chegada da luz, a consolidação da comunidade do Cerrado ocorre gradativamente, com a construção da horta comunitária, do barracão no Cerrado onde em 2007, foi inaugurado nesse espaço, o 1º “foliódromo” do Brasil. Com o acesso à água e eletricidade a dinâmica da produção mudou e alguns pequenos maquinários foram sendo incorporados ao cotidiano da rotina do trabalho: descaroador, moedor e

tritador para capim, tratores, tanques de resfriamento e conservação de leite (sempre em uma grande fazenda), além de utensílios domésticos dos mais diversificados, ficando aí entendido que no Distrito não há loja de eletrodomésticos, e eles chegam com as famílias ou por intermédio delas, sendo a outra parte adquirida em lojas muitas vezes distantes 80 km de São Braz. Um desses produtos alterou muito a dinâmica da comunidade: no início a sua utilização era mais comunitária, na praça; aos poucos invadiu os lares e trouxe o mundo para dentro das casas dos moradores, mais tarde falarei sobre a televisão e sua presença nas alterações ocorridas no período (fig. 5).

Essas transformações ocorridas no cotidiano das pessoas passam a refletir-se no modo de se relacionar, de manter vínculos, de ocupar os espaços da rua, da praça, da conversa e bate papo. Há no próprio trabalho do campo certa alteração de rotinas do trabalho (apesar de o galo sempre cantar no alvorecer!).

Esse processo de modernização provocou nosso interesse, a partir de algumas conversas pelos idos de 2005, de estudar as dificuldades encontradas pelos capitães de Folia para a manutenção dos festejos da Folia e na formação de novos foliões. Minha intenção era observar as apropriações ou, no dizer de Canclini em *Culturas Híbridas*, as estratégias para a comunidade entrar e sair da modernidade, visto que, por paradoxal que pareça, a Folia de São Braz tem-se revigorado na última década, ou seja, “se desenvolveu transformando-se”.

As novidades que adentraram o mundo da comunidade também influenciaram o modo de conceber o tempo, as distâncias, o espaço, e a trabalhar com as novas informações, principalmente a mídia televisiva, que passa a ser praticamente o único formador de opinião no local, visto que não há banca de jornal e nem biblioteca pública. A TV passa a realizar o confronto com a tradição local em seus programas, exibindo filmes, novelas e temáticas por vezes conflitantes com a vivência e experiência dos seus habitantes.

A afluência dos migrantes locais para outras regiões do Brasil e outros países transforma os papéis sociais tradicionais e o sentido original da Festa. Sabemos como diz Canclini (2006:214-215), que a própria Folia já é resultado de um encontro na modernidade de seu tempo e ali foi elaborada, significada depois de um processo de apropriação de elementos deixados pelos portugueses, índios e negros que se tornaram devotos e foliões de Santos Reis. Por outro lado, de maneira geral, a população que permanece no local conserva as práticas tradicionais, mantendo a fé e seguindo os ritos da tradição, em contraste com a atitude dos migrantes que passam a viver uma realidade

urbana e suas representações, incorporando novos repertórios e olhares sobre a experiência do religioso, do trabalho, lazer, sem no entanto, afastar-se da comemoração do Santos Reis.<sup>4</sup>

Foi possível observar, no decorrer da pesquisa, os modos de usar, de elaborar representações, de assimilar elementos culturais ou religiosos, e o modo como são re-significados, transformados, ou, por vezes, definitivamente abandonados.

A Folia de Reis, festividade existente em diversas regiões do país, foi introduzida pelos portugueses ainda no período colonial. Em Portugal, o termo Folia já existia no século XVI; aparece, por exemplo, no *Auto da Sibila Cassandra*, de Gil Vicente, e designava uma dança viva ao som de pandeiro e canto, representando os próprios Reis que vão adorar o menino Jesus, (RIOS, 2006:66). A Folia em Portugal era uma dança popular e profana muito difundida nos séculos XVI e XVII. A Folia é uma dança de homens “vestidos à portuguesa”, com guizos nos dedos, gaitas e pandeiros, girando e pulando à roda de um tambor, (Brandão, 1983: 141). Na Espanha por volta de 1793, a Folia já aparece tanto como uma dança profana de rapazes fantasiados tanto como qualquer dança com características de alegria, deboche e sátira. A Folia entrou no Brasil como uma dança de fundo religioso, mais uma manifestação paralitúrgica que profana, e que de acordo com Moreira, (1982:125),

Da mesma maneira que falamos do “teatro de circunstância” de Anchieta, poderíamos também falar de uma música e dança de circunstância, todos eles recursos catequéticos jesuítas, e a Folia é o maior exemplo. Ela é mencionada indiretamente, no ano de 1549, quando o padre Manoel da Nóbrega conta que tiveram uma procissão de Corpus Christi “mui solene”, onde houve danças a maneira de Portugal.

A Folia de Reis é um ritual do catolicismo popular (Brandão, 18-983: 133)<sup>5</sup>, realizada em comunidades rurais, sem a participação da Igreja, (independente de seus sacerdotes e seus serviços). Os Três Reis não foram canonizados pela Igreja, mas o foram pela população, que tem uma profunda fé em seus poderes e os considera um santo muito poderoso, fazedor de milagres e benevolências. São tidos como um santo a quem dedicam sua devoção e preces, a quem pagam seus votos e pedidos.

---

<sup>4</sup> Embora sejam três Reis, são comuns na fala regional as expressões “Santos Reis” ou “Santo Reis”, em referência aos três Reis Magos.

<sup>5</sup> Sobre o catolicismo popular ver: SUESS, Paulo Guenter O catolicismo popular no Brasil, Loyola, São Paulo, 1979; BRANDÃO, Carlos Rodrigues sacerdotes da Viola, Vozes, Petrópolis, 1980.

E então, aqui é a terra dos Santos Reis mesmo. E ele é poderoso. E eu concordo que ele é poderoso em todo lugar. Mas aqui o sujeito à vezes te dá um presente, ele fala: “Santos Reis vai te dar em dobro!”. Santos Reis vai me dar. “Não, não precisa disso tudo não! Me dá um, não precisa dessa leitoa desse tamanho, não! Me dá uma menor?”. “Não, eu queria te dar uma maior, que Santos Reis vai me dar em dobro!”. Então é o Santo da nossa fé. (Sr. Donizete Pereira-Zétinho).

O tema da Folia de Reis aparece de maneira dispersa em fontes oficiais da administração portuguesa, geralmente relacionadas aos distúrbios ou aglomeração de pessoas, e da Igreja, que tentava controlar a liturgia com repressão aos autos encenados no adro ou na porta e praça da paróquia, e em relatos feitos pelos viajantes estrangeiros no Brasil, especialmente durante o século XIX.<sup>6</sup> Muitos que aqui estiveram nos séculos XVIII e XIX se assombraram e escreveram sobre as Festas teatrais realizadas não raro dentro das igrejas, e também lhes causava admiração o número de procissões e festejos religiosos que misturavam negros, brancos e índios.

Segundo Brandão (1983:137), que escrevia no início dos anos 1980, não eram muitos os estudos sobre Folia de Santos Reis no Brasil, até aquele período. Cabe ressaltar porém, que Cascudo (1972:403) cita diversos autores: Araújo (1949), Galvão (1955), Moraes Filho (1946), dentre outros, anteriores aos trabalhos das décadas de 1970-80. Uma quantidade enorme de estudos de folclores regionais descrevem as Folias por toda a região norte, nordeste, centro-oeste e sudeste. Silva (2006a) faz um levantamento histórico, bibliográfico, recolhe artes visuais, músicas, trabalhos sobre festas e grupos de Reis, hemeroteca, acrescentando fontes e referências da península ibérica. Na apresentação desta obra, Cáscia Frade assinala:

O caso do Reisado é bastante ilustrativo: o modelo europeu, composto por cantores e dançarinos, apresentando autos fundamentados na temática natalina, aqui se subdividiu em muitos outros, diversificaram os ciclos, inseriram outros temas, acrescentaram personagens na composição da dramatização.” (2006a:11)

A existência de Folia de Reis, não só no Brasil como em outros países, é comprovada por Silva (2006a): na Europa – Alemanha, Espanha, Inglaterra, Itália, França, Portugal – e no continente americano – Argentina, Estados Unidos, Guatemala, México, Peru, além do Brasil – evidenciando a adaptação, reinvenção e manutenção da história e dos festejos de Santos Reis. Os estudos sobre os festejos da Folia tinham uma característica descritiva, e até os meados dos anos 1960 eram tratados dentro de uma

<sup>6</sup> Ver, p. ex. SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à província de Goiás*. Itatiaia/USP, São Paulo, 1975.

perspectiva folclorística, que nem mesmo pôde aspirar ao estatuto de campo de estudo das ciências sociais.

Vilhena (1997:14), um dos autores que descreve as singularidades do folclore e suas manifestações, considera os folcloristas como intérpretes particulares da nacionalidade, na medida em que enfatizam a dimensão cultural e popular do processo de sua formação e realçam, ainda que de modo contraditório e paradoxal, o aspecto de contínua transformação do folclore.

Em sua minuciosa análise, Vilhena pesquisou a trajetória do movimento folclórico brasileiro e o seu encontro com as ciências sociais, quando estas estavam se consolidando no país dentro das universidades. A questão que mais nos interessa na obra de Vilhena, e que merece continuar em discussão, são as razões e as conseqüências do impasse que estabeleceu uma barreira rígida entre o movimento folclorista e as ciências sociais no Brasil,

a forma pela qual se articulou o projeto de reconstituição dessas ciências [sociais] como um saber legítimo e científico acabou implicando concretamente na recusa do folclore como um tema relevante. (1997:111).

Os estudos folclóricos realçam em sua maioria as características morfológicas, costumes, descrições dos ritos, sua genealogia, sem buscar entender o simbolismo de suas representações. Estão mais interessados na difusão e identificação de suas manifestações do que na interpretação de seus significados. Porém, nem por isso, podemos desconsiderar a produção desses autores e tratá-los como estudos descartáveis por não apresentarem uma análise objetiva e sem rigor científico. Como afirma Brandão (1982:48), “o folclore é vivo, ele existe *existente*, em processo. No interior da cultura, no meio da vida das pessoas, grupos e classes que o produzem, o folclore é um momento da cultura”. É sempre dinâmico, se renova, interage com a cultura industrial, mas mesmo na novidade se preserva, de boca em boca, de mão em mão, de festa em festa.

Os trabalhos lidos em função desta dissertação de Mestrado em História Cultural descrevem muito do ritual da Folia quando se referem aos festejos de Reis, traçam um paralelo entre a festa e o mundo religioso popular e a sua importância para a coesão comunitária e a sua integração em uma estrutura devocional da coletividade. Acentuam a preocupação de controle dos festejos religiosos populares por parte da hierarquia eclesiástica e os embates travados pelas correntes internas da Igreja. Essa questão está

presente desde o período colonial, quando havia a preocupação com a ordem e a participação da população nos festejos.

No entanto, devido ao regime do padroado e às diferentes esferas de autoridade atribuídas a leigos, o controle clerical das manifestações religiosas e seus rituais não era eficiente nas regiões mais interiores do país, especialmente longe das cidades, resultando uma maior flexibilidade na organização das Folias. A Folia, que se estabelece e desenvolve principalmente na zona rural, cresceu independente das influências e controles da Igreja, chegando aos poucos a integrar-se aos festejos urbanos em algumas cidades do país, onde se realiza o giro ou encontros de Folias. Ali ela se confronta com a autoridade policial, a lei do silêncio e todos os controles urbanos que regulam o cotidiano das cidades.

A relação entre a Folia de Reis e a Igreja nem sempre foi pacífica, e a partir da década de 1980 surgiu uma nova tentativa de controle da cerimônia por parte de grupos eclesiais (principalmente carismáticos), submetendo os festejos a uma comissão coordenadora, onde os capitães de Folia perdem o seu papel de liderança e organização da festa e para cima deles a figura do padre que realiza a missa da entrega e recebe os donativos angariados para doá-los posteriormente a comunidades carentes. Existe muita resistência a esse tipo de subordinação e interferência na festa.

Algumas mudanças são perceptíveis, o ritual perde a espontaneidade. Acima deles agora está o padre como protagonista da festa de entrega que celebra a cena final - uma missa -, cabendo a cada Folia cantar pequeno trecho da peça, doando os donativos recolhidos nas suas andanças. É como se existisse uma nova produção e direção do espetáculo. O confronto entre antigos diretores da cena e os atuais não se dá abertamente. **Há resistências expressas em falas nas quais o desconcerto com a situação se explicita.** (MACHADO, 2006:54-55) (grifo meu)

A população camponesa e suas confrarias celebram seus ritos com seus padroeiros, seus santos e milagreiros, gerando toda uma estrutura de organização para as celebrações que não tem necessariamente a participação de um padre ou agente religioso da Igreja. Os santos de devoção são os mesmos trazidos pela Igreja na catequização de índios e conversão de escravos ao cristianismo. Algumas devoções populares relativamente autônomas em relação à ação controladora da Igreja desenvolveram rituais consolidando seus festejos como parte integrante da vida no campo, enquanto na cidade tais devoções se integraram ao calendário da Igreja ou se ofuscaram por completo.

Alguns estudos sobre o messianismo religioso no país são importantes para compreender, através desses movimentos e sua radicalização, a lógica e o imaginário

das manifestações religiosas populares bem como seu caráter político no campo religioso [v. Monteiro (1974), Queiroz (1965) e Queiroz (1966)].

Os estudos sobre a religiosidade popular já receberam muitos enfoques. Inicialmente, predominou o olhar lírico-poético, marcado pela perspectiva folclorística. Na década de 1970, predominavam nesta temática o enfoque folclórico e o sócio-anropológico. Às vezes se observava o caráter ingênuo, inocente dessa religiosidade e sua relação-desagregação com o moderno, ou seu grau de oposição aos poderes opressores, (a ditadura militar, a Igreja, o poder local e a cultura elitista acadêmica). Posteriormente, emergiu um enfoque mais relacionado com as dimensões sociais e políticas dos eventos culturais, levando em consideração as relações de diferença e dominação entre as classes sociais.

Em “Identidade, Alteridade e Religião na Historiografia Colonial”, Bellotti (2003) considera três momentos da historiografia recente sobre a América Portuguesa, para discutir como essas três categorias analíticas foram trabalhadas de maneiras distintas, seguindo tendências historiográficas e questões contemporâneas próximas às abordagens da História Cultural recente que podem nos auxiliar na pesquisa. *Cristãos I ovos na Bahia*, de Anita Novinsky, lançado em 1972; *O Inferno Atlântico*, de Laura de Mello e Souza sobre o imaginário demonológico presente na colônia e na metrópole, lançado em 1993, e extensão de sua tese realizada nos anos 80; e *Devotos da Cor*, de Mariza Soares concluído em 1997 e lançado em 2000, sobre identidade e religiosidade étnica de um grupo africano (maki) estabelecido no Rio Janeiro no século XVII.

Algumas características marcantes da abordagem cultural ou culturalista nas obras citadas são sua aproximação com a Antropologia, a preocupação com a construção de identidades individuais e coletivas e a questão da alteridade nas relações sociais e nos jogos de poder. Ao analisar a metodologia, as referências teóricas e a bibliografia das três obras, o trabalho de Bellotti nos permite o contato com estudos sobre a religiosidade em momentos diferentes incorporando aspectos originais na construção do tema na historiografia brasileira.

Em *Cristãos I ovos na Bahia*, de Anita Novinski, Bellotti destaca a questão do viés psicológico na abordagem do cristão novo, a tensão entre o individual e o coletivo, a questão da tolerância e da intolerância religiosa, e o entrelaçamento entre o religioso e o social. De *O Inferno Atlântico*, Bellotti salienta a questão da circularidade de idéias (Bakhtin) e de representações na constituição de imagens sobre a América Portuguesa pelos europeus. Destaca como a autora, Laura de Mello e Souza, trata das influências

que não somente os portugueses exerceram (violentamente ou não, diga-se) sobre a colônia, mas como essas relações com os outros e com a própria colônia deixou suas marcas na cultura brasileira.

Por fim, em *Devotos da Cor*, de Mariza Soares, Bellotti encontra uma riquíssima análise sobre reconstrução de identidade étnica e religiosa dos africanos makis, baseada na leitura de um único documento.

A monografia de Gomes (1995) traz à tona outra perspectiva para essas abordagens em sua análise da Folia de Reis em Jequitibá, Minas Gerais, onde, acredita a autora, o isolamento geográfico facilita o fortalecimento de vínculos intragrúpicos reforçando sua herança cultural. Seu trabalho mostra como as manifestações simbólicas são geradas através da sociedade, considerando a religião como fenômeno eminentemente social. Gomes desenvolve um estudo da estrutura simbólica do ritual da Folia de Reis, análise dos mitos, do processo ritual, sua liturgia e organização interior sobre os quais se fundamentam as práticas religiosas da Festa. Levanta para a pesquisa de campo a seguinte hipótese, assim sintetizada: a Folia de Reis, enquanto manifestação do catolicismo popular tradicional contribui para a integração social da comunidade de Santo Antônio do Baú.

As Festas têm atraído vários olhares sobre suas manifestações em que tradições, representações, imaginários sociais, espaços sagrados e profanos e diversas linguagens se entrecruzam. O trabalho de Souza e Anjos (2006), por exemplo, traça um paralelo significativo entre as linguagens do corpo nas festas de Folia de Reis e nas Congadas em São Mateus, Norte do Estado do Espírito Santo.

Os autores destacam a riqueza das expressões corporais nas festas populares e discutem a possibilidade de levá-las para o espaço da escola, na tentativa de tematizar, pedagogizar e inserir no contexto escolar como temas transversais. Perguntam se o objeto de estudo da disciplina Educação Física, tendo o esporte como centro de suas atenções e estudos, não poderia avançar para outras práticas

Coube nesse estudo discutir o corpo e sua especificidade cultural, partindo da consideração de que o corpo expressa valores e significados de um dado grupo social. As danças, expressões e movimentos corporais são considerados elementos da cultura, são fenômenos que expressam um sentido, um significado, não sendo um elemento redutor que não avança e não se transforma. Assim a Folia de Reis se apresenta e garante possibilidade que em seu interior, outros elementos culturais provindos de distintas matrizes culturais possam interagir, mesmo que os processos por vezes inconscientes nos atores presentes nas relações sociais acabam influenciando e tornando-se mediadora dos distintos elementos. (SOUZA e ANJOS, 2006:15)

O trabalho de Silva (2006b) sobre a festa de São Bento em Vila Kennedy, periferia de Caruaru em Pernambuco, relaciona por sua vez a festa e sua celebração como espaço de aprendizagem fora do contexto da escola e do currículo formal, e trata a participação nos festejos como um momento de construção de cidadania. As atividades propostas são diversificadas e incorporam o aspecto formativo por meio de oficinas, apresentações artísticas, oferta de eventos que propiciam o contato com linguagens diferentes e práticas de aprendizagem constante no decorrer dos festejos.

Até o final do evento são observados aspectos éticos e morais, ações realizadas coletivamente, momentos de percepção do outro e de sua realidade, tendo a festa como prática pedagógica e as rezas como momentos de aprendizagem:

Em resumo, a Festa de São Bento é um atestado que religião e escola, reza e vida, reflexão e ludicidade podem caminhar juntos e em tudo aprender. Demonstra que o chão fértil da aprendizagem é a relação (Paulo Freire), a vida refletida e rezada a partir dela mesma; é a curiosidade incitada e alimentada em grupo; é a nova consideração que podemos passar a ter em relação a si mesmo/a, aos/as outros/as e ao mundo. Ademais, que o terreno privilegiado do Conhecimento não se restringe a uma instituição formal, mas, sobretudo, se desenvolve em relações humanas, sociais, políticas e eclesiais, em espaços abertos, em que o humano considere-se sujeito, trazendo sonhos de transformação em seu bojo, descubra seus potenciais ligados aos/as outros/as e sempre aberto, porém, crítico, às novidades históricas que se sucedem. Pois, a vida não pára. (SILVA, 2006:15-16)

No trabalho de Pessoa (2007), também observamos os ritos da festa de Folia de Reis. O autor aborda uma prática cultural e a relaciona com o processo de educação popular não formal, decorrente de procedimentos espontâneos e naturais no interior de uma dada comunidade. Nesse contexto, faz sentido pensar a Folia de Reis também como prática educativa, e sua organização como situações de aprendizagem, nas quais se pode perceber claramente a presença da Folia na formação das pessoas.

O autor apresenta três momentos que poderiam referenciar o processo pedagógico da Folia: para os sujeitos encarregados do ritual (como se aprende a ser folião?), para os fiéis destinatários do ritual, que aprendem com os foliões a dinâmica interna da celebração, e memória e educação como atualização da cerimônia, onde a memória individual refaz o passado, com os ingredientes dados pelo grupo social em que se vive:

O texto tem como premissa a consideração de que o maior volume de escritos sobre educação popular deriva de um esforço de inúmeros pesquisadores em análises e reflexões sobre as práticas de sujeitos individuais e coletivos, visando, sobretudo, a conscientização de grupos subalternos quanto às causas das respectivas situações de pobreza e desassistência. Tais escritos, em geral, têm em vista, também, a superação

dessa mesma condição, por meio da escolarização de jovens e adultos, de ações no âmbito da cultura popular, da formação política e da mobilização de comunidades. Via de regra, não se tem levado em conta que, de muitas maneiras, sujeitos e grupos constroem formas próprias de coesão social que são essencialmente produção de sentidos e de saberes. Isso se dá de modo expressivo nas danças, nos folguedos e nas manifestações coletivas da religiosidade popular. Um exemplo, proposto neste texto, é o **caso das Folias de Reis**, em que os agentes do ritual fazem esta comunicação de sentidos e saberes, inclusive, de casa em casa, ao visitarem anualmente os moradores devotos. (PESSOA, 2007:1). (grifo meu)

Acerca da dicotomia entre folclore e cultura popular<sup>7</sup>, assim como entre o popular e o erudito, referência importante é o trabalho de Chartier (1995), que revisitou o conceito de “popular”. Para ele está claro que são os eruditos os que classificam algo como “popular”, considerando esta distinção relevante na pesquisa histórica. A noção permite perceber fragmentos, caminhos, e as identidades múltiplas coexistentes no mundo social. Os historiadores, segundo Chartier, durante muito tempo trataram a cultura popular segundo uma lógica estranha e antagônica à cultura erudita. Todavia, o “popular” não é um dado objetivo,

Não está contido em conjuntos de elementos a que bastaria identificarem, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de tudo, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. (CHARTIER, 1995:6)

Através da reflexão em torno da noção de representação e de outras expressões que têm estruturado este campo de investigação da história cultural, os textos de Chartier (1990, 2002) trazem para a pesquisa sobre a Folia de Reis referenciais conceituais que permitem ampliar o horizonte do diálogo com as fontes.

Duas noções são centrais na proposição deste autor para a produção de uma pesquisa no campo da historiografia cultural. A primeira delas é a noção de apropriação, para definir o consumo cultural como uma operação de produção que, embora não fabrique nenhum objeto, assinala a presença de sujeitos sociais a partir das maneiras de utilizar os produtos culturais disponíveis. A segunda noção trabalhada é a de representação, que designa o modo pelo qual, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade é construída, pensada, expressada por diferentes grupos sociais.

---

<sup>7</sup> Sobre a questão do folclore e cultura popular ver: ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular?* São Paulo: Brasiliense, 1990; BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1993; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989; BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; CANCLINI, Néstor Garcia. A encenação do popular. In: *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2000; VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: Funarte/FGV, 1997.

A construção das identidades sociais seria o resultado de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear, e a definição, submissa ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma.

As representações, cada vez mais, ganham espaço no interior dos estudos históricos ligados à cultura. Campo de investigação complexo por abrigar inúmeras possibilidades temáticas (polissemia). As representações reorientam o trabalho do historiador, são formas de saber com suporte lingüístico, comportamental e mental. Cada grupo social constrói sua idéia da realidade, o mental dá sentido ao real e à realidade, de acordo com sua experiência de produção e com as condições onde ele existe. Um conhecimento prático, vivenciado, fundamental nas trocas e interações com o olhar sobre o real e a reelaboração do mesmo como sujeito e objeto de pertença social.

As práticas de apropriação (táticas) são o contraponto às operações (estratégias) que visam disciplinar e regular o consumo cultural. A apropriação tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas fundamentalmente à esfera do social, do institucional, do cultural, e inscritas nas práticas que as produzem.

A noção de práticas vai além da relação com as instâncias oficiais de produção cultural: outras instituições, técnicas, realizações e os objetos culturais produzidos por uma sociedade, se relacionam também aos usos e costumes que caracterizam a coletividade estudada pelo historiador,

São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros. (BARROS, 2000:157).

Diria mais: como festejam seus mortos, seus santos, seus deuses, o nascimento. A pertença social dos indivíduos, as condutas e comunicações sociais, as complexidades da vida coletiva, são produto e processo da atividade de apropriação da realidade, sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito) e manifestam suas características, não há representação sem objeto. As representações têm com o objeto relação de simbolização (ressignificando-o) e de interpretação (releitura, refazer). Tal noção relaciona-se, portanto, com os modos de usar, de elaborar representações e de assimilação dos elementos culturais ou religiosos em determinada comunidade (no caso, São Braz de Minas) e sua reprodução de acordo com as condições e leituras possíveis de serem construídas por seus sujeitos, perante as modificações sofridas com a

migração de seus elementos e o contato com novas experiências, gerando interpretações e ressignificação da realidade atualmente vivenciada.

Neste trabalho sobre a Folia de Reis de São Braz de Minas, as representações estão presentes nos relatos, nos testemunhos orais e nos lugares de memória. Este conjunto de representações será elemento importante para a percepção de como as novas experiências trazidas pelos migrantes deixam ver ou entrever a sua relação com o cotidiano dos moradores e com a celebração da Folia, seus ritos e sua devoção. Normas, ritos, festas, imagens, ao se representarem pelo indivíduo, formam uma vivência ao mesmo tempo paralela e essencial à sua vida, se tornando parte do seu cotidiano e referência criadora de suas condutas e imaginário social. Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidades e remanejamento de suas práticas diárias, o passado narrado assume um caráter de resistência frente à ameaça de desenraizamento.

No estudo da bibliografia referente à Folia de Reis, catolicismo popular e religiosidade, três trabalhos aproximam-se das preocupações já levantadas na elaboração do projeto. O primeiro trabalho foi realizado por Maria Clara Tomaz Machado (2006) que, em sua análise da Folia de Reis em Coromandel, utiliza entrevistas com os foliões para entender as transformações que vêm ocorrendo na festa.

A autora descreve os ritos do festejo, sua origem, questiona a veracidade da passagem dos Reis Magos, que só poderiam ter chegado ao menino Jesus após um ano de seu nascimento, e afirma que, mesmo sendo uma representação religiosa, uma representação “de um tempo existido” a Folia se converteu num discurso teológico e, sendo apropriado pela população e seu imaginário religioso, tornou-se uma manifestação da cultura popular, onde os fiéis vivenciam experiências devocionais e votos de confiança nos três Reis Magos.

A autora destaca o papel comemorativo e festeiro da Folia com a bandeira, os instrumentos, os cantos, as rezas, o palhaço, o giro, as promessas, o papel do capitão, a hierarquia interna, até a entrega para o final da celebração. Analisa as conseqüências das alterações que vêm ocorrendo no interior da Festa e a preocupação com o seu futuro enquanto manifestação cultural capaz de resistir ao assédio da Igreja, ao desinteresse dos mais jovens e à modernização do mundo rural. O que tem muito a ver com a minha perspectiva de pesquisa:

Entretanto, a Folia de Reis na zona rural tem mantido seu ritual tal como o conceberam os mais velhos, de acordo com a memória coletiva dos mais velhos. Apesar da resistência dessa prática cultural popular, como um ato de fé e devoção, alguns capitães de Folia têm apontado para uma possível perda

de interesse por parte dos mais jovens, entendendo isso como uma ameaça para sua continuidade num futuro próximo. (MACHADO, 2006:53-54).

O segundo trabalho é o realizado por Silveira (2006), que relata manifestações de Folias no entorno do DF, e chega a compará-las com o samba de roda do Recôncavo (agora patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade reconhecido pela UNESCO). Faz um relato das Folias existentes (cadastradas), e aponta para a existência de mais de 40 Folias no entorno do DF, responsáveis pelas celebrações durante o ano. Três características foram demarcadas na sua pesquisa em relação ao fenômeno cultural de grande amplitude, que são as manifestações dos foliões: (a) abrangência, com dezenas de grupos ativos de foliões, (b) pluralidade de formas rituais, incluindo a arte musical e a dança e (c) valor social, pelos vínculos familiares e comunitários ali representados e pelas trocas culturais entre foliões de diversas localidades da região. Importante na pesquisa de Silveira (2006:43) é sua percepção em relação à continuidade da Folia, “o presente dá futuros (Catroga) à tradicional Folia de Reis? Penso que sim”, responde.

Finalmente, o trabalho de Neiva (2006) sobre transmissão, permanência e mudança na Folia, muito traz de preocupações com as quais me ocupei durante a elaboração do projeto, a pesquisa prévia, os relatos preliminares; pois seu trabalho se preocupa com as alterações que modificam ou influem nas manifestações populares do Entorno. Apesar de trabalhar mais com as tabelas, cadernos e anotações dos foliões onde ficam registradas as referências de condução de uma Folia, ela problematiza a relação da oralidade e literatura oral popular, as nuances entre oral/escrito. Neiva trabalha com questões da modernização (Canclini) que também enfrentei em minha pesquisa, e retoma a discussão entre o folclore e cultura popular (Brandão). Como diz a autora,

As pesquisas nos levaram a observar permanências e transformações, e nos detivemos na observação de como são vistas as novidades e as atualizações das expressões culturais que nos eram apresentadas. (NEIVA, 2006:111)

## **1.1 - A história oral como fonte de pesquisa e metodologia aplicada nas ciências sociais**

Somos a nossa memória, somos esse  
museu quimérico de formas inconstantes  
esse monte de espelhos quebrados.  
Jorge Luis Borges – *O Elogio da Sombra*

Os estudos que abordam a memória, o testemunho e a narrativa também dialogam com nosso projeto de pesquisa sobre as Folias de Reis de São Braz de Minas. Trabalhar com a memória é pensar as aproximações e distanciamentos da pessoa e do grupo com o fato acontecido, a reconstrução narrativa do ocorrido, as formas de representação do passado e as maneiras de atualizá-lo no presente. A história oral deve ser entendida como um método capaz de produzir interpretações, representações, imagens sobre processos históricos de um passado recente ou distante, o qual, muitas vezes, só é dado a conhecer por intermédio dos relatos de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento, e que a partir daí constroem a sua própria identidade e a sua distinção em relação aos outros e podem ser testemunhas de acontecimentos que nos interessam.

Na oralidade, momentos singulares sempre se reinventam, se desvelam, permitem experimentações e releituras do que repetidamente se mostra. Torna-se essencial considerar as experiências que as testemunhas narram, os episódios que descrevem, as narrativas que relatam. Inserir a memória daqueles que não tiveram até agora lugar na historiografia, tratar como fontes legítimas os seus testemunhos e depoimentos.

Quem lembra e narra o faz a partir de classificações e seleções que são construídas segundo códigos e interesses construídos socialmente. Para Durkheim (1978:3), as explicações para os fatos sociais estão, não na "psique" ou no "espírito", mas nas representações sociais, ou seja, no modo como a coletividade fala de si mesma e se explica a si mesma. Para ele, os fatos sociais consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir exterior ao indivíduo dotado de um poder de coerção elaborado a partir das relações sociais do grupo.

Maurice Halbwachs (2006) aprofundou a perspectiva durkheimiana da influência do "sistema social" sobre a memória. Segundo Halbwachs, a linguagem e as regras sociais nos permitem, a cada instante, reconstruir o nosso passado, quando lembramos é porque o meio social e as relações estabelecidas e construídas em grupo nos levaram a lembrar. Ecléa Bosi constata que recordar é elaborar o pensar, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. (BOSI, 1987, p.17).

Para Benjamin (1996), o papel do historiador é o de desafiar as representações da história vulgarmente aceitas e estabelecidas. O acontecimento, mais do que um fato deve ser entendido como um problema. Daí que o autor apele a que se construa outra história, incitando a “escovar a História a contrapelo” (Benjamin, 1996, p.225). O perigo é o esquecimento, a deslembração, o silenciamento da memória, pois “toda a imagem do passado (...) corre o risco de desaparecer com cada instante presente que nela não se reconheceu”. (Benjamin, 1992, p.157).

Cabe ao historiador benjaminiano escavar pacientemente o amontoado de ruínas e escombros do passado, recolhendo indícios, não para reencontrar o passado como ele foi, mas sim para buscar o que nele foi esquecido e abafado: os vestígios que o tempo sufocou, os relatos e as memórias recorrentemente negligenciadas, omitidas e esquecidas, os detalhes acessórios, os pormenores secundários. Os silêncios da história são, neste sentido, reveladores dos mecanismos e dispositivos de construção social do passado e, portanto, de manipulação da memória coletiva. (1996:222-232)

A arte narrativa evita explicações, sua sabedoria está na autoridade do narrador e em suas experiências, que se apresentam ao ouvinte como fins em si mesmas, carregadas de ensinamentos e valores inquestionáveis. “Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica” (Benjamin, 1996, p.204). A narrativa não tem explicação, mas possui sentidos, as coisas são porque são, têm um tipo de sabedoria moral inerente, que visa à preservação e manutenção, por parte do ouvinte, daquilo que lhe foi narrado. Trata-se de um tipo de autoridade – o saber que vem longe – que adquire validade mesmo estando para além da experiência individual.

De acordo com Gagnebin (1997), Benjamin supõe uma história da capacidade da experiência imediata e auto-explicativa do mundo imediatamente ao redor, mimética: as semelhanças não existem em si, imutáveis e eternas, mas são descobertas e inventariadas pelo conhecimento humano de maneiras diferentes, de acordo com as épocas. Este saber estava refugiado na astrologia, na adivinhação, e nas práticas rituais (mágicas), e não desapareceu, mas se refugiou na linguagem e na escrita (racional).

A linguagem, conforme Benjamin, é o grau último da capacidade mimética humana e o arquivo mais completo desta semelhança, mesmo que a imagem de uma coisa não seja sua cópia ou reprodução, a atividade mimética sempre é uma mediação simbólica, ela nunca se reduz a uma imitação (Gagnebin, 1997a, p.98-99), Assim, a condição mimética não se extinguiu, ela se transformou, com o curso do tempo pode ter

abandonado certos espaços e ocupado outros, numa analogia entre a escrita e a linguagem oral.

Para Benjamim os adivinhos que consultavam o tempo não o experimentavam nem como vazio nem como homogêneo. Quem tem em mente esse conceito, poderá talvez ter uma idéia de como o tempo passado é vivido na rememoração, nem como algo vazio, nem homogêneo; nossas recordações não são rigidamente dominadas por uma temporalidade ordenada e linear. Os momentos que recordamos aparecem “não num tempo depois do outro, mas num ao lado do outro”. (Gagnebin, 1997a, p.103).

É importante considerar, em primeiro lugar, o sentimento de pertencimento da memória ao indivíduo: ela seria intransferível e parte integrante das experiências vividas pelo sujeito. Em segundo lugar, a memória atestaria a continuidade temporal da própria pessoa. Como descreveu Santo Agostinho, a memória é o presente do passado. Dentro dessa perspectiva, afirma Ricoeur:

A "rememoração" [...] proporciona o sentimento da distância temporal; mas ela é a continuidade entre presente, passado recente, passado distante, que me permite remontar sem solução de continuidade do presente vivido até os acontecimentos mais recuados da minha infância. (SILVA, 2000:4).

Em terceiro lugar, é em relação à experiência do presente e à expectativa do futuro, dentro da perspectiva do triplo presente (presente do passado na memória, presente do futuro na espera, presente do presente na atenção), que a memória possibilitaria a compreensão da passagem do próprio tempo: pensar o tríplice presente como distensão, o que se mede não são as coisas futuras ou passadas, mas sua espera e sua recordação; esta ação é ela própria tríplice. No entanto, segundo a noção da memória coletiva, apesar de suas dificuldades epistemológicas, é um elemento fundamental na compreensão do fenômeno da memória.

Nossas lembranças se fortificam graças às narrativas coletivas que, por sua vez, se reforçam por meio das comemorações públicas de acontecimentos que marcaram a história coletiva. A propósito, Ricoeur estabelece uma distinção entre "rememoração" (parte de um processo de elaboração individual) e comemoração, (trabalho de construção de uma memória coletiva).

Para Bellotti (2005), perceber a construção e o real do imaginário, dado tão invisível e pertinente, requer sensibilidade para enxergar a história que se movimenta nos modos de ver e fazer das pessoas. As tênues vozes de indivíduos perdidos entre fragmentos da lembrança, as fontes visuais, documentos e experiências permitem

reconhecer a diversidade humana dentro da História, dar atenção ao relato corriqueiro, às recordações, à experiência do vivido e até ouvir de outra forma as vozes de seus personagens. Ainda que se refira a acontecimentos efetivos já passados, a memória relata não aqueles próprios acontecimentos, mas sim as palavras concebidas pelas evocações daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígio.

A idéia de rastro, vestígio, leva o estudo para a interiorização da alma, ao permitir analisar a atividade psíquica específica que reconhece imagens e rastros com índices temporais diversos, e permitem trabalhar acontecimentos que ocorreram no passado e que, só através dos vestígios tornados documentos pelo historiador, podem ser alcançados no presente.

A devoção, sentimento de religiosidade que atua no indivíduo como força de coesão da coletividade, insere-se no universo pessoal e social suscitando representações e práticas carregadas de sentido histórico. Por isso, o interesse em trabalhar com a memória e os relatos provenientes do não esquecimento, o que se poderia chamar de registro de uma ausência de tempo, a presentificação (re-elaboração) de um passado distante. A memória permite que se possa lembrar sem a presença da coisa ou da pessoa, originando uma representação social do fato, construída também pelas recordações contadas por outros, que mantém a coesão do grupo e legitima a existência de suas práticas sociais.

As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espaciais e temporais das lembranças são a essência da memória. Com a modernidade, o ritmo do tempo e a velocidade de informações a relação dos homens com a memória se modificou. As imagens antes mudas, as vozes caladas, as lembranças e os testemunhos ganharam ânimo através da oralidade.

O maior mérito em valorizar a oralidade está em consolidar a idéia de que, quem dela se utiliza para registrar as evidências, também se conscientiza de que qualquer atividade está, irremediavelmente, inserida num contexto social. A oralidade insufla vida nas narrativas, sopra energia nos depoimentos e agiliza os estudos científicos em todas as áreas, contribuindo com o conhecimento sobre os processos históricos.

O trabalho com relatos orais flexibilizou o conceito e nossas atitudes em relação às fontes e, com certeza, contribui para uma construção histórica mais próxima das

verdades humanas. Elas motivaram a busca de novas fórmulas, novas ações, novos modos de provocar o raciocínio lógico e emocional.

A oralidade não tem como base apenas a memória, os rastros, vestígios, lugares de memórias: é o presente vivido, o dia-a-dia resgatado pela fala, depoimento, revelando o sentido social da vivência humana. Os acontecimentos estão unidos a lugares e as pessoas usam referências espaciais para falar de episódios ocorridos ao longo do tempo em um relato do passado que objetivamente não podia estar lá:

A voz possui uma carga emocional e um poder de evocação incomparáveis que não foram suficientemente explorados na transmissão do conhecimento. Um relato e um filme são bem recebidos e têm muito a dizer às gerações habituadas ao som e a imagem. Cabe-nos assegurar que a mensagem assim comunicada seja fiel à verdade histórica à qual servimos. (TOURTIER-BONAZZI, 2006:244-245).

A partir das entrevistas, leituras e discussões realizadas até aqui, me proponho nesta dissertação de mestrado a analisar os relatos orais coletados em minha pesquisa, atento aos seguintes aspectos: revitalização ou abandono da tradição, conflito de gerações, interferências econômicas (processos de inclusão e exclusão), vínculo entre tradição e lugar (espaço), modernização como fator de transformações internas na organização / fazer da festa (almoço, janta, giro, religiosidade: o altar, a reza do terço, uso do carro, uso de som mecânico), participação da comunidade (“o povo é que faz a festa”), dificuldades na formação de novos foliões. Caminhos encontrados / perspectivas para solução, a festa como momento único e extraordinário para a comunidade: Devoção, “matar as saudades”, reencontros, lugar de memória, e aquilo que denominei “desencantamento da tradição”.

A população local mantém representações e devoção ainda marcadas pelas suas lembranças (rememorização) que, com as atuais transformações do mundo rural, passam por alterações significativas. Ao contemplar esse olhar sobre o cotidiano e as transformações nele ocorridas, nos parece impossível abarcar o dia-a-dia numa definição. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível e um mundo de memórias (olfativa, dos lugares, do corpo, dos gestos, das fases da vida, dos prazeres, da experiência, da ressignificação).

Ao trabalhar com o cotidiano o pesquisador precisa perguntar se a lógica cartesiana, em nome da objetividade, pode ser aplicada para a comprovação de resultados; em se tratando de pesquisas com o cotidiano, a oralidade, o rememorado em entrevistas, cresce o grau de complexidade nas nuances que surgem a cada passo. Como organizar a caoticidade sobre o não pensado, os desvios, os achados inesperados, redes

de palavras que tecem, re-tecem e destecem, produzindo sempre novas conexões? Qual a metodologia? Qual a epistemologia? É possível pesquisar o que se apresenta em constante movimento?

A partir de um processo realimentado pelo que se repete e que na repetição produz uma diferença por mínima que seja, trabalhar com a memória implica também aprender a formular novas perguntas. O pesquisador que trabalha com a oralidade (história oral) tem dificuldade em apresentar resultados conclusivos. Objetos, sujeitos, nos remetem a perguntas infindas, como um novelo. A busca das teorias produzidas, a revisão de literatura, a apropriação das discussões acerca do já visto, o conhecimento, sensibilidade, a intuição do pesquisador, são elementos necessários para um trabalho que tem como objeto a subjetividade e as representações sociais, lançando mão de entrevistas (oralidade), buscando lugares de memória e “espaços de saudades”, escavando o cotidiano, para transcrevê-los e transformá-los em fontes.

Optei por trabalhar com a memória, os relatos e testemunhos orais, elementos importantes para a percepção das experiências trazidas pelos migrantes e sua relação com o cotidiano da população de São Braz de Minas que aí ficou, com a celebração da Folia, seus ritos e suas práticas. Procurei identificar e buscar descrever as dificuldades encontradas pelo “Capitão” (Alferes)<sup>8</sup> para a formação e manutenção de quadros (cantadores, instrumentistas e foliões) da Folia devido ao processo de migração dos jovens e óbito dos mais idosos. Enfim, tratei de verificar como o processo de modernização dos meios de comunicação e a migração influencia os hábitos dos jovens e seu olhar sobre o tradicional local.

## **1. 2 - A festa como elemento de organização e constituição de práticas sociais**

É essencial ressaltar que tanto as festas religiosas como as profanas, independentemente de suas classificações e conceitos, desempenham uma função social, seus participantes compartilham elementos em comum de simbolismo e cosmologia.

Para melhor analisar as características e singularidades dos folguedos populares, é necessário que conheçamos o lugar em que ele está inserido. A região de São Braz

---

<sup>8</sup> Alferes é o portador da bandeira, também chamado de bandeireiro, no sul de Minas Gerais, quase sempre é um pagador de intenções com os Santos Reis e muitas vezes controla as doações para a Festa do dia 06/01. O Capitão é o principal responsável pela organização da cantoria, pela afinação dos instrumentos, escalação das vozes, é uma pessoa de muito carismática, geralmente tem giro na Folia desde a infância, guarda versos de muitos outros foliões antecessores.

(noroeste de Minas Gerais) e a comunidade do Cerrado contam hoje com duas Folias organizadas com toda a estrutura necessária: as Folias dos Correa e de São Braz (Folia do Flauzino). Uma das peculiaridades para a continuidade dessas manifestações tem sido a oralidade, grande parte dos elementos da cultura popular encontra-se retida e acondicionada na memória da população. Como afirma Cascudo<sup>9</sup>, as fontes da literatura oral podem ser explicitamente e predominantemente orais, embora também impressas. Ele as denomina elementos vivos da literatura oral, que persistem, mesclam-se e se transformam pela oralidade.

Em meio a ocasiões festivas, enxergam-se os elementos de uma cultura em sua expressão mais eficaz, instituinte. A Festa pode ser vista como um conjunto de tradições cujos significados seriam capazes de atravessar o tempo e consolidar aproximações e oposições, como um fenômeno que produz “o período liminar em que os agentes sociais abandonam espetacularmente os seus papéis e convivem num igualitarismo provisório” (Almeida, 1994:178).

Durante a Festa, as atividades habituais, as tarefas costumeiras são colocadas ao lado, prevalecendo somente as necessárias para manter os animais vivos e alimentados, tanto que dizem que quem não limpou o mato para a colheita vai colher sem limpar, pois “peão, só para janeiro, depois dos Santos Reis”. A devoção presente na vida cotidiana das famílias se amplifica e se exhibe, dando um significado profundo para a vida, trazendo para a comunidade um momento de desligamento da labuta diária para um encontro com o sagrado, o divino. Na Festa, o trabalho tem outra natureza. Trabalha-se para acertar os acordos combinados com os Santos Reis, procura-se uma forma de cumpri-los: trabalhando na festa de outros, oferecendo janta ou almoço, pouso, lanches, donativos, enfim participando de uma rede de solidariedade e, mais do que isso, expressando a lembrança, reverências aos foliões, aos que se foram e deixaram um legado nas celebrações, instrumentistas, cantores, fazedores de versos para os Santos Reis. Segundo Rios (2006:66) na Festa e pela Festa cuida-se de estabelecer vínculos que são inclusivos e elos de coesão da comunidade, quando os que ali ficaram reencontram os seus, os amigos e seus filhos.

Trata-se de selecionar o que deve permanecer e, portanto, ser lembrado, celebrado. Quais os valores mais caros do grupo ou da comunidade? De quem foram aprendidos e para quem serão deixados? Cultuar e celebrar implica lembrar, afirmar e

---

<sup>9</sup> Ver CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984, 2ª edição.

transmitir. Na noção de Festa, inscrevem-se todas as dimensões da cultura e nela a de tradição, memória, identidade, representação e imaginário que se integram no cotidiano, gerando releituras e ressignificações, que assumem múltiplos aspectos, construções e produtos influenciados por uma troca ilimitada entre o tradicional e a modernidade que rodeia/permeia esse fazer de devoção e celebração.

As Festas se movem, se transformam ou se estabilizam ao longo do tempo, seja através de processos comumente designados como “sincretismo”, seja por mecanismos mais recentemente nomeados como “circularidade cultural” em que se destacam os mediadores culturais. No interior destas práticas festivas coletivas e ricas de dimensões simbólicas e sentidos históricos, procura-se investigar justamente o movimento pelo qual determinados repertórios culturais são perpetuados, reelaborados, ressignificados ou transformados e por vezes, definitivamente abandonados.

Não se pode mais conceber uma festa religiosa de caráter popular como algo puro e imóvel no tempo, é dentro do constante processo de invenção e reinvenção, de representações e de circularidade cultural que se pretendeu desenvolver este trabalho de pesquisa sobre a Folia de Reis de São Braz de Minas.

A Folia de Reis é um festejo que mantém similaridades e diferenças construídas em cerimonial originado de costumes que se fixaram no interior da comunidade, oferecendo importantes pistas para a compreensão de suas particularidades. A Festa tem um caráter simultaneamente sagrado e profano. No profano, o sagrado está latente, no entanto, não é ele que prevalece, predomina o caráter híbrido mantendo o espírito lúdico.

Os componentes da Folia manifestam-se através de múltiplas linguagens: teatralizações, música e dança combinada, repleta de toques de tambores, batuques, caixas, violas, violões, sanfonas (Fig.7). Pode-se dizer que se integram na linguagem do teatro, auto, música e poesia de origens portuguesas, em fusão com formas afro-brasileiras e indígenas, resultando em um festejo itinerante que percorre longos caminhos em busca de donativos nas casas, fazendas, para manutenção da própria Festa.



(Fig.7 - Instrumentos da Folia dos Correas com a roupa, máscara de palhaço e a Bandeira)  
Foto de João Venâncio (2007).

As fricções entre a tradição e a modernização têm alterado o ritmo e organização da Folia de Reis: nas cidades, com as adaptações necessárias à sua continuidade, e no mundo rural também ocorrem apropriações do moderno no fazer da Festa, de suas facilidades, desde a cozinha com fornos microondas, freezers, e todo tipo de eletrodomésticos, a feitura dos barracos com lonas de PVC e não mais os ranchos de palha de outrora, a luz elétrica, os carros, os pratos, talheres, e copos descartáveis tão presentes, tornam mais prático realizar os almoços e jantas, e dão também uma dimensão de como a Folia em São Braz se revigorou com seus migrantes que retornam todos os anos e acrescentam a cada ano um novo prato, uma nova maneira de se vestir.

Em 2008, por exemplo, o festeiro, que trabalha na Bélgica, uniformizou todos os que iriam servir a janta e os doces da Festa, inclusive o prefeito e seus assessores. Em São Braz de Minas, pedaço do mundo rural que até bem pouco tempo ficava isolado de comunicação com o mundo externo, sem acesso ao transporte, aos meios de comunicação, aos instrumentos e às técnicas de produção mais modernas, ocorre também modificações nas suas práticas devocionais, festas religiosas e populares (Folia de Reis, Festa do Arroz, Festa do Fazendeiro).

Surgem dificuldades para identificar e manter as tradições de acordo com as vivências da infância e com o guardado na memória. Daí sempre, nas rodas de conversas, um ar de saudade de um tempo que já não é, e uma representação que também já é outra, que se recriou, dando lugar a um sentimento imaginado, existente somente no pensar e relembrar, dentro das possibilidades do não esquecido, e mantido

através do movimento da vida cotidiana. A memória se faz significativa e reforça um imaginário que permite a manutenção da religiosidade, sua devoção e suas festas.

O passado permanece então em contínua reconstrução, inerente à recordação, incita ao testemunho do outro e à sua inserção em narrações coletivas. Como nos diz o Sr. Valdomiro: “hoje a folia não fica muito na cabeça, antigamente ficava mais dias na cabeça”. O tempo atual parece fragmentar nossas lembranças com mais informação e movimentação, preenchendo os espaços com atividades e necessidades que nos fazem guardar uma quantidade maior de sentires em intervalos menores de tempo.

Ao mesmo tempo, a sobrevivência e importância da Festa na atualidade só podem ser esclarecidas levando-se em conta as variações que a tradição sofreu ao longo do tempo, a fim de se acomodar aos novos sentidos a ela conferidos. Alterações que não se restringem apenas a suas ressignificações, mas também atuam no fazer, na maneira pela qual o festejo é realizado, seus processos de inclusão ou exclusão de elementos que adquirem ou perdem sentido em novos contextos, e muitas vezes são abandonados. Discute-se, assim, a dinamicidade da Festa, mudança e continuidade que caracteriza a tradição, as reinvenções, refazeres que permitem que as modificações implementadas não representem uma ameaça na percepção da continuidade com relação ao passado.

O fenômeno migratório tem sido um forte elemento para a continuidade da tradição na comunidade de São Braz de Minas e arredores. A Festa assume então uma função de encontro e reencontro com parentes e amigos que partiram e têm, graças a ela, a oportunidade de confraternizar com os familiares. Principalmente aqueles que ficaram, aguardam agora não só pelo momento de devoção e ritual da festividade como também para satisfação desse desejo de “matar a saudade”, dando assim outra conotação à data e ao período.

O número de moradores que partem de São Braz para outras localidades da região e até mesmo para o exterior deixa marcas na comemoração dos festejos no final do ano e traz preocupação em relação à continuidade da Festa,

Entre os problemas brasileiros que tornam o desenraizamento um tema relevante, o movimento migratório para as metrópoles é das mais graves situações. A mentalidade e as habilidades que o migrante ousa carregar ameaçam perder-se no lugar em que aporta. (FROCHTENGARTEN, 2005:5).

A convivência urbana faz chegar ao sujeito um mundo onde vigoram relações de dependência atreladas ao mundo do trabalho, do desemprego, da indústria cultural que cala a oralidade levando-o a novas representações culturais, ausentes daquelas

vivenciadas em sua comunidade de origem, gerando rupturas e conflitos na sua dinâmica identitária. Por outro lado, durante o ano a população local conserva as práticas tradicionais (promessas e oferendas aos Santos Reis pelas graças alcançadas ou pretendidas), mantendo a fé e seguindo os ritos da tradição, em contraste com a atitude dos migrantes que vivem uma realidade urbana e suas representações.

Não podemos esquecer o papel lúdico da Folia de Reis: nos encontros se promove a alegria, quando as brincadeiras se estendem a todos os participantes. Em alguns grupos aparecem os mascarados: *PALHAÇO*, *PAI JUÃO*, *CATIRI A*, *MOCORO I GO E BASTIÃO*. Eles são chamados de espias do rei Herodes. A característica mais evidente da Folia são os palhaços que saracoteiam, segundo o povo, "são os espiões de Herodes, que não foi na conversa dos magos". Usam geralmente máscaras confeccionadas com pele de animal e vão sempre um pouco afastados da formação normal da Folia, nunca se adiantando à "bandeira". Apesar de seu simbolismo originalmente nefasto, são personagens alegres que dançam e improvisam versos, criando momentos de grande desconcentração. (Fig.8 e 9).



(Fig.8 - palhaço com máscara artesanal – Folia do Flauzino). Foto de Mauro Tentis (2005).



(Fig.9 - (Palhaço com máscara comercial, fantasia e bastão. Folia dos Correa).

Foto de Mauro Tents(2005).

O encontro do Rei com a Rainha na chegada da bandeira, no dia da entrega da bandeira ao novo festeiro, simboliza a chegada vitoriosa dos Magos em suas casas, quando suas esposas saíram ao seu encontro e juntos festejaram. Este foi, nas entrevistas, evidenciado como o momento mais esperado ou marcante do festejo na lembrança dos devotos, quando é feita a entrega da coroa para o festeiro do ano seguinte garantindo assim mais um ano de certeza para o acerto das combinações e promessas feitas aos Santos Reis. Podem estar representando o Rei ou Rainha crianças (fig.10), adolescentes (fig.11) ou adultos (fig.12), como atestam fotografias de períodos diferentes das Festas.

As figuras 10 e 11 são da década de 2000. A Figura 12 é da década de 1970. É comum o devoto receber a Bandeira dos Santos Reis em sua casa ou propriedade, beijá-la, abraçá-la e chorar de emoção. Acredita-se tratar de uma benção dos três Reis Santos tocando e abençoando a família do devoto.

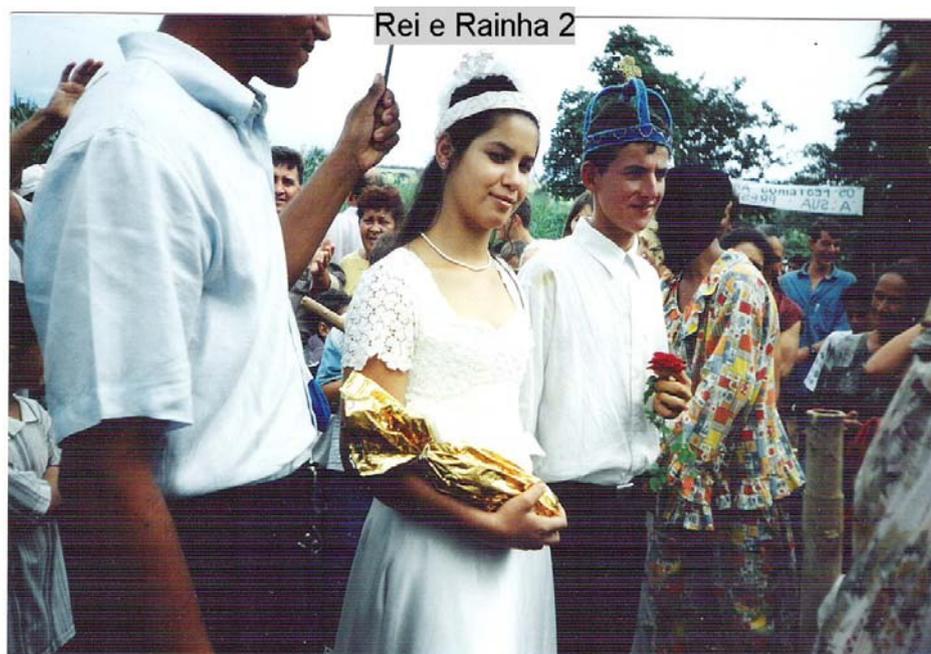
O negócio é assim, assim, assim, você não pode, tem que ter cuidado. Você está carregando um Santo, aí. E a bandeira nossa é Santa mesmo, é Santa, dos Santo Reis. Então você tem que ter cuidado, não fazer nada que não pode, não, descuidar dela hora nenhuma, você está carregando é sua, você é o responsável por ela. E eu sou o responsável por ela. (Sr.Roldão Correa).

O encerramento da Folia de Reis - ou arremate, conforme preferem dizer os foliões - se dá no dia 6 de janeiro. A escolha de onde se dará o final dos giros é feita por sorteio entre os membros do grupo ou por promessa de alguma pessoa da comunidade.



(Fig.10 - Rei e Rainha preparando-se para a entrega da coroa aos festeiros do ano seguinte. A rainha ou o Rei é uma criança para quem foi feita a promessa ou a quem foi oferecido “pegar a Festa” em nome da família). Foto cedida por Genôva Alves.(2001).

A dificuldade de formar novos foliões músicos e cantores que continuem a tradição; a incorporação de novos elementos na feitura do vestuário, as alterações na rotina dos itinerários (“giros”), dos procedimentos internos das rezas, nos altares, na dinâmica dos almoços e jantares, criou novas representações e um olhar diferente entre os jovens (migrantes e não migrantes) e os moradores mais antigos da comunidade em relação às comemorações da Folia de Reis e seus aspectos devocionais, religiosos e festivos.



(Fig.11 - Rei e Rainha adolescentes - São Braz de Minas) Foto cedida por Antônio Firmino.



(Fig.12 - Rei e rainha adultos - São Braz de Minas). Foto cedida por Antônio Firmino -1975.

Acerca de momentos como carnavais, grandes datas festivas do calendário religioso ou momentos de comemoração popular, têm-se criado na bibliografia especializada alguns paradigmas dotados de grande longevidade e sedução explicativa. Trata-se de dedicar uma atenção especial a práticas coletivas desta natureza num duplo registro de análise e discussão. Em primeiro lugar, percebê-las como ocasiões privilegiadas de expressão de conflitos e de significados culturais específicos,

pertinentes ao contexto histórico que as produz. Em segundo lugar, interrogar tais ocasiões em seu movimento no tempo, colocando em questão o significado histórico daquilo que é comumente designado como o campo das tradições. Não se tratará aqui, no entanto, de operar com a oposição clássica entre tradição e mudança.

Justamente por terem sido pensadas como momentos de expansão e expressão coletiva diante dos quais, na visão de muitos intérpretes desde o século XIX, as diferenças desaparecem, as festas populares e seu universo de tradições constituem objeto de investigação dotado de especificidade, em torno do qual há um acúmulo de pesquisa e reflexão que justifica a ênfase que lhe atribuímos enquanto área privilegiada de investigação e debate historiográfico.<sup>10</sup>

O tempo nos trouxe um tempo no qual não há mais tempo, como havia em outros tempos. A evolução dos tempos foi tanta que mudou o comportamento da natureza, em quase todos os sentidos, no comércio, na indústria, na lavoura, na pecuária, na cultura, na arte musical clássica, popular e sertaneja, até mesmo na Igreja, em geral. Talvez nada defina melhor a sociedade globalizada atual do que os versos de um grande poeta português, António Gedeão, que soube condensar na sua arte essa nova visão do mundo e de um imaginário sem limites:

Minha aldeia é todo o mundo  
 Todo o mundo me pertence.  
 Aqui me encontro e confundo  
 com gente de todo o mundo  
 que a todo o mundo pertence.

Um dos traços mais distintivos da nova realidade planetária radica na própria mudança qualitativa da noção de tempo e naquilo que se configurou como expressão real dessa transformação, a aceleração da História. (Neves, 2005:3)

Resta saber se as novas gerações de foliões de São Braz de Minas, herdeiros do seu legado cultural, prosseguirão mediando seu pertencimento à tradição e ao lugar por meio dos significados e práticas culturais presentes nas folias. Novos vínculos de trabalho, de parentesco e de gênero, múltiplas inserções políticas e identitárias desafiam os foliões de hoje e os jovens da comunidade a pensar se vale a pena ou não manter e

---

<sup>10</sup> Sobre o tema Festas, ver seguintes referências: ALMEIDA, Jaime de. “Todas as festas, a festa?” Em: SWAIN Tânia Navarro. (org). *História no plural*. \* Editora Universidade de Brasília, 1994. Pp.153-187. ALMEIDA, Jaime de, *Foliões. Festas em São Luís do Paraitinga na passagem do século (1888-1918)*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1988. DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. \* Edições Universidade federal do Ceará, RJ, tempo Brasileiro, 1983. CUNHA, Maria Clementina Pereira Cunha (org.). *Carnavais e outras f(r)estas*, \* Editora da Unicamp, Campinas São Paulo, 2002. MATTA, Roberto da. *Carnavais, Malandros e Heróis*. \* Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1980.

dar continuidade a uma manifestação cultural que mantém a coesão do grupo e estabelece vínculos dinâmicos entre o presente e a tradição e história dos antepassados.

## **CAPÍTULO 2**

### **O QUE É A FOLIA DE REIS**

“A Folia de Reis é uma entidade que não tem lucros, é aonde a gente sai com a folia do dia 25, do dia 24 para o dia 25 de dezembro, e anda pedindo as esmolas pra fazer a Festa. A Folia de Reis é dos três Reis Santos, que a gente vem aquela tradição da viagem dos três Reis Santos, do Oriente pra Belém, foi quando eles visitou o menino Jesus. Então, essa tradição ela já vem de muitos e muitos séculos. Então a Folia de Reis é isso, a gente sai com a bandeira dos três Reis Santos fazendo a campanha de casa em casa para as festas. As festas quer dizer, a pessoa faz um voto, uma promessa pra cumprir com os três Reis Santos e pega a coroa. Então os foliões saem fazendo aquela tradição para cumprir essa promessa que é com os três Reis Santos. Essa festa ela é feita nas fazendas, às vezes aqui no comércio, mas a tradição mesmo da festa dos três Reis Santos ela é feita sempre nas fazendas, nas roças. Só que as roças hoje está ficando pouca gente, o povo está indo tudo pro comércio, então a Folia de Reis está participando mais dos comércio.” (Sr. Antônio Teixeira da Silva, conhecido como Antônio Firmino).

As Foliás de Reis consistem em grupos de cantores e instrumentistas que, por ocasião da festa de Reis, saem em peregrinação devota por boa parte do interior do Brasil. O ritual é complexo e guarda ligações (muitas vezes, tênues) com a tradição européia de Reis e com o teatro, música e dança vindos com os descobridores. Folia de Reis, hoje, é a penosa sobrevivência de um belo ritual, de um sistema coral curioso, de uma organização hierárquica sólida, de repentistas e instrumentistas habilidosos, da tradição de bem hospedar e, acima de tudo, da fé nos Santos Reis. (MOREIRA, 1982:123).

A Folia de Reis é uma manifestação cultural de cunho sagrado-profano, trazida pelos portugueses no século XVI, tendo sua origem nos autos natalinos em Portugal, e que se estabelece no Brasil assumindo características regionais de acordo com as matrizes étnicas ali dispostas. Assim, no Nordeste ela se apropria de elementos negros e indígenas, tendo em seus ritos representações do Boi e outros elementos; o reisado é mais uma manifestação dessa região, com um ritmo mais batucado, com uso de percussão mais acentuado do que em outras regiões do país. No centro e sudeste do país a Folia de Reis se organizou na zona rural e mantém a tradição de sair em giro pelas fazendas, roças e com variações em algumas cidades do interior, desde a noite do dia

24/12 até o dia 03/01 (dia da entrega dos donativos ao festeiro), angariando donativos para a Festa do dia 06/01. (Fig.13 e 14).



(Fig. 13 - Folia de Reis de São Braz no ano de 1996 em São Braz de Minas).

Foto cedida pela comunidade.



Fig. 14 – (Folia de Reis dos Correa em 2006 – São Braz de Minas). Foto de Mauro Tentis.

A primeira pergunta no nosso roteiro de entrevista, e que foi feita a todos os entrevistados dos três segmentos que compõem o questionário (v. anexo), foi que descrevessem o que é a Folia de Reis. Para os atores foliões que realizam a festa, muito

do seu fazer vem de geração em geração, passando de pais, avós, tios, e familiares e às vezes com antigas anotações em cadernos transmitidas pela oralidade.<sup>11</sup>

A Folia de Santos Reis, na minha opinião, ela, muita gente fala que é cultura, né? Mas muitas vezes ela não deixa de ser também uma religião, que proclama o nascimento de Jesus Cristo, né? (...) Hoje o caso é outro. Hoje, na verdade, hoje é a devoção que a gente tem, que a gente aprendeu dos nossos pais, da Folia de Santos Reis, é a fé que a gente tem em Santos Reis (...) Que a folia, além de ser uma devoção que a gente tem, ela também é uma cultura. (Sr. Virgílio Neto).

Bom, a Folia de Reis, no meu ponto de vista, ela simboliza três coisas. Ela é uma diversão, ela é uma devoção e é um folclore. Eu acredito que, nada menos, que ela traz muita alegria. Como foi formado quando o menino Jesus nasceu, os Reis saíram para visitá-lo, e saiu como uma Folia de Reis, comemorando seu nascimento. (Sr. Donizete Osvaldino Pereira). Grifo meu.

Folia, ao mesmo tempo em que se forma para uma celebração, com seus elementos internos (mestres, alferes, músicos, cantores) executando a parte sagrada (rezas, altares, bandeira, as oferendas) e a parte profana da Festa com o palhaço, os versos improvisados, as danças, as máscaras e brincadeiras, é momento único para a população que tem a sua fé, sua religiosidade para amortizar suas promessas e intenções com seu Santo e pode, através da Festa, desvencilhar-se momentaneamente dos afazeres e rotinas do cotidiano. Para a comunidade de São Braz, a Folia está investida de todos esses elementos de devoção e cultura de seus antepassados.

A Folia de Reis pra nós aqui é tradição já de muitos anos (...) É uma religião, né, a Folia de Reis é uma religião, pra nós aqui de São Braz. (Sr. Braz Mateus).

Segundo o Sr. Roldão Correa, Alferes da Folia dos Correa, ele aprendeu a devoção acompanhando a Folia, e observando o que os foliões faziam “vendo o que a turma fazia”. De vez em quando, o Sr. Roldão chega a pensar que não vai dar conta do giro da Folia de tanta responsabilidade: “eu penso, este ano não dou conta de foliar”. Mas, “não, eu vou carregar Santo Reis e Santo Reis vai me carregar”. Sendo o Alferes de um tempo para cá, carrega a bandeira e anda com o portador dos donativos ao lado.

Tem muitos anos que eu trabalho como alferes. E sempre Deus me ajuda, que eu saio e achando que não dá conta de fazer nada. E no fim eu dou o giro da folia e volto, na santa paz de Deus. Santo Reis até me carrega da folia! (Sr. Roldão Correa - Alferes da Folia dos Correa).

---

<sup>11</sup> Em seu trabalho Neiva (2006:94) verificou que os irmãos Vieira (foliões do Lago Azul, entorno do DF), “orientam-se por tabelas escritas, passadas de pai para filho, e esse procedimento não é comum a todos os grupos de Folia”.

O Sr. Antônio Firmino narra sua relação de fé e devoção com os Santos Reis, não só como um folião que domina instrumentos, as vozes do canto, como também como um excelente capitão, muito requisitado, que formava com seu irmão Sr. Raul Firmino uma grande dupla de Folia em São Braz e região. Hoje agradece muito a Deus, acredita que o sofrimento passado com a doença da esposa, “porque nós já sofreu muito nessa vida e só com o poder dos três Reis Santos, intercedendo a Jesus Cristo, que a gente tem muita fé, em Nossa Senhora, a gente está aqui hoje”. Sua esposa estava muito doente e por isto eles “fizeram a intenção a Santos Reis”. “Porque promessa, a gente não paga promessa, é uma intenção que a gente faz com os três Reis Santos, para que pega a coroa pra ser rainha, para fazer a Festa”.

Hoje, ela é sadia, é muito devota dos três Reis Santos, e superaram os sofrimentos. A família passou 28 anos fora de São Braz e sempre procuraram não faltar a Folia. Todo ano vinham para foliar. As férias eram marcadas sempre em dezembro, por causa da Folia. Então sempre repetem o agradecimento a Deus por poderem participar da Folia mais um ano. O senhor Antônio Firmino coordena o trabalho da Conferência de São Vicente de Paula, (que mantém o Asilo da cidade) e realiza a saída da Folia em Lagamar – sede do município – e em São Braz com o intuito de angariar donativos para as instituições que cuidam da população carente.

Qualquer coisa que ele vai fazer que não esteja dando certo, “oh, meus três Reis Santos, me ajuda que isso dá certo, eu quero chegar o dia da Folia com saúde e quero, peço a Deus e aos três Reis Santos pela minha família pra que a gente prossegue essas coisa que a gente está precisando, para que no dia da festa eu esteja lá para ajudar os meus irmãos a foliar”. (Sr. Antônio Firmino).

Sobre a saída fora de época, muitos dos entrevistados acham que é importante para a comunidade sua participação na ajuda aos mais pobres, no entanto alguns acham que o giro mais de uma vez ao ano muitas vezes sobrecarrega aquele que é visitado pela bandeira.

Mas a folia fora da época, o giro é de dezembro a janeiro, eles estão fazendo hoje essas folia aí pra tirar contribuição pra conferência, pro asilo. Eu, da minha parte, não vejo nada de errado, até eu já tenho colaborado, tenho ajudado na minha parte. Mas eu vejo pessoa reclamando que não acha certo a folia fora de época, porque alguns reclama que já passa duas folia nas casas deles, na época. (Sr. Valdomiro Correa).

O Sr. Roldão Correa, Capitão de Folia afirma achar esquisito a saída fora de época, observa que por ser um giro mais rápido ele é feito quase todo a pé e que também o número de foliões é reduzido. O Sr. João Velho acha bom que eles, os

foliões, possam ajudar os mais pobres com o apoio da Folia, mas aponta também para a possibilidade de a Folia sair também por um convite de alguém da comunidade para uma diversão.

A campanha fora de época ela tem dois sentidos. Se for por exemplo só ir numa casa cantar, a pessoa oferece lá, às vezes não é dia de um santo nem nada, fala assim, “olha, eu quero vocês lá em casa, tal dia, cantar uma folia, e nós tomar um vinhozinho lá, comer uma carne e tal”, ali pra mim é uma diversão. Agora, se for assim pra gente sair com a bandeira em prol dos pobres de São Vicente de Paula, fazendo uma campanha pros pobres, aí eu entendo que é uma caridade. (Sr. Geovane – João Velho)

É difícil distinguir quando o sagrado prevalece ou quando o profano se sobrepõe, na verdade não há como separar na dinâmica da Festa essa ambigüidade, já que a Folia de Reis se caracteriza justamente por aglutinar esses dois momentos em sua prática, existindo sim uma ordem para a realização dos festejos: 1) a chegada da bandeira, com o palhaço adentrando o recinto e pedindo permissão dos donos da casa (fig.15); 2) a entrada com entrega da bandeira ao anfitrião, que a beija e leva aos cômodos da residência; 3) os versos para as oferendas (fig.16); 4) a reza do terço (fig.17); 5) o almoço ou janta e 6) os cantos de agradecimento. Bebedeira, comilança, gestos teatrais, piadas, gozações, é o que acontece em certos momentos no decorrer da Festa, que é um tempo em que se suspende o tempo do trabalho, das diferenças sociais, e quando todos se manifestam e participam ao seu modo e bel-prazer, entretendo, respeitando o código moral da comunidade.



(Fig.15 - Palhaço adentra a casa pedindo donativos aos anfitriões - 2005 –Cerrado, São Braz de Minas).  
Foto de Mauro Tentis.

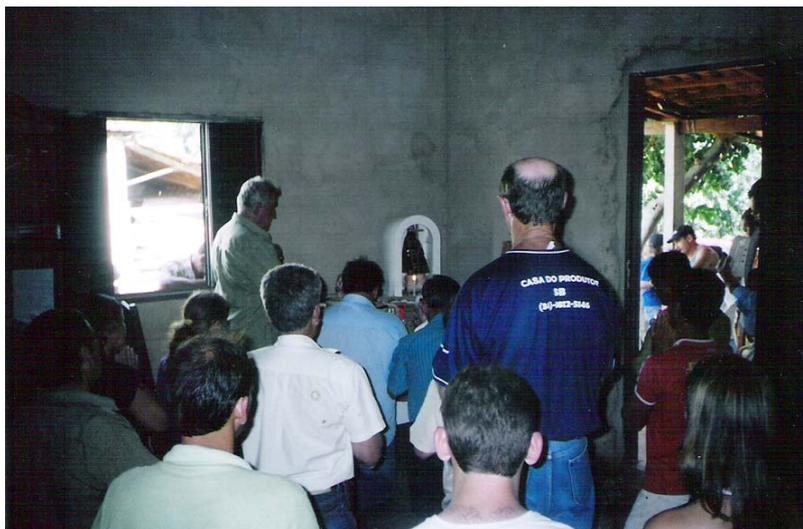
Alguns entrevistados identificaram a Folia com folclore, realçando essa definição pela importância da oralidade passando de geração a geração o aprendizado na Folia. Acontece na família, o avô era folião, ensinou ao filho que também era folião e devoto de Santos Reis, pois muitos iniciam seu aprendizado depois de alcançar alguma promessa com o Santo e têm de passar sete anos saindo na Folia, como máscara (palhaço), músico, cantor, acompanhante ou ajudante de serviços variados e necessários. Têm de cumprir o combinado com os Santos Reis.

Atualmente alguns desses foliões que aprenderam com os pais e avós ainda ensinam a seus filhos o aprendizado na Folia, mas ressalvando que logo mais eles estarão se preparando para estudar e trabalhar fora. Há crianças que estão aprendendo a tocar acordeon, violão, caixa e pandeiro, e a praticar o canto; nunca se sabe a necessidade da hora e é uma característica da Folia, o menino deve aprender um pouco de tudo para poder atender a qualquer necessidade do Capitão.

Ué, a Folia de Reis pra mim representa um símbolo muito grande. Porque a gente, desde pequeno, o pai da gente ia pras folia e a gente vendo aquilo era uma diversão. A gente tinha naquela época era a Folia de Reis. E pra mim é um orgulho muito grande ser folião da Folia de São Braz. E quero passar pra todas as pessoas que eu consegui ensinar um pouquinho do que eu sei e vai ser uma grande satisfação estar ajudando a Folia nossa. (Sr. Eduardo Correa)



(Fig.16 - Folia do Flauzino canta versos e pede donativos para donos de casa em giro no Cerrado em São Braz de Minas. 2005). Foto de Mauro Tentis.



(Fig.17 - Reza do terço em jantar oferecido aos foliões em São Braz de Minas). Foto cedida por Genova Alves. (2001)

O que me levou a participar da folia é porque meu pai era capitão de folia e o meu avô também era. Então, do meu avô veio para o meu pai, do meu pai veio pro meu irmão, e eu estou aqui junto com meu irmão, hoje ele numa folia e eu na outra, todos dois capitães. Então, minha mãe também, madrinha de folia, meus irmãos todos são folião. Então foi o que me levou a ser um capitão de folia. (Sr. Geovane Gonzaga da Silva).

Mas sempre eu estava aqui, uma vez ou duas vezes, pra acompanhar a Folia e cantar, ao mesmo tempo cantar. E divertia com a Folia. Que a Folia, além de ser uma devoção que a gente tem, ela também é uma cultura. (Sr. Virgílio Neto).

Pode-se perceber que para alguns foliões a Folia é folclore e para outros ela é cultura; mas apesar de tais diferenças, é evidente que todos manifestam uma percepção do alcance que a Festa tem para a comunidade, do seu colorido, do seu timbre e seu toque de caixa que arrepia qualquer um, principalmente no momento da saída: após um longo tempo sem ouvir aquele som, a gente sente o rufar das caixas anunciando e marcando a chegada da celebração dos Santos Reis. A Folia exerce um fascínio e curiosidade sobre os visitantes e com o fluxo maior de migrantes que a cada ano se dirigem a São Braz com suas famílias, muitas vezes de origem distante (nortistas, sulistas, e até estrangeiros), culturas e festejos diferentes se encontram nesse período.

As pessoas acompanham o “giro”, as rezas, admiram os altares, seus santos, (cada família dispõe no seu altar os santos de sua devoção: São Braz, Santo Antônio, São Francisco, Nossa Senhora, São Benedito, Santo Expedito, etc.), participam dos almoços e jantares (lá se diz janta), enquanto parece que “tudo está por um momento

suspensão no ar”. Devoção, diversão e cultura se revelam e acomodam às contradições do dia a dia no instante único e íntimo da participação e celebração de cada um na construção da Festa.

É um momento que tem seu início meses antes com a marcação do giro, mas na verdade a Folia, a saída, até mesmo a Festa, ela começa alguns dias antes. Ela começa com o fazer do doce uns cinco dias antes do dia da saída. As pessoas se levantam pelas cinco horas da manhã, têm que matar uma vaca ou um porco, e a correria que se faz no dia-a-dia da Festa, várias pessoas ajudando e num certo momento há gente de todas as situações e lugares, dando uma força para a realização do evento.

Um momento de confraternização, trabalho solidário, pessoas que se ajudam nas mais diversas atividades, que são bem divididas: os homens trabalham muito na feitura da festa, fazendo ranchos, fornalhas, matando e limpando animais, fazendo cercado, e carregando todo tipo de utensílio utilizado para o bom desempenho da Folia. (Fig.18).

Ah, sem dúvida, sem dúvida. O momento da festa já começa antes. Ela não é só no dia. O momento da festa é durante os sete dias que você está preparando pra fazer o doce, preparando uma vaca pra matar no dia da festa. Então, na verdade, a festa de Santos Reis, ela não é só no dia 25, nem só no dia 6. Na verdade ela começa antes, no dia 18, 17, dia 15, que aí você tem que estar organizando, comprando os alimentos que você vai fazer, os frangos. Tem que estar tudo já organizado, pra chegar no dia da festa e não ter problema nenhum, né? (Sr. Virgílio Neto).



(Fig.18 - A comunidade ajuda na feitura da Festa, é momento fundamental, uma festa dentro da festa. 2007 - Preparativos para a saída do dia 25/12). Foto de João Venâncio. (2007)

Quem faz a festa é o povo, assim dizem em São Braz, contam alguns casos de pessoa endinheirada que presumiu poder fazer a Festa só com o dinheiro, alardeando que o serviço seria bem remunerado, o que ofendeu os membros da comunidade que se retiraram, sendo preciso a intervenção da família que convive com os habitantes locais e são possuidores de relações cotidianas com o grupo, sem os laços de solidariedade e a possibilidade de executar os trabalhos e suas intenções com os Santos Reis, os devotos não realizam suas obrigações, já que a participação muitas das vezes faz parte do combinado entre o devoto e os três Reis Magos, e não permitem relações mercantis em suas práticas.

Como demonstram as figuras 19 e 20, a comunidade participa com total empenho na realização das tarefas que se apresentam para a organização dos festejos, numa relação devocional de dar, receber e retribuir.



(Fig.19 - As mulheres sentam e fazem suas atividades brincando muito, contando “causos” e piadas, bebem vinho, café e vermute, sempre descontraídas. Algumas delas acabaram de chegar de uma cidade mais distante e estão também matando a saudade, São Braz de Minas). Foto de João Venâncio-2007.



(Fig.20 - Os homens realizam o trabalho da matança dos animais, limpam o baguaçu e arrumam as fornalhas, sempre com uma cachacinha no copo. São Braz de Minas). Foto de João Venâncio-2007.

Olha, primeiro, se a pessoa tiver condição, é um dia antes ele vai ajeitar as comidas, preparar por exemplo, compra aí uma vaca ou uma novilha, se não puder mais, pelo menos um quarto de uma novilha, mata aí umas duas leitoas, tem os frangos, tem outros objetos, que é o arroz e o feijão, e as outras misturas. E também vai depender de um pouco de pessoas pra ajudar, porque sozinho o festeiro não tem condição. É preciso do apoio das pessoas da comunidade.” (Sr. Valdenir Alves Correia - Valdomiro).

De certa forma, a comunidade se prepara para a Festa logo a partir do seu término no dia 06 de janeiro, nem bem termina o ciclo desse ano e já estão antenados no giro do ano que vem. O Capitão inicia nesse momento os procedimentos para marcar o giro de acordo com os pedidos feitos anteriormente. Atualmente, a Folia dos Corrêa em São Braz já tem marcação para o ano de 2014.

Que eu acho que a folia de Santos Reis, principalmente a nossa, não acaba. A nossa tem festa marcada até pra 2014. Mas os jovens precisam atuar mais nessa parte. Eu estou vendo os jovens, na hora de rezar um terço está pra um lugar e deveria estar ali acompanhando, já aprendendo. (Sr. Virgílio Neto).

E cada ano vem evoluindo mais, o pessoal que vem de fora. Inclusive você. Você, antes você não era integrante da nossa Festa. Aí você veio a primeira vez, você nunca mais deixou de vim e ainda traz os amigos. E aqueles amigos que vem, cada ano vem trazendo mais e cada ano vem evoluindo a festa. (Sr. Milton Correa de Castro).

Durante o ano as pessoas vão se organizando para que no período natalino estejam preparadas para cumprir com seus compromissos com os Santos Reis. Aqueles que não são moradores do lugar, hoje contam com uma estrutura que favorece a realização da Festa. Foi inaugurado no Cerrado o primeiro “foliódromo” do Brasil, denominado Luís Gonzaga Corrêa em homenagem ao grande folião e formador da Folia de São Braz. O barracão possui amplo salão e dependências para cozinhar, preparar as carnes, acondicionar os alimentos, doces e utensílios. Já os fogões, tachos, fornalhas, preparo de animais (vacas, galinhas e porcos) dependem da ajuda da comunidade.

Segundo relato do Sr. Valdomiro e da Sra. Claudinéia, se os amigos não ajudarem não se faz a festa, “precisa do povo para trabalhar”, pode-se ter dinheiro, mas sem o povo ninguém faz. É como uma linha de produção: o festeiro coloca as coisas no lugar, trabalha o ano inteiro pensando naquele evento, compra e distribui os produtos; alguém vai cuidar de preparar as pelotas de carne, o prato tradicional da Folia<sup>12</sup> (fig.21), organiza uma turma de pessoas para essa tarefa, outras vão arrumar os frangos, outras vão fazer o arroz, macarrão, saladas, outros vão cuidar das barracas para colocar as mesas e comidas, do lugar de acolher as pessoas no tempo de chuva. É muito importante salientar que o tempo todo as pessoas perguntam uma pelas outras, pelos pais, avós, filhos, netos e amigos, e sobre a vida na cidade, os estudos, o trabalho.

Quem esteve longe reencontra nesse momento não só a sua fé, a infância e pedaços de outros tempos, mas também traz consigo outras vivências, experiências e muitas vezes até uma nova família. Tudo regado a café, bolos, doces, biscoitos, sucos, cachaça da boa, vermute, vinho, cerveja e muita comida, um tempo constante de fazer, comer e beber. (fig. 22 e 23.)

---

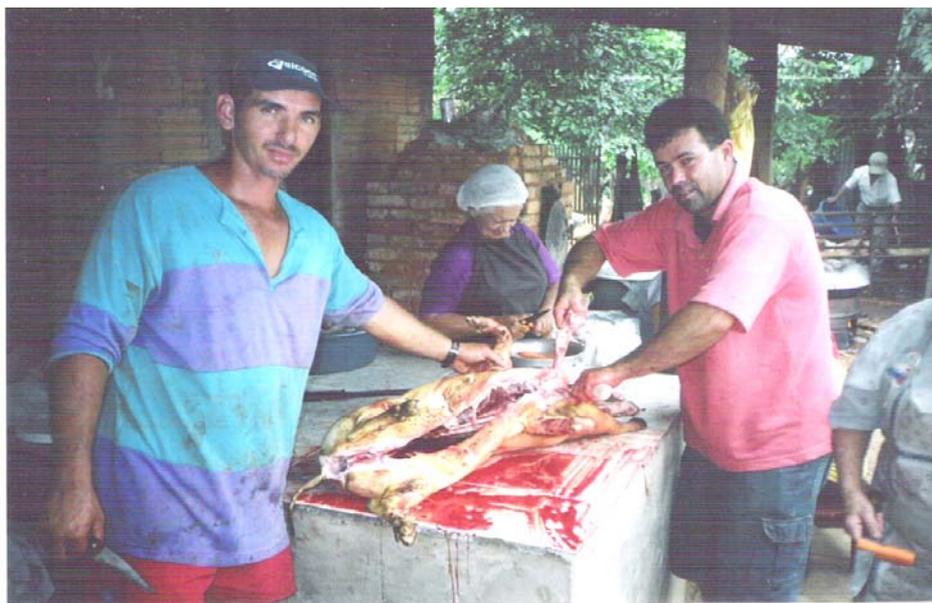
<sup>12</sup> Prato feito com carne moída, muito semelhante ao que conhecemos como almôndega. Requer tacho grande e mão de obra farta, prato referência da Folia, como relata o Sr. Donizete Pereira: “Outro vem pra comer uma pelota, que a pelota dessa Festa aqui ela é tradição. Essa Festa de Reis aqui ela tem que ter pelota. A gente vai convidar o caboclo pra vim na Festa, a gente não vai convidar pra comer um tira gosto, um frango. Vai lá pra comer uma pelota. E portanto, até que tem o sentido de ser a pelota mesmo, porque o povo ajuda muito aqui com os bovino”.



(Fig.21 – preparação de pelota – São Braz de Minas – 1975 - Foto cedida pelo Sr. Antônio Firmino)



(Fig.22 - Hora de matar o porco, depois limpar e cortar. 2007 - São Braz de Minas). Foto de João Venâncio.



(Fig.23 - Trabalho coletivo, comunitário e solidário, uma maneira de pagar os compromissos assumidos com Santos Reis, devido ao alto custo de uma janta ou almoço aos foliões. 2007 - São Braz de Minas). Foto de João Venâncio.

A janta de folia, por exemplo: o Sr. Tião Mota, que ofereceu a saída da Festa na Folia do Flauzino em 2007/2008, conta que você vai juntando os amigos e fazendo, o trabalho é você mesmo fazer a comida. E para isso ele não tem muito problema, dificuldade nenhuma. Porque se chama um vizinho aí, dois, e num instante os amigos, parentes e vizinhos dão conta do recado e você já fez tudo. A união de todos. E se alguém chamou, vai mesmo. “Então isso não é dificuldade nenhuma pra fazer, sabe?”

Muitas vezes eles marca assim com seis, sete mês, aí não dá conta dos pedidos, sabe, de janta, almoço. Então isso aí, que eu gosto de fazer. Então tem trabalho, assim, não esforça só um, é todos, você chama os amigos, os vizinhos, todos vêm”. (Sr. Sebastião Mota – Tião Mota)

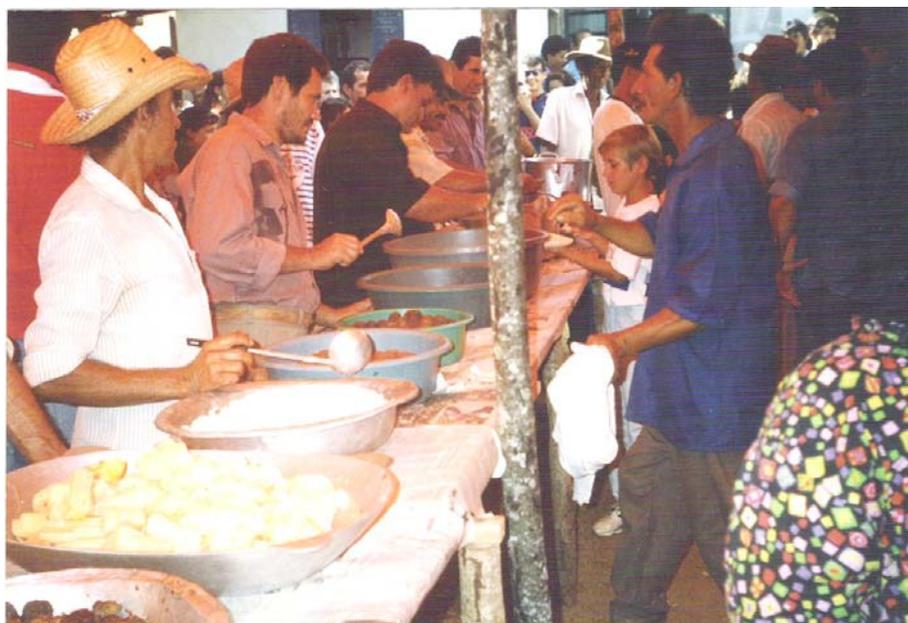
E eu também deixo a declarar que a festa de Santos Reis não é assim o festeiro que faz a festa, é o povo, porque o Santo ajuda mas é o povo que faz a Festa, a união faz a força. (Sr<sup>a</sup> Claudinéia Maria Correia - Néia).

É um período em que todos se ajudam, emprestam tudo o que for necessário para que o anfitrião faça com sucesso sua oferta aos Reis Santos. A cidade esquece as dificuldades alimentares do cotidiano, durante o qual muitas famílias vivem do escambo, com pouca produção de alimentos, um planta arroz, outro milho, outro feijão, mandioca, e vão fazendo farinha, criando e matando animais, tirando leite, fazendo o queijo, algumas mulheres fazem biscoitos, pães, broas sob encomenda e negociam o que produzem como se vivessem ainda numa sociedade pré-capitalista sem moeda ou mercantilismo. Durante o tempo em que a comida fica mais escassa, muitas famílias se beneficiam de projetos assistenciais do governo federal, estadual e municipal. Em

contraste, na Festa o tempo é de fartura, desperdício, muita comida e variada, come-se e sempre dá para levar um pouco para casa. As pessoas acreditam que quando parece que a comida não vai dar, é só pedir que Santo Reis acrescente o necessário e às vezes chega a sobrar.

Se a pessoa puder fazer mais coisa, faz, se não puder, faz menos. Mas Santo Reis dá um aumento pra tudo. Que eu, aqui em casa, eu faço assim, eu vou fazer uma comida pros folião, eu vou lá, olho, penso, “ah, mas essa comida não dá, tem muita gente”. **Mas eu peço aumento pra Santo Reis. Aí Santo Reis dá o aumento na comida!** Não faz diferença não, dá pra todo mundo e sobra muita comida, ainda, que a gente dá muito pros pobres. O povo leva, no outro dia a gente procura as pessoas que precisa, leva, porque isso tudo a gente faz porque tanto no almoço ou na janta as pessoas vêm e ajuda, os precisados, né? A gente acolhe todo mundo, aí a gente vai fazendo as coisas, com o que tem, com o que a gente deseja. (Sra. Hilda Tiago.) Grifo meu.

Muita bebida e comida, um momento admirável, fugindo por um instante da vida diária, a comunidade comemora e celebra sua devoção, os amigos, os laços de compadrio, solidariedade, e a cumplicidade do dia a dia vivido, conspirado e forjado na lida do campo e na esperança e fé do cuidado de Santos Reis com sua saúde, sua família, sua colheita e animais, enfim sua vida. Um “Potlatch” contemporâneo<sup>13</sup> numa comunidade rural do interior de Minas Gerais. (fig.24, 25 e 26).



(Fig. 24 - Mesa de almoço de Folia em São Braz - comida feita pela comunidade, para devoção aos santos Reis. Década de 1980). Foto cedida por Antônio Firmino.

<sup>13</sup> Sobre o tema ver MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dadiva*. Lisboa: Ed 70, 1988.



(Fig. 25 - Almoço de Folia no Cerrado em São Braz de Minas. Muitas pessoas trabalharam para o resultado final chegar à mesa. 2006). Foto de Mauro Tentis.



(Fig. 26 - Almoço de Folia dia 06/01, entrega de Folia, com comida para mais de 3.000 pessoas, fruto do trabalho dos devotos e membros da comunidade). Foto de Mauro Tentis.

Não é fácil preparar e fazer comida, oferecer bebida para tantas pessoas, como nos mostram as fotos 27 e 28. Com o aumento de visitantes e o retorno dos migrantes

com suas famílias, o número de pessoas a serem atendidas no almoço e jantar tornou-se muito maior, muitas vezes maior do que a capacidade da família em cumprir suas intenções com os Santos Reis.

Por isso na maioria dos casos essas pessoas exercem tais obrigações sob a forma de participação na matança dos animais, preparo e cozimento dos alimentos, feitura de fofalhas, construção de barracas, lavagem de louças e panelas, empréstimo de utensílios e ferramentas, e provimento de outras necessidades que apareçam no decorrer dos preparativos para a espera dos foliões. Daí se observar que uma parte colabora com doação de seus serviços para a Folia e outros para cunprirem suas promessas com os Santos Reis, mas impossibilitados pelos custos que oneram a realização da festa.

Hoje tá difícil pegar a bóia,<sup>14</sup> tem muita gente de fora. Os ponto de bóia é feito por gente de fora e muitas vezes não é mais em fazendas. (Sr. Saul Caixeta).

Antigamente comida era feita na panela, tinha pouco folião. Comê: arroz, feijão, carne de porco, pelota, quase não matava leitoa, nem pelota pra folião, era o que tinha em casa, o comê do dia. Até os anos 70, quase não tinha vaca. Moía carne na mão. Hoje é comê pra 400, 600 pessoas, muita gente de fora, que a gente nem conhece, vem só pra comê, o povo bebe demais, parece que não é devoção. (Sr. Valdenir Alves Correia - Valdomiro).

Para o dia 06/01(Dia de Reis), “pelotar” as pelotas é tarefa que envolve mais de 50 pessoas, mais ou menos 50 latas de doce, 13 vacas, 25 capados, 400 galinhas, muita comida; então, como os pobres conseguem pagar uma dívida com os Santos Reis? Então é trabalhar na Festa, cozinhando, lavando, pelotando, construindo puxado para poder cumprir os combinados com os Santos Reis. A Festa tomou uma dimensão que foi favorecida pela facilidade de transporte, aquisição de utensílios, eletrodomésticos, e pela vinda dos migrantes com suas famílias, amigos e a vontade de participar e ajudar na lida da Festa:

O povo aumentou muito. Até 1980 era mais ou menos 20, 40 pessoas nos giro e nas fazendas, era muito difícil ir a todas as bóias, mas no dia 6 de janeiro ninguém perdia, aí ia todo mundo (Sr.Valdenir Alves Correia – Valdomiro)

---

<sup>14</sup> “Pegar a bóia” significa assumir a tarefa de alimentar os foliões e os participantes da Folia. Pode ser um lanche servido durante o giro, um almoço ou janta, a saída da Folia dia 24/12 ou a festa dia 06/01, dia de Reis.



(Fig.27 - milhares de pessoas aguardam o almoço. Muitas vezes é servido doce antes e depois do almoço. São Braz de Minas 2006). Foto de Mauro Tentis.



(Fig.28 - Outro ângulo da multidão que aguarda o almoço de entrega de Folia em São Braz de Minas, numa fazenda. 2006). Foto de Mauro Tentis.

O “foliódromo” foi pensado para facilitar o encontro do dia 06 de janeiro, quando mais de 4.000 pessoas se reúnem para a entrega da coroa aos festeiros do próximo ano; mas uma parte da comunidade ainda relembra as festas feitas nas fazendas e acha que lá no campo ficava melhor, mais livre. A cidade fica muito mais movimentada e as pessoas se reúnem nos bares e comércio da cidade, indo muitas vezes

à casa do anfitrião da bandeira só para comer ou beber, deixando de lado o acompanhamento da Folia.

Na fazenda é mais gostoso, é a tradição de tantos anos e tal. Por outro lado, a gente vê sempre isso aí, que tem muitas pessoas daqui, inclusive esse que vai pegar agora, que mora fora, que é primo-irmão da gente, sabe, é irmão do Baltazar aí e tal, é primo-irmão. Vai pegar, mas mora fora. O que tem que fazer? Ele acha lindo o barracão, **Foliódromo**, porque lá tem tudo! (Sr. Milton Correa de Castro) grifo meu.

Um aspecto observado nas narrativas é o número de casas e dias dedicados a atender as pessoas da cidade (chamado pelos moradores de “comércio”, devido ao grande número de lojas ali instaladas, único ponto de venda de produtos comerciais do Distrito). Muitos comentam que antes de 1990 o giro era feito quase integralmente pela roça, e muitas vezes a pé ou a cavalo. (fig.29)



(Fig.29 - Festa de Folia em fazenda. V. ao fundo rancho construído com lona de plástico, para servir a comida ou em caso de chuva, muito freqüente nesse período e muito lembrada nas entrevistas). Foto de Mauro Tentis.

A lembrança mais é porque na época, as folias ela era mais voltada também na zona rural. Hoje ela está tendo muita influência no comércio, portanto, quase não está existindo mais fazer a festa na zona rural. Ela está muito voltada à área urbana, que hoje está sendo realizada mais nos comércio. É uma das coisa que está bem mudada na folia. (...) Outra mudança de 5 anos pra cá: a festa (06/01) fazia na fazenda, não faz mais, na fazenda tomava uma fresca numa árvore, hoje faz no comércio lá no São Brás ou no barracão no Cerrado. (Sr. Valdenir Alves Correia - Valdomiro).

Para muitos moradores, tanto os mais jovens como os mais velhos, fazer a Festa no comércio (cidade) é diferente de fazer na roça. Apontam na roça muitas lembranças dos avós e pais: chuvas, forrós, pescarias, montarias, animais, frutas, natação; percebem como mudança, o giro percorrer a cada ano mais casas no Distrito e usar o carro constantemente, fazendo do pouso uma lembrança do passado, pois já não se faz mais o pouso. Mesmo quando o giro vai para as fazendas, sempre se organiza o término da cerimônia a tempo de os foliões retornarem e na manhã seguinte continuarem o giro a partir da casa que ofereceu a janta na noite anterior, onde “pernoitaram” apenas a bandeira e os instrumentos.

Uma característica observada é que quando o percurso era feito a pé, o capitão não permitia o “pulo” no giro, nem voltar caminho; agora, quando o percurso é feito de carro, muitas vezes acontece de se pular ou voltar caminho, mesmo com a ciência dos foliões e do Capitão.

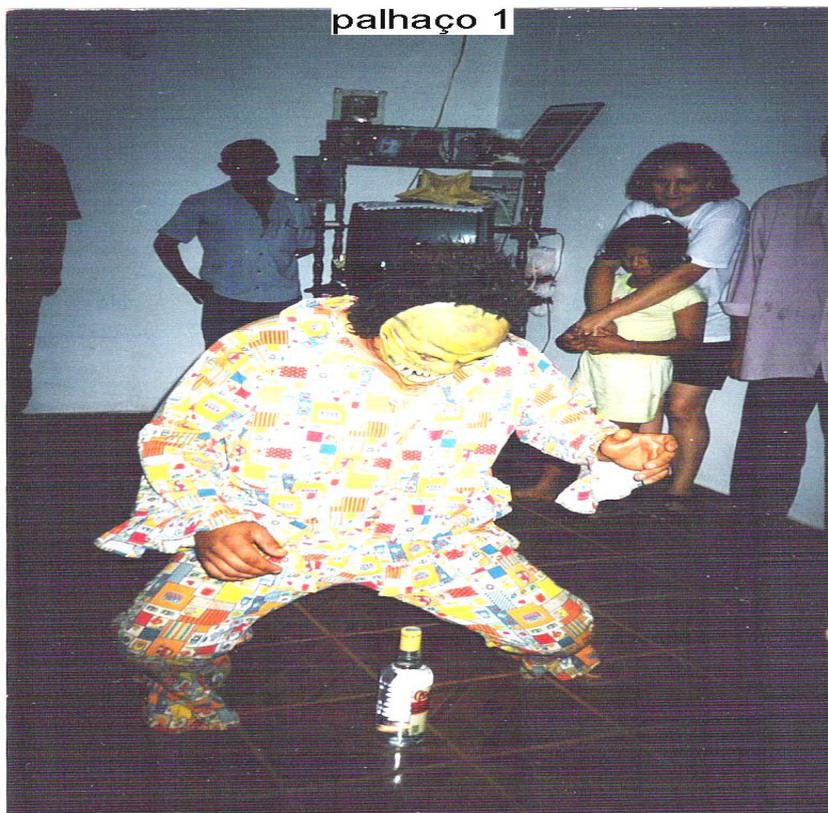
Porque a nossa folia, aqui, nós, bom, de carro eu não sei, eu não posso falar que de carro nós sempre pula. **Mas de caminhando, nós não pode pular giro.** A bandeira passou aqui, nós não pode pular pra cá. Agora de carro sempre, a gente, nesse mundo aí, volta pra pousar aqui, por exemplo, vem, cruza. [inaudível]. Mas de a pé nós não cruza, não. Marca tudo direitinho. (Sr. Roldão Correa - Alferes de Folia). (Grifo meu).

Não era permitido pular o giro ou cruzar o mesmo caminho para voltar a Folia, assim como outra Folia fazer o giro na mesma região ou localidade: caso se encontrassem, haveria um embate, na maioria das vezes de versos dos capitães, que duelavam até que em alguns casos o capitão derrotado chegava a entregar ao vencedor as ofertas recebidas (donativos), para a Festa dos Reis. Hoje, quando duas Folias se encontram, rezam um pela Bandeira do outro e cada uma segue o seu rumo, como acontecia algumas vezes. Como afirma o Capitão de Folia Sr. Roldão Correa, se você passa por um lugar, por ali não pode voltar. “Mas se tem que voltar, nós temos que dar a volta por outro caminho”, e se evita pular o giro.

A Folia, ao passar por um caminho ou estrada não pode retornar por ela, precisa fazer outro caminho, se atravessa ou volta por ele, aí pulou o giro, narra o capitão: “de carro, sempre eu vejo, a hora que nós vai pular, eu vejo, estão pulando o giro, agora de a pé, nós não pula o giro não. Isso é coisa dos antigos”.

Outra mudança perceptível é o papel desempenhado pelo palhaço na Folia. Na Festa de 2007/2008 o palhaço adoeceu e a Folia estava disposta a sair sem o palhaço, que vem perdendo muito do seu carisma com o passar do tempo. Muitos se lembram de quando o palhaço corria atrás dos meninos botando-os para correr, assustava os mais

velhos e fazia galhofa com os participantes, zombando de sua avareza, caçoando do cacoete dos outros, mexendo nas despensas das casas, “roubando” um queijo ou pagando prenda recebendo donativos para a festa, ou, muitas vezes, para si próprio. (Fig.30).



(Fig.30 - Palhaço dança pagando prenda na Folia; em geral ele ganha dinheiro quando paga a prenda com verso, dança, pula o bastão ou outra destreza para os festeiros e comunidade). Foto João Venâncio. (2005)

Trata-se de um personagem cômico, que pede as ofertas. É comum no meio rural fazer o palhaço “sofrer” antes de obter uma oferta. Às vezes o dono da casa se esconde e depois o surpreende, trava lutas corporais e agarramento sem nenhuma agressão física. Se o palhaço se sair bem, leva sua recompensa e recebe a oferta. Em outros locais solta-se um porco ensebado para que o palhaço o pegue. Esconder ofertas para que o palhaço procure e encontre é uma prática comum. É de responsabilidade do palhaço, ainda, não permitir que lhe roubem a máscara ou a espada, afim de que a bandeira não fique “presa”. Para desprender a bandeira, o palhaço (ou o embaixador) deve dizer umas “palavras secretas”. Dizendo-as, a bandeira estará livre para prosseguir sua jornada.

Há outra idéia, de que os palhaços representariam o mal. Segundo explicação dos próprios foliões, os mascarados representam o mal, sendo a concretização dos soldados de Herodes ou do próprio demônio. Com essa vinculação ao mal, os palhaços

seriam impedidos de tocar a bandeira sagrada da Folia, nunca podendo ficar à sua frente no cortejo. Há outras interdições para os palhaços, como a impossibilidade de se aproximarem do presépio ou, em alguns casos, de só entrarem na casa visitada após os cantos finais, ainda assim retirando as máscaras.

Apesar de os Alferes e Mestres de Folia também reconhecerem que exista uma relação entre o Bastião e a representação do mal, esse personagem tem papel fundamental no grupo, não existindo para ele as restrições acima observadas (não se aproximar do presépio, não tocar a bandeira). Ao contrário, a louvação ao presépio, em forma de profecia recitada, cabe, na maioria das vezes, justamente ao palhaço.

O Sr. Antônio Firmino, citado na página 74 tem uma visão diferente do palhaço, sem a vinculação com o demônio como afirmam vários depoimentos e o inclui como parte integrante e importante para a representação dos festejos de Reis: “o palhaço é uma tradição também que veio desde a época dos três Reis Santos, ele foi que desviou o menino Jesus para que o Satanás não atentasse ele. Então o palhaço faz parte da Folia de Reis”. Para outros, o palhaço foi um arranjo de Deus para despistar os soldados e salvar o menino Jesus, não deixando no entanto de ser uma personagem ambígua, porque assusta as crianças, ou porque é intrometida, desrespeita as normas, debocha e faz piadas, como também encanta pelo colorido de suas roupas e a expressão de suas máscaras.

A dificuldade do Palhaço em manter sua participação tem sido dificultada pelo controle sobre suas ações: assustar, fazer pilhérias, geralmente com os mais abastados da região, ocultar objetos, correr atrás de crianças, “roubar” um queijo, uma galinha; além disso, nas cidades tem de respeitar vários códigos de convivência urbana, controle justificado até com referência ao ECA, e reflexões sobre o impacto do medo sobre as crianças,

E outro, que palhaço, de primeiro, podia pintar e bordar. Chegava numa casa aí, um palhaço que era criativo, chegava numa casa, a folia está chegando aí, ele já está olhando o terreiro, se tem uns ninho de galinha por ali, um poleiro, e ali pintava e bordava. Eu mesmo tenho um irmão, que ele passou numa janela e entrou num quarto pra pegar uns queijo [inaudível], e apertou ele, ele foi obrigado a passar por uma janela e pular dentro de uma horta, e a lama veio cá, né, e a lama caiu em cima. (riso) Aí, é bom demais! Agora hoje em dia, não. Hoje em dia se você fizer qualquer coisinha, isso está errado. Hoje em dia [inaudível]. Mas que tem muita diferença, tem. Palhaço, hoje em dia, quase que as crianças estão arrumando, porque não pode fazer nada! Se fizer a gente é obrigado a corrigir. (Sr. Roldão Correa).

O Capitão de Folia Sr. Zétinho lembra-se de quando o palhaço era o Luiz Prego, hoje Alferes da Folia do Flauzino em São Braz; conta que nesse dia o palhaço divertiu muito os participantes, fez muita graça, divertindo e dançando, o povo ficou o tempo todo aplaudindo o palhaço. Havia uma multidão de gente ao redor dele, “ele ia divertindo e dançando, e Lazinho Carvalho sorrindo e brincando com esse palhaço, sem uma violência, só na brincadeira mesmo”. O Sr. Zétinho afirma que “agora, hoje, os palhaços já não podem nem brincar mais. O palhaço na Folia, hoje, ele está quase desacreditado”. Muitos entrevistados comentaram sobre o palhaço e sua atuação hoje, e as lembranças por eles deixadas na memória dos narradores.

Pelos relatos observa-se que antigamente o palhaço podia fazer muitos tipos de brincadeiras, bater, fuçar, assustar, correr atrás das pessoas, até troça pesada, brincadeira até de machucar alguém: era brincadeira, ninguém se importava, ninguém apelava. Mexer, fazer arte, “roubar” coisa, pois o palhaço “roubava” coisas, apanhava, entrava nas casas e pegava um queijo e saía correndo. Aquilo era considerado farra. Hoje já não se faz mais, o palhaço perdeu seu “glamour” e passou a ser apenas mais um participante da Folia. As crianças não se assustam com facilidade, principalmente as do local, somente as mais novas ou que chegam de fora se assustam ou se encantam com os máscaras e suas estripulias. Alguns moradores acreditam que assustar as crianças faz mal à sua saúde.

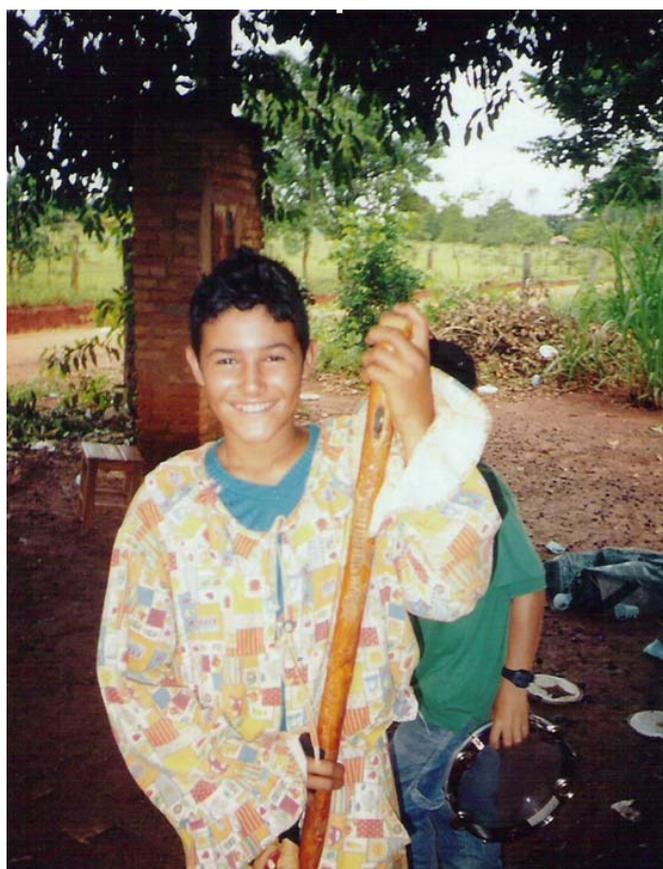
Agora, hoje, hoje se o palhaço correr com uma criança, passar um medo numa criança, a gente já tem um conhecimento maior hoje que é prejudicante pra aquela criança. Medo, hoje, não só hoje, toda a vida, o medo ele é maligno, não pode fazer medo em ninguém. Ele é prejudicante à saúde. Aí, descobrimos isso e a gente não deixa o palhaço brincar muito com a pessoa mais idosa, às vezes uma pessoa surda, às vezes uma pessoa deficiente. (Sr. Zétinho - Capitão de Folia)

Relata o Sr. Zétinho que hoje um palhaço não chega perto de criança que tem medo. Mas, antigamente, nem que a criança morresse, o folião e os festeiros ficavam rindo, achavam engraçado. “Não está podendo fazer isso mais, porque essa questão aí dos direitos humanos, qualquer coisa hoje pode condenar, pode condenar a Folia. Ah, o palhaço está roubando, o palhaço isso, fez a criança até fazer xixi na roupa”. Antigamente o palhaço não tirava a máscara durante os dias da Folia e as pessoas iam embora sem saber quem era a máscara. Hoje o palhaço tira a máscara sempre que possível, perdendo aquele ar de mistério e magia que ele transmitia. As máscaras usadas pelos palhaços são muitas vezes industrializadas, iguais às que muitos dos meninos têm

ou vêm nas lojas de artigos de carnaval ou de R\$ 1,99, não surtindo o mesmo efeito e curiosidade que uma máscara artesanal com motivos outros que não o comercial. Na lembrança dos entrevistados aqueles momentos eram únicos, como no relato abaixo:

Mas pra gente que procurou aquela infância junto com os pais pra mim a marcação que eu tive na minha vida e tenho até hoje é quando a gente foi numa festa de Reis, feita pela minha tia América do Sebastião Virgílio, lá na fazenda Malhada, a gente foi na festa chegou lá o palhaço veio ô as crianças, as crianças, abraçando todo mundo as crianças e eu era uma delas ele virou e falou assim o palhaço te ama [emociona-se] o palhaço ama vocês, e no fundo quem era aquele palhaço era meu pai, meu pai que a gente só foi saber depois no outro ano que era meu pai que tava falando que amava nós então eu devo isso a ele sou muito devota aos Santos Reis. (Sra. Claudinéia Correa).

Podemos verificar na foto 31 palhaço desmascarado durante as comemorações de Reis, algo que não ocorria até um tempo atrás, chegando-se até a cogitar de fazer uma saída de Reis sem o palhaço.



(Fig. 31 – Palhaço, ainda menino, tira a máscara durante o “giro”). Foto de Mauro Tentis. (2005)

## 2.1- Dificuldades encontradas pelo “Capitão” para dar continuidade a Folia.

A Folia de Reis - esta peregrinação fantástica que, no interior do Brasil, conserva traços de manifestações medievais, renascentistas e de procissões de um barroquismo levado ao limite - tem conseguido sobreviver como uma manifestação dinâmica, em mutação constante, aberta às influências externas naturais.

Mas a Folia está condenada à descaracterização e, no seu sentido original, possivelmente à extinção. Os grupos ativos, em Goiás, ainda são incontáveis, contando com a participação espontânea de moços e crianças, mas os problemas enfrentados pela Folia não são poucos. Além disso, as investidas externas são eficientes e/ou sedutoras.

A televisão terá sua parcela de responsabilidade, bem como missionários de algumas seitas protestantes que, ao anular radicalmente determinadas manifestações, o fazem à custa de importação de uma cultura alienígena. Perigosa também é uma tendência encontrada com inquietante regularidade em certos projetos de cultura governamentais, segundo a qual as tradições devem ser preservadas através de sua transformação em espetáculos/grupos folclóricos semiprofissionais. (MOREIRA, 1982:147).

Uma das questões que me levou a realizar este trabalho foi a conversa que ouvi há 10 anos, entre foliões que manifestavam suas preocupações não só com o progresso da Folia, mas também, a dificuldade encontrada para a formação de novos foliões. A Folia de Reis na zona rural tem mantido seus ritos, longe da intervenção da Igreja e do controle social e eclesiástico exercido nas manifestações que ocorrem na cidade. Folgado envolvido num imaginário religioso que vem de geração em geração, envolto na magia milagreira dos Três Reis Magos, a crença em suas realizações perpassa as histórias mais diversas.

Conta-nos dona Hilda Tiago, que sua mãe trabalhava na roça com sua irmã mais velha, elas estavam capinando quando sua mãe alertou a irmã para ter cuidado e não ferir o pé com a enxada. Aconteceu que ela se feriu e cortou um nervo da perna, não havia médico, apenas um farmacêutico, que era o Sr. Afonso Correa. Enquanto ele tratava a perna ferida, a mãe de dona Hilda pediu aos Santos Reis que a ajudasse, que se o nervo da perna colasse, ela iria ajudar no dia da festa de Reis, iria ajudar durante três dias, na Festa.

Aí, quando foi na ocasião da festa ela já estava passando. Santo Reis ajudou e Deus ajudou, que ela já estava caminhando! O nervão da perna dela colou. Mas foi com o milagre, mesmo. Aí então a gente festeja essa festa e Deus que a gente conhece, essas festas. Que nessa época eu era mais bem nova, estava com uns cinco anos, mais ou menos. (Sra. Hilda Tiago.)

A população acredita que basta pedir para Santos Reis e Santos Reis os ajudam. Santos Reis é um Santo, a população sabe que ele não foi santificado ainda, é um na

figura dos três Reis Magos. No seu relato o Alferes e Capitão Sr. Roldão Correa nos mostra como é fervoroso e muito sério do ponto de vista da fé um compromisso e o descumprimento dele com os Santos Reis. O povo os tem como Santo; tem fé com eles como Santo. Contam que Santos Reis é milagroso, mas é vingativo também, não abuse de Santos Reis, você pediu, fez fé, ele vai te ajudar, as coisas vão dar certo, cumpra sua parte e aguarde, mas não deixe de desempenhar seus compromissos.

O povo conta o caso de uma Folia que chegou à casa de um homem, o homem não gostava de Folia, a mulher gostava mais. Aí tinha um boi lá que ninguém chegava perto do boi, relata o Sr. Roldão que foi acontecido, não é do seu tempo, que essa Folia chegou, cantou, cantou. O dono da casa falou “olha, o presente que eu tenho pra dar pra vocês é esse boi aí. Se der conta de levar ele, é de vocês”. A bandeira foi apresentada ao boi e esse a seguiu, o boi acompanhou a bandeira, foi embora. O Sr. Roldão nos pergunta: “Por que é que nós tem tantos pedidos de bóia? Se a gente faz uma promessa pra Santos Reis, leva ali, então vamos cumprir, né?”.

Percebemos que a quebra de uma promessa feita é vista como uma ação que pode acarretar danos e castigos ao transgressor. Como afirma o Sr. Roldão, o caráter de participação na Folia vem muito da fé de cada um e de suas intenções e pedidos com os Santos Reis. Tomar parte como devoção e obrigação por uma graça alcançada, das mais diversas possíveis (saúde, quebrantos, alcance financeiro, conquistas, etc.), é condição de todo folião. Dar, receber e retribuir é uma lógica interna dessa manifestação popular de cunho religioso e profano.

Pode-se receber bem a Folia em sua casa oferecendo o lanche, geralmente bolos, café, leite, refrigerantes, cachaça, vinho, pão de queijo, queijo, lingüiça, carnes diversas, dependendo da dispensa do anfitrião e a fome dos foliões. Esse ritual acontece em todas as casas onde se recebe a bandeira dos Santos Reis, ocorrendo algumas variações de acordo com as promessas e intenções dos donos da casa. Pode haver somente a chegada com alguns versos, quando o dono da casa recebe a bandeira e a aconchega em um cômodo da casa; ou, dependendo das suas intenções, pode ser rezado o terço e muitas vezes ser pedida a cura ou uma reza pela alma de um ente querido da família ou da comunidade.

Aí, geralmente, a gente vem dos mais velhos, com a devoção. Eu mesmo tive uma benção dos Santos Reis, eu pedi, parece que Deus me ajudou e Santos Reis, sabe? Um menino meu caiu, machucou a cabeça, quebrou, e eu levei ele pra Patos. Só lá no Veracruz eu fiquei lá, 59 dias. Então, eu pedi que Santo Reis me ajudasse, que ele ficasse bom eu fazia uma saída de folia. Fiz. Depois eu fiz uma festa, agora vim fazer de novo. A gente é devoto de

Santo Reis, né? Vem todo mundo, minha família toda. Meu pai, minha mãe, meus avós. Era folião, eu não sou folião, mas tenho devoção. (Sr. Sebastião Mota - Tião Mota.)

Atuar como folião, acompanhar a Folia e ajudá-la no giro, cantando, tocando instrumento, usando a máscara ou executando as tarefas necessárias para o cumprimento das visitas e das atividades do grupo, também é uma maneira de participar da Festa. Muitas vezes as promessas, quando alcançadas, requerem do beneficiado a participação por até sete anos na Folia. Assim, ao realizar o giro, a pessoa também aprende os passos a serem seguidos na sua formação enquanto folião, visto que o aprendizado na Folia é quase todo ele transmitido na vivência da Festa e através da oralidade de seus participantes.

É o seguinte, eu sempre tive muita fé em Santos Reis. Mas com o nascimento do meu filho, há sete anos, ele nasceu com problemas de saúde, e nós fizemos uma promessa pra Santos Reis, e Santos Reis, graças a Deus, o curou. E hoje, no dia de hoje, eu estou realizando e finalizando a promessa que eu fiz há sete anos, quando meu filho nasceu. (Sr. Virgílio Neto).

O aprendizado prossegue até o ponto máximo que é ser festeiro, quando se recebe a coroa no ano anterior e se assume o compromisso de realizar a Festa no ano subsequente, sempre contando com a ajuda da comunidade. Muitas pessoas, como já observamos, impossibilitadas de tomar parte no giro (receber a Folia em sua casa, para um almoço ou janta), cumprem suas obrigações com o Santo trabalhando nos preparativos gerais das festas na região e fazem as doações para a festa de encerramento ou arremate.

Organizar uma festa não é fácil, não. Aqui, a gente diz assim, não é fácil, mas também não é tão difícil, não. Porque o povo da região tudo ajuda. A gente encontra muita gente boa que faz os trabalhos praticamente tudo. A gente mesmo, o festeiro mesmo não precisa tanto de estar trabalhando não. Ele pode ficar mais é administrando, a mão-de-obra o povo faz mesmo um trabalho voluntário, como você já viu aqui vários anos. O povo vem de longe pra ajudar. (Sr. Donizete Osvaldino – Zétinho)

Para a realização da Folia é necessário manter os foliões em compromisso com a saída, o giro, a entrega e a festa no dia 6 de janeiro. O número de participantes varia de acordo com o giro e também com as condições em que se encontra cada um no período da Festa. Algumas Folias têm em torno de 12 a 15 participantes, sendo 12 o número de apóstolos, que muitas vezes justifica o número de foliões. Segundo o Sr. Roldão Correa, Alferes da Folia dos Correa em São Braz, “a nossa Folia, completa é de vinte e cinco a trinta folião que acompanha. Agora é só uns dez, doze, que formam a Folia”, ou seja, no período em que a Folia sai fora de época, ela está minguada de parte de seus foliões que,

em muitos casos só estarão reunidos em dezembro para o giro completo da Festa, pois muitos já residem fora de São Braz. A Folia dos Correa é composta de seis vozes, tem a primeira resposta, a primeira voz, e a segunda voz, depois tem a terceira voz, que vem acompanhando as respostas. E daí por diante, vem a quarta voz, quinta voz e sexta voz, acrescida de dois caixeiros, pandeiro, dois violões, cavaquinho e o sanfoneiro, o palhaço e o alferes. Afirma o Sr. Antônio Firmino:

A folia, a tradição da folia são 13 foliões, contando com o alferes e o palhaço. Que o palhaço é uma tradição também que veio desde a época dos três Reis Santos, ele foi que desviou o menino Jesus para que o Satanás não atentasse ele. Então o palhaço faz parte da Folia de Reis.

Depois da Festa a vida volta ao normal, cada um para o seu trabalho, cada um para sua cidade, casa ou fazenda, porque há foliões que moram longe, em Paracatu, Uberlândia, Lagamar e outras localidades, até mesmo em Brasília. Uma constatação é que muitos foliões, infelizmente mudaram, mas quando é véspera de Natal, eles vêm para foliar mesmo. E os jovens estão aprendendo, de uma forma ou de outra. Os foliões marcam as férias para aquela data.

Como afirma o Sr. João Velho, vários participantes da Folia já não estão morando em São Braz, e todo ano retornam no período natalino, pois ser devoto de Santos Reis é estar do Natal à Epifania em São Braz realizando o giro de Reis. É o caso do Sr. Antônio Firmino, capitão de Folia de uma família de foliões, filho do Sr. Sebastião Firmino, capitão e formador da Folia de São Braz juntamente com Afonso Correa, e irmão de Raul Firmino, um dos maiores versistas e cantador de folia da região:

Minha esposa foi muito doente e a gente fizemos a intenção. Porque promessa, a gente não paga promessa, é uma intenção que a gente faz com os três Reis Santos, para que pega a coroa pra ser rainha, para fazer a festa. Hoje, graças a Deus, ela é sadia, é muito devota dos três Reis Santos, porque ela sofreu muito, eu também sofri. Nós passou 28 anos fora daqui do São Braz. Eu nunca falhei um ano da folia. Todo ano eu vinha pra foliar. **As minhas férias era só de dezembro, por causa da folia.** (Sr. Antônio Firmino). (Grifo meu)

A Festa ocorre na região há mais ou menos 90 anos. De acordo com o Sr. Roldão, antes havia uma só Folia para a região; transcrevo relato do Sr. Donizete (Zétinho):

Bom, João, eu tenho todo o prazer de falar disso pra você. Essa Folia ela tem mais ou menos, eu não tenho certeza quantos anos não, mas ela tem mais de 80 anos que foi criada. Foi criada pelo meu bisavô, Benedito Mariano. O Chico Mateus foi o primeiro Capitão dessa Folia. E foi vindo outros

Capitão, Zé Grande, tio Ranulfo, outros. E aí apareceu o tio Afonso Corrêa, que era um homem muito, era uma liderança aqui no São Braz. Esse giro era muito difícil, porque essa Folia ela fazia o Retiro, o São Braz, Boa Vista, Cana Brava, Gameleira, Imburana, Chapadinha, fazia isso aqui tudo. Aí o tio Afonso era uma liderança aqui na região, ele criou uma Folia na Boa Vista, dividiu o giro. Ficou de lado o rio. Criou outra no São Braz, ficou o Flozino Pereira. (Sr. Donizete Pereira)

Foi a partir da criação por Afonso Correa da Folia de São Braz, atual Folia dos Correa, que o giro ficou mais forte, com o estímulo para a formação de foliões e continuidade da Festa. A respeito da criação da Folia de São Braz, é interessante notar como variam os relatos, com pequenas nuances no histórico de sua criação e posterior subdivisão na atual Folia “do Flauzino”, ou de São Braz (1954), daí sua característica mais urbana, território paulatinamente ocupado pela Folia dos Correa. Narra o Sr. Antônio Firmino que se lembra da Folia desde o tempo de seu pai Sebastião Teixeira Pinto, mais conhecido também por Sebastião Firmino, que foi folião desde 1928, lá de Matas dos Fernandes. E desde então vem fazendo parte na Folia de Reis de São Braz, que era a Folia de seu pai e de Afonso Correa, criada em São Braz em 1954.

Atualmente é folião da Folia dos Correa, onde canta e toca violão. Conta o Sr. Roldão Correa que a Festa de Reis de São Braz está para fazer 90 anos, sendo uma das mais velhas da região, ela foi criada na Boa Vista. Boa Vista é um lugar vizinho; a Folia ficava lá por dois anos e voltava para São Braz. Ali ela era mantida pela família dos Correa e ficava um ano, dois ou três e voltava para Boa Vista onde a família dos Marcolino assumia a Folia que ficava também dois, três anos e voltava para São Braz.

Nessa época (1914), parece que só existia aquela Folia, não havendo registro de outra. Passado um tempo, as Folias se separaram, ficando cada Distrito com sua Folia, o que vem se mantendo até hoje.

Através dos relatos podemos perceber que os atuais foliões, capitães, alferes, músicos e cantadores tiveram sua formação a partir da criação da Folia por Afonso Correa por volta de 1914, atual Folia dos Correa, e posteriormente, a criação da Folia dos Correa de São Braz(1954). Todos eles participavam da Folia desde pequenos, e mantiveram a tradição de seus pais e avós. Naquela época era difícil sair de São Braz para outros lugares e as pessoas se fixavam, formando laços familiares, sociais e de compadrio em torno desse mundo rural que ora se formava. As famílias moravam em fazendas, formando um pequeno lugarejo onde hoje está situado São Braz de Minas, que a partir de 1958 teve seu estatuto resolvido com a doação de terra para a constituição do distrito.

A criação da Folia ocorre bem antes da doação do pedaço de terra para a formação do núcleo urbano do Distrito e a Festa foi durante anos o momento de encontro das pessoas para a celebração e conagração da comunidade, com grandes percursos a cavalo, acampamentos, encontros de pessoas e momento de diversas trocas. É importante frisar que nos anos 1940, 1950, 1960 e 1970 o movimento migratório para as cidades de Minas e Brasília era muito pequeno em comparação com a saída de parte da população nas décadas subseqüentes. Esta situação mantinha os foliões e seu aprendizado mais fixos na região, permitindo uma baixa rotatividade na formação das Folias. Muitos foliões desse período tocavam, cantavam, ou usavam máscara até o fim da vida ou incapacidade para cumprir o giro e todas as fases da Festa.

A formação do folião acontece via tradição, no contato com a família, comunidade, com as experiências cotidianas no campo do religioso, da devoção e imaginário rural, com suas histórias e credices do fantástico e sobrenatural. O aprendizado é longo e demanda do folião acompanhar desde pequeno a saída, todo o giro, e participar da cantoria dos versos, passando pela caixa, pelas vozes, aprendendo algum instrumento, decorando os versos atentamente para, quem sabe, posteriormente assumir o papel de Capitão ou Alferes da Folia,

Eu aprendi de ver o meu pai cantar, de ver outro Capitão cantar. Até no tanto que me empolgou de cantar de Capitão, foi ver o saudoso Flauzino Pereira, ele era um grande Capitão, tinha uma voz muito bonita. Ele era Capitão da Folia do São Braz. Eu vi aquele homem cantar e achei muito bonita a voz. E eu comecei a arremedar ele e a turma achou que dava certo eu cantar. (Sr. Zétinho)

Assim o Sr. Zétinho, atual capitão de Folia, narra seu início na Folia, seu aprendizado com os mais velhos através da observação e a oralidade dos mais antigos. Ele nos conta que aprendeu muito com seu pai, Luís Gonzaga Correa, que é o nome do Barracão construído no Cerrado (foliódromo); quando os tios, os amigos o procuraram, ele seguiu foliando. Seus versos saem de sua cabeça, de suas anotações da Bíblia, pela natureza ou de ver outras pessoas fazer. Já o Sr. Luís Prego foi levado a participar por influência dos companheiros. O Capitão de Folia, que era o mais velho, era o Flauzino, ele era pequeno e foi incentivado, achou bom e começou a cantar na terceira voz. Hoje passou a gerente da Folia de São Braz. Luís Prego foi durante muitos anos palhaço da Folia e marcou história com suas estripulias.

Um momento muito bom para o Sr. Eduardo Correa, relatado em sua entrevista, foi quando ele era bem criancinha, de nove anos, e o colocaram de pé sobre uma cadeira para cantar, ficando posicionado na altura dos foliões mais velhos, aquilo era uma honra grande. E desde aquele dia passou a pensar uma maneira de evoluir, aprender e ajudar a Folia do jeito que fosse possível.

O Sr. Eduardo Correa é citado como o último folião a ser formado pela Folia em São Braz. Hoje seu sobrinho Francis Hime (fig.32), de 14 anos, e seu filho Philipe Correa (fig.33), de 13 anos, estão se formando na prática da Folia, aprendendo com os foliões mais antigos os toques, versos e harmonias para se fazer uma boa Folia. Mas em breve, segundo seu tio e pai, eles deverão estudar fora e só estarão na cidade nos finais de ano, quando possível, evidenciando assim um dos aspectos que tornam difícil a formação e manutenção dos foliões.

De uns anos pra cá, quem tem aprendido alguma coisa, na Folia, na minha idade, foi só eu. Agora que está chegando os dois menininhos. E a dificuldade de alguém aprender, eu não sei explicar. Porque isso tem que ter uma vocação muito grande, porque não é só chegar e falar: “Eu quero cantar isso”. Não. Vai ter amor naquilo e cantar, porque é muito bom. (Sr. Eduardo Correia dos Reis).

Um trabalho que vem de geração, de família, porque o avô era folião, o pai seguiu os caminhos do avô. É sempre uma honra tornar-se um folião. Ser folião demanda devoção, sentir-se tocado pela magia da Folia, pela presença marcante dos Santos Reis na vida comunitária, seus milagres e assistência nas intenções de seus componentes. É necessário assumir responsabilidades, esforço para aprender as partes internas que compõem a cerimônia, ter ânimo e disposição para as caminhadas.

Hoje quase todo o giro é feito de carro, porque parte dos foliões já é sexagenária e o percurso já não pode ser realizado como antigamente por questão de saúde e idade de alguns foliões. Todos os membros da Folia devem também aprender e respeitar as regras estabelecidas para o giro: não se podem passar os instrumentos por debaixo dos arames ao atravessar uma cerca, a Folia não pode cruzar um caminho onde ela já passou, etc.



(Fig.32 - Francis Hime - aprendiz de folião) Foto de Mauro Tentis,2006.



(Figs. 33 - Em 2006, Philippe Correa, foto acima e Francis Hime, foto anterior, já participavam da folia; atualmente fazem parte dos foliões da Folia dos Correa). Foto de Mauro Tentis.

Existe todo um aprendizado instrumental variado e múltiplo por parte dos novos foliões, que são estimulados a aprender o básico de cada instrumento, ou pelo menos a viola ou violão, sanfona, caixa e pandeiro, além de cantar nas vozes. Pode ocorrer que um folião sinta-se melhor em determinada função e ali permaneça por muitos anos, mas, precisando, ele poderá fazer as vozes ou tocar pelo menos a caixa e o pandeiro.

Assim a Folia forma seus foliões para uma auto-suficiência em seus quadros. Mesmo quando o folião mora em outra cidade, quando retorna assume suas funções na Folia e participa da Festa de modo a contribuir para com a devoção aos Santos Reis.

Inclusive, eu tenho meu sobrinho que hoje está cursando a faculdade, que é folião nosso, que é sanfoneiro, que eu ensinei, e agora daqui a qualquer mais uns dois ou três anos, meus dois sobrinhos e meu filho também está indo embora, procurar um objetivo, uma carreira na vida, estudar. E eu não posso segurá eles devido à Folia. Eu quero ajudar a Folia, mas eu tenho que ver o lado dos meus filhos estudar. (Sr. Eduardo Correa).

Para Philipe Correa a função de aprendiz de músico de Folia o auxilia também no desenvolvimento de habilidades, momentos de diversão e responsabilidades com a comunidade, dando-lhe possibilidades de estudar e não se envolver em atividades que poderiam atrapalhar seu percurso como folião.

Porque aqui no São Braz tem pessoas que se interessam mais em música do que nos outros municípios nossos, aqui, como Retiro, Morrinhos, Catirina. Eu acho importante porque, assim, se um jovem se interessa pela música, não vai se interessar por drogas ou outras coisas. (...) Tem, e muito. Porque hoje em dia quase não se vê jovens aqui em São Braz andando à noite, é só em festas mesmo. (...) Sim, tem ajudado em ajudado a gente a crescer, a se tornar mais maduro, no decorrer da vida. Emprsta instrumento. A sanfona da folia aqui de São Braz, ela fica lá em casa, pra eu poder aprender mais próximo. Influencia muito, né. Meu pai toca violão, vai acompanhando. (Philipe Correa).

Os meninos e meninas de São Braz saem muito com a Folia, seguem seu roteiro indo de fazenda em fazenda, de casa em casa, mas de certa maneira só para diversão, sem um comprometimento maior com a devoção. Muitas vezes vão somente para mexer com o palhaço, comer a bóia e brincar nas roças. Já os que estão fora da cidade chegam para a Folia nem sempre para a devoção, e sim para um reencontrar com familiares e amigos, assistindo a Folia, mas ficando mais nas fazendas e roças, andando a cavalo, tirando leite no curral, colhendo frutas da época, caçando, pescando, vivendo nesse dia lembranças da infância em beira de rios, correndo atrás de animais no pasto.

Que eu fui criado correndo, é o rio Paracatu, né, aqui, que a gente pescava. As fazendas dos meus tios. Na época o meu pai não tinha fazenda ainda, né, na infância, e a gente ficava mais na fazenda dos tios, montando em cavalo. Sem dúvida é essas coisa que, e sem falar nas Folia de Santos Reis, que era as festanças, né, os forró da roça. (Sr. Virgílio Correa).

Ah, os rios, eu gosto de rio, eu gosto de pescar, gosto de rio. Pescar, gosto dos matos. Ah, a sinuquinha também é bom, né, gosto. E as fazendas aqui, muito bom, tudo. Tem muitas fazendas boas aqui, lugar bom de ir, tem córrego de praia boa, igual Gameleira, igual Imburucu, ali. (Sr. Braz Mateus).

Nos últimos 10 anos a Folia de São Braz ganhou forte incremento com a vinda a cada ano de mais pessoas que querem conhecer, ou participar da Festa. O entorno de São Braz (distritos e sede do município) comparece em cheio na cidade aos finais de semana. Os bares ficam lotados, bebidas, jogos de sinuca e o prostrar na calçada fazem parte desse cotidiano, além de um desfile de pessoas, carros, roupas e tudo que pode identificar a ascensão ou transformação social do indivíduo.

Os migrantes, na maioria jovens, trazem consigo todo aquele mundo urbano no qual agora vivem: carros com som muito alto, músicas das paradas de sucesso como o funk, hip-hop e ritmos comerciais brasileiros; laptops, ipod, iphone, DVD, e tudo que é tecnologia portátil contemporânea, num sinal de consumo urbano que não existe em São Braz, onde não há uma loja sequer de móveis e eletro domésticos. Enquanto uma parte significativa dos visitantes, migrantes e moradores seguem a Folia, outra parte fica no comércio dançando, bebendo, jogando sinuca ou papo para o ar, o que produz um movimento muito grande na cidade.

A cidade, João, ela fica movimentada. Aqui vem gente de Brasília, vem gente de Uberlândia, vem gente de Patos, gente de vários lugar, que às vezes foi criado, nascido e criado aqui, né, e gostava dessa festa, dessa farra aí, e hoje mora longe. E até inclusive traz mais amigos pra, com eles, ali, alegrando, nessa passagem de ano. Porque a Folia, eles traz assim uma lembrança, como se fosse o nascimento de Jesus, né? E então o povo alegre com aquilo. (Sr. Ivando Ribeiro da Silva).

Aqui, no tempo de festa, no período de festa, a relação com o povo aqui, aumenta muita gente. Do dia 24 em diante, aqui, até no dia 6, é um movimento de gente, é por causa mesmo das festas de Reis. Por isso o povo reúne e tem muita festa aqui ao redor. Então o povo reúne. Aqui na rua mesmo é uma multidão de gente que é uma beleza. (Sr. Luís Machado de Souza - Luís Prego).

Diante desse panorama, a influência da cidade e as necessidades apresentadas pelas gerações mais novas, e que são na maioria das vezes os anseios dos próprios pais, os foliões mais antigos enfrentam a necessidade de formar novos foliões, não só pela idade dos foliões, mas também devido ao vulto e dimensão que apresenta a Festa hoje. Durante o ano os instrumentos são emprestados aos mais jovens que se propõem a estudar e desenvolver as habilidades para o instrumento escolhido (acordeão, viola, pandeiro, cavaquinho). A saída da Folia fora da época é uma ocasião especial para esses meninos, quando muitos foliões estão ausentes, pois moram em outras cidades, e a possibilidade de executar o que foi treinado surge nesse momento.

O encontro regional de Folias que ocorre em julho abre aos mais novos o contato com as Folias de toda a região, com formações diferentes, Folias femininas ou mistas onde muitas vezes o papel de Capitão é exercido por uma mulher, e o uso de instrumentos como teclado, sopros, percussão que não fazem parte da Folia de São Braz. Tudo isto mostra aos mais novos os caminhos que a Folia vem construindo nesse contato dinâmico, criativo, com a modernização do meio rural e com a influência exercida pelos grandes meios de comunicação sobre as manifestações e folguedos populares. (V. cartaz em anexo)

Olha, até existe uma idéia de criar uma escolinha de Folia de Santos Reis, aqui de São Braz. Uma idéia muito boa, só que ainda não saiu do papel. Mas se isso acontecer, nós vamos tentar resgatar essa turma que está aí, que esses jovens que estão chegando aí, com 10, 15 anos, pra aprender a Folia. Porque hoje, infelizmente, hoje os jovens estão mais é acompanhando a Folia, na verdade é poucos. (Sr. Virgílio Neto).

A comunidade, além de acompanhar e estimular os mais novos na prática dos instrumentos, aponta algumas possibilidades, como a criação de uma escolinha para as crianças, e o Capitão Zétinho aponta para uma participação ou envolvimento do Governo Federal com verbas para a manutenção da Festa.

Porque a Folia, ela, eu não sei o porque que é a discriminação que pode ter nela, que não existe uma forma da Folia receber, ela não tem um projeto assim de ter uma verba do Governo Federal, por exemplo. O Governo do Estado paga todo o tipo de esporte. E a Folia de Reis, nada menos, ela é um esporte também, ela é um lazer, ela é um folclore e não consegue. Inclusive eu até já falei isso numa Câmara, um dia, enviando para o Ministro da Cultura, que procurasse um forma, um projeto lá, que poderia distribuir verba pras Folias de Reis, porque nós estamos recebendo aqui, nesse barracão nosso aqui, no dia 6 de janeiro nós vamos ter aqui no mínimo três, quatro, cinco mil pessoas. (Sr. Donizete Osvaldino - Zétinho).

O Governo municipal já participa na organização da Festa. Construiu o Barracão (Foliódromo), conserta as pontes, passa máquinas nas estradas, disponibiliza transporte para a comunidade, e estimula o turismo para o município. Cabe perguntar se o Capitão de Folia tem noção das implicações que verbas poderiam trazer e do grau de intervenção que isso demandaria, visto que o cerne da Folia é sua peregrinação de casa em casa recebendo donativos para a manutenção e realização da festa no dia 6 de janeiro pelo festeiro.

Sem a ajuda da comunidade a Festa não sai, sua crença, devoção e fé no que está vivenciando é que mantém o espírito do sagrado no imaginário das pessoas, e que dá forças ao grupo para ano a ano recomeçar o “giro” e manter suas tradições, sempre se ressignificando. Lembrando que, de acordo com a resolução da Unesco, o respeito em

relação às comunidades, aos grupos e aos indivíduos envolvidos nas manifestações populares como a Folia de Reis se enquadra no conceito de patrimônio imaterial sendo, portanto, objeto de conhecimento e informação para as gerações mais novas.

Entende-se por “Patrimônio Cultural Imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este Patrimônio Cultural Imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, 2005).

O ritual da Folia vem sendo mantido de acordo com a tradição dos mais velhos, de acordo com a memória coletiva da região, com as histórias contadas no final de tarde nas fazendas, roças e calçadas da cidade. No período das festas é quando aparecem os conflitos ocasionados por esse controle da Folia nas mãos dos mais velhos, que não vêm com bons olhos a modernidade dos jovens migrantes e seus hábitos adquiridos no convívio urbano, e comentam o descaso dos mais novos com a participação na Folia, e os ritos do festejo.

O interesse do jovem é muito pouco. Ninguém não quer. Eles quer saber é só de ir pra festa, brincar e farrear um pouquinho, né, mas ajudar assim é muito pouco. Tem que ir pedindo, conversando, às vezes entra algum(...) não dá pra foliar mais, os folião vai morrendo, vai cabando né, aí eles vai passando pras outras folias pra ajudar. Algum jovem entra, mas é muito pouco. Não é igual de primeiro, que a pessoa ia e fazia aquilo direto, né? Hoje eles não tem muita ilusão não, porque você vê que essas folias assim, você pode prestar atenção, que tem mais é só gente de idade, né? Os novo não estão querendo nada não. Quando os pais dá uma ajuda, eles até vai pra frente. Aqui em casa, aqui em casa é muito neto! É uma porção de filho. Eles não quiseram nada. Tem sanfona, tem viola, tem tudo, ninguém quer aprender ajudar. Tem jeito de fazer, ir sem a vontade, dá não. Tem que largar. (Sra. Hilda Tiago).

Observa-se não só o desinteresse pelo aprendizado instrumental e vocal que a Folia requer, mas também as atitudes perante os momentos mais religiosos da Festa como o terço e a busca do Rei e da Rainha. Hoje fica muito patente nos giros, quando entramos em uma residência e assistimos à entrega da bandeira ao anfitrião, e os versos são cantados, alguns dos participantes estão bebendo, ouvindo música ou contando histórias, traço de uma nova postura perante a Folia e de um olhar direcionado preferencialmente para outros momentos e interesses na Festa, que já não o de seus pais, avós e população local. Muitos ainda cumprem os rituais da cerimônia: atenção na chegada, audição dos versos e cantos de louvação, integração com as peripécias do

palhaço, e entendimento de suas brincadeiras e críticas, assim como a participação no momento de se rezar o terço.

Pude observar que de alguns anos para cá diminuiu muito a participação das pessoas na reza, ficando sempre apenas as mesmas pessoas e o tirador do terço. Muitas casas já não montam o altar para receber a Folia, utilizam o presépio de Natal e não pedem a reza do terço, ou suprimem esse ritual para servir mais rapidamente o jantar ou almoço. Isso acontece muitas vezes também pelo atraso da Folia, que encontrou problemas no cumprimento do giro (carro estragado, ponte caída, encontro de bandeiras, dificuldade de acesso aos locais, etc.), e para não cansar mais os foliões o dono da casa retira a reza do terço e antecipa a comilança para que os foliões possam descansar.

Olha, no passado, a folia era mais religiosa. O passado, a Folia seria mais religiosa, porque chegava a hora de rezar um terço, o Capitão da Folia, os próprios pais, os próprio foliões intimavam todo mundo pra ir rezar o terço e o povo ia mesmo. Agora, hoje, hoje nós recebe um volume de gente, nossa festa cresceu muito. Nós recebe um volume de gente que só anda de carro, chega a hora de rezar um terço, ele quer escutar é um som, ver um DVD, uma coisa, outra, e no fim a gente fica ali só com aquele pessoal mais religioso ali, mais os folião, mais os pessoal mais velho, é pouca gente nova hoje que está indo ajudar a rezar o terço. (Sr. Donizete – Zétinho)

O carro, com o som automotivo e aparato de DVD, tornou-se o vilão da modernidade para o morador de São Braz. A noite é do som estridente dos carros, um ao lado do outro com ritmos diferentes. Quando estive em 2007/2008, os ritmos mais tocados eram o funk do AR-15 e Rachadinha, os forrós e os sertanejos, variando a altura do som conforme a capacidade da aparelhagem de som. Os moradores e visitantes passam a partir do término da janta da Folia a se concentrar nos bares da cidade, onde se bebe muito, vindo inclusive uma barraca de bebidas baianas como o capeta e seus congêneres, para incrementar um pouco mais a praça. Uma parcela de meus entrevistados apontou o uso do som como exagerado e desrespeitoso com os momentos internos da Folia, inclusive lembrando que no período festivo de 2005/2006 o cabo de polícia tentou fazer valer a lei aplicando multas, apreendendo pessoas e carros, obtendo por parte dos moradores antigos amplo apoio no controle aos mais jovens. Porém, não agindo de forma parcimoniosa, acabou se excedendo e foi transferido para outra localidade.

A juventude tá mudando, os mais novos tem outra mentalidade, tem outra infância, não existia som, quase nada. Folião canta por ali e os jovens ouvindo som pra lá. O mais jovem faz [participa] sem pensar, acreditar. (Sr. Valdomiro Correa).

Além da bebida, músicas eletrônicas e carros, outros elementos da vida urbana têm chegado a São Braz trazendo desconforto para os moradores locais e preocupações para as famílias. Estas terão que aprender a lidar com tais fatos e vivenciá-los no cotidiano, principalmente o alcoolismo e as drogas, que passam a fazer parte desse processo modernizador da região e são legados do contato com o mundo urbano e suas peculiaridades.

Sobre os jovens, até uma dificuldade nossa aqui, de nós, que já é mais velho, a dificuldade nossa com eles é uns muda, outros fica, os que fica na cidade então eles não tem devoção. É igual eu estou falando pra você, a devoção deles é bebida, é aquela droga, que aqui no São Braz está tendo muita já. Então a preocupação nossa com os jovens está sendo essa aqui. É o maior trabalho nosso que está tendo, é isso aí. (Sr. Luís Prego - gerente da Folia de São Braz - Flauzino)

Um aspecto que ressaltou nas entrevistas e que tem provocado algumas falas é quanto ao giro que, além de ser feito quase exclusivamente de carro, o que como afirma o Sr. Valdomiro Correa em seu relato, é incoerente, pois o folião não vai porque é mais custoso, acostumou-se com o giro feito com o carro, vai lá reza, canta e depois vai pra casa ver TV. O giro por causa disso fica minguado, muito curto, indo de uma casa ao lado da outra, ou muito perto uma das outras, já que o distrito tem poucas casas. Há Folia que recusa o giro se não for possível ir de carro. Depois que a folia dos Correa começou a fazer o giro dentro de São Braz, as visitas às fazendas e sítios da região foi minguando, em razão da preferência da Folia pelas casas na cidade.

Além de deixar lembranças, os festejos nas fazendas eram próprios para a Festa, pois o espaço é amplo, o palhaço tem mais desenvoltura para realizar suas acrobacias. Já na cidade não se conserva o mesmo ritmo, pois o barulho e outras intervenções urbanas (buzinas, carros, som alto, etc), fazem com que no momento do ritual a concentração seja dividida pelo espaço da rua; o que não acontece com a Festa realizada na fazenda, onde as condições permitem maior interação entre os foliões e participantes da Folia nos ritos, na ceia e nas rezas com a população, que lá está com toda a sua devoção.

Ah, sem dúvida, que eu acho hoje o som, as lanchonetes. Então tira um pouquinho esses jovens de estar. Antigamente era na roça, o pessoal tudo morava na roça. O que acontecia? Não tinha esses envoltimentos, bebida, né, de lanchonete, de som ligado nas ruas. Antigamente não existia isso. Então isso está tirando um pouco dos jovens. Os jovens ficam mais na rua andando, girando, e esquece um pouco da devoção a Santos Reis. (Sr. Virgílio Neto).

Para alguns existe preocupação, porque infelizmente a Folia está perdendo um pouco daquilo que era muito apreciado no folguedo, e que foi uma de suas

características por muito tempo, a festa da roça. As festas de Santos Reis eram na roça. O povo se juntava na fazenda, fazia ranchos de palha pra servirem as pessoas. E hoje as festas estão mais na cidade, tanto dentro de São Braz, quanto lá no Cerrado. Para o Sr. Virgílio Neto “essa modernidade que eles estão trazendo, (...) na minha opinião, prejudica toda a tradição da Folia de Santos Reis. Deveria ser na roça, ali a onde a pessoa chega, vê a fazenda. Era bem melhor na roça”.

Hoje nós anda de carro! (riso) Infelizmente, saiu muito da tradição. Porque de pé era muito mais gostoso. Nós saía aqui, nós almoçava aqui no [inaudível] sempre, era um lugar marcante pra almoço, e subia a serra aí, dobrava aí, com chuva ou sem chuva. Tinha que ir, de a pé. E por lá a gente rodava duas noites. Aí depois, hoje não, hoje já vai de carro. Mudou muito, né? (Sr. Milton Correa).

Segundo o relato da Sra. Claudinéia Maria a transformação hoje em dia é visível, porque antigamente os foliões e comunidade andavam quilômetros e quilômetros, na época se falava em léguas e não quilometragem, a pé, os pais carregando os filhos na cacunda para participar da Folia de Reis. Os córregos cheios, as pessoas dobravam a barra da calça para não molhar, iam debaixo de chuva, levavam a roupa numa sacolinha de plástico para fazer a troca quando chegassem ao local, geralmente uma fazenda ou sítio.

Para ela o que era feito na roça era mais sagrado, trazendo um tempo de infância que com o giro mais urbano, com a construção do “foliódromo”, também denominado barracão, com o uso do carro para o transporte, torna esse tempo do lembrar, como ela mesma afirma. “o tipo da antiguidade que era o meu tempo de infância era muito mais gostoso”.

O que nos leva a refletir sobre essa construção do passado como um tempo melhor, mais próximo das pessoas, quando muitas vezes o carro, o próprio barracão, os giros mais urbanos são características dessa apropriação pela Folia dos aspectos modernos que vão interagindo com o festejo, agregando novas formas de fazer o roteiro das casas a serem visitadas, aumentando o volume de alimentos a serem consumidos, assim como a sua variedade, trazendo novas maneiras de participação na festa, agora com outros papéis que a estrutura e dimensão da Folia alcançaram em São Braz de Minas.

Pelo fato de a cidade possuir uma parcela da população vivendo na área urbana e aí se fixar o comércio com suas lojas de produtos agrícolas, mercearias e mercadinhos, é também denominada de comércio; atualmente, uma questão que tem levantado

comentários sobre o giro realizado no comércio ou na cidade, é a venda de bebidas e produtos nos locais de almoço e janta para os foliões.

E sobre o comércio, o comércio também vem, porque o povo hoje bebe muito. Ele começou vendendo um refrigerante, nós começou não aceitando a vender cerveja. E depois nós começou a achar que o refrigerante era saudável e seria bem vindo um comerciante vir vender um refrigerante. Geralmente, você vai fazer uma festa, não tem umas águas preparadas, água filtrada, não tem uma água boa. Dá um calor danado, você vai ali e toma um refrigerante, principalmente se for de limão, é pra seu bem, né? E aí nós passamos até a convidar alguém pra vir. Agora, hoje, nós temos uma estrutura muito boa aqui, nós estamos falando de frente com ela. Uma estrutura muito boa aqui, que o prefeito deu uma ajuda aqui e fizemos esse barracão aqui, que comporta muita gente. Nós estamos até proibindo essa venda aqui. Esse ano nós ainda vamos aceitar a venda do comércio. **! ós vamos criar um comércio para a Folia de Reis.** (Sr. Donizete – Zétinho). Grifo meu.

Hoje existe muito comércio no dia da festa, em torno do festejo. (fig. 34) Porque na Festa dos três Reis Santos, a bebida e comida são oferecidas pelo anfitrião, não tem nada pra vender, não tem nada pra cobrar. Mas muita gente vai com barraca para realizar suas vendas. Segundo relato do Sr. Antônio Firmino isso já passou a comércio, não para eles da Folia, mas para o pessoal do comércio, “A transformação é essa que eu falei, de ter muita gente, mas já tem muito comércio que faz aquelas barraquinhas, de lado, pra vender”. Ele acredita ser importante lembrar que não é a Folia que faz o comércio, mas pessoas da comunidade que exercem esse papel nos encontros. Porque às vezes a pessoa chega, fala, “ah não, lá eles estavam vendendo”, levando a pensar que a prática dos que vão vender seus produtos, tem relação com os foliões ou é organizada pelo Alferes e a Folia.

É importante deixar claro que a Folia não comercializa nada e sim membros da comunidade ou migrantes que levam os produtos, principalmente cerveja, para venderem nos giros. Para maior clareza observar acima a fala do Sr. Donizete Correa, e perceber que há uma preocupação dos capitães das Falias em pensar uma alternativa para a venda de produtos durante os seus giros. O Sr. Virgílio Correa, faz referência ao comércio na Festa em sua fala:

Assim, a cerveja. Hoje virou um pouco um ramo de negócio. Hoje a pessoa vem de longe trazendo latinha de cerveja e vende na festa. Isso quebra um pouquinho também daquela (sic), porque antigamente era aquela pinga de alambique, fazia na roça, né, a pessoa tomava ali na hora da festa. Hoje, não. Hoje o cara está mais invocado com a cerveja, que o cara vem trazendo lá de outro, já leva o dinheiro daqui pra outro lugar, né? Então, isso não, eu acho que não contribui nada, nada pra melhoria da folia, nem da tradição de Santos Reis. (Sr. Virgílio Correa).

È característica da Folia, o anfitrião oferecer a bebida, geralmente antigamente ele oferecia vinho, cachaça de alambique ou comercial e às vezes conhaque. O Sr. Virgílio relaciona o comércio na Festa como uma mudança na tradição, e aponta para uma das características da modernização das práticas internas da Folia: a apropriação de elementos trazidos por seus migrantes e integrados ao giro da Festa, sem, no entanto deixar de ser percebido pela comunidade e receber suas críticas.

É, antigamente sempre foi o festeiro que colocava os litro de pinga, de vinho, né? E hoje não, hoje também é ele, ele oferece também, como eu ofereci ontem, a bebida. Hoje, não. Hoje, além daquela bebida que eu tô servindo lá, a cachaça, existe o outro lado que é a cerveja, o comercial, lá fora, né? Essa parte de comercial que eu acho ruim, porque tira um pouquinho daquela, da tradição da folia de Santos Reis, né?



Fig.34 - Vendedor de cerveja em jantar de folião em São Braz de Minas. Foto de João Venâncio. (2007)

Fazer a festa no comércio (cidade) é diferente de fazer na roça. Inclusive a saída, que é feita no galpão comunitário de São Braz (não confundir com o barracão do Cerrado, o “foliódromo”), torna o evento mais sisudo, com um ar até oficial, com as pessoas vestidas de maneira elegante, esperando a janta; muito diferente do que se fazia na saída na roça. Fazer no comércio, ou seja, na cidade, onde as pessoas se reúnem para jantar e um bate papo com os amigos, uma farrinha, e quando chega a hora de rezar, ficam praticamente apenas os foliões e os festeiros, com poucas pessoas presentes para

rezar o terço. Reúne-se mais pessoas na hora da janta, em seguida elas vão para a rua, nas lanchonetes, bares, beber e jogar uma sinuca, ou ouvir música nos carros estacionados ao longo do meio fio. Não estão ali para a Folia. Na roça, segundo o Sr. Milton Correa,

O que a gente vê é que o pessoal vai lá pra aquilo, sabe que vai pra aquilo! E no comércio não, no comércio às vezes está lá na rua, por ali, por acaso, “ah, está comendo ali” e tal. E na hora da reza você não vê ninguém. A mudança que eu vejo é essa.

Diversos estudos recentes apontam que hoje, depois de ter experimentado um importante desenvolvimento no mundo rural e de ter-se ali estruturado longe da tutela da Igreja e do controle das autoridades urbanas, ocorre uma prática cada vez maior de Folia de Reis em cidades pequenas e mesmo em bairros de cidades maiores como Rio de Janeiro e São Paulo. Os trabalhos de Machado (2006), Moreira (1982), Silveira (2006), apontam como um desenvolvimento natural a Folia no meio urbano, contando com as regras de horários e de trânsito para o giro e a cantoria.

O deslocamento da população rural para as cidades conseqüentemente levou consigo suas crenças, festejos e comemorações, numa troca de espaços e papéis importante para a manutenção de suas Festas. Interagindo com a nova realidade, seus festeiros se adaptam como podem, ora com instrumentos diversos como o teclado, o clarinete, violino, ora com a culinária, não podendo corresponder ao da roça se reorganizam com similares da cidade, como o frango de granja ao invés da galinha caipira, o porco do açougue, sem a matança e limpeza que por si só já era outra festa, com papéis definidos, muita solidariedade, descontraimento, brincadeiras e conto de causos.

Mas apesar das variações as Foliás, tanto no mundo rural como no mundo urbano, mantêm uma base comum relativa às datas, à devoção aos Santos Reis, os seus giros, donativos, e uma variedade que o regionalismo com suas populações migrantes vai acrescentando ou retirando, muitas vezes ressignificando suas práticas, sem, porém, deixar os traços que os festejos deixaram na lembrança e na prática das pessoas em seus locais de procedência.

As variações que há entre elas se devem, logicamente, às variações da própria Folia conforme as regiões – mineira, baiana, goiana, com pouso, sem pouso, com palhaço, sem palhaço etc. No essencial do ritual, elas são coincidentes, no sentido de se referirem à Folia como um ritual itinerante do catolicismo popular, atualizando a memória da narrativa bíblica da visita dos Reis Magos ao Menino Jesus, oferecendo

cânticos e preces e pedindo ofertas para os festejos finais do giro de cada ano. Apesar da localização rural da Folia de Reis, presente em algumas definições clássicas, o intenso êxodo rural ocorrido nas décadas de 1960 a 1980, no Brasil, provocou um significativo deslocamento dessa prática, que saiu de uma localização predominantemente rural para uma localização que hoje já se pode dizer majoritariamente urbana, com festivais e encontros de Folias em diversas regiões do país.

A religiosidade ainda predomina, mas, aos poucos, vai sendo deteriorada por influências externas, como, por exemplo, a tentação exercida pela possibilidade de gravar comercialmente as músicas de Folias, quase sempre resultando em um semi-profissionalismo de qualidade discutível, o distanciamento dos mais jovens em relação à reza do terço e demais elementos religiosos da cerimônia. Um dos momentos mais marcantes para os entrevistados é quando vão buscar o Rei e a Rainha, ou seja, a culminância da festa, a passagem pelo arco assegura a certeza de que alguém vai dar continuidade à tradição e pegar a bandeira para o ano seguinte.

O almoço do Rei e Rainha é servido em mesa separada, e após a reza do terço é passada a coroa ao festeiro do próximo ano. As fotos 35, 36 e 37 mostram mesas de almoço do Rei e Rainha em momentos diferentes da Folia de São Braz. Os foliões chegam cantando, dividindo a cantoria em duas partes: a chegada da bandeira e a passagem da coroa. Na primeira parte os foliões passam pelo arco montado na porteira ou entrada da casa, e cantam no altar, e em seguida se faz a entrega da bandeira, o que marca o final do giro nesse ano. Em São Braz antigamente só se conhecia o festeiro no dia da festa, e muitas vezes ele era escolhido na hora, em acordo realizado pelo Capitão da Folia com o indicado.

Mas quando você passa as coroa, arruma novos festeiros, terminou ali numa boa, graças a Deus, terminou numa boa. Que a gente volta pra casa, naquela missão que cumpriu direitinho ali a parte da gente, por exemplo, sem fazer coisa errada ou o que, eu acho também que é uma coisa muito importante que eu acho, quando a gente termina a festa, que entrega. E ali arriou todos ali, “pro ano se Deus quiser nós vamos estar juntos e tal, tal”. Passar a coroa é um momento de renovação. Que todo mês, todo ano, aliás, todo ano tem a mudança. Dois rei, né? Tem o rei e tem a rainha, e no momento que termina a festa, que está terminando a festa ali, a gente passa. Antes, passava no susto, sem contar quem. O palhaço que é chefe de passar as coroas, falava na hora, né? E falava, “fulano, não conta pra ninguém não”. Ia lá, era o susto. Hoje não, hoje tem pedido de vários anos, né? Inclusive tem um caderno aí de vários pra frente. (Sr. Milton Correa).



(Fig. 35 – Mesa de almoço para o Rei e Rainha). Foto cedida por Genova Alves. (2001).



(Fig.36 – Mesa de almoço para o Rei e Rainha- 1975). Foto cedida por Antônio Firmino.



(Fig.37 – Mesa de almoço para o Rei e Rainha). Foto cedida por Antônio Firmino. (década de 1980).

### CAPÍTULO 3

#### ANÁLISE DOS RESULTADOS

Quando iniciei a pesquisa minha preocupação e foco era perceber que dificuldades encontrava o Capitão para formar novos foliões, visto que em poucos meses vários foliões faleceram ou ficaram doentes, desfalcando assim a Folia naquele ano (2003). Eu percebia que os mais novos não se envolviam com o rito da Festa, mas estavam presentes em todos os outros momentos, e que muitos deles estavam fora a trabalho ou estudo procurando uma formação e condições de vida nas cidades e mesmo no estrangeiro, como é o caso do festeiro do ano de 2007/2008, que mora na Bélgica. Mas também me aguçava a curiosidade verificar essa religiosidade, a devoção tão clara, carregada de simbolismos: altares, bandeira, palhaço, uma cantoria diferente com umas vozes numa afinação e tom tão anasalado que muitas vezes ficava difícil entender a resposta.

Algumas explicações emergiram das entrevistas confirmando parte da literatura por mim estudada. Machado (2006), Silveira (2006), Neiva (2006), apontavam para a migração em busca de acesso à educação e trabalho como os maiores obstáculos para a formação e manutenção de novos foliões no meio rural, além da chegada dos meios de comunicação. Yara Moreira (1982:147) apontou a televisão como um elemento modernizador estimulado pelo governo militar para homogeneizar culturalmente o país dando-lhe uma cara uniforme, e tratando as manifestações culturais pelo viés do

folclore, como componentes da identidade nacional, e interferindo na produção das festas e folguedos pelo Brasil.

A produção cultural atualmente é realizada longe das comunidades<sup>15</sup>, do “local”, como exemplo a produção de TV parabólica ou a cabo, que mesclam canais nacionais com canais de vários países, com predominância da produção norte americana. Produz-se CD sertanejo em Los Angeles para consumo no mercado interno brasileiro. Esse deslocamento e distanciamento da produção cultural da população pelas grandes empresas de entretenimento mundial reforçam as produções locais e independentes, assim como a importância da Folia de Reis, num movimento de fortalecimento, crescimento e reconhecimento da cultura local. Mesmo se ressignificando, se apropriando de elementos da modernidade em sua prática, a Folia é uma demonstração de resistência/convivência a essa produção cultural industrial.

Na Folia o cantar e tocar é artesanal, ali no improviso, o Capitão puxa o verso e a comunidade se faz representada em sua cantoria, obtendo suas graças e prestando sua devoção num momento de afastamento dessa cultura de consumo de massa onde a identidade de seus membros e os laços comunitários permitirão no ano seguinte a continuação da Festa e sua devoção.

Em São Braz de Minas novos foliões vão se formando, assim que os meninos tiverem idade de irem estudar fora e a necessidade se fizer presente eles irão para a cidade em busca de melhorias na educação e formação para o trabalho. Acredito ser esse não somente um dos fatores que dificulta fixar o folião em sua cidade como também ser elemento importante para o contato com outros meios de informação, outras culturas, culinária diferente e rápida, trabalho em comércio, fábricas, casa de famílias, ou moradia em casa de parentes, tudo isso provoca mudanças no ritmo de vida e proporciona outros olhares para o mundo e um corre-corre onde o tempo também ganha outras proporções. Frotchengarden (2005), fala de desenraizamento, um conceito para o contato com o mundo urbano pelas populações rurais, onde,

Elementos da realidade contemporânea vieram a imprimir uma lógica da descontinuidade sobre a experiência humana. Vivências de ruptura são

---

<sup>15</sup> Yara Moreira (1982:133) afirma, “Nos últimos anos, porém, a Folia (dissociada do ritual) tem se transformado em música de consumo, sofrendo um processo de descaracterização acelerado, embora não tenha atingido os últimos estágios. O primeiro passo talvez até por devoção, foi a gravação de temas de Folias por grupos ainda originais, musicalmente um tanto marginalizados. Esse repertório foi aceito e consumido comercialmente por uma boa parte do país, e a consequência imediata lógica foi o surgimento do “folião profissional”, que apareceu para explorar o novo filão que veio substituir os White Christmas e os Tannenbaums importados e desgastados”.

marcas de um tempo em que os imperativos econômicos passaram a mediar mesmo as relações interpessoais, em que a globalização emergiu como ameaça às tradições, em que o cotidiano se acelerou de forma inaudita e em que a identidade dos homens mais estreitamente vinculou-se a suas façanhas pessoais. (2005:5).

O mundo rural, construído com trabalho e incertezas, só foi possível porque se sustentou em uma economia de subsistência, na qual se sobressaía a solidariedade vicinal, laços de compadrio, a fé e a religiosidade sustentavam a crença em um mundo melhor, regulando e reproduzindo a moral e os costumes. A partir de 1970, com a abertura de novas fronteiras agrícolas que transformaram o cerrado em terras produtivas e lucrativas, café, soja e milho devastaram paisagens e pequenas propriedades, concentrando riquezas e fartura nas mãos de alguns, alinhando o mercado regional ao nacional agroexportador e alteraram o ritmo de vida e produção das comunidades interioranas e camponesas do país, como afirma Machado (2006: 3)

As traições e os mutirões, as promessas ao pé da cruz, os terços cantados, as festas de Reis, os desafios, os pagodes, a encomendação das almas, as parteiras, os tecidos tramados no tear, as brolhas, os pontos cruz, os potes d'água, os monjolos, a feita dos sabões em tachadas, as farinhas, as quitandas nos fornos de barro dispostos no quintal, as figuras do carreiro de boi e do boiadeiro e tantas outras imagens presentes no cotidiano rural de então, perduram, na maior das vezes, apenas na memória daqueles que as vivenciaram como experiências concretas de vida.

Apesar destas transformações no espaço geográfico e da utilização de novas tecnologias, do contato com os meios de comunicação e o mundo global, é possível perceber, como afirma Machado (2003:7), que o povo mineiro do interior aprendeu a cultivar sua memória em pequenos sinais da vida cotidiana. Nos relatos que ouvi, não é só a comemoração da Folia de Reis o motivo para o retorno anual a São Braz, mas o cheiro da fazenda, os animais, a pescaria, os quitutes e comidas típicas da região, os amigos, os objetos materiais e os santos de devoção guardados e cultuados, as relações de compadrio ainda assumidas, a saudade das antigas modas sertanejas ainda entoadas e, para os mais jovens, o passeio pela rua central onde se reencontram com os conhecidos de infância e podem conversar sobre a vida e os “causos” recentes e antigos. Como afirma Machado (2006:3) “persistência e desagregações de práticas e representações culturais, não há como negar. Transformações solapam as raízes fundantes, o progresso se transmuta em realidade, contudo, a força da memória é capaz de iluminar tempos idos”.

Apesar das ameaças de perdas culturais na vivência urbana, parece no caso da Folia de São Braz de Minas que, mesmo condicionados pelo tempo do trabalho na cidade, pelo acesso a informações de diversos meios de comunicação, e por uma realidade onde os laços de comunidade são mais tênues, mesmo com esse choque cultural, os migrantes e foliões trazem ainda vínculos fortes com a tradição, não deixando, no entanto de mediar novos elementos que serão incorporados ao ritual sem agredir ou desagregar a ordem interna do festejo, como no caso dos alimentos.

Uma das transformações que foi ocorrendo com o aumento do número de participantes foi a alteração nos papéis dos membros da comunidade na Festa. Se antes podiam oferecer um pouso, uma “bóia”, hoje atuam nos serviços diversos nos preparativos do evento.

Hoje com o movimento que tem a Festa uma janta tem que ser pensada para mais ou menos 400/600 participantes, no almoço ao número de participantes diminui. Para a festa do dia 06/01 de 2007/2008, onde se estima que estiveram presentes mais de 4000 pessoas, só para se ter uma noção de gastos, foram mortas 10 vacas, 70 latas de doce, 30 capados, 400 galinhas, 200 kg de arroz, 70 kg de feijão, 40 fardos de macarrão, legumes diversos, óleo, farinha de mandioca e de milho, e mais uma infinidade de gastos com bebidas (refrigerantes e cachaça) e o aparato para servir a comida (muita coisa é emprestada pelos moradores).

Com esse custo fica muito difícil assumir compromisso com a “bóia”, uma população, a mais carente trabalha na festa, cozinhando, lavando, “pelotando”, fazendo fofalha, construindo puxados, limpando animais, e outra parte que pode participar oferecendo um lanche aos foliões no giro, receber a Folia para ter a bandeira em casa e fazer uma reza, oferecidos em louvor aos Santos Reis. Muitos indicam como exemplo dessa tendência o compartilhamento da janta entre moradores de São Braz e moradores de Brasília e outras cidades, dividindo os custos e cumprindo suas promessas.

Uma das transformações que foi ocorrendo com o aumento do número de participantes foi a alteração nos papéis dos membros da comunidade na Festa. Se antes podiam oferecer um pouso, uma “bóia”, hoje atuam nos serviços diversos nos preparativos do evento. A tradição através da Folia tem entrado na modernidade se refazendo e junto alguns papéis vão sendo reelaborados e uma parte muito grande da tradição permanece com os membros da comunidade sendo transmitidas pela oralidade. Esse é um traço marcante do encontro da Folia com a modernidade, a adaptação e reestrutura de papéis no seu interior.

Sendo conservadores, eles modernizam a Folia, num movimento de se refazer a cada ano, de utilizar a tecnologia em benefício de atender o maior número de pessoas, expandir e divulgar a Festa, de ceder em passagens internas do ritual (como nas rezas e terços), de conciliar os conflitos com os mais jovens e o contato não somente com relações globais que atuam no período da Festa com a vinda dos migrantes e o seu mundo global com sua comunicação eletrônica, hábitos e maneiras urbanas, como na vida cotidiana do Distrito durante o ano, pois a globalização é aqui e agora. A cada Festa um pouco do mundo dos migrantes vai se incorporando aos fazeres e à tradição local, permitindo remodelar as práticas em virtude da influência e contato com os traços de cultura urbana trazidos de outros locais, pequenas ou grandes cidades deixam um pouco de seus traços em São Braz ao final da Folia. Durante o ano a comunidade vai se relacionar com essa herança, muitas vezes percebendo e a resignificando ou descartando ou muitas vezes a ignorando.

As Foliás de São Braz estão fazendo o percurso ao moderno, no seu “giro” na modernidade junto com a comunidade local, ela fortalece o grupo frente ao “forasteiro”, aos elementos que poderiam agredir a estima e identidade do grupo em um mundo global “onde ninguém é de fora”. A Folia reforça a comunidade, pois seus membros são os foliões das Foliás e mediadores de sua tradição. Os mais velhos organizam a Folia e seus ritos, elementos que mantêm uma coesão e responsabilidades para os componentes do grupo, dando uma aura de hierarquia e respeito a esses mediadores da tradição no contato com a modernização, sendo reverenciados durante o ano e nos festejos, geralmente membros mais velhos da comunidade que conquistaram respeito pela população local.

Nenhum elemento da Folia parece imutável: a retirada da máscara do palhaço, que ocorre atualmente, não seria permitida a alguns anos, e seria de mau agouro para a Folia. Atualmente já existem foliás que nem saem com o palhaço (Porto, 1982), situação que presenciei na véspera da saída da Folia dos Corraes em 2007, sendo providenciados máscara e palhaço na última hora pela intervenção de alguns que achavam que não poderia a Folia sair sem o seu malungo.

Encontrei uma cidade, São Gonçalo do Sapucaí, onde as foliás não admitem palhaços. Os mestres justificam a medida com motivos de ordem prática: os palhaços colocariam medo nas crianças e quebrariam o sentido religioso das foliás. Como os palhaços constituem o elemento indispensável par a realização das danças, as companhias de reis de São Gonçalo do Sapucaí, conseqüentemente, não tem danças, mas só cantoria. (PORTO, 1982:52)

Os palhaços são referência em toda Folia, mas têm enfrentado dificuldades para desenvolver o seu papel. A história dos palhaços se confunde com os guardas do rei Herodes e tem um papel identificador importante para o imaginário da Folia. A presença dos palhaços, portanto, tem fundo um religioso que sugere a conversão dos soldados de Herodes.

A questão do palhaço, elemento caracterizador da Folia, pois é o único fantasiado do grupo de foliões, nos leva a refletir sobre o espaço das manifestações populares na modernidade, e a integração das comunidades locais com o mundo global. A televisão tem papel definitivo no contexto do malungo, pois as crianças tinham um tempo de espera da Folia para se encontrar com o palhaço, sua máscara era assustadora, geralmente artesanal, de couro e fibras, muito colorida. Em um tempo onde se dormia com as galinhas, sem luz elétrica, contar causos de feras, bichos e fantasmas era corriqueiro ao iniciar a noite e pode nos indicar a inocência dessas lendas rurais e o medo que as crianças tinham das histórias.

No mundo moderno a narrativa deu lugar ao meio impresso, ao meio eletrônico, as reuniões e bate papo noturno foram trocados pela sala de TV com sua programação mais assustadora que o palhaço, que vai ficando cada vez mais restrito em sua participação na Festa, porém esse personagem dificilmente deixará de fazer parte da Folia, seu papel já não é o de antigamente, mas vai sendo refeito, remodelado, de acordo e no movimento de continuidade da Festa e deve ser considerado sujeito relevante na afirmação da Folia em seu percurso no mundo eletrônico moderno e as trocas necessárias para sua permanência e refazer na modernidade.

A pesquisa demonstrou que os foliões que foram morar em outras cidades e tocam ou cantam na Folia, retornam anualmente a São Braz e participam do festejo assumindo seu papel no evento sem faltar com a devoção aos Santos Reis. E muitos dos migrantes assumem compromissos com os Santos Reis realizando almoços ou jantadas para o Giro de Folia. Não são profissionais de Folia, mas são os membros do grupo que vão levar a tradição a vários locais diferentes de sua comunidade tradicional. Nesse movimento novas leituras e movimentos serão trazidos por esses foliões e estarão agora em diálogo com as práticas tradicionais locais. Essa troca é importante para construir interpretações que possibilitem a renovação da Folia e o fortalecimento do ritual.

Na pesquisa também ficou patente a formação variada do folião, que aprende caixa, pandeiro, depois passa para as vozes e pratica instrumentos, tornando-se assim apto a colaborar com a Folia onde seja necessário, adquirindo uma formação variada, o

que demanda muito esforço, não só no giro, como durante o ano, com o aprendizado do instrumento e a participação nos encontros de Folia. A confiança no novo folião é gerada pelo cumprimento das regras estabelecidas pelos mais velhos e lealdade à Folia, realizando as etapas de iniciação como em qualquer ritual de iniciação em uma cultura. A pessoa detentora de saber, em geral o Capitão ou Alferes de Folia, utiliza seus conhecimentos para orientar na formação do novo folião, dando-lhe as condições para se desenvolver e participar dos rituais da Folia, legitimando sua participação no grupo.

Um aspecto relevante percebido na pesquisa é a preocupação da comunidade em formar seus foliões. Observamos nas entrevistas que instrumentos como a sanfona, o violão, são emprestados aos aprendizes que podem ficar com os instrumentos durante todo o ano e enquanto não houver necessidade de seu uso pelos foliões. A comunidade pensa na criação de uma escolinha para foliões, o que demonstra a seriedade com que o assunto é tratado pelos foliões. Eles percebem que a manutenção dos festejos de Reis será possível com a formação de novos foliões ou mesmo, no futuro, com a reprodução por aparelho eletrônico como o CD, possibilidade levantada quando perguntei como eles imaginavam a Folia daqui a 20 anos.

No fluxo da tradição oral conservada pela memória e recriada nas narrativas dos foliões, que constroem e reconstroem a Folia de Santos Reis, o aprendizado se faz pela oralidade e pelo acompanhamento do giro da Folia, bem como com pela dedicação do aprendiz em observar cada detalhe e tentar fazer aquilo que lhe pedem os mais experientes, além de acatar a hierarquia do grupo, com seus papéis e responsabilidades. Os trabalhos de Brandão (1998), de Pessoa (2001), demonstram que é na prática e no passar de geração para geração que a Folia se perpetua; e também como essa transmissão de boca a boca facilita o acréscimo de elementos novos que serão incorporados ao ritual com o passar do tempo.

Na entrevista da Sra. Claudinéia, ela relatou o interesse em formar em São Braz uma Folia feminina, o que já ocorre em algumas cidades e distritos da região, conforme cartaz relativo ao Encontro de Folias realizado em São Braz em 2007 [em anexo]. Essa é uma transformação que ocorre recentemente no Distrito, sendo tradição na Folia a participação da mulher ficar restrita aos serviços dos preparativos e em alguns casos puxar as rezas e o terço. Como explica Porto (1982; 54), além das dificuldades encontradas no “giro”, onde se devem fazer longas caminhadas em situações adversas (chuva, travessia de rios, frio, sereno), além da inconveniência dos comentários originados pela participação de uma mulher na Folia,

Os Mestres justificam a restrição com razões históricas, bastante imaginosas: os Reis Magos não trouxeram consigo suas esposas; se os foliões levassem mulher na folia, estariam deturpando o sentido da representação; também nenhuma mulher visitou o presépio de Jesus; admitir mulher entre os foliões, como participante, seria desviar o sentido da dramatização. (PORTO, 1982:54)

Atualmente as mulheres participam das Folias, muitas seguindo o giro, já que atualmente a maior parte do percurso é realizada de carro, facilitando o acompanhamento do “giro”, tocam, cantam e formam Folias exclusivas de mulheres, tendo muitas delas se tornado capitãs de Folia. (v. cartaz em anexo).

Essa é uma transformação que vem ocorrendo na Folia e que já se incorporou aos encontros regionais, estaduais e nacionais de encontros de Folias<sup>16</sup>, onde se percebe resistências por parte dos foliões mais antigos, mas as mulheres já se somaram aos foliões para dar continuidade à Folia de Reis, dentro das apropriações realizadas no contato da Folia com a modernização do mundo rural e as mudanças de mentalidades, relações e necessidades que a partir daí passaram a existir.

Outra questão observada foi a postura dos mais jovens e dos migrantes em relação ao ritual da Folia, principalmente nos momentos de chegada, rezas e terço, muitas vezes ligando o som do carro com músicas de ritmos comerciais tocadas nas paradas de sucesso, o que incomoda os participantes da comunidade que se identificam com os ritos religiosos do festejo, gerando conflitos que muitas vezes chegam a discussões. A rua principal do Distrito fica dia e noite tomada pelo som dos bares e dos sons automotivos e é o local de encontro dos jovens que chegam das cidades para a Folia. Como a cidade é pequena isso gera desagrado, principalmente para os mais velhos acostumados à calma do lugar durante o restante do ano.<sup>17</sup>

A postura dos jovens e seu desinteresse são relacionados com a migração, com os meios de comunicação e o mundo urbano, mas a relação com a fé é uma preocupação da comunidade que percebe um esvaziamento de seus devotos na hora das rezas e a juventude de São Braz não está fora desse movimento. Nos momentos religiosos da Folia como nas rezas e terço praticamente os mais velhos é que realizam as atividades, ficando pouca gente dentro da casa, por isso as pessoas comentam que na roça é mais

---

<sup>16</sup> Os encontros de Folia acontecem em quase todo o Brasil. Conforme o cartaz em anexo, há cidades em que tais encontros já são tradicionais, como Ribeirão Preto (16 anos), Brasília (9 anos), Aparecida (6 anos). Observe-se a variedade de Folias, a oferta de oficinas para construção de instrumentos, aulas de dança (catira, curralinho), e apresentações de muitos músicos e artistas.

<sup>17</sup> Ver relato do Sr. Donizete Pereira à Pag. 61.

fácil juntar as pessoas nesses momentos, o que não impede que se formem grupos embaixo das árvores ou à beira do curral para beber e ouvir música.<sup>18</sup>

No seu trabalho sobre as cerimônias comemorativas em Corumbá de Goiás, no entorno de Brasília, Melo (2006:152-153) observa que na hora de rezar o terço, na sala estão apenas os foliões e alguns poucos acompanhantes, e nos alerta para um fato que lhe chamou a atenção e se relaciona com o que ouvimos nos relatos dessa pesquisa,

Me chama a atenção um grupo de cinco ou seis rapazes entre doze e dezoito anos que, em um dos quartos da casa escutam hip hop num som portátil. Com cabelos pontiagudos, estilizados com gel e tintura, calças jeans cuidadosamente manchadas e esfarrapadas, eles se diferenciam do restante do grupo. A diversidade por eles apresentada aparentemente não chama a atenção dos mais velhos. (MELO, 2006: 153).

A circulação de comunidades migrantes do interior para as cidades e países, como o festeiro de 2007/2008 que é pedreiro na Bélgica, trazem formas de pensar o local e o cosmopolita, numa troca de informações, experiências e culturas. Hoje os migrantes das comunidades e Distritos rurais, quando retornam, trazem consigo novos conhecimentos, novas tecnologias eletrônicas modernas e contato com uma diversidade de elementos que não fazem parte da experiência do cotidiano local, essa experiência e os recursos adquiridos vão alterar o ritmo de vida na comunidade e no fazer da Festa.

As representações que surgem elaboradas em discursos e no imaginário das pessoas sobre o terço e a religiosidade dos jovens, sobre o futuro da Folia, se fortalecem na Entrega da Coroa, em 6 de janeiro. De geração em geração num movimento de devoção e fé que não se perde, mas se perpetua na modernidade, articulando-se na diversidade do mundo urbano e seus controles, mas desenvolvendo resistências, permanências e continuidades.

Se ressignificando no mundo rural que se moderniza em tecnologia, infraestrutura e acesso à informação, trazendo com os migrantes hábitos diferentes, com características urbanas, novas linguagens que se incorporaram no dia a dia da comunidade, e muitas vezes na própria Folia, com o uso de gravadores, CDs, DVDs que reproduzem os momentos de celebração da Festa e servem de arquivo e documento para a memória da Folia e seus foliões e se convertem em fontes para os pesquisadores interessados no tema.

A Folia dos Correa já tem feito uso dessa modernidade, inclusive organizando o “giro” e divulgando o seu percurso na internet<sup>19</sup>. No mesmo sentido, o uso do carro

<sup>18</sup> Ver relato do Sr. Virgílio Neto à Pag. 63.

favoreceu o acompanhamento da Folia pelas mulheres, facilitou o percurso para os mais velhos, protege da chuva os foliões e os instrumentos, permite o retorno para casa depois de um dia de “giro”. Por outro lado, nas lembranças o que ficou é a saudade das festas ao ar livre, da chuva, de pular o rio, de fazer o pouso nas fazendas, realizando as rezas, o terço, a “bóia” e depois um bom baile até o dia raiar e dar prosseguimento ao itinerário.

O baile servia antigamente para rapazes e moças se conhecerem e namorar; hoje o local que permite esse contato é a rua central com seus bares e lanchonetes.

A concentração das festas em núcleos urbanos tem sido uma constatação na prática da Folia. Muitos encontros de Folia são realizados em cidades e trazem para seus eventos folias de núcleos urbanos, inclusive no encontro nacional realizado em Brasília se encontram representadas muitas Folias de cidades e poucas de comunidades rurais. Só no estado de São Paulo, a Secretaria de Cultura do Estado relacionou o evento em várias cidades paulistas, relacionando 143 cidades, que realizam Folias de Reis no Estado.

A formação e desenvolvimento de Folias em cidades e núcleos urbanos demonstram a capacidade de articulação de seus componentes com as realidades encontradas em suas localidades, mostra como a tradição pode ser reconstruída ou novamente refeita. Quais elementos irão permanecer, serão substituídos ou ressignificados? Cabe aos membros do grupo o caminho a ser seguido para a permanência da Folia na modernidade, num constante movimento de tensão entre o tradicional e o mundo contemporâneo.

Através do fortalecimento da Festa nos últimos dez anos, em interação com elementos do urbano, da migração, a Folia de Reis se consolida em São Braz de Minas, graças ao retorno anual de seus moradores migrantes com suas lembranças, memórias, trazendo também traços do contato com a cultura da cidade. Algumas melhorias sociais (luz, água, correios, lan house, telefone, ônibus, construção de casas populares), também

---

<sup>19</sup> Relato do Sr. Virgílio Neto sobre a organização da festa e sua divulgação: “Hoje, deu da saída, com seis meses, na verdade, seis meses antes da saída, todos os foliões, inclusive **está até na Internet**, sabe os ponto de bóia, sabe onde vai ser os almoço e janta. Então, o giro, já sabe onde vai ser o giro. “Nós vamos sair daqui, vamos até...”. Nesse ponto, a organização foi muito bom. E outra coisa que me chamou também a atenção, ao longo desses anos, na folia de Santos Reis, antigamente, não fazia fila, na hora de servir a comida. Ah, estava servindo, arrumando a mesa, né, e chamava o pessoal pra comer e quase derrubava a mesa. Então, a organização da fila foi sem dúvida uma coisa muito boa, tanto para o festeiro, como pra aquelas pessoas que estavam na fila também”. (grifo meu).

favoreceram o acesso, criaram condições para se receber os participantes com mais conforto, principalmente nas chuvas.

O crescimento e retorno de seus “filhos” permitiu ao Distrito de São Braz manter duas Folias, com “giros” distintos e bons foliões. Apesar da rixa, proveniente da formação posterior da Folia de São Braz, o tempo tratou de cicatrizar rancores e as duas Folias mantêm a tradição no período Natalino. A Folia do Flauzino, ou de São Braz, tem mais identificação com as folias de antigamente, não utiliza muitos recursos modernos em seus “giros”, fazendo a maior parte do percurso a pé; somente quando se desloca para as fazendas é que se utiliza de carros, mas ainda faz pouso na roça, ficando por lá enquanto durar o itinerário.

Em sua formação a Folia de São Braz tem músicos diversificados, inclusive conta com foliões de Lagamar, e dissidentes da Folia dos Correa (Luís Prego, Geovane e Antônio Firmino). Faz seu trajeto pelas casas mais populares do Distrito, seus almoços e jantas, apesar da simplicidade de seus moradores, recebem muitas pessoas. Após o terço e a “bóia” o gerente da Folia Sr. Luís Prego permite o som e o baile domina a Festa, aspecto observado nas entrevistas como um momento de saudade, pois o baile não acontece mais na Folia dos Correa. Inclusive, hoje em dia o baile é realizado com som mecânico, algumas vezes os foliões tocam por algum tempo o que é muito bem recebido pelos participantes da comunidade. Como dizem os moradores da região, as Folias são duas, mas o “Santo é um só” e todos se relacionam naturalmente com as Folias.

Sinais imperceptíveis da modernidade aparecem na disposição da mesa da “bóia”. São pratos, talheres, copos descartáveis que não aparecem nas falas, mas aparecem nas fotos, representam o contato com o descartável, o industrial, que facilita servir a tempo 400 a 600 pessoas sem necessidade de lavar utensílios, reduzindo o trabalho do anfitrião e dos devotos que ajudam nos preparativos e durante a festa. Outros traços são percebidos nos alimentos, que hoje são praticamente industrializados: inclusive o arroz e o feijão, temperos, óleo de soja, macarrão, frango de granja, ovo de granja, farinha de trigo, refrigerantes, sucos em caixas, além da cachaça industrial, há pouco tempo os produtos eram quase todos oriundos das fazendas, bastando comprar somente o sal para se oferecer uma boa “bóia” aos foliões.

São elementos presentes nos rituais que já passaram a fazer parte dos festejos e ajudam na realização do evento. Também no aparato tecnológico começam a serem utilizados vários tipos de eletrodomésticos que facilitam o trabalho das pessoas: forno

de microondas, fogão a gás, liquidificadores, freezer, fazem parte dessa apropriação técnica para realizar a Festa, e tudo em harmonia com o fogão e forno de lenha, fomalhas, e outros elementos da cozinha, como os velhos tachos de cobre, colheres e gamelas feitas de madeira.

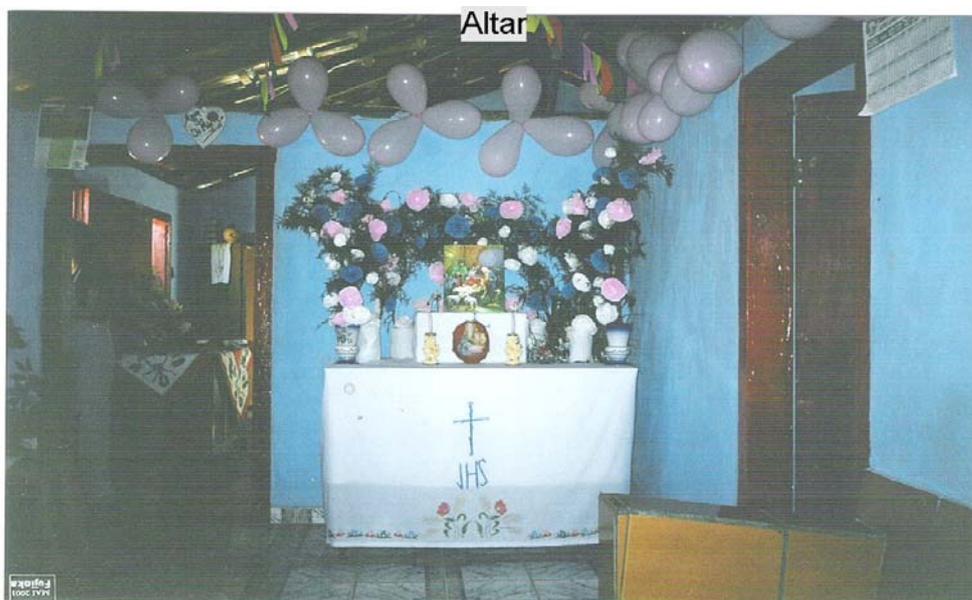
A última pergunta do questionário, feita a todos os participantes, era: como eles pensavam/imaginavam a festa daqui a 10/20 anos? A maioria acredita em sua permanência e continuidade. Os relatos apontam para a questão inicial desse trabalho, com uma preocupação dos entrevistados com a formação de novos foliões. A comunidade apontou alguns caminhos, como o empréstimo dos instrumentos, o ensino das técnicas para ser folião, a sugestão de uma escolinha, e o interesse de alguns jovens em seguir a Folia e dar continuidade aos seus ritos.

Alguns entrevistados apontam preocupação com o “giro” realizado na cidade de maneira intensificada, deixando o percurso pelas fazendas minguar perdendo assim uma característica de suas raízes, a festa na roça. A Folia já está no mercado, desenvolvem uma aprendizagem para o pragmático e comercial, buscando adaptar suas práticas e saberes ao consumo cultural. Muitas Folias se apresentam em teatros, espetáculos folclóricos, festivais de música e dança, acabam na cidade sendo acompanhadas pelos migrantes temporários ou permanentes, em reestruturação dos vínculos entre o tradicional e a modernidade. Pois há uma necessidade e mercado para incluir as manifestações culturais populares, no circuito de consumo cultural, tanto de elite, como das camadas menos integradas à modernidade.

Em um país da dimensão do Brasil, com 84% da população vivendo nas cidades, as manifestações culturais estão fazendo junto com a população um “giro” rumo à modernidade, a um mundo desconhecido, já estruturado e em busca de novidades exóticas para consumo. Terão que forjar estratégias e ações para manterem seus ritos, devoções, costumes, em constante movimento, numa tensão com o novo, num processo de transformação e refazer dinâmico, sem deixar de cumprir suas regras e hierarquias internas, que formam os vínculos necessários para a articulação e execução dos papéis marcados na lembrança e práticas anteriores ao êxodo rural, necessariamente uma rede de conterrâneos e de parentesco que reproduzam pelo menos um pouco a rede necessária para a continuidade dos folguedos.

Nesse exercício de imaginação alguns se mostram céticos quanto à continuidade da Festa, acreditando que o tempo vai alterar a dinâmica do festejo principalmente quanto ao aspecto religioso da Folia. Os altares já não são montados em todas as casas,

e é um elemento importante para a realização da cerimônia que vai sendo relegado a um plano secundário. Muitas casas montam o altar (fig.38 e 39) e outras montam o presépio com os Reis Magos aproveitando o período natalino.



(Fig.38 - Altar para receber a Folia em casa). Foto cedida por Genôva Alves.



(Fig.39 - Altar para receber a Folia em casa, já com a bandeira). Foto tirada por Mauro Tentis.

O importante para a comunidade, e que é uma percepção geral, foi o crescimento da Festa, não só no número de participantes, mas na dimensão que ela tomou para as pessoas de São Braz: aumento de veículos, aumento do movimento comercial, desenvolvimento de técnicas e materiais para a realização da Festa, como também uma participação do município na ajuda para a realização do evento no período de fim de ano, onde todos os segmentos se mobilizam durante o ano para a consumação da Folia. O crescimento foi grande, e o fato de São Braz abrigar duas Folias dá uma dimensão dessa ampliação no Distrito, a ponto de que foi necessário construir no Cerrado o “foliódromo” para ajudar a receber a população na Festa do dia 06/01.

Contrariamente ao que afirmavam os folcloristas e estudiosos das tradições populares, o contato com a modernidade permitiu às Folias de São Braz se renovar, incorporar novos elementos, conviver com as mudanças e conflitos aí surgidos, apresentando continuidade dentro dessas transformações que vão chegando com a modernização do mundo rural e sua relação com a globalização. Nossa percepção do que se passa em São Braz confirma Canclini (2006:204),

Não pode haver porvir para o nosso passado enquanto oscilamos entre os fundamentalismos que reagem frente à modernidade conquistada, e os modernismos abstratos que resistem a problematizar nossa “deficiente” capacidade de sermos modernos. (...) A contribuição pós moderna é útil para escapar desse impasse na medida em que revela o caráter construído e teatralizado de toda tradição, inclusive a da modernidade: refuta a origem das tradições e a originalidade das inovações.

Canclini afirma que essa contribuição oferece condições para se repensar o moderno como um projeto relativo, ambíguo e não antagônico às tradições, sem expectativa de superá-las por leis causais e ter consciência do itinerário impuro das tradições e da desarticulação de nossa modernidade. O desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tradicionais, a expansão modernizadora não conseguiu apagar as manifestações populares que, pelo contrário, consolidam-se dinamicamente numa interação com as informações e técnicas do mercado, espaço de inclusão de mercadorias e de bens simbólicos tradicionais.

As tradições se reinstalam no universo das cidades, trazendo suas vivências e práticas do mundo rural, num país que em quatro décadas passou ter maioria de sua população vivendo nas cidades e seus entornos. As culturas populares e tradicionais ampliaram suas relações e se desenvolvem em contato com um universo simbólico

urbano potencializado pelos meios eletrônicos e pela expansão do mercado de consumo. Muitos CDs, documentários, filmes e apresentações são realizados em torno dessas manifestações, numa interação dinâmica com o mercado consumidor, o que permite melhorar economicamente os eventos e manter a atenção para os folguedos populares, tão festivos e importantes nos laços internos que se formam no grupo e nas relações da comunidade.

Em alguns lugares, esses momentos são a sua marca e passam a ser trabalhados em datas que são aguardadas com ansiedade pela comunidade. E assim o Distrito de São Braz de Minas faz o trajeto de suas Folias na modernidade, com os problemas apontados em relação às transformações ocorridas nas três últimas décadas no mundo rural e às maneiras e caminhos a serem encontrados pelas novas gerações para a manutenção da Festa de Reis. Resta observar e acompanhar como esses jovens foliões dialogarão com as informações e tensões do mundo moderno na adaptação de saberes e hábitos tradicionais.

Finalizo esse trabalho com a fala do Sr. Luís Prego, atual gerente da Folia de São Braz e tido como o maior Palhaço que houve na região. Seu relato traz a dimensão das mudanças que paulatinamente vão ocorrendo nessa mescla de contatos culturais entre o urbano e rural e, por se tratar do palhaço, do elemento caracterizador da Folia, do único que sai fantasiado na festança e vai encontrando dificuldades para sobreviver na Festa:

Palhaço, hoje em dia, uns anos pra trás era uma beleza. Que eu mesmo trabalhei de palhaço, muitos anos, no tempo da folia do Antônio Rita, eu trabalhei de palhaço e eles até me falaram, eu ganhei troféu por ser o melhor palhaço da região. Agora, hoje em dia, palhaço não tem graça mais. Porque você chega nas casa aí não tem, o povo já não brinca com palhaço mais. Você chega, faz o que tem que fazer ali, tira a máscara e pronto. De primeiro, a gente não conhecia um palhaço. Ele se vestia de palhaço, você vestia um pano na cara, você põe um pano, tampava os braços, ninguém via a cor da gente. Então você, na hora de comer mesmo, você chegava, fazia o que tinha que fazer ali, saía pra longe, ou entrava pra um quarto sem ninguém ver, tirava a roupa e ia almoçar, ninguém sabia quem era o palhaço. Depois que terminava, saía outra vez, ele ia, vestia a roupa, fazia o que tinha que fazer, e o dono da casa não ficava sabendo quem que era.

## COI SIDERAÇÕES FIJ AIS

Era meu objetivo identificar as dificuldades encontradas pelos Capitães de Folia em São Braz de Minas e as transformações ocorridas no contato com a modernização do mundo rural. A migração de seus jovens em busca de melhores oportunidades de estudos e trabalho foi o item mais notado pela comunidade, assim como a perda de interesse dos jovens pelos rituais do festejo, promovendo adaptações e ansiedade quanto ao futuro dos foliões e da Folia. As transformações que vêm ocorrendo na dinâmica interna da Folia (momento da reza, mudança de papéis na participação na festa pelo alto custo para quem oferece a “bóia”, comércio de bebidas, decadência da participação do palhaço, novos utensílios e produtos industriais) são percebidas por seus participantes, mas a meu ver, fazem parte do movimento para o crescimento e fortalecimento das Folias na região, em novas trocas simbólicas que permitem a sua continuidade.

O papel dos jovens para a manutenção desses festejos merece uma maior atenção por parte dos estudiosos, assim como o papel dos migrantes na difusão dos folguedos nas cidades; numa via de mão dupla, trazem os traços da modernidade e informações para as comunidades rurais do interior, proporcionando a ressignificação dessas festas populares.

A alteração de papéis demonstra não só o crescimento da Festa, mas assinala um enriquecimento dos migrantes que têm condições para arcar com os custos e realizar a Festa em nome da família, o que vem ocorrendo de forma quase imperceptível pela comunidade. Agora há quem manifeste orgulho em poder ter alguém que ajuda no cumprimento das intenções com o Santo. Hoje a distância ficou maior, e só aqueles cujos filhos, irmãos e parentes migraram conseguem fazer frente às necessidades do evento. Os demais membros da comunidade, vivendo de prestação de serviços sazonais nas plantações e no trato com animais, plantando para sustento próprio e para o escambo, prestando serviços para a prefeitura ou trabalhando no comércio de Lagamar ou São Braz, participam nos preparativos e auxiliam no que for necessário para a realização dos almoços e jantas para os foliões.

Despeço-me com o canto de despedida no dia da Entrega da Bandeira e passagem da coroa para os festeiros do ano seguinte:

Oh meus nobres folião  
recebi com alegria  
as bênção dos três Reis Santos,  
pra toda sua família

Oh meus nobre folião  
tá chegando a despedida  
Adeus, até o ano  
ai, se Deus nos der vida.

Adeus até para o ano  
ai, se Deus nos der vida  
nós agora vamos deixar  
nossa bandeira querida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jaime de. “*Todas as festas, a festa?*” in: Tânia Navarro Swain (org). *História no plural*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. Pp.153-187.

\_\_\_\_\_. *Foliões. Festas em São Luís do Paraitinga na passagem do século (1888-1918)*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1988.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes, (coord.). *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 8ª ed., 2006.

ARAÚJO, Alceu Maynard. “Folia de Reis de Cunha” in: *Revista do Museu Paulista*, III, pp 416-448, São Paulo, 1949.

BARROS, José D'Assunção. "História Cultural: um panorama teórico e historiográfico" in *Textos de História*. Revista de Pós-Graduação em História da UnB. vol. 11, nº 1/2. Brasília: UnB, 2003.

BELLOTTI, Karina Kosicki. “Identidade, alteridade e religião na historiografia colonial”. *Revista de História e Estudos culturais*. v. 2, n.1, 2005.

BENJAMIM, Walter. “Sobre o conceito de história” in Obras escolhidas I. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 10ª Edição, 1996, pp.222-232.

\_\_\_\_\_. “Teses sobre a Filosofia da História” in: *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa: Relógio D.Água, 1992. [pp. 157-170].

\_\_\_\_\_. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. pp.197-221. In: *Obras Escolhidas I Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 10ª Edição, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: Edusp, 1987, 2ª ed..

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. *As Folias de Reis de Mossâmedes*. Rio de Janeiro: MEC/ FUNARTE. Cadernos de folclore-20,1999.

\_\_\_\_\_. *Sacerdotes da viola*. Petrópolis: Vozes, 1980.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1988.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2ª edição, Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CASTRO, Zaide Maciel de e COUTO, Aracy do Prado. *Folias de Reis*. Rio de Janeiro: MEC, 1977.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. "O mundo como representação" in *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietudes*. Tradução de Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. "Introdução" in *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. "Cultura popular": revisitando um conceito historiográfico in *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n . 16, 1995, p.179-192.

COSTA Cléria B. da, e MAGALHÃES Nancy A. (org.). *Contar história, fazer história- História, cultura e memória*. Ed. Paralelo 15, Brasília, 2001.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 13ª Ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.

FROCHTENGARTEN, Fernando. “A memória oral no mundo contemporâneo” in *Estudos Avançados* v. 19 n. 55, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne M. “Do Conceito de *Mimesis* no Pensamento de Adorno e Benjamin” in *Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. “Dizer o Tempo” in *Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997 a.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens*. Um Estudo da Vida Religiosa de Itá, Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Ed Univ. São Paulo, 2003.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Do presépio à balança representações sociais da vida religiosa*. Belo Horizonte: Mazza, 1995.

HALBWACKS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MACHADO, Maria Clara Thomaz. “(Re)significações culturais no mundo rural mineiro: o carro de boi — do trabalho ao festar (1950-2000)” in *Revista Brasileira de História* vol. 26 n. 51. São Paulo, jan./jun, 2006.

MACHADO, Maria Clara Thomaz e PATRIOTA, Rosângela (org.) *Histórias & Historiografia: Perspectivas contemporâneas de investigação*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

MELO, Rosa Virgínia. *Cerimônias comemorativas em Corumbá de Goiás*” in Mello, Maria Thereza F. Negrão de (org.) *Entorno que Transborda: patrimônio imaterial da RIDE* Brasília: Petrobrás, 2006.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do I ovo Século*, São Paulo Ed. Duas cidades, 1974.

MORAES FILHO, Mello. *Festas e tradições populares no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1946.

MOREYRA, Yara. “De folias, de reis e de Folias de Reis”. In *Revista goiana de artes*, Goiânia, GO, v. 3, n. 2, p.123-154, 1982.

\_\_\_\_\_. “Memórias de Folias”. In *Revista Goiana de Artes*, Goiânia, GO, v. 5, n. 1, p.43-111, 1984.

NEIVA, Ivany Câmara. “De cor e salteado: Transmissão, Permanência e Mudança na Folia” in Mello, Maria Thereza F. Negrão de (org.) *Entorno que Transborda: patrimônio imaterial da RIDE* Brasília: Petrobrás, 2006.

NEVES, Fernando Paulouro. *As sombras das exclusões*. Gerações Digitais – Multimédia, Macau, Junho de 2005.

NEVES, Lucas Vieira Baeta, “A fotografia como documento histórico”. In *Em Tempo de Histórias*, n.º. 8, 2004. Publicação do Corpo Discente do PPGHIS-UnB.

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”. Trad. Yara Aun Khoury. *Revista de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP*. São Paulo, 1981.

NOVINSKY, Anita. *Cristãos I ovos na Bahia*. São Paulo: Editora Perspectiva/Editora da USP, 1972.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. Disponível em:  
<http://www.iphan.gov.br/bens/P%Imaterial/imaterial.htm>.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Mestres de caixa e viola. Cadernos CEDES* v. 27 n. 71 Campinas, 2007.

PORTO, Guilherme. *As Folias de Reis no Sul de Minas*, Rio de Janeiro, Edições Funarte/INF, 1982.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*, São Paulo, Ed. Dominós, 1965.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social- a guerra sertaneja do contestado*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1966.

RIOS, Sebastião. “Os cantos da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário”. *Revista Sociedade e Cultura*, v. 9, n. 1, jan./jun. 2006, p. 65-76.

SILVA, Affonso M. Furtado da. *Reis magos: história, arte, tradições : fontes e referências* . Rio de Janeiro: Leo Christiano, 2006a.

SILVA, Everaldo Fernandes. “A reza e a festa como espaços de aprendizagem: apontamentos de um olhar”. *Revista Interfaces*, Caruaru, v. 6, n. 2, 2006b.

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração / comemoração: as utilizações sociais da memória". *Revista Brasileira de História* v. 22 n. 44 São Paulo, 2002.

SILVEIRA, Alex da. *Travessias no Patrimônio imaterial de Buritis* in Mello, Maria Thereza F. Negrão de (org.) *Entorno que Transborda: patrimônio imaterial da RIDE* Brasília: Petrobrás, 2006.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da Cor: Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro - século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Laura de Mello e. *O Inferno Atlântico: Demonologia e Colonização – séculos XVI -XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Romena Olívia e ANJOS, Luís dos. “Folia-de-Reis: representações de uma comunidade de pescadores” in *Revista Digital*. Buenos Aires, ano 11, n. 33, 2006.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. “Arquivos: propostas metodológicas” in AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes, (coord.). *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 8ª ed, 2006.

VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* Lisboa: Edições 70, 1987.

VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: Funarte/FGV, 1997.

### **AJ EXO I - Roteiro para entrevistas.**

O entrevistador grava no início, destacando a data da gravação, nome, idade, profissão, naturalidade, função na festa e o tempo que participa da festa.

GRUPO I- Festeiros (Que organiza e oferece o almoço/janta na festa). 4 Festeiros

- 1) O que é a Folia de Reis?
- 2) Por que você está organizando a festa este ano, e como é organizá-la?
- 3) A população de São Braz sempre participa da festa? Esse é um momento importante para a comunidade?
- 4) Quais as lembranças mais marcantes quanto à festa no passado?
- 5) Quais transformações você percebe na festa hoje?
- 6) Na sua opinião qual o melhor momento da festa?
- 7) Que mudanças você percebe na cidade no período de festa em relação ao restante do ano?
- 8) Como você imagina a festa daqui a 10 ou 20 anos?

GRUPO II- Foliões – Músicos e componentes que executam o ritual da festa.  
Entrevistar 2 Capitães/Alferes e 2 músicos

- 1) O que é a Folia de Reis?
- 2) O que te levou a participar da folia e qual a sua função? Como aprendeu?
- 3) Como é a formação de novos foliões e quais as dificuldades encontradas?
- 4) Quais são as lembranças mais marcantes da festa no passado?
- 5) Quais transformações você percebe na festa hoje? Como o Sr. vê o uso da folia fora de época?
- 6) Em sua opinião qual o melhor momento da festa?
- 7) Como é o dia-a-dia do folião fora o período da festa?
- 8) Como você imagina a festa daqui a 10 ou 20 anos?

GRUPO 3- Migrantes/Imigrantes. Entrevista com 2 mulheres e 2 homens.

- 1) Para você o que é a Folia de Reis ?
- 2) Quais são as lembranças da festa que mais te marcaram?
- 3) A sua saída de São Braz alterou a maneira de ver este lugar? Em que aspectos?
- 4) Em (cidade) algo te lembra a folia? Em algum momento?
- 5) Qual é a sua relação com a festa e a cidade hoje?
- 6) Para você, qual é o melhor momento da festa?
- 7) Como você imagina a festa daqui a 10 ou 20 anos?

# AI EXO II- CARTAZ DE EI COI TRO DE FOLIA EM SÃO BRAZ DE MI AS- 2007



**3º Encontro de Folia de Reis em São Brás**  
28 e 29 de julho em São Brás de Minas

**Campanha para o Dispensário SSVV de São Brás**

**Local: Salão de Festas em São Brás de Minas**  
**Início: às 14h com culto, às 15h abertura.**

28 de julho - Sábado - início às 15h

- Folia Boa Vista - Capitão Petrônio
- Folia dos Candim - Capitão Chico Monteiro
- Palmeira - Capitão Osmar Nepoluceno
- Lagoa Grande - Capitão Dimas
- Retiro da Roça - Capitão Pedrinho
- Riacho - Capitão João Vitalino
- Unburucú - Capitão Nelson Gomes

**COORDENAÇÃO: Antônio Firmino**

**ARMAZÉM BORGES**  
(34) 3812-5159

**MERCEARIA VIEIRA**  
(34) 3812-5151

**CASA DO PRODUTOR**  
São Brás de Minas

**PATOS EIXOS**  
Suspensão e rodas  
(34) 3821-7023

APROD  
**POLÍCIA MILITAR**  
DE MINAS GERAIS

**MERCEARIA PAULA**  
(34) 3812-5192  
São Brás de Minas

**CONSTRUBRÁS**  
(34) 3812-5178  
São Brás de Minas

PREFEITURA MUNICIPAL  
**LAGAMAR**  
Cidade de São Brás de Minas

**CÂMARA DOS VEREADORES DE LAGAMAR**

**CONSTRUMAR**  
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO  
Prop. Fagner 900  
(34) 3812-1606  
Rua Liberdade, 41 - Lagamar - MG

**CARLOS ANTÔNIO E IRMÃOS**  
(61) 313-7212

29 de - Domingo - início às 10h

- Cana Brava - Capitão Brás Zorico
- Matinha - Capitã Cidinha
- Gameleira - Capitão Vicente Silvero
- Saltador - Capitão João do Criolo
- Calcário de Lagamar - Capitão Jodir
- Lagamar - Capitã Maria Celeste
- Jacaré - Capitão Jair Izídio
- São Miguel - Capitão Luiz Gonzaga
- São Miguel - Folia Feminina
- Piçarrão - Capitão Tuniquim
- São Brás - Capitão Geovane
- Malhada - Gerente Roldão

**RÁDIO TERRA FM**  
Lagamar - MG  
**RÁDIO MONTANHEZA**  
Vazante - MG

**A PECUÁRIA**  
MATERIAIS PARA CRIAÇÃO DE ANIMAIS  
(34) 3812-5120  
R. Fogaça de Paula, 51-A

**FAZENDA SÃO BRÁS**  
de Salatiel Vieira

**FAZENDA BOA VISTA**  
Sebastião Marcolino

**MERCEARIA ALVES E CORREIA**  
São Brás de Minas

**ARMAZÉM COQUEIRO**  
(34) 3812-5213  
São Brás de Minas

**ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES RURAIS**

**COMUNIDADE DE BOA VISTA DE SÃO BRÁS**

**Supermercado TUJU**  
R. Fogaça de Paula, 51-A  
(34) 3812-1203  
Cidade de São Brás de Minas

## ANEXO III- PROGRAMAÇÃO DE ENCONTROS NACIONAIS DE FOLIAS.

1) Aparecida de São Paulo: confira programação do Encontro de Folia de Reis  
O 6º Encontro Nacional de Companhias de Reis em Aparecida começou nesta última quinta-feira (15) e vai até o próximo domingo (18). A Secretaria de Turismo, organizadora do evento, espera receber 1.400 foliões, de mais de 60 companhias. São grupos de estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul.

### Sobre as Folias

A Folia de Reis é uma tradição, de origem portuguesa, que mistura traços marcantes de fé e cultura popular. Tem diversos nomes, Terno de Reis, Companhia de Reis, Santos Reis, mas com uma só finalidade: sair às ruas, na época de Natal, visitar a casa dos devotos, louvando o Menino Jesus e lembrando a caminhada dos reis magos Baltazar, Belchior e Gaspar.

### PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA

15/01 - "O Encontro com a luz transforma nossa vida"

18h - Terço

19h - Tríduo

Convidada: Paróquia de Santo Afonso

16/01 - "O Encontro é de alegria e esperança"

18h - Terço

19h - Tríduo

Convidada: Paróquia de São Roque

17/01 - "O Encontro com Jesus nos leva a ser discípulos e missionários"

07h - Bênção do café das folias, na Praça Nossa Senhora Aparecida

09h - Missa e Bênção no Santuário Nacional

16h - Consagração das Folias a Nossa Senhora Aparecida, na Matriz

Basílica

17h - Concentração para a grande procissão (Praça de eventos Vereador Milton Alves da Fonseca)

18h - Grande procissão festiva

18/01

09h - Grande Missa Festiva (Praça Benedito Meirelles)

11h - Bênção dos Alimentos

### PROGRAMAÇÃO CULTURAL

De 15 a 18 de janeiro - Grande Quermesse, shows musicais e apresentação das Folias de Reis todas as noites

Local: Praça Benedito Meireles

15/01

07h às 20h - recepção e credenciamento (portal de entrada da cidade -Av. Getulio

Vargas)

14h - Visita aos bairros: Jardim Paraíba, Manto Azul, São Geraldo, São Sebastião e Itaguaçu

20h às 22h - Abertura da festa com apresentação das Folias

22h - Show musical na praça Benedito Meireles

16/01

07h às 20h - recepção e credenciamento (portal de entrada da cidade -Av. Getulio Vargas)

10h - Visita aos bairros: Ponte Alta, Santa Terezinha e Vila Mariana

12h- Almoço nos hotéis e alojamento

14h- Visita aos bairros: São Roque, Jardim São Paulo e Santa Rita

20h às 22h - Abertura da festa com apresentação das Folias

22h - Show musical na praça Benedito Meireles

17/01

07h às 20h - recepção e credenciamento (portal de entrada da cidade -Av. Getulio Vargas)

07h - Grande café da manhã (Praça N. Senhora Aparecida)

10h30 - Apresentação das folias no "Morro do Presépio" (Santuário Nacional)

12h- Almoço nos hotéis e alojamento

16h - Consagração e apresentação das folias no Centro Histórico (Matriz Basílica)

20h às 22h - Abertura da festa com apresentação das Folias

22h - Show musical na Praça Benedito Meireles

18/01

07h às 20h - recepção e credenciamento (portal de entrada da cidade - Av. Getulio Vargas)

11h - Bênção dos alimentos e grande almoço festivo (Praça de eventos Vereador Milton Alves da Fonseca)

20h às 22h - Abertura da festa com apresentação das Folias

22h - Show musical e pirotécnico na Praça Benedito Meireles

<http://www.vnews.com.br/noticia.php?id=41930>

2) IX ENCONTRO NACIONAL DE FOLIAS DE REIS- BSB- 03/2009

PROGRAMAÇÃO

PROGRAMAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

QUINTA-FEIRA - DIA 05/03/2009

19h – Abertura: - Representação da Chegada dos Três Reis Magos – Encontro das Bandeiras

19h30 – Palco: Apresentação do Canto de Chegada

21h – Palco: Abertura Oficial (autoridades políticas e eclesiásticas)

22h – Palco: SHOW - ALMIR SATER (MS)

SEXTA-FEIRA - DIA 06/03/2009

9h – Roda de Prosa - Mestres Reiseiros – Grupos de Folias - Tema: Como manter a tradição da Folia de Reis

12h – Galpão: Almoço dos Foliões

14h – Giro Cultural pela Esplanada dos Ministérios

19h – Jantar dos foliões - Seguido do Bendito de Mesa

19h - Apresentação de Folias e Danças Populares

21h30 - Palco: SHOW – TÉO AZEVEDO (MG)

23h – Palco: SHOW – ZÉ MULATO E CASSIANO (DF)

SÁBADO - DIA 07/03/2009

9h – Roda de Prosa / Convidados: Américo Córdola (Ministério Cultura/Sec.Ident. Divers.Cultural); Chico Lobo (Violeiro-MG); Pereira da Viola (Violeiro-MG); Bariâni Ortêncio – GO; Prof. Afonso Furtado – RJ e Grupos de Folias

9h – Oficinas: Danças (Catira, Lundu e Curraleira); Construções de Instrumentos de Folia; Brinquedos, Brincadeiras e Jogos Roceiros.

9h – Praça do Coreto: Apresentações Livres de Folias e Danças

12h – Almoço dos Foliões seguido de Bendito de Mesa – (local:Galpão/refeitório)

12h – SHOWS no Palco Alternativo/Refeitório - CHICO LOBO – VANDERLEY E VALTECY – LUIZ FARIA E SILVA NETO

14h – Oficinas (continuação)

14h – Praça do Coreto – Apresentações Livres de Folias e Danças

17h – Palco: Apresentações das Folias e Danças Populares

19h – Galpão: Jantar dos foliões – seguido do Canto de Agradecimento

20h – Palco: Apresentação de Folias e Danças Populares

22h30 – Palco: SHOW – ROBERTO CORRÊA e SIBA (Lançamento de CD)

23h30 - Palco: SHOW – ANDRÉ e ANDRADE

DOMINGO - DIA 08/03/2009

9h – Roda de Prosa (cont.)

9h – Oficinas (cont.)

9h – Praça do Coreto: Apresentações livres de Folias e Danças

12h – Galpão: Almoço dos Foliões, seguido de Bendito de Mesa

12h30 – SHOWS no Palco Alternativo/Refeitório - PEREIRA DA VIOLA – CELINO & GERALDO – GALVAN & GALVÃOZINHO

15h – Palco: Encerramento das oficinas

16h – Praça do Coreto: Apresentações de Folias/ Canto de Despedida

18h – Apresentação de Encerramento do Encontro, com INEZITA BARROSO, comemorando o Dia Internacional da Mulher, acompanhada do grupo Feminino de Folia de Reis de Vazante/MG. – Abertura do Show: Kleuton & Karen – Rosa Branca & Canarinho – Caipira & Caipora

#### ATRAÇÕES DIÁRIAS E VARIEDADES

Exposições de Instrumentos Musicais Típicos; Fotos e Vídeos; Rodas de Prosa (com mestres Reiseiros);

Danças típicas: Catira, Lundu, Currelora, São Gonçalo, Sussia, Tambor; Presépios; comidas típicas, artesanatos e produtos agroindustriais; Fazenda Modelo e após as modas, arrasta pé com músicos foliões.

Realização: Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do GDF; Clube do Violeiro Caipira de Brasília - Patrocínio: FAC – Fundo de Apoio a Cultura/Secretaria de Estado de Cultura; BrasíliaTur - Apoio: GDF – Governo do Distrito Federal; ACP; NEAD - Produção: VBS Produções e Cultura & Criatividade.

## ANEXO IV – ENTREVISTAS.

**Entrevista com Sr. Virgílio Ieto, 42 anos, químico industrial, nascido em Retiro da Roça, Município de Largamar, Minas Gerais.**

JV: Hoje, dia 25 do doze de 2007, eu vou fazer uma entrevista com o Sr. Virgílio Correia Neto, 42 anos, químico industrial, nascido em Retiro da Roça, Município de Largamar, Minas Gerais, morador de Uberlândia há 14 anos. Virgílio, bom dia. É um prazer estar com você. E eu queria começar com você, perguntando pra você o que é a folia de Reis?

VN: Primeiramente, bom dia, né? A folia de Santos Reis, na minha opinião, ela, muita gente fala que é cultura, né? Mas muitas vezes ela deixa de ser também uma religião, que proclama o nascimento de Jesus Cristo, né?

JV: E quais são as lembranças da festa que mais te marcaram?

VN: As festas, as lembranças que a gente tem das folias de Santos Reis, são aquelas festas que geralmente é de muita comida, muita comilança. E a lembrança da melhor festa que eu tenho, foi a do ano passado, que é 2006, que é a que mais tinha gente, tá? Na minha opinião, foi a festa que mais teve pessoa aqui em São Braz.

JV: E desde quando você participa dessas festas?

VN: Ah, desde quando eu me lembro como gente, né, com 9 anos ou 10 anos, a gente já frequentava com meu pai, que está na folia há mais de sessenta anos. Então a gente já sabe, desde criança está no sangue o nosso trabalho. Até a folia, também, eu sou folião também nas horas vagas, né?

JV: De menino, o que você lembra que te marcava na folia, quando você era menino?

VN: Ah, sem dúvida, era o palhaço, que a gente corria do palhaço, aquelas brincadeiras do palhaço, o palhaço dançando, né? Sem dúvida, quando eu era menino, era. Hoje, não. Hoje o caso é outro. Hoje, na verdade, hoje é a devoção que a gente tem, que a gente aprendeu dos nossos pais, da folia de Santos Reis, é a fé que a gente tem em Santos Reis.

JV: Essa fé que você tem em Santos Reis, você já percebeu ela, de que sentido você já percebeu essa festa?

VN: É o seguinte, eu sempre tive muita fé em Santos Reis. Mas com o nascimento do meu filho, há sete anos atrás, ele nasceu com problemas de saúde, e nós fizemos uma promessa pra Santos Reis, e Santos Reis, graças a Deus, a curou. E hoje, no dia de hoje, eu estou realizando e finalizando a promessa que eu fiz há sete anos atrás, quando meu filho nasceu.

JV: Foi oferecer então a saída do dia de ontem.

VN: Isso. Certo. A saída de ontem é primeiramente a devoção que a gente tem em Santos Reis, que estou cobrindo com uma promessa que eu fiz há sete anos atrás, no nascimento do meu filho, quando ele nasceu com vários problemas de saúde. E, graças a Deus, Santos Reis melhorou ele bastante. Hoje o menino tá correndo pra todo lado, aí.

JV: Já é folião também.

VN: Já. Daqui a uns dias, sim.

JV: Você falou também que você é folião nas horas vagas. Você podia falar um pouco sobre isso? Como é que você aprendeu, o que é que você faz então, na folia, nessas horas vagas?

VN: Olha, como eu sempre estudei e sempre trabalhei fora, as horas vagas que eu quero dizer é assim, quando eu saía do serviço e corria aqui, é pra mim foliar. Mas isso era muito raro, porque a gente estudava e trabalhava e muitas vezes a empresa e o estudo não dava tempo da gente, né? Mas sempre eu estava aqui, uma vez ou duas vezes, pra acompanhar a folia e cantar, ao mesmo tempo cantar. E divertia com a folia. Que a folia, além de ser uma devoção que a gente tem, ela também é uma cultura. E também, o mais importante, é o encontro que a gente tem, no final de ano, de ano em em ano, a gente vai renovando, com os amigos que estão distante. Que a gente se encontra aqui, final de ano.

JV: Virgílio, eu queria que você falasse pra mim, sobre aquele momento de ontem, que começou às cinco horas da manhã e que foi culminar à meia noite, lá, com a reza e depois com o canto dos foliões. Eu queria que você descrevesse um pouco aquele dia de ontem, como que você viu aquele momento que eu presenciei aqui na sua casa.

VN: Olha, na verdade a folia, a saída, até mesmo a Festa, ela começa uns dias antes. Ela começa, mais ou menos, a saída nós começamos a fazer o doce uns cinco dias antes do dia de hoje. E a gente levanta cinco horas, tem que matar uma vaca ou um porco, tem aquela correria que a gente faz no dia-a-dia. E a hora

que a gente chega no horário de rezar o terço, à meia-noite, que a gente reza o terço aqui à meia-noite, é uma gratidão muito grande de ver todo mundo, uma multidão de gente, uma população grande da região que aqui vem frequentar a nossa festa. E o mais, é gratificante quando você faz uma saída e todo mundo sai satisfeito e elogiando. Então, pra mim, eu estou realizado.

JV: E aquela movimentação aqui, durante o dia?

VN: Olha, aquilo lá não deixa de ser, assim, de um certo momento, várias pessoas ajudando. O que eu mais me impressiono, várias pessoas, tem pessoas que muitas vezes tem problema de saúde, mas vem ajudar, porque tem fé em Santos Reis. E Santos Reis vem ajudando essas pessoas, pra que, dar mais vida pra elas, né? Então, aquele momento, que eu mais reflito assim, que a dificuldade de as pessoas moram, que tem pessoas que moram distante. Mas nesse ano veio, a gente está juntando aqui o pessoal pra fazer a saída, né? E é um momento muito bom, tem aquela confraternização, tem pessoas que há muitos anos que a gente não vê, a gente revê aqui, pra ajudar a fazer, a matar as vaca, os porco, as leitoas, tudo os alimentos que faz. Então, na verdade, é uma gratidão muito grande, quando a gente chega fazer uma saída, assim, que todo mundo ajuda. Aqui, a vantagem é essa, que todo mundo ajuda a fazer a festa. Não é eu que faço a festa, é o povo que faz a festa.

JV: Aquele momento então já é a festa.

VN: Ah, sem dúvida, sem dúvida. O momento da festa já começa antes. Ela não é só no dia. O momento da festa é durante os sete dias que você está preparando pra fazer o doce, preparando uma vaca pra matar, no dia da festa. Então, na verdade, a festa de Santos Reis, ela não é só no dia 25, nem só no dia 6. Na verdade ela começa antes, no dia 18, 17, dia 15, que aí você tem que estar organizando, comprando os alimentos que você vai fazer, os frangos. Tem que estar tudo já organizado, pra chegar no dia da festa e não ter problema nenhum, né?

JV: A sua saída de São Braz alterou a maneira de você ver esse lugar?

VN: Não, não alterou. Primeiramente, o sonho da gente era trabalhar e estudar fora, né? Mas o coração da gente sempre esteve aqui. E a tendência é um dia a gente voltar pra aqui, também, entendeu? Daqui uns dias, com fé em Deus, eu estou voltando pra essa terra aqui.

JV: É, que aspectos você passou a perceber e que você notou, com a sua ida, com a sua saída de São Braz?

VN: Olha, que eu notei, na verdade, a minha saída de São Braz foi uma saída pra mim estudar e também ao mesmo tempo trabalhar. Mas eu confesso pra você que dentro de quatro ou cinco anos, eu não estou muito longe de aposentar, eu estarei voltando aqui. O meu lugar de viver, pro resto da vida, vai ser este lugar.

JV: Mas a cidade grande trouxe alguma diferenciação pra você valorizar ou pra você não valorizar esse lugar?

VN: Sem dúvida. A cidade grande, a violência, você não pode, igual meus filhos vêm aqui, corre na rua, não pode sair na rua na cidade grande. A violência na cidade grande, aqui não existe, né? Aqui você pode dormir até com as portas abertas da sua casa, que não tem tanto risco de acontecer uma tragédia, como numa cidade grande. Então, sem dúvida, a cidade grande ela me marca muito pela violência, né? Aqui é uma cidade de interior, igual aqui, não existe isso. A violência, aqui é muito raro acontecer isso. É um lugar que a gente quer, pra gente finalizar o final de vida da gente.

JV: Quando você está no trabalho, quando você está no trânsito, quando você está em Uberlândia, que memórias que você tem de São Braz? O que é que te faz, lá, lembrar São Braz de Minas?

VN: Olha, o que me faz lembrar da minha terra é quando a gente, principalmente, a gente vê, por exemplo, revê alguns amigos daqui, a gente vai comentando um com o outro e sempre um tem uma notícia: “Olha, aconteceu isso lá na sua terra”. Então, as lembranças assim que a gente tem disso, né, é de estar, estar entrando em contato com os colegas e saber notícia daqui, né?

JV: Lá em Uberlândia, algo te lembra a folia de Reis?

VN: Olha, creio que não, viu? Tem coisa muito parecida, no caso, a congada, né, o congo, mas o congo é um pouco diferente, né? Que o congo é devoção a Nossa Senhora, é os cantos parecido, mas com Nossa Senhora e São Benedito. Aqui, não. Aqui é diferente um pouco, né? Mas dá um pouquinho da gente lembrar, pelo batido dos bumbos, das caixas, dá pra gente lembrar um pouco da folia. Ali é um pouco diferente, porque é Nossa Senhora e São Benedito.

JV: E tem algum momento que você consegue, lá em Uberlândia, quando você diz que você lembra, que você quer passar aqui sua, terminar sua vida aqui, aposentar, o que é que ficou forte pra você, dentro de você, desse lugar? Da sua infância, o que é que você acha que faz você vir pra cá?

VN: Sem dúvida, primeiramente é a família da gente. Segundo, é os amigos que a gente tem aqui, é um lugar que a gente é de fácil fazer amizade. Então a gente conhece todo mundo, sabe a qualidade e os defeitos das pessoas. Então sem dúvida é isso que eu acho.

JV: Que lugares que te marcaram aqui em São Braz?

VN: Olha, eu tenho vários. Que eu fui criado correndo, é o rio Paracatu, né, aqui, que a gente pescava. As fazendas dos meus tios. Na época o meu pai não tinha fazenda ainda, né, na infância, e a gente ficava mais na fazenda dos tios, montando em cavalo. Sem dúvida é essas coisa que, e sem falar nas folia de Santos Reis, que era as festanças, né, os forró da roça.

JV: E qual é a sua relação com a festa e a cidade, hoje?

VN: Olha, a relação que eu tenho com a festa, na verdade, eu sempre gostei de ajudar. Todas as festas que faz aqui na cidade, eu gosto de estar ajudando a servir o povo, até mesmo matando uma vaca, ajudando outros, outras coisas dentro da festa. Eu sempre gostei. Mesmo estando fora, eu sempre tirei férias nessa época, pra vim ajudar, sabe?

JV: E pra você, qual é o melhor momento da festa?

VN: Pra muita gente, é na hora da comida. Mas pra mim não é. A fé que eu tenho em Santos Reis é na hora do terço.

JV: Como é que você vê essa folia antigamente e como que você vê a folia hoje? Que aspectos você pode estar comparando entre aquele momento e esse momento?

VN: Olha, a folia, hoje, ela pode ter perdido em termos de companheiros, que infelizmente Deus já levou, faleceram, né? Mas ganhou em termo de organização. Antigamente, só pra você ter uma noção, o cara marcava, a folia estava andando na cidade, e de repente chegava, pedia almoço pro cara, o cara não estava preparado pra servir a comida. Tinha que sair correndo pra comprar um leitão do vizinho, umas galinha, uns frango. Era uma correria danada. Hoje, não. Hoje, o que acontece hoje? Hoje, deu da saída, com seis meses, na verdade, seis meses antes da saída, todos os foliões, inclusive está até na Internet, sabe os pontos de bóia, sabe onde vai ser os almoço e janta. Então, o giro, já sabe onde vai ser o giro. “Nós vamos sair daqui, vamos até...”. Nesse ponto, a organização foi muito bom. E outra coisa que me chamou também a atenção, ao longo desses anos, na folia de Santos Reis, antigamente, não fazia fila, na hora de servir a comida. Ah, estava servindo, arrumando a mesa, né, e chamava o pessoal pra comer e quase derrubava a mesa. Então, a organização da fila foi sem dúvida uma coisa muito boa, tanto para o festeiro, como pra aquelas pessoas que estavam na fila também.

JV: Como você vê também a modernização da própria cidade de São Braz, do Cerrado, e essa relação da modernização dos jovens que estão fora, que vêm pra cá, dos próprios jovens que estão aqui? Como é que você vê esse movimento de modernização e dos jovens em relação à folia de Reis?

VN: Eu vejo com muita preocupação, porque infelizmente a folia ela está perdendo um pouco daquilo que eu mais apreciava na folia, era a festa da roça. As festas de Santos Reis era na roça. O povo se juntava ali na roça, fazia aqueles ranchos de palha pra servir o pessoal. E era muito bom, sabe? E hoje não, hoje as festas estão mais na cidade, né? Tanto aqui dentro de São Braz, quanto lá no Cerrado. Então isso pra mim está prejudicando um pouco daquela coisa que se chama assim, que muita gente não acha que é importante mais, a tradição da roça, aquela festa lá na roça. Então está perdendo muito. Essa modernidade que eles estão trazendo, eu, na minha opinião, prejudica toda a tradição da folia de Santos Reis. Deveria ser na roça, ali a onde a pessoa chega, vê a fazenda. Era bem melhor na roça.

JV: E como que você vê a formação de novos foliões?

VN: Olha, até existe uma idéia de criar uma escolinha de folia de Santos Reis, aqui de São Braz. Uma idéia muito boa, só que ainda não saiu do papel. Mas se isso acontecer, nós vamos tentar resgatar essa turma que está aí, que esses jovens que estão chegando aí, com 10, 15 anos, pra aprender a folia. Porque hoje, infelizmente, hoje os jovens estão mais é acompanhando a folia, na verdade é poucos. O que a gente tem aí de sanfoneiro, de menino, que começou a aprender de 7 anos, mas é poucos aí. Deveria ter mais jovens envolvidos, para manter a tradição da folia de Santos Reis. Porque eu vejo assim, a minha preocupação, de acabar, não. Que eu acho que a folia de Santos Reis, principalmente a nossa, não acaba. A nossa tem festa marcada até pra 2014. Mas os jovens precisam atuar mais nessa parte. Eu estou vendo os jovens, na hora de rezar um terço está pra um lugar e deveria estar ali acompanhando, já aprendendo. Então, a nossa folia ainda tem alguns jovens que está aprendendo. Inclusive dois sanfoneiros muito jovens, estão aprendendo a tocar, esses dias. Alguns meninos, o Milton está ensinando eles a cantar. Mas ainda é pouco. A idéia da escolinha, se sair do papel, vai ser muito boa.

JV: E o que você acha que interpõe nesse caminho do jovem com a folia?

VN: Ah, sem dúvida, que eu acho, hoje os som, as lanchonetes. Então tira um pouquinho esses jovens de estar. Antigamente era na roça, o pessoal tudo morava na roça. O que acontecia? Não tinha esses

envolvimentos, bebida, né, de lanchonete, de som ligado nas ruas. Antigamente não existia isso. Então isso está tirando um pouco dos jovens. Os jovens ficam mais na rua andando, girando, e esquece um pouco da devoção a Santos Reis.

JV: Você acha que a busca de estudos, como você foi estudar fora, trabalho, que a oferta aqui em São Braz é mais restrita, você acha que isso também tem uma relação com essa formação?

VN: Ah, tem sim, tem porque a gente, quando a gente sai, a gente toca outras pessoas com outra cultura, então, isso sem dúvida é que prejudica essa relação. Na hora que a gente volta, talvez, no meu caso não, mas muitas pessoas talvez esquece da fé que a gente tem em Santos Reis.

JV: Você podia falar um pouco mais sobre isso?

VN: Sobre a fé?

JV: Sobre a questão do contato com a outra cultura.

VN: Aí, o que acontece hoje? Hoje tem, você chega, por exemplo, numa cidade como Uberlândia, o povo, se falar pra eles que aqui a gente mata oito vacas pra fazer uma festa, eles duvida. Por que? Porque eles não sabem, eles não têm o conhecimento que a gente tem aqui na roça, né? Então, o que acontece? A mudança de cultura talvez pode influenciar, não sei. No meu caso, não influenciou. Mas muitos jovens são influenciado talvez por essas culturas diferentes. No caso, em Uberlândia mesmo, tem a festa do congo, né? Então a pessoa parte, talvez larga a folia de Santos Reis pra seguir a festa do congo. Então essa mudança de cultura muitas vezes pode estar prejudicando.

JV: Eu queria que você falasse pra mim também, é, como que é o dia-a-dia seu fora desse período da festa?

VN: Olha, o dia-a-dia meu é de muito trabalho, que eu trabalho de segunda a sexta. Eu sou químico ambiental, também, que eu fiz química ambiental. E dentro disso, é muito corrido. E muitas vezes a gente, nessa correria do dia-a-dia da vida da gente, a gente muitas vezes não tira um tempo pra dar uma ligada pro pai, pra mãe. E isso, isso é uma das coisas que essa correria do trabalho. E no final do ano eu sempre saí de férias, no final do ano, pra pegar essas festas de Santos Reis, né?

JV: Mas você acha que essa correria ela influencia também na perda um pouco dessa raiz? Que você falou que, no seu caso, não influenciou. Você acha que essa não-influência da cultura urbana, você acredita que é porque você tem essa raiz de folião, e quem não tem teria mais dificuldade a sobreviver a essa ligação?

VN: É, realmente sim. Como no meu caso eu estou enraizado, que meu pai nos ensinou desde criança a admirar a folia de Santos Reis, é, a correria ela pode influenciar aquelas pessoas que já não tinha aquele sangue de folia de Santos Reis. Mas quem não tem o sangue mesmo, desde criança, eu acho que pode atrapalhar. Muitas vezes, a gente quer vim na folia e a gente está trabalhando, não tem como, né? Mas, eu acredito que pode influenciar aquelas pessoas que não tenham fé em Santos Reis, né, e não foi criado dentro, igual a gente foi, dentro da folia de Santos Reis, praticamente.

JV: Como é que você imagina a festa daqui a dez ou vinte anos, Virgílio?

VN: Olha, eu imagino a festa a dez anos, a tendência é ela continuar ou no Cerrado, ou aqui dentro de São Braz. Eu sempre fui contra. A tendência é continuar nesse esquema. Porém, eu acho que daqui dez anos, a tendência é a folia melhorar mais ainda. Com a sua divulgação, você vai está divulgando esse trabalho da folia, né, da nossa folia aqui. E sem dúvida, daqui a dez anos, a tendência é nossa folia melhorar mais ainda. Apesar que os jovens, tem poucos jovens, né? Mas eu acredito nessa idéia, e aí eu volto a afirmar, essa idéia da escolinha. Pode dar mais, digamos assim, melhorar mais esses jovens que estão chegando. Eu acredito que daqui dez anos, pode atrapalhar, influenciar outras coisas. Mas quem tem fé em Santo Reis e já nasce dentro daquilo lá, eu acho que não tem como não. Eu acho que daqui a dez anos vai melhorar muito mais ainda.

JV: E como que você vê então, pra ser um folião e estar se formando folião, além dessa linhagem que já vem da família, da fé, seria talvez necessário estar em São Braz? E não sair de São Braz? Como é que você vê essa relação entre os moradores que aqui ficaram, os jovens que aqui ficam e os jovens que vão pra fora?

VN: Olha, nesse caso, eu acho que em termos pra ir fora, é mais difícil pra integrar dentro da folia de Santos Reis. Mas aqui, por exemplo, os jovens aqui, tem muitas pessoas, principalmente esses rapazinhos de 14, 15 anos, eles começam muito bem, cantar muito bem. Aí, depois vem aquela mudança da voz e atrapalha muito também. É um detalhe.

JV: Como é que você percebe a cidade antes da folia e no momento das festas?

VN: Olha, antes da festa, né, aqui mesmo na cidade aqui, praticamente é uma cidade parada, não vem muita gente de fora. Mas na época da festa, mesmo, aqui vem gente praticamente de toda região, do Brasil. Tem pessoa que vem de longe mesmo, pela tradição da nossa festa, da nossa folia, né?

JV: Bom, então, Virgílio, eu vou deixar agora um tempo livre pra que você fale um pouco da folia e que você talvez você descrevesse mais a folia, lembranças que você tem desses momentos, fatos marcantes, que você possa então fazer um apanhado geral pra gente sobre a Folia de Reis, dentro da sua visão, dentro daquilo que te marcou, daquilo que é importante pra você. E também as suas preocupações.

VN: Sem dúvida, a festa de Santos Reis, na minha opinião, ela mais me marca naquela época, que os meus tios fazia a festa, o meu pai fazia, na roça, né, aquela festa na roça, onde você estava lá assim passava um cachorro, uma vaca berrando, no fundo do quintal lá. Isso era muito bom, naquela época. Pra mim o que me marca é essas festas na roça. Agora, a minha preocupação é que a festa vira simplesmente, sai da roça, como está saindo, e vira somente a parte urbana. Aí é uma das grandes preocupações minha. Eu até vejo a folia, a nossa, principalmente a nossa folia aqui, outras folias da região aqui, que está acabando e a nossa está crescendo. Por que? Primeiro um trabalho muito importante, com um equipe, vou até citar, Abedias, o Abedias Correia, meu pai, o Roldão Correa, Romildo, o Milton Correia que está fazendo um trabalho muito bom. E essa mudança que houve, né? Sem dúvida nenhuma, antigamente não tinha fila, o pessoal, né? Isso me marca também. Me marca quando chamava pra comer, as mesas quase caía. Hoje, não, hoje não existe. Então, pra mim, eu vejo uma preocupação por um lado e uma melhoria de outro. Tem coisa que melhora e outras coisas pioraram. A organização melhorou muito. Hoje, com seis meses, o cara que vai fazer um almoço ou uma janta, já sabe o que ele vai fazer, dá pra programar, um porco, criar uns frango. Antigamente era mais complicado. Então, essa organização melhorou muito. A preocupação minha é que as festas de Santos Reis vira só no centro urbano. Aí vai perder um pouco da tradição, né?

JV: Já que você falou nisso, eu me lembrei de outro aspecto que já foi citado por mim. Esse aspecto comercial, mercantil nas festas. Você percebe isso?

VN: Percebo. É outra coisa que eu acho errado também. Que é a bebida, né? Assim, a cerveja. Hoje virou um pouco um ramo de negócio. Hoje a pessoa vem de longe trazendo latinha de cerveja e vende na festa. Isso quebra um pouquinho também daquela, porque antigamente era aquela pinga de alambique, fazia na roça, né, a pessoa tomava ali na hora da festa. Hoje, não. Hoje o cara está mais invocado com a cerveja, que o cara vem trazendo lá de outro, já leva o dinheiro daqui pra outro lugar, né? Então, isso não, eu acho que não contribui nada, nada pra melhoria da folia, nem da tradição de Santos Reis.

JV: E antes quem oferecia a bebida era o festeiro.

VN: É, antigamente sempre foi o festeiro que colocava os litro de pinga, de vinho, né? E hoje não, hoje também é ele, ele oferece também, como eu ofereci ontem, a bebida. Hoje, não. Hoje, além daquela bebida que eu tô servindo lá, a cachaça, existe o outro lado que é a cerveja, o comercial, lá fora, né? Essa parte de comercial que eu acho ruim, porque tira um pouquinho daquela, da tradição da folia de Santos Reis, né?

JV: Virgílio, muito obrigado pela entrevista. E a gente vai procurar então fazer um trabalho em cima desse material que você nos colocou, tá?

VN: Obrigado você e, obrigado você pela oportunidade de estar dando essa palhinha, sucesso nesse trabalho que você está fazendo.

JV: Então, vou finalizar aqui com o Virgílio.

### **Entrevista com Sr. Donizete Osvaldino Pereira, 52 anos, fazendeiro, nascido em Imburana, Município de Largamar, Minas Gerais, Capitão de Folia.**

JV: Hoje, dia 3 de janeiro de 2008, eu vou entrevistar o Sr. Donizete Osvaldino Pereira, 52 anos, fazendeiro, nascido em Imburana, Município de Largamar, Minas Gerais, capitão de folia, folião há mais ou menos 40 anos. Pra mim, é um prazer muito grande estar conversando com o senhor Zetinho, como é conhecido aqui, pela experiência, pela vivência que ele tem da folia. E a primeira pergunta que eu vou fazer pra ele, o que é a Folia de Reis?

DO: Bom, a Folia de Reis, no meu ponto de vista, ela simboliza três coisas. Ela é uma diversão, ela é uma devoção e é um folclore. Eu acredito que, nada menos, que ela traz muita alegria. Como foi formado quando o menino Jesus nasceu, os Reis saíram para visitá-lo, e saiu como uma Folia de Reis, comemorando seu nascimento.

JV: Zetinho, o que te levou a participar da folia e qual é a sua função na folia?

DO: Eu tenho ela como herança. Que essa folia, foi meu bisavô foi que criou ela. Esse município inteiro aqui era uma folia só. Meu bisavô criou essa folia e ela veio de herança pra mim. O padraço do meu pai era Capitão de folia. O primeiro Capitão dessa folia foi o Chico Mateus e foi vindo outros, chegou no meu avô, que é o padraço do meu pai.

JV: Como é que ele chama?

DO: Antônio Pereira de Andrade, apelidado por Antônio Rita. Foi um grande Capitão na região. E depois o meu também se transformou Capitão.

JV: Seu pai é o?

DO: Luís Gonzaga Pereira, famoso Luís Gonzaga. Deixou muita amizade, deixou muita coisa boa nessa folia. Eu, como filho dele, comecei andando atrás, e me testaram e acharam minha voz razoável, me encantaram e eu nunca parei de andar.

JV: Qual é a sua função na folia hoje?

DO: Eu hoje sou Capitão dessa folia, já há mais de 20 anos. Já há 25 anos que eu sou Capitão dessa folia.

JV: E o que faz um Capitão?

DO: O Capitão é o que tira, ele é que forma os versos, ele é que canta primeiro, ele é que deixa muita responsabilidade para arrumar os foliões adequados, né, com voz bonita, com instrumento afinado, né? E eu acho que o Capitão, ele, hoje como a nossa folia tem gerente, eu não sou o primeiro homem. Mas, no tempo do meu pai, que ainda não existia gerente, o Capitão era o primeiro homem da folia, ele é que comandava tudo, né? Agora, hoje não, hoje mudou muito, hoje nós tem gerente. O Capitão mesmo fica mais por conta de cantar e com as responsabilidades de cantar os versos certos, com os instrumento afinado. Isso é responsabilidade do Capitão.

JV: Zetinho, eu queria que você me falasse como que você aprendeu a ser um folião, a tocar, cantar. Como você aprendeu?

DO: Eu aprendi, João, de ver o meu pai cantar, de ver outros Capitão cantar. Até no tanto que me empolgou de cantar de Capitão, foi no ver o saudoso Flozino, Flozino Pereira, Flozino Pereira eu não tenho certeza qual o sobrenome dele. Era um grande Capitão, tinha uma voz muito bonita. Ele era Capitão da folia do São Braz. Eu vi aquele homem cantar e achei muito bonita a voz. E eu comecei a arremedar ele e a turma achou que dava certo eu cantar. Meu pai morreu, meu pai morreu e aí a folia ficou derrubada. Aí os tios, os amigos me procurou e eu segui e foi o que me fez eu ser Capitão e eu ser folião, foi os outros, né? Meu pai tinha muita cópia de folia. Eu nunca pedi uma cópia de folia a ninguém. Eu fiz ela, eu tenho várias cópias feitas por Bíblia, ou pela minha cabeça, pela natureza, de ver outras pessoas fazer. A gente olha, quando eu vejo uma pessoa fazer uma coisa boa, que é do agrado, eu decoro, né? Enfim, é por aí, é por aí que a gente vai aprendendo, vai treinando, né? Agora, contando, eu não acho que eu não sei nada. Muita gente me pergunta: “[inaudível] o que que você sabe?”. “Não, eu não sei fazer nada, eu não aprendi nada”. O que eu aprendi ser é que eu acho que eu sou educado, que eu sou alegre e eu acho que eu agrado o povo. E eu agradando o povo, eu acho que tá certo!

JV: Eu queria que você falasse pra mim, um pouco, sobre essa folia. Que você falou que era uma só. Eu queria que você falasse um pouco mais disso pra nós.

DO: Bom, João, eu tenho todo o prazer de falar disso pra você. Essa folia ela tem mais ou menos, eu não tenho certeza quantos anos não, mas ela tem mais de 80 anos que foi criada. Foi criada pelo meu bisavô, Benedito Mariano. O Chico Mateus foi o primeiro Capitão dessa folia. E foi vindo outros Capitão, Zé Grande, tio Ranulfo, outros. E aí apareceu o tio Afonso Corrêa, que era um homem muito, era uma liderança aqui no São Braz. Esse giro era muito difícil, porque essa folia ela fazia o Retiro, o São Braz, Boa Vista, Cana Brava, Gameleira, Imburana, Chapadinha, fazia isso aqui tudo. Aí o tio Afonso era uma liderança aqui na região, ele criou uma folia na Boa Vista, dividiu o giro. Ficou de lado o rio. Criou outra no São Braz. Ficou o Flozino Pereira. Ele escreveu cópia. Tio Afonso que deu Flozino, e me desculpa da maneira de eu falar, mas parece que ele era até analfabeto, ele não sabia ler. Tio Afonso fez uma cópia, alguém lia pra ele e ele decorava. Um homem da cabeça muito boa, né? E ficamos, ficou o vovô Rita, já era o vovô Rita e eu era criança, ficou aqui do Riachinho pra baixo. E hoje, já mistura giro, mas antigamente não misturava giro, não. Porque nós já fizemos vários encontros de folia. A folia do São Braz com a nossa folia. Certo tempo, tinha até uma rivalidade, contando que era uma folia só, uns companheiros só, tinha uma rivalidade, um companheiro vinha pra uma, outro companheiro vinha pra outra. E foi até que passamos a encontrar as bandeiras. Eu fui num encontro de folia, quando eu era rapazinho novo. Meu pai era um Capitão bom, meu pai era um Capitão bom. E o primeiro encontro dessa folia foi ali na casa do avô da sua esposa, aqui no São Braz Alto, em Córrego Dantas, fizeram um encontro de folia muito bonito ali. E aí, dali pra cá, foi acabando essa rivalidade. E hoje nós entra um do giro do outro, eles vem no nosso giro, nós vai no giro deles. Depois que eu assumi ser Capitão, eu não acho que, eu não sei se seja um homem diferente, que eu levo as coisas com muito carinho, respeito todo mundo. O sujeito pode vir aqui no nosso giro e fazer o que ele quiser aqui. Se for do agrado do povo! Que for na sua casa, que as portas estejam abertas, né? Eu, a minha casa, por exemplo, eu não abro ela pra

uma pessoa só, meu coração é aberto pra todo mundo. E então eu acredito que é por aí que foi. O que eu tenho certeza é desses 80 anos pra cá, essa folia, a nossa folia, eu tenho ela, eu sou o herdeiro dela. Eu tenho ela como herança. Bisavô, avô, meu pai e eu.

JV: E você tem irmão capitão também, né? O João Velho, capitão da folia lá do Flauzino, lá da folia de São Braz. Eu queria que você me falasse como é que, você falou da sua formação, da sua herança. Como é que você vê hoje a formação de novos foliões? E quais são as dificuldades encontradas, Zetinho?

DO: Essa é uma preocupação muito grande que eu tenho. Quando eu aprendi a ser folião, era eu, o Milton, Padrinho Ozana, Lazico, nós era tudo mais ou menos de uma idade só, [inaudível] irmão, compadre Lázaro. Nós era tudo assim, dois, três, quatro anos um mais velho ou mais novo que o outro, né? Então naquela época nós tinha facilidade com folião. Nós andava um bando aí de 60 a 80 folião. Que a nossa folia aqui ela é uma romaria. Desde o dia que sai, ela é uma festa. Hoje, eu estou tendo dificuldade. Eu estou vendo assim, que daqui uns 10 anos atrás, nós tivemos uma safra de folião só, que é o Eduardo. Um folião só. E agora de uns quatro anos pra cá, nós temos mais uma safrinha de três folião, que é o Felipe, o França e o Fabrício, três sanfoneirinho, muito bom, uns menino novo. São uns profissionais. Mas eu estou sentindo defasado, que nós, a nossa folia tem uns folião tudo acima de 50 anos, 60 anos, e nós estamos tendo dificuldade pra fazer folião novo. Parece que o povo, uns estavam afastando, outros começam e não seguem.

JV: E quais são as dificuldades que você sente pra estar formando esses novos foliões?

DO: Essa dificuldade maior é porque o povo novo ele não fica aqui no interior. Ele vai pra cidade, pra se profissionalizar. Lá ele envolve com outras coisas. Quando chega o Natal, e nós anda é nas roças, ele não quer roça. Ele quer ir pra uma outra cidade, ele quer passar umas férias num lugar, numa praia ou na cidade vizinha, né? Mas eu acredito que a nossa folia não vai ter tanta dificuldade pra se formar mais folião, não. Porque esse ano mesmo eu recebi, tivemos uma sorte, e eu sou bem bom pra conquistar folião, graças a Deus. Tivemos uma sorte, nós ganhamos vários folião que eu tenho certeza que vai ser um reforço pra muitos anos. Uns folião ainda jovem.

JV: Um aspecto que eu queria que você reforçasse pra nós, é a questão da devoção e da religiosidade na folia. Porque tem se observado que na hora do terço, na hora da reza, muitas vezes há um certo desapego. Como é que você vê isso no passado e como é que você vê isso hoje?

DO: Olha, no passado, a folia era mais religiosa. O passado, a folia seria mais religiosa, porque chegava a hora de rezar um terço, o Capitão da folia, os próprios pais, os próprio foliões intimavam todo mundo pra ir rezar o terço e o povo ia mesmo. Agora, hoje, hoje nós recebe um volume de gente, nossa festa cresceu muito. Nós recebe um volume de gente que só anda de carro, chega a hora de rezar um terço, ele quer escutar é um som, ver um DVD, uma coisa, outra, e no fim a gente fica ali só com aquele pessoal mais religioso ali, mais os folião, mais os pessoal mais velho, é pouca gente nova hoje que está indo ajudar a rezar o terço.

JV: É, quais são as lembranças mais marcantes que você tem da festa, no passado?

DO: Olha, eu tenho várias lembranças. Por exemplo, a festa do passado ela era uma festa muito bonita, ela era uma festa que o povo dedicava muito a ela. Ia fazer, por exemplo, uma viagem dos Reis, o povo ia tudo, tudo, todinho mesmo! Era aquela multidão de gente que ia buscar um Rei, lá longe. O povo tirava tempo, era muita palma pra folia cantar. Agora hoje, é o que eu já te disse, hoje o povo encosta num canto aí, faz uma moitinha aí. Antigamente, nós não aceitava bebida nas festas. Hoje vem os botecos, às vezes até lucro, porque envolve o povo, né? Mas o povo envolve num canto, num boteco aí, e esquece de participar mais da festa. Teve uma festa, no Lazineiro Carvalho, uma época, eu ainda era bem jovem, essa festa eu nunca esqueci dela. O tanto que ela foi bonita. O palhaço era o Luiz Prego, que hoje é folião da folia de São Braz. Esse homem ele divertiu demais, era uma área muito plaina, era muito bom de chegar e esse palhaço fez muita graça. O povo ficou o tempo todo aplaudindo esse palhaço e aquilo conquistou o povo tudo que estava ali ao redor e fez uma multidão de gente, ao redor dele, assim. Ele ia divertindo e dançando, e Lazineiro Carvalho sorrindo e brincando com esse palhaço, sem uma violência, só na brincadeira mesmo. Agora, hoje, os palhaço já não pode nem brincar mais. O palhaço na folia, hoje, ele está quase descartado.

JV: Eu queria que você falasse duas coisa pra mim, que você falou agora. Primeiro, é que você falou sobre a folia marcante, que é a questão do rei, da busca do rei, e que também do comércio, do comércio da festa. Eu queria que você falasse um pouco mais sobre o palhaço. Por que você acredita que ele está sendo descartado? Então, duas coisas que eu queria que você aprofundasse um pouco pra mim. A questão do comércio, na festa, e a questão do palhaço, que está descartado.

DO: Bom, o palhaço, é o seguinte, o palhaço está um pouco descartado, é porque antigamente poderia fazer brincadeira até pesada, brincadeira até de machucar alguém. Seria brincadeira, ninguém importava, ninguém apelava. Agora, hoje, hoje se o palhaço correr com uma criança, passar um medo numa criança, a gente já tem um conhecimento maior hoje que é prejudicante pra aquela criança. Medo, hoje, não só hoje, toda a vida, o medo ele é maligno, não pode fazer medo em ninguém. Ele é prejudicante à saúde. Aí,

descobrimos isso e a gente não deixa o palhaço brincar muito com a pessoa mais idosa, às vezes uma pessoa surda, às vezes uma pessoa deficiente. Eu lembro de ver ...

JV: Mexer nas estantes e tal ...

DO: Mexer, fazer arte, roubar coisa, que o palhaço roubava coisa, roubava assim, apanhava, entrava nas casas e pegava um queijo e saía correndo. Aquilo era farra. Não está podendo fazer isso mais, porque essa questão aí dos direitos humanos, qualquer coisa hoje pode condenar, pode condenar a folia. “Ah, o palhaço está roubando, o palhaço isso, fez a criança até fazer xixi na roupa”. Aquilo é um crime. E de fato é mesmo, é um crime fazer judiar com uma criança. Uma criança que tem muito medo, o palhaço não pode chegar perto dela. E antigamente nem que ela morresse, mas o folião ficava era rindo, achava bom. Eu até acho que hoje nessa parte é melhor, porque realmente é uma falta de conhecimento de deixar judiar com uma criança, o medo, né, porque ele é muito maligno, né? E sobre o comércio, o comércio também vem, porque o povo hoje bebe muito. Ele começou vendendo um refrigerante, nós começou não aceitando a vender cerveja. E depois nós começou a achar que o refrigerante era saudável e seria bem vindo um comerciante vir vender um refrigerante. Geralmente, você vai fazer uma festa, não tem umas águas preparadas, água filtrada, não tem uma água boa. Dá um calor danado, você vai ali e toma um refrigerante, principalmente se for de limão, é pra seu bem, né? E aí nós passamos até a convidar alguém pra vir. Agora, hoje, nós temos uma estrutura muito boa aqui, nós estamos falando de frente com ela. Uma estrutura muito boa aqui, que o prefeito deu uma ajuda aqui e fizemos esse barracão aqui, que comporta muita gente. Nós estamos até proibindo essa venda aqui. Esse ano nós ainda vamos aceitar a venda do comércio. Nós vamos criar um comércio para a Folia de Reis. Porque a folia, ela, eu não sei o porque que é a discriminação que pode ter nela, que não existe uma forma da folia receber, ela não tem um projeto assim de ter uma verba do Governo Federal, por exemplo. O Governo do Estado paga todo o tipo de esporte. E a Folia de Reis, nada menos, ela é um esporte também, ela é um lazer, ela é um folclore e não consegue. Inclusive eu até já falei isso numa Câmara, um dia, enviando para o Ministro da Cultura, que procurasse um forma, um projeto lá, que poderia distribuir verba pras Falias de Reis, porque nós estamos recebendo aqui, nesse barracão nosso aqui, no dia 6 de janeiro nós vamos ter aqui no mínimo três, quatro, cinco mil pessoas. E é uma responsabilidade muito grande nossa de nós receber esse povo aqui. Nós temos que ter uma água boa pra eles, nós temos que ter comida, nós temos que ter cômodo suficiente, nós temos que ter alimento suficiente a esse povo. Então o povo ajuda muito. Mas eu acharia até que seria certo o Ministro da Cultura, que seja hoje, o Gilberto Gil, fazer um projeto que poderia ter, enviar alguma verba. Até eu não falo isso sobre a nossa folia, eu falo mais em outras folias. Porque a nossa folia aqui, graças a Deus, ela é muito forte, o povo ajuda demais. Nós não temos dificuldade pra fazer uma festa. Mas temos às vezes um cidadão aí não pode comprar um instrumento bom, tem que ir tocando uns violão velho que não vale nada, né? Então, nós criamos esse comércio aqui, que no ano que vem ele vai ser trabalhado pra Festa de Reis. Nós vamos proibir os outros comércios ambulante e vamos montar um comércio pra renda pra folia, justamente pra criar, pra nós ter mais conforto pra receber o povo, que seja bem-vindo a nossa festa.

JV: Que transformações você percebe na festa, hoje, e como que você vê a folia fora da época?

DO: Olha, a nossa festa, hoje, você me perguntou foi da nossa festa?

JV: É. Como que você percebe as transformações que acontecem na folia, hoje?

DO: Olha, a nossa folia esse ano foi uma coisa extraordinária de boa.

JV: Nesses últimos tempos, né? Que transformações você tem percebido que estão acontecendo na folia?

DO: Eu tenho, com certeza, eu tenho certeza de estar te falando que a nossa folia melhorou muito. Que inclusive essa transformação, que nós tinha muita gente que bebia muita bebida alcoólica. Hoje nós abre um litro de pinga, aí, eu não vejo ninguém [inaudível], nós não consegue beber um litro de pinga mais. Então isso melhorou muito a folia. Melhorou muito a nossa folia dessa forma. E também nós recebemos umas idéias novas, aí, eu vou desenvolvendo algum trabalho, sempre fazendo alguma seleção de folião. Aquele folião que, todos folião são bom. Mas ele tem um lugar certo. Eu acho que isso ajuda, influi muito nós a aprender. Porque se você canta num lugar errado, você tem que procurar o lugar certo. E você procurando o lugar certo, você vai achar ele, tem o seu lugar. Existe o seu lugar na Folia. E você estando no lugar certinho, com certeza que está melhorando, né?

JV: E como é que você vê o uso da Folia fora de época?

DO: O uso da Folia fora de época ele é muito saudável. Eu gosto muito dele, porque a gente está matando uma saudade, está reunindo os companheiros. E geralmente quando nós faz uma folia fora de época, ela tem um sentido, porque nós temos a nossa folia aqui, no final de ano, início de ano, dezembro e janeiro, que é a época do nascimento do nosso senhor Jesus Cristo, essa nós fazemos ela por tradição. Mas nós faz muita folia temporona, nós faz ela pra ajudar alguém, em benefício pra uma entidade, um asilo, de uma conferência. Ou também algumas pessoas, um encontro de folia, como nós faz ele aqui. Eu já fiz em João Pinheiro, Vazante, Patos, Lagamar. Aqui no São Braz mesmo parece que já é o terceiro ano. E então eu acho muito bom a gente estar reunindo os companheiros e estar matando a saudade de cantar, né?

JV: Zetinho, em sua opinião, qual é o melhor momento da festa?

DO: Olha, eu acredito que o melhor momento da festa é na hora que você está lá de pareia com o Rei e a Rainha, cheio de alegria, vendo aquele Rei coroado, aquela Rainha coroada. Eu até ainda, eu tenho por acaso, nem toda festa que eu faço, mas a gente tem a satisfação muito grande de ver aquele rei coroado. Que eu canto até um verso ali que fala assim: “Deus vos salve, o nosso Rei, nesta hora, coroado, representando a Deus-menino, o único que morreu e foi ressuscitado”. Ele é um verso, que a gente está fazendo, é o sentido da alegria de Deus ter nascido e os reis ter visitado. Então naquela hora ali que a gente está vendo todo mundo alegre, o povo comendo, uns comendo, outros bebendo, outros ouvindo os folião cantar, a gente vendo aqueles Rei ali sentado na mesa imitando os Reis e os apóstolos, então aquilo um momento muito delicado, muito saudoso mesmo, muito bom, muito ótimo, sabe?

JV: Como que é o dia-a-dia do folia fora o período da festa, esse período de dezembro a janeiro? Como que é o dia-a-dia do folião?

DO: Olha, aqui nós saímos, o dia-a-dia é o seguinte. Nós sai com a nossa Folia do dia 24 para o dia 25, nós passa a noite, no dia 25 nós sai. E o dia-a-dia do folião, eu acho que, com certeza, ou pelo menos os folião que foi com nós aqui, eles folia é porque gosta mesmo, é tudo um trabalho voluntário. Cada um deles está por conta própria, ele vai pela natureza dele, por gosto dele. E a gente, é muito difícil ver um folião com a cara ruim. A gente vê ele de cedo a noite, sorrindo, alegre, cantando, divertindo, tratando os outros bem. É muito difícil a gente ver um palavrão na boca do folião, porque realmente, eu acredito que pra ele ser um folião, ele tem que ser uma pessoa educada, porque ele tem que mexer com alguém, ele tem que cantar para um senhor, uma senhora, pra uma jovem, uma donzela, pra uma criança, tem que estar num bom humor. Então é muito gostoso o dia-a-dia de um folião. Nós folia, do dia 25 até o dia 2. Igual ontem, nós entregamos aqui, você estava aqui presente, você viu aquela multidão de gente, todo mundo sorrindo, aplaudindo os folião, os folião ali enturmado, cantando, cansadinho, cansadinho, doido pra terminar e eu ainda puxando mais uns versinhos, agradando o povo, que é aquele povo que sustenta a Folia de Reis, né? Aquele, cada verso que a gente cantava, era uma palma. Aquilo empolga muito o folião, sabe? O folião quer chegar mais tarde, no final, sabe?

JV: Como que você imagina a festa daqui a dez ou vinte anos?

DO: Olha, eu acredito que, eu imagino ela sempre melhorando. Porque o povo, daqui a dez, vinte anos, já não vai ter quase ninguém analfabeto mais, já vai ser um povo tudo, quase tudo profissional, gente estudada, doutor, é professor, é doutor. E com certeza que esse pessoal tem condição de fazer as coisas melhor. Igual eu tenho folião que estudou muito pouco, então ele às vezes entende pouco da cultura. Eu acredito que cada ano que passa ela vai ser melhor, contando que tem essa dificuldade aí. Se não aparecer gente nova pra investir nisso aí, ela pode fracassar. Se não haver também isso que eu te falei, aí assim, que o Ministro da Cultura não resolvesse criar um projeto aí, um incentivo, dar um incentivo, aí, pra que a gente, que uma folia possa às vezes até pagar alguém pra foliar. Que aqui nós, no interior, nós encontra muita gente com dificuldade. Um companheiro não pode foliar, porque ele está com a roça dele suja, ele vive é de roça. Outro não pode foliar, porque ele não pode pagar um tirador de leite, ele não pode pagar um funcionário, a renda dele não dá. Então, mas eu acredito que cada ano que passa, vem melhorando. A nossa sempre tem melhorado. João, a nossa festa, aqui, em comparação, eu quero te dar um exemplo de anos anteriores com esse ano agora. Meu pai ficava muito alegre fazendo festa, ele chegava, ficava alegre demais, porque fez uma festa muito boa, uma festa muito grande aqui na região. Mas matava era duas vaca! “Olha, eu matei duas vaca, ontem, pra fazer essa festa, aqui, e estou pensando que eu tenho que matar oito, pra fazer no dia 6, porque o povo vem mesmo, o povo incentivou, o povo vem mesmo”. E essa festa é uma festa muito famosa. Então, tem que ter alguém pra ir segurando a barra. Eu, há vinte e cinco anos que eu seguro essa barra, que é uma herança que meu pai deixou. Mas eu não vejo alguém da minha família pra receber essa herança. Então pode encontrar essa dificuldade. Igual no caso tem uma frase que você falou, do Geovani, meu irmão, eu tenho meu irmão que também é um Capitão de folia. Mas parece que ele não dá bem certo com nós, aqui, ele foi pra uma outra folia. Parece que ele está bem lá, então eu acho que ele não vai ter sentido de voltar. Os meus filhos, tem um que gosta demais, tem vontade, mas não desenvolveu praticamente nada. Então eu acho que nós pode até ter dificuldade. A minha mãe nos ajuda muito, influi muito. “Filho, você não deixa parar não, vocês não deixa acabar não, vocês não deixa a herança do seu pai acabar não”. Ela já está com 78 anos, 77 anos, e ontem mesmo ela estava aqui, nos aplaudindo. Eu até ainda cantei um verso pra ela. Aplaudia, ela, muito aqui. Mas eu penso que nós pode ter dificuldade, daqui a dez anos.

JV: Zetinho, eu agora vou dar um tempo, assim, as perguntas que eu tenho que te fazer, eu te fiz. Mas uma coisa que eu queria te falar é, como é que é organizar uma festa? Que dificuldades, que facilidades, como é você agora, no dia 6, vai fazer a festa para o Rei e para a Rainha, como é que é esse procedimento? Porque você está organizando a festa, como é que é organizar uma festa?

DO: Olha, João, organizar uma festa não é fácil, não. Aqui, a gente diz assim, não é fácil, mas também não é tão difícil, não. Porque o povo da região tudo ajuda. A gente encontra muita gente boa que faz os

trabalhos praticamente tudo. A gente mesmo, o festeiro mesmo não precisa tanto de estar trabalhando não. Ele pode ficar mais é administrando, a mão-de-obra o povo faz mesmo um trabalho voluntário, como você já viu aqui vários anos. O povo vem de longe pra ajudar.

JV: Bom, eu agora vou terminar a entrevista com você. E como eu fiz as perguntas e elas seguem um roteiro, eu vou deixar agora livre pra você, pra você possa falar o que você quiser, o que você sentir que deve falar sobre a Folia de Reis, sobre essa festa, essa devoção, sobre esse momento único na cidade de São Braz, e também único na sua vida. Você está com seus filhos, está com sua mulher, está com sua mãe, está com seus irmãos, então eu queria que você agora tivesse esse tempo livre, pra você finalizar com a gente alguma coisa que por um acaso não possa ter falado.

DO: João, essa Festa de Reis, eu, pra mim, ela me dá muita alegria, porque nós reúne família. Igual, agora mesmo eu fiquei sabendo de um pessoal de Brasília que está vindo pra cá, que é da família, que é um momento de assistir a festa e de estar ouvindo aquela tradição antiga. Eu acho que essa festa de Reis, essa Folia de Reis, não só a festa, porque tem muitas vezes que nós folia aqui mas não faz festa. Faz umas folias temporona e aí não tem festa. E eu acredito que ela nunca pode acabar. Porque nós aqui no interior, nós vê muito pouca coisa. Aqui por exemplo tem muito pouca coisa, aqui não tem um porte de alto nível, pra gente ver. E essa Folia de Reis ela dá um calor no povo da região aqui. Que aqui, se fizer uma festa aqui, você pode bater em todas as casas, aqui, no dia 6, que ou eles está saindo, ou a casa está fechada. Que vai todo mundo. Vai o crente, vai o presbiteriano, vai o católico. Eles vai porque um vai pra ver os folião cantar. A Festa de Reis ela tem, a gente da organização, tem que ter muita cautela com ela, porque vem gente de todo tipo. Vem gente só pra tomar uma pinga. Outros vem só pra ver o capitão cantar. Ainda fala assim: “Eu quero ver o fulano cantar. Eu quero ver o capitão cantar”. Outros já vem pra ver a folia completa, cantar, ele fica de cima, ele quer gravar um CD, uma fita, ele fica ali, de cima, presta atenção em tudo. Outro vem pra comer uma pelota, que a pelota dessa festa aqui ela é tradição. Essa festa de reis aqui ela tem que ter pelota. A gente vai convidar o caboclo pra vim na festa, a gente não vai convidar pra comer um tira gosto, um frango. Vai lá pra comer uma pelota. E portanto, até que tem o sentido de ser a pelota mesmo, porque o povo ajuda muito aqui com os bovino. Olha, essa festa de Reis, nossa, que nós estamos fazendo hoje, meu filho é o festeiro, ela não foi a maior em renda. Ela foi uma renda estável, mas conseguimos ganhar vinte e três bezerros. Os fazendeiros da região aqui deu vinte e três bezerros. Então isso é pra ajudar na festa. Então tem que ter a pelota, que a gente praticamente ganha o gato, né? E eu acredito que ela nunca pode se acabar, porque ela envolve muita gente, ela alegre muita gente, é tanta gente que vem e fica feliz. Eu tenho visto gente doente, tá doente lá, vem aqui na festa, chega aqui, passa o dia inteiro sorrindo. Eu já vi gente que vem cumprir algum voto. Eu conheço muita gente. Eu conheço uma mulher da região do Lagamar, que ela veio numa festa nossa, numa época, e ela me perguntou se podia beijar a mão dos folião. Eu fui e disse a ela que podia. Podia beijar a mão. Eu não sabia o sentido, o porquê, por que ela estava beijando a mão dos folião. Porque, no meu ponto de vista, igual eu sou Capitão dessa folia, até com a experiência, a gente beija é a bandeira, é o santo. Mas essa mulher ela tem uma fé diferente. Que ela estava doente, ela estava doente, desenganada de médico. E ela fez uma promessa com os Santos Reis, que ela queria vim nessa festa nossa aqui e queria beijar a mão dos folião. E agora praticamente todo o ano a mulher vem. E ela é muita educada, ela chega e pergunta se pode beijar a mão dos folião. Que ela acha que é os folião que curou ela, né? Então eu acredito que o milagre é esse. É um milagre mesmo. Santos Reis tem um milagre. Muita gente até fala que os Santos Reis não é santo. E eu até concordo que eles pode não ser santo, mas que eles á milagroso, ele é. Eu, pra mim, ele é o santo da minha fé, os Santos Reis. E eu tenho exemplo, que tudo o que eu quero eu consigo. E eu tenho muitos exemplos. Eu, por exemplo, se a coisa apertar pro meu lado, é só eu gritar Santos Reis. Eu sou valido na hora, né? Então isso aqui é uma coisa, ali. Você está vendo ali, os caras montando um botequinho, como eles está alegria e satisfeito. Lá, ali: “[inaudível] nessa festa, aqui, nós vamos comer umas pelota, e nós vamos vender aqui muitas latinhas aqui, arrumar um dinheirinho, pra nós se virar lá na frente, né”. Então eu acho que isso nunca pode ser acabado. Tem que ser preservado com carinho, porque é uma coisa que, se você sair aqui na região: “Eu quero um leite pra fazer um doce”, ele te dá o leite tudo! Então tem que ser uma coisa boa. É uma coisa que muita gente, no bom sentido. Você faz aquelas comidas gostosas, aqui. Você: “O, mas que delícia, eu quero um pouquinho desse doce, que delícia. O, que quero um lombo daquele, ali”. Ela faz um lombo, lá, mais caprichoso! Mas, o daqui da festa, aquele que é gostoso, né? Então, João, eu quero encerrar.

JV: Porque está abençoado pelos Santos Reis, está abençoado.

DO: Justamente, justamente. Inclusive, eu canto esse tipo de verso, canto assim: “Que esse alimento é um alimento abençoado, abençoado por Santos Reis”. Primeiro, que eu acredito que todo alimento ele seja abençoado por Deus. Mas esse aqui, eu acho que ele ainda seja mais abençoado ainda, porque os fazendeiros, o pobrezinho, você chega na casa de um pobrezinho, ele te dá um saquinho de arroz, te dá um quilo de feijão, com aquele coração aberto, assim, te dando mesmo, pra você vir fazer, pro vizinho comer, pro visitante comer, né? Então aqui, eu acho que ele é ainda mais abençoado, porque ele é um

trabalho voluntário dos folião. E o povo te dá ali um presente, um arroz, um bezerro, um capado, nós tem de exemplo a vaca. Tem fazendeiro dá a vaca aqui pra nós matar, pra fazer a festa, né? Então eu acho que ela seja muito mais abençoada ainda, sabe?

JV: Eu queria que você falasse um pouco mais pra mim, sobre essa questão dos Santos Reis aqui em São Braz. Santos Reis é o santo da região, ele está presente na vida das pessoas mesmo?

DO: Olha, aqui, sem dúvida alguma, os Santos Reis aqui, aqui no São Braz, igual por exemplo em São Paulo, existe a Nossa Senhora de Aparecida, que é a poderosa, é do Brasil, né, ela é do Brasil, ela é a rainha do Brasil. Mas eu acredito que aqui no São Braz, aqui na região, no São Braz, Lagamar, Retiro da Roça, Gameleira, Boa Vista, nós temos aqui, você vê, num Município pequeno desse aqui, nós tem aqui mais de vinte folias, entre Retiro, São Braz, Lagamar, Boa Vista, Gameleira, Riacho, Imburana, Serra. Cada pedacinho que você anda, você pula um córrego, tem uma folia. E então, aqui é a terra dos Santos Reis mesmo. E ele é poderoso. E eu concordo que ele é poderoso em todo lugar. Mas aqui o sujeito à vezes te dá um presente, ele fala: “Santos Reis vai te dar em dobro!”. Santos Reis vai me dar. “Não, não precisa disso tudo não! Me dá um, não precisa dessa leitoa desse tamanho, não! Me dá uma menor?”. “Não, eu queria te dar uma maior, que Santos Reis vai me dar em dobro!”. Então é o Santo da nossa fê. Inclusive eu, desde eu pequeno, eu já passei fase muito difícil na minha vida, fase financeira, fase de saúde, comigo, com a minha esposa, com filho meu. E eu grito Santos Reis e eu sou socorrido praticamente rapidinho. Rapidinho eu sou, eu tenho.

JV: Bom, Zetinho, então eu vou terminar. Você falou um aspecto que eu estou querendo me lembrar, aqui. [interrupção na gravação] mas era ligado aos Santos Reis mesmo. Ah, era sobre, é, Zetinho, não está ficando muito caro pras pessoas poderem pagar uma promessa, um voto pra Santos Reis, com um almoço, uma janta?

DO: Fica. Na realidade, fica caro. A nossa folia, a nossa folia, por exemplo, a pessoa pra fazer um almoço na nossa folia, porque aqui existe alguns lugar que eles folia sete, oito, no máximo dez folião. Eles limitam um tanto. E eu, quando eu assumi ser o Capitão da folia, aqui, eu convidei homem, mulher, criança e menino que viesse acompanhar a folia. Porque a pessoa gosta! Mas, porque, eu gosto e não posso andar com os folião? Pode sim, pode sim. Então virou, virou um tumulto. Então você vai lá, fazer um almoço de folião, aqui na região, você não vai fazer de folião, você vai fazer almoço é pra região inteira, porque o povo vai, vai muita gente. Se você bater na porta de qualquer um, aqui, e pedir uma ajuda, você leva na hora. “Eu quero fazer um almoço pra uma folia e o meu arroz não dá, o meu feijão não dá, a minha leitoa está pequena, você pode me dar uma ajuda?”. É na hora. Se brincar, você ganha coisa que sobra, daquele almoço, né? E também eu tenho visto um mistério, como eu te falei de Santos Reis, é poderoso. Nós temos aqui um exemplo assim, se tiver tantos companheiros trabalhando numa roça, se você fizer o de comer pra dez companheiros, eles comem, eles tudo, às vezes eles comem tudo. Mas se você fizer de comer pra dez folião, pode chegar trinta, que ainda sobra comida. Então eu acredito que já é, o meu pai falava, é um milagre de Santos Reis.

JV: Zetinho, muito obrigado pela entrevista. E que Santos Reis nos abençoe, então!

DO: João, eu que agradeço essa oportunidade. Que até eu te peço desculpa, que você já me procurou várias vezes. Mas como eu sou C Sr. Donizete Osvaldino Pereira capitão da folia, sou festeiro, que meu filho é o festeiro e eu tô ajudando ele, a gente envolvido com algumas coisas e eu não pude te atender. É um prazer muito grande estar esclarecendo alguma coisa que eu sei. Obrigado, João, obrigado a você.

JV: Obrigado, Zetinho, foi muito bom.

**Entrevista com Sr. Antônio Teixeira da Silva (Antônio Firmino), 68 anos, Aposentado, Lagamar, Minas Gerais. Capitão de Folia, Tocador de Violão e Cantor na Folia. Participa a aproximadamente 50 anos das festas de Folia de Reis.**

JV: Nós vamos entrevistar agora o Sr. Antônio Teixeira da Silva, conhecido como Antônio Firmino, 68 anos, aposentado, nascido em Lagamar, Minas Gerais. Capitão de Folia, tocador de violão e cantor na Folia, participante mais ou menos há 50 anos das festas de Folia de Reis. Bom dia, Antônio, é um prazer estar fazendo essa entrevista com você.

AF: Bom dia, o prazer é meu poder dar essa entrevista que é muito importante pra nós, sobre falar da nossa Folia de Reis, a tradição que vem há muitos anos, desde o tempo do meu pai, que era Sebastião Teixeira Pinto, mais conhecido também por Sebastião Firmino, que foi folião desde 1928, que eu tenho a foto da folia deles, lá de Matas dos Fernandes, que eu posso até passar para o nosso colega aqui pra ele estar mostrando também. E venho nessa Folia de Reis aqui de São Braz, que era a folia do meu pai e do Afonso Correa. Foi levantada aqui em São Braz em 1952 e eu vim acompanhando. E hoje eu já não estou mais nela, porque eu passei pra folia dos Correa da [inaudível]. Mas continuando, eu estou muito satisfeito de ser um capitão de folia, porque é uma tradição que vem desde criança e é um serviço que a

gente faz de coração. É uma tradição também que é um invento que não tem lucros, é só mesmo pra festa de Reis, onde reúne muitas pessoas. Que a melhor alegria da gente é nesse dia de Reis, quando a gente está festejando aos três Reis Santos.

JV: Antônio, o que é a Folia de Reis?

AF: A Folia de Reis é uma entidade que não tem lucros, é aonde a gente sai com a folia do dia 25, do dia 24 para o dia 25 de dezembro, e anda pedindo as esmolas pra fazer a festa. A Folia de Reis é dos três Reis Santos, que a gente vem aquela tradição da viagem dos três Reis Santos, do Oriente pra Belém, foi quando eles visitou o menino Jesus. Então, essa tradição ela já vem de muitos e muitos séculos. Então a Folia de Reis é isso, a gente sai com a bandeira dos três Reis Santos fazendo a campanha de casa em casa para as festas. As festas quer dizer, a pessoa faz um voto, uma promessa pra cumprir com os três Reis Santos e pega a coroa. Então os foliões saem fazendo aquela tradição para cumprir essa promessa que é com os três Reis Santos. Essa festa ela é feita nas fazendas, às vezes aqui no comércio, mas a tradição mesmo da festa dos três Reis Santos ela é feita sempre nas fazendas, nas roças. Só que as roças hoje está ficando pouca gente, o povo está indo tudo pro comércio, então a folia de Reis está participando mais dos comércio. Então é uma festa que vem gente de toda parte para participar com nós, aqui, principalmente nessa festa nossa aqui, que é a festa dos Correa da [inaudível]. Então, é uma festa muito grande, onde junta três, quatro mil, até cinco mil pessoa no dia 6, que a gente tem como comprovar isso pelas fotografias, pelas filmagem que é feita também nas festa. Então é uma festa tradicional nossa aqui da região e do município de Lagamar.

JV: Antônio, o que te levou a participar da folia e qual a sua função?

AF: O que me levou a participar da folia é porque meu pai era folião e desde criança ele vem vindo foliando. Aí já numa certa idade, ele vem sempre chamando a gente, do tempo de criança nossa, para participar com nós. Então, o que vem a fazer eu a participar dessa folia, é por causa da tradição que vem, como eu já falei, a tradição da Folia de Reis. Então o que me levou a ser um folião é isso. Na época que meu pai veio deixando de foliar, eu fiquei mais meu irmão na folia. Então a gente veio vindo. Eu cantava só nas resposta pra trás. Aí veio passando de Capitão, um falecia, e eu estava ali junto. Outro Capitão falecia e eu estava ali junto. Até que o derradeiro Capitão da nossa folia adoeceu e passou a folia pra eu ser Capitão da folia. E eu continuei a ser Capitão. Foi uma tradição mesmo da folia e cumprindo aquilo que meu pai me deixou. E meu irmão também, já há dois anos, já não folia mais porque está doente. Mas enquanto eu tiver vida e eu der conta, eu quero acompanhar a Folia de Reis, porque é a nossa tradição.

JV: Como você aprendeu a folia, a participar dos ritos da folia?

AF: É, principalmente, pra tocar violão, eu não sabia. Eu tocava sanfona, mas era só em forró. E até hoje eu não sei tocar sanfona. Mas se eu pegar a sanfona e não tiver quem toque, na folia, eu toco sanfona, canto de capitão e respondo tocando a sanfona. Então o que eu aprendi foi na folia. Tocar violão eu aprendi acompanhando, os meus colegas foi ensinando e eu aprendi a tocar violão, cavaquinho e a sanfona. E hoje de Capitão eu aprendi também acompanhando, respondendo os meus amigos que era Capitão. O que eles cantavam, eu respondia, e foi indo, eu fui aprendendo. Eu era muito tímido, não tinha coragem de cantar na frente. Hoje, graças a Deus, eu canto na frente, em qualquer lugar, em qualquer repartição, sendo na tradição da folia de Reis.

JV: Você pode explicar pra gente o que é a resposta?

AF: A resposta da folia é o Capitão canta o verso e a resposta responde, ou responde o mesmo verso ou responde arrematando também aquele verso que ele cantou. Porque tem a primeira resposta, a primeira voz, e a segunda voz, depois tem a terceira voz, que vem acompanhando as respostas. E daí por diante, vem a quarta voz, quinta voz e sexta voz. Então aí está formada a folia. Aí vem os dois caixeiros e o sanfoneiro. Então a folia é sempre formada com 15, 13 foliões, mas a gente sempre anda na faixa de 15 foliões. Mas a folia, a tradição da folia são 13 foliões, contando com o alferes e o palhaço. Que o palhaço é uma tradição também que veio desde a época dos três Reis Santos, ele foi que desviou o menino Jesus para que o Satanás não atentasse ele. Então o palhaço faz parte da Folia de Reis.

JV: Antônio, como é a formação de novos foliões e quais as dificuldades encontradas pra formar esses novos foliões?

AF: A dificuldade que nós temos hoje é porque a gente vai formando os foliões quando jovens. Só porque os jovens hoje não está mais assim querendo participar, porque eles hoje quer é outras coisas, boate, outras diversões. Mas hoje aqui em nosso Município Lagamar, graças a Deus, está tendo muitos jovens acompanhando nós e participando também. Na folia do ano passado, a gente pode falar, tem um testemunho que a gente pode dizer, que nós saiu com uma folia que aqui tem uma parte que a gente vai, que chama-se Arrependido e Catirina, então foi 13 jovens andando com nós pra lá. Veio de Uberlândia, veio de Brasília. No dia que nós chegou, quase todos eles já eram folião, e já a partir desse ano já é folião com nós.

JV: Você poderia dizer mais algumas outras dificuldades que vocês encontram pra formar esses novos foliões?

AF: A nossa dificuldade hoje também de formar os foliões é por causa do emprego, que na nossa região não temos empregos, assim, o pessoal tem que sair pra fora. Então, na época, às vezes a pessoa está trabalhando, não tem férias, então é muito difícil pra nós estar formando assim mais outras folias. É sempre os mesmos folião, porque é aqueles que sempre moram aqui. Mas a dificuldade mais pra nós é essa aí, é com os trabalhos fora daqui do nosso município, que nós não temos empregos para os jovens e pras pessoas também já de idade que era folião, ainda é folião, às vezes vem dois ou três dias, mas tem que ir embora por causa do emprego. Então a nossa dificuldade é essa.

JV: Antônio, quais são as lembranças mais marcantes da festa, no passado?

AF: As lembrança das festas no passado, a gente tem as lembranças igual a do meu pai, que foi Capitão, foi folião, ele nunca foi cantor de capitão, mas foi sempre das respostas pra trás. Mas é a lembrança que a gente tem, dos nossos amigos que fundou a folia, do Antônio Rita, Luis Gonzaga, Afonso Correa, Luis Chico, Reinaldo. Então a gente tem essa lembrança. Flozino Pereira, o Zico Pelé, Manegrino, que todos foi foliões, Capitões da folia. Então a gente tem essas lembranças. No dia da festa, às vezes a gente está cantando e fica lembrando desse pessoal que podia estar junto da gente. Mas Deus levou pra vida eterna, então é uma lembrança muito que a gente guarda, muito assim no coração, dessas pessoas que foram muito dedicada à tradição da Folia de Reis.

JV: E da própria festa em si, que lembranças marcantes você tem?

AF: A gente tem a lembrança assim nos reio, do pessoal que trabalhou fazendo a comida, Joaquim Alves, muitos daqueles que já partiram dessa vida para a outra, que era cozinheiro, era os festeiros, as Rainhas, os Reis, que muitos deles já foram, que não está mais aqui com nós. Então tem essas lembranças desses pessoal que ajudou a gente a começar essas folias, que era os Reis, as rainhas, que eram os festeiros da folia de Reis. Então a gente guarda no coração essa lembrança, principalmente daquele pessoal que sempre, todo ano, estava com a gente ali fazendo aquela festa, os doces, a comida pro pessoal, ajudando a servir as mesas. Então a gente guarda isso tudo em lembrança e guarda no coração. Eu mesmo tenho os retratos de muita antiguidade, assim, dos foliões, que eu tenho retrato da folia de 1928, eu tenho já mais pra cá, da época que eu comecei, dos festeiros, das festas, eu tenho filmagem das festas, das folias. Então é muito importante. E hoje a gente já está fazendo campanha também pra conferência de São Vicente de Paula, lá pro asilo, o abrigo Antônio Duarte Caixeta, lá de Lagamar, a gente faz as campanha, faz o encontro de folia. E eu levantei aqui em São Braz o encontro de folia. A gente já fizemos o terceiro encontro. É uma coisa muito importante para nós, que ajuda aos nossos irmãos mais necessitados. Então isso aí faz parte da Folia de Reis, que é a folia de São Vicente de Paula.

JV: Antônio, quais transformações você percebe na festa, hoje? Essas transformações em relação ao passado. Como que você percebe que a festa hoje tem se conduzido?

AF: A transformação da festa hoje é a quantidade de gente que vem de longe. Que de primeiro, a festa nossa aqui de São Braz, aqui do Município de Lagamar, era o pessoal da redondeza. Hoje vem gente de toda parte, Brasília, Uberlândia, Uberaba, Belo Horizonte. Então a diferença que a gente está achando hoje é uma gratidão muito boa pra nós, é uma alegria muito grande estar recebendo esse pessoal que vem de fora. Então é muito importante isso, da gente ver o pessoal que vem pra participar da festa e visitar o nosso município e saber o que é uma Folia de Reis. Porque muitos chegam lá, em Brasília, por comparação, chega lá, “ah, eu fui numa festa de Reis”, mas muita gente não sabe o que é uma festa de Reis. Então é uma alegria pra gente saber que a pessoa vem saber o que é a Folia de Reis e vem, o outro ano já vem participar com nós a Folia de Reis. É uma coisa muito importante que eu queria falar é sobre as festa de hoje. É porque hoje existe muito comércio no dia da festa, em roda ali do festejo. Porque a festa dos três Reis Santos, dos Reis, a gente não tem nada pra vender, não tem nada pra cobrar. Mas muita gente vai com barraca pra ficar ali vendendo. Quer dizer, isso já passou a comércio, não pra nós da tradição, mas pro pessoal do comércio. Então isso aí é muito importante que a gente fala sobre isso. Porque às vezes a pessoa chega, fala, “ah não, lá eles estavam vendendo”. Não, nós não vendemos nada na festa de Reis. A transformação é essa que eu falei, de ter muita gente, mas já tem muito comércio que faz aquela barraquinhas, de lado, pra vender. E outra coisa também que eu queria dizer que eu não falei é sobre, antigamente, as nossa folia não tinha som. O som dela era viola, violão, cavaquinho e caixa. Hoje não, já tem a sanfona que já está fazendo parte. Às vezes tem umas folias que carrega até o teclado também. Mas isso aí já vem fazendo essa diferença de antigamente. Antigamente era viola, cavaquinho, violão e rebeca. Hoje não, hoje tem a sanfona que acompanha também. E pandeiro também hoje está acompanhando. Então a transformação vai crescendo cada vez mais, sobre essa festa, por causa desse negócio do comércio. Que quando eu era gerente da folia, eu falei muitas vezes, falei eu não vou deixar vender nada aqui no dia da festa. Mas infelizmente a gente não deu conta de conseguir isso. Porque os festeiros pensam que está agravando os comércio. Aí deixa à vontade. Então é uma coisa que vem transformando, sobre a nossa festa, é isso aí. Outra coisa que eu queria gravar pra vocês é sobre as festas. Muitas vezes a pessoa pobre tem vontade de fazer a festa, às vezes faz uma promessa. Mas hoje fica caro. Uma festa, principalmente igual essa aqui nossa, dos Correa do [inaudível], ela hoje, pra você fazer uma

feira, você tem que matar de 6 a 8 vacas, pra dar conta de tratar do pessoal que vem. E tem que fazer numa base de 45 a 50 latas de doce. Então é uma coisa que fica caro. Tem a renda, muitas vezes sobra alguma coisa, mas a gente tem que gastar bastante dinheiro para que a gente consegue fazer essa festa. A janta, que tem assim, a entrega é uma festa, o pessoal no dia da festa, tem a festa o dia todo, tem almoço, tem a janta, tem os doce, então, a falar a verdade, fica muito caro. A pessoa às vezes tem vontade de cumprir a promessa e vai deixando por falta de condições de fazer a festa.

JV: Antônio, isso também acontece na janta e almoço feito no giro?

AF: No giro da folia a gente marca almoço e janta. A gente marca com antecedência de 4 a 5 mês. Muitas vezes a gente marca assim aquelas pessoas que já pedem pra fazer. Fica caro. É outra festa, principalmente na janta. É uma festa também. Ajunta muita gente, que tem muitos carros, e vai muitos carros de som. Ali tem a janta, os folião vai descansar, o pessoal passa a fazer o forrozinho, então dá muita despesa também o nosso giro, principalmente no horário de janta, é que ajunta mais gente.

JV: E como o senhor vê o uso da folia fora de época?

AF: O uso da folia fora de época é uma coisa que a gente pensa que não é certo, principalmente depois da quaresma até o nascimento. Porque na nossa folia, chegou a quaresma, a gente não canta mais o nascimento de Jesus. Mas a folia fora de época, principalmente aqui na nossa região, é só para a campanha dos pobres, é só pra agasalho, alimento. Então a folia fora de época tem que ser uma folia tradicional para a campanha para São de Vicente de Paulo ou o abrigo Caixeta. A gente faz campanha até para os abrigos fora, pra Patos de Minas, São Vicente de Paula de Pádua. Mas a folia fora de época, muita gente não gosta, assim, de receber as pessoas principalmente pra fazer comida pros pessoal, por causa da despesa.

JV: Em sua opinião, qual é o melhor momento da festa?

AF: O momento da festa, o melhor dele é do dia 24, do dia 25, até o encerramento da festa. É o momento mais importante da festa, é o momento mais gostoso, a onde a gente vê aquela alegria, a onde a gente chega, o pessoal recebendo a gente, a gente cantando pra eles, o pessoal que vai pra visitar. Então o momento mais importante é os nove dias que a gente anda com a folia de Reis. Aquilo pra nós é uma alegria muito grande pra nós que é folião.

JV: Como é o dia-a-dia do folião fora do período da festa?

AF: Uai, fora do período da festa, o folião, muitos deles, você chega na casa deles, às vezes ele está assobiando folia, ele está cantando folia e pensando só pra chegar o tempo da folia. Às vezes você chega lá, vai conversar uma coisa, aí já começa assim, “e aí, rapaz, está chegando o dia 25, como é que nós vamos fazer?”. Então, é muito importante a gente tocar nesse assunto, porque eu, como folião, que eu falei pra você, já há quase 50 anos, se você chegar lá em casa, se for dar o assobio, você pode escutar o assobio ou canto, é folia de Reis. Então, o folião que é folião ele não precisa chamar, “hoje é dia de nós ir foliar”. Não. No dia 25, o folião que é folião, ele está na hora certa e na hora marcada de começar a folia. Então o folião que não tem o seu compromisso, é só folia por foliar, isso não é folião. O folião que é folião ele tem o compromisso dele, na hora certa e marcada.

JV: E quando passa a folia, como que é o dia-a-dia desse folião, depois que acaba o período das festas?

AF: Depois que passa a festa, uma coisa muito importante, é que a gente vai pro serviço pensando também naquilo que ele fez, se ele fez certo ou se ele fez errado alguma coisa, ele fica com aquilo na cabeça. Então é muito importante que o folião sempre faz certo pra quando passar a festa ele ter aquilo na cabeça, que foi uma coisa muito boa que ele fez, uma coisa que ele fez de coração, a onde ele andou, nos giro que ele andou, e pensando só no chegar de novo no fim do ano pra começar outra folia. Então, a vida do folião é a Folia de Reis. Então, que seja antes da festa ou depois da festa, ele é o folião dedicado que só pensa naquilo. Qualquer coisa que ele vai fazer que não está dando certo, “oh, meus três Reis Santos, me ajuda que isso dá certo, eu quero chegar o dia da Folia com saúde e quero, peço a Deus e aos três Reis Santos pela minha família pra que a gente prossegue essas coisa que a gente está precisando, para que no dia da festa eu esteja lá para ajudar os meus irmãos a foliar”.

JV: Que mudanças você percebe na cidade no período da festa em relação ao restante do ano?

AF: Na cidade, é mais diferente, né, porque o pessoal às vezes, muitos deles, até mudam de religião. Uma vez [inaudível] com a festa de Reis. Como eu falei antes, que a festa de Reis a tradição dela era na roça. Então na cidade já é mais diferente. Porque o pessoal que mexe com comércio, às vezes eles pensam, “eu não vou fechar o meu comércio hoje, porque tem muita gente que vai pra festa e eu tenho que vender alguma coisa aqui”. Então o comércio já é diferente da nossa tradição, não é como os folião que pensam na festa. Eles participam da festa, mas não como a nossa família que é tradicional da festa. Já é mais diferente um pouco por causa do comércio deles. Eles acho que pensam é no dinheiro e não na comunidade.

JV: E a cidade altera o seu ritmo?

AF: A cidade não me altera nada no ritmo de folião. Que pra mim chegou o dia e se eu tiver com saúde, meu pessoal, minha família com saúde, o comércio não me atinge me nada e nem a cidade. Porque eu

saio e eu peço pra Deus que tome conta da minha casa, da minha esposa que fica, “hoje ela está só”, e eu sigo o meu caminho na tradição da folia, finalizando os nove dias. E a festa do dia 6, na cidade, não me atinge em nada no meu trabalho de folião.

JV: Antônio, como você imagina a festa daqui a 10 ou 20 anos?

AF: Como eu falei, a festa do folião, que hoje está muito difícil da gente formar foliões, os jovens não estão querendo mais então eu fico pensando isso mesmo que você me falou, a festa daqui a 10, a 12, até 15 anos, como é que vai ser? Mas a gente entrega nas mãos de Deus e aos três Reis Santos, pra interceder, pra que esses jovens continuem com nós assim para que a nossa tradição não pára. Vai sempre andando, sempre andando. Daqui 10 anos, eu estou com 78 anos, se Deus me der vida e saúde, eu ainda quero ser folião e quero que tem muitos jovens sendo folião junto com nós, para essa tradição não pára, que ela continua a mesma coisa de hoje. Então, para encerrar essa entrevista, eu quero dizer pra vocês, porque só aqui em casa, eu, com a minha esposa e minha filha, nós já fizemos 5 festas de Reis, nesse período que eu sou folião. E hoje eu quero, agradeço muito a Deus, porque nós já sofri muito nessa vida e só com o poder dos três Reis Santos, intercedendo a Jesus Cristo, que a gente tem muita fé, em Nossa Senhora, a gente está aqui hoje. Minha esposa foi muito doente e a gente fizemos a intenção. Porque promessa, a gente não paga promessa, é uma intenção que a gente faz com os três Reis Santos, para que pega a coroa pra ser rainha, para fazer a festa. Hoje, graças a Deus, ela é sadia, é muito devota dos três Reis Santos, porque ela sofreu muito, eu também sofri. Nós passou 28 anos fora daqui do São Braz. Eu nunca falhei um ano da folia. Todo ano eu vinha pra foliar. As minhas férias era só de dezembro, por causa da folia. Então eu agradeço muito a Deus por estar aqui hoje fazendo essa entrevista, do que já passou com nós. E peço a Deus e aos três Reis Santos que me dê saúde, enquanto eu tiver andando eu sou folião, para cumprir o que meu pai deixou e me ensinou a ser humilde folião dos três Reis Santos, acompanhando a folia com responsabilidade, honestidade e com amor ao próximo e aos nossos irmãos a onde a gente visita. Então eu agradeço muito a Deus e deixo aqui o meu abraço ao meu colega João, que veio fazer essa entrevista comigo. Agradeço muito ele por ter me dado essa oportunidade de falar essas palavras, as palavras bonitas, que é dos três Reis Santos. Hoje muitos deles falam que três Reis Santos, fala três Reis Santos, ele não é santo porque eles eram os três reis. Mas eu, pra mim, eles é os três Reis Santos que nos protegem e guiam nessa nossa caminhada. Porque tem a primeira resposta, a primeira voz, e a segunda voz, depois tem a terceira voz, que vem acompanhando as respostas. E daí por diante, vem a quarta voz, quinta voz e sexta voz. Então aí está formada a folia. Aí vem os dois caixeiros e o sanfoneiro. Então a folia é sempre formada com 15, 13 foliões, mas a gente sempre anda na faixa de 15 foliões. Mas a folia, a tradição da folia são 13 foliões, contando com o alferes e o palhaço. Que o palhaço é uma tradição também que veio desde a época dos três Reis Santos, ele foi que desviou o menino Jesus para que o Satanás não atentasse ele. Então o palhaço faz parte da Folia de Reis.

Muito obrigado, fica aqui o meu abraço, Antônio Firmino.

JV: Querida que você falasse o nome do seu pai, que você citou.

AF: Ah, mais uma coisa que eu deixei de falar. O meu pai era o Sebastiao Teixeira Pinto, conhecido por Sebastiao Firmino, e foi folião desde mais ou menos 1925, lá em Alto dos Fernandes. E também o nosso irmão que fundou essa folia daqui de São Braz, que hoje eu não sou mais folião dela, eu passei pra outra, é o Afonso Correia, o véio Afonso Correia de Castro, aqui de São Braz.

JV: Antônio, muito obrigado pela entrevista, fico muito agradecido mesmo e vamos ver o que a gente pode estar trabalhando com essa sua participação. Muito obrigado.

### **Entrevista com Braz Mateus, eletricista, 37 anos, migrante, natural de Lagamar, Minas Gerais.**

JV: Bom, hoje, dia 26 do doze, eu vou entrevistar o Sr. Braz Mateus Caixeta, eletricista, 37 anos, migrante, morador de Uberlândia, já morou em Brasília, e natural de Lagamar, Minas Gerais. Braz, pra você, o que é a folia de Reis?

BM: Aqui, em São Braz, é ... A Folia de Reis pra nós aqui é tradição já de muitos anos.

JV: O que mais?

BM: Só isso mesmo.

JV: Você fala perto do gravador e eu vou te perguntar. Você fica à vontade pra responder. Tudo o que você souber sobre a Folia de Reis você vai falar agora pra nós, tá bom? Então, pra você, o que é a folia de Reis?

BM: Folia de Reis, pra nós, é tradição. Eu morei aqui, saí, era novo, né? Mas eu venho quase todos os anos pra ver. E eu gosto da folia e sempre vem muito.

JV: Pode contar da folia, da sua família...

BM: É, minha família, né? Todo mundo gosta, pai, meus irmãos que mora fora também, todo mundo também, meus primos. E várias outras pessoas que a gente convida pra vir uma vez, sempre vem. Tem amigos aí que eu trouxe uma vez, aí eles vêm mais, sozinhos.

JV: E a questão da religião?

BM: É uma religião, né, a Folia de Reis é uma religião, pra nós aqui de São Braz.

JV: É, quais são as lembranças da festa que mais te marcaram?

BM: Lembranças, é, ah, foram várias. Lembrança, é, as festas aqui sempre é na fazenda, né? As festas eram só em fazenda, longe, tinha rio cheio pra atravessar. E o povo vai e vai assim mesmo, né? Hoje, não. Hoje faz aqui, tem o barracão comunitário, é fácil pra todo mundo. Mas vai muito mais gente, vai até três mil pessoas, né? Mas antes não, antes, é, era difícil. Mas as pessoas iam assim mesmo, atravessava rio cheio. E o povo gosta muito, todo mundo que vai e tal.

JV: Quais são, assim, o que te marca numa festa, que lembrança você tem das festas, o que ficou na sua memória, assim, o que ficou guardado com você?

BM: Ah, o meu tio, né, meu tio, irmão do meu pai, já fez a festa. Eu tinha 12 anos, 13. Há dois anos atrás, também, outro tio meu também fez a festa. Gostava demais, vinha todos os anos, né? Agora não lembro mais.

JV: Você gostava de palhaço, quando era pequeno?

BM: Ah, gostava, gostava, toda criança gosta, né, porque ele chega, brinca, é muito divertido. Sempre a meninada gosta muito de palhaço.

JV: Vamos continuar, aqui, Brazinho. Eu sei que você se emocionou um pouco com essas lembranças, mas isso faz parte da entrevista também. A sua saída de São Braz alterou a maneira de ver esse lugar?

BM: A gente sai porque é roça, a cidadezinha é muito pequena. A gente sai a procura de trabalho, estudo. Mas, a gente fica, acho que dava pouco valor aqui. Que agora, vem, sempre que dá a gente vem. Eu gosto demais daqui. Se eu pudesse, voltava era pra morar.

JV: Quando você fala que dá mais valor, o que você quer dizer com isso?

BM: Não, a gente morava aqui e achava que não era bom, né? Achava que era um lugarzinho comum e tal. Mas não é. Aqui é um lugarzinho muito tranquilo, calmo, pode largar a porta aberta, que ninguém entra, ninguém mexe em nada. Em cidade grande você tem que ficar, viver trancado. Amigos, né, tenho muitos amigos, tinha e tenho, até hoje, eles continua, todos são meus amigos. Amigos de bola, de, tem vários, muitos, que mora aqui.

JV: Que lugares você gosta, que você curte aqui em São Braz de Minas?

BM: Ah, os rios, eu gosto de rio, eu gosto de pescar, gosto de rio. Pescar, gosto dos matos. Ah, a sinuquinha também é bom, né, gosto. E as fazendas aqui, muito bom, tudo. Tem muitas fazendas boas aqui, lugar bom de ir, tem córrego de praia boa, igual Gameleira, igual Imburuçu, ali. Muito bom, aqui.

JV: Lá em Uberlândia, alguma coisa te lembra a folia de Reis?

BM: Não, lá tem a Folia de Reis também. É boa, festa boa, grande, mas ela é bem diferente daqui. Ela anda em poucas casas, só em casas que a pessoa pede pra ir. Não é igual aqui. Aqui, a folia passa em todas as casas. A não ser que a pessoa não quer que passa, né? Uma pessoa que não gosta da folia, dos três reis. Mas a folia de lá também é boa. A folia.

JV: Nesse momento é que você lembra da folia?

BM: É. A folia de lá, eu lembro, a de lá não é agora, a de lá é em, se não me engano, em setembro. A festa é muito boa, lá, no Cruzeiro dos Peixoto.

JV: E aí o que lhe vem à cabeça quando você ouve o toque das caixas?

BM: Vim pra cá, né? Pra folia nossa aqui e almoçar com os folião. Andar com eles. Dá vontade é de vim.

JV: E qual é a sua relação com a festa e com a cidade, hoje?

BM: Com a festa?

JV: E a cidade?

BM: Sim. Eu venho, venho sempre que dá eu venho. A relação é assim. Não venho mais porque a gente trabalha e tal. Aí, quando pega férias, a gente vem. E esse ano foi agora, na folia. Já faz já dois anos que eu não venho, né? Agora esse ano eu quero ficar aqui até passar a festa, depois eu volto pro meu trabalho lá.

JV: E a cidade?

BM: A cidade, São Braz, eu vou muito pouco, viu?

JV: É mais no Cerrado.

BM: É, eu fico mais é aqui no meu pai mesmo, aqui, que é mais afastado da cidade, é mais roça. Mas eu vou lá, muito, lá, eu jogo uma sinuquinha, tenho muito colega, muito amigo. É bom, São Braz é bom.

JV: Pra você, qual é o melhor momento da festa?

BM: Ah, o melhor momento da festa é, é você ver aquela multidão ali, todo mundo satisfeito. É bom demais. Tem comida pra todo mundo, muita comida, muito doce. Aí você vê todo mundo satisfeito, alegre, e é bom demais.

JV: Nesse período das festas, do dia 24 ao dia 6, como é que você vê então a cidade? Qual é a diferença que você percebe na cidade, em relação ao período que não está ocorrendo a festa da Folia de Reis?

BM: Não, porque nessa época o pessoal daqui, que mora fora, vem todo mundo. Vem outras pessoas aqui de perto, de Lagamar, de Vazante. Tem muita gente na cidade, né? E fora das festas, vem menos, menos pessoas, é mais parado, mais calmo. E agora na festa tem bem mais agitado, bem mais movimento.

JV: E como você vê a participação de jovens, igual a você, na festa da folia, hoje?

BM: Tem vários. Tem vários já que participa, filho de folião que já está aprendendo, tal. E precisa continuar, né, a folia. Alguns vai ficando velho, outros, os filhos tem que continuar a tradição daqui, não tem?

JV: Mas igual a você, como é que você vê isso?

BM: Não, eu não participo diretamente. Eu venho, eu gosto de ver. Agora, participar direto, eu não.

JV: Como é que você vê isso [inaudível]

BM: Você fala...

JV: Pra dar continuidade à festa, se todo mundo sair...

BM: Não, mas é o que eu estou falando. Tem muitos jovens já dando continuidade aí. E aqui não sai todo mundo não. Tem muitos folião aí que não mora aqui. Já saiu, mas volta, vem, está aí firme, pra continuar a folia.

JV: Você, como que você vê essa modernização que tem ocorrido, luz elétrica, água, carros, som mecânico, qual a relação que você faz disso com a festa da folia? Isso é bom, é ruim? Isso mudou?

BM: Ah, mudou muito, né? Por um lado é bom, né? Eu acho que modernizou até meio demais, já, sabe? Tem um lado que é bom, mas a folia, há dez anos atrás, era melhor. Era mais difícil, tinha menos carro. Igual eu falei agorinha, tinha que passar rio cheio pra ir numa festa, e tal. Agora é aqui, do lado, aqui. Vai modernizando demais e pode estragar nossa folia aqui, né? Um exemplo é esse aí, de todo o ano ser ali naquele lugar. Eu não concordo. A meu ver, tinha que voltar igual era antes. Hoje é na fazenda aqui, amanhã é na outra lá, e eu acho que era bem melhor.

JV: Como você imagina a festa, daqui a dez ou vinte anos?

BM: Eu acho que se continuar assim talvez não vai nem existir, daqui a vinte anos. É, igual está os folião diminuindo muito, as pessoas mais velhas tudo morrendo, outros saindo, igual nós falou agora, e essa modernização aí. Eu acho que daqui uns vinte anos, nós vai ficar sem a nossa folia.

JV: Bom, Braz, eu terminei agora. Eu vou deixar você falar agora o que você acha que deve falar sobre a folia, o que você se lembrou aí, ou o que você se esqueceu, ou que as perguntas não abordaram. Agora você tem um tempo livre pra você falar sobre a folia, sobre você, a relação a religião, com os Santos Reis, a cidade, a cidade grande e a folia, o que você pode estar complementando pra nós, agora, nesse momento.

BM: Ah, eu gostaria de falar só assim, se alguém mais pra frente for te ouvir nesse trabalho, olhar mais pra nossa folia, né, procurar se for possível uma escolinha assim pra incentivar os jovens aqui, né? Pra continuar, né, continuar nossa folia, que senão ela ... Que nós, só assim a nossa folia não acaba. E acho que é só.

JV: Braz, você acha que o contato com a cidade grande, com todo aquele mundo maior o que esse daqui, modifica a pessoa em relação a essa cultura da folia? Ou influencia a pessoa?

BM: Influencia, influencia, muda. Acho que muda o jeito de pensar da pessoa. E está muitos, que talvez gosta muito, chega o dia de vim, não pode vim por causa do trabalho lá. Ele não vai perder o trabalho, né? Eu acho que tem que incentivar os que moram aqui, pra continuar, né?

JV: televisão, cinema.

BM: Ah, muda, né? Televisão. Tem, tem as folia aí que passa na televisão, aí, acho que é bem diferente da nossa, aqui. Eu acho que influencia muito, muda. Sei lá, eu acho que muda. Está mudando eu acho que pro lado errado, né, pra pior, né, João?

JV: Até um certo esquecimento?

BM: É. Você fala de, esquecendo a folia nossa, aqui, você fala?

JV: É. Eu te dei uma idéia, que você falou que muda, pra pior. Queria que você desenvolvesse mais essa idéia.

BM: Não, porque aqui não tinha televisão, não tinha energia, não tinha água canalizada, não tinha. A diversão era pouca, né? Tinha muita folia, tinha meio do ano, a festa em junho, que tem em maio, festa do arroz. Tinha poucas festas. Tinha essas festas pra ir, né? Mas agora, igual outras coisas, é passear no vizinho aqui, passear ali. Hoje não, hoje a pessoa prefere ficar vendo uma televisão, quieto, em casa, sozinho. Outro, aqui não tem, eu acho que se tiver algumas pessoas que tem o tal de computador, mas na cidade, o cara senta no computador lá e o dia inteiro, não conversa com ninguém, não tem amigo, não joga uma bolinha, não vai num bar. Então estamos mudando pra pior, não é não? Ou não é?

JV: É, eu vou encerrar a entrevista com o Braz Mateus. Agradecer a ele essa entrevista e a oportunidade de estar recebendo dele, que já saiu daqui, há quantos anos você saiu daqui?

BM: Sai há, eu saí daqui com 18 anos, né, 17, saí com 17 anos.

JV: Então, vinte anos, né?

BM: Isso.

JV: Tá ok. Então, há vinte anos que ele não mora aqui, na cidade, e ele vem sempre estando aqui, quando pode, nas festas de folia, pra rever a família e reencontrar então, nesse momento especial da cidade.

### **Entrevista com Sr. Eduardo Correia dos Reis, 35 anos, lavrador, gerente de fazendas, músico.**

JV: Eu vou fazer uma entrevista, hoje, dia 5 de janeiro de 2008, com Seu Eduardo Correia dos Reis. 35 anos, lavrador, gerente de fazendas, natural de São Braz de Minas. Participa da folia há mais ou menos 26 anos, é músico, toca violão e sanfona, canta como capitão na ausência deste, canta primeira, segunda, terceira, quarta e quinta vozes na folia. Eduardo, o que é a Folia de Reis?

EC: Ué, a Folia de Reis pra mim representa um símbolo muito grande. Porque a gente, desde pequeno, o pai da gente ia pras folia e a gente vendo aquilo era uma diversão. A gente tinha naquela época era a Folia de Reis. E pra mim é um orgulho muito grande ser folião da folia de São Braz. E quero passar pra todas as pessoas que eu conseguir ensinar um pouquinho do que eu sei e vai ser uma grande satisfação estar ajudando a folia nossa.

JV: Como é que você se tornou, então, um folião?

EC: Veio de geração, né, de família. Porque meu avô era folião e veio meu pai e agora, e eu fui e gostei e aprendi, vem minhas criancinhas que estão aprendendo, tocam acordeon, violão e o meu molequinho já canta um pouco também. Pra mim é uma honra grande demais ter se tornado um folião.

JV: E como que você aprendeu então a atuar na folia?

EC: Aí, isso aí veio de precisão. Porque a folia nossa é igual, no modo de sanfoneiro, perdendo vários folião que tocam sanfona. E chegou num ponto que nós já chegou a cantar. E o tio Milton me deu a oportunidade de eu levar na minha casa, pra mim aprender, pra nossa folia não continuar sem sanfoneiro. E hoje nós pode contar com uns nove sanfoneiro na folia, que resolveu o problema que nós estava precisando.

JV: Você participa da folia desde os nove anos de idade, mas mais acompanhando, né?

EC: É, justamente, acompanhando e pelejando pra aprender. Porque a gente, ninguém nasceu sabendo. E a gente tem aquela vontade de ajudar a folia em todos os pontos. E Deus, na hora de rezar, até na hora de, e a gente tem que estar presente não só pela diversão e tudo. Aí com a bandeira e entregar a bandeira.

JV: Nós ficamos sabendo que você foi um dos últimos foliões a ser formado de uns anos pra cá. Quais as dificuldades que você encontra ou que você vê na formação de novos foliões?

EC: Uai, é justamente, de uns anos pra cá, quem tem aprendido alguma coisa, na folia, na minha idade, foi só eu. Agora que está chegando os dois menininhos. E a dificuldade de alguém aprender, eu não sei explicar. Porque isso tem que ter uma vocação muito grande, porque não é só chegar e falar: "Eu quero cantar isso". Não. Vai ter amor naquilo e cantar, porque é muito bom.

JV: Mas, eu digo assim, que dificuldades você percebe que são apresentadas pra formar novos foliões, hoje?

EC: João, a dificuldade é o seguinte. Muitos, muito novo, não sei, eles vão na folia por diversão. É igual eu falei pra você, tem que ter amor e dedicar. Porque não é fácil assim a pessoa aprender e desenvolver um lado da folia.

JV: Você acha que o fato das pessoas estarem saindo pra morar fora, trabalhar, estudar, influencia nessa formação?

EC: É claro, ich! Inclusive, eu tenho meu sobrinho que hoje está cursando a faculdade, que é folião nosso, que é sanfoneiro, que eu ensinei, e agora daqui a qualquer mais uns dois ou três anos, meus dois sobrinhos e meu filho também está indo embora, procurar um objetivo, uma carreira na vida, estudar. E eu não posso segura eles, devido a folia. Eu quero ajudar a folia, mas eu tenho que ver o lado dos meus filhos estudar.

JV: Que transformações você observa na folia hoje, em relação à folia no passado?

EC: Uai, João, no passado eu não posso assim, eu não sei. É, devido nós tinha muitos foliões já de idade. Então nós não tinha assim tanta dificuldade, os foliões já sabia qual a sua posição. Hoje não. Hoje é sim, porque muitas pessoas: “Amanhã eu não posso ir, amanhã eu não posso”. E antigamente não. Os foliões vinham os nove dias. O único compromisso que eles tinha era com a bandeira. Então, hoje, encontra certa dificuldade assim pra tocar a folia, porque todo mundo tem uma preocupaçãozinha de um lado qualquer.

JV: E em relação à organização da festa? Como você vê a festa no passado, a reza, os altares, o giro, em relação a hoje?

EC: Ai no passado, no passado era um pouco bem mais complicado. O tempo que a gente andava de a pé. Muitas das vezes, não sabia onde ia almoçar, nem jantar. Marcava em cima da hora. Hoje não, hoje a gente marca com um ano de antecedência. E o transporte, o prefeito ajuda nós, os foliões tem carro, se dispõe a nos ajudar. Inclusive até você, o João, carregou a nossa folia. E assim, assim vai.

JV: Eu queria que você me falasse também sobre, pra você, qual é o momento mais marcante da festa, da folia?

EC: Ah, um momento muito marcante que eu tenho, assim, na festa, na folia, é de ver eu poder ter essa oportunidade de foliar junto dos meus filhos, com meu pai. E junto com meus filhos, meus sobrinhos, uma família. É poucas pessoas que não é família nossa. Dá gosto de ver meus filhos e eu poder ter essa oportunidade de cantar junto com meu pai.

JV: E no processo da festa, o que mais te marca quando você está participando da folia?

EC: Ah, no processo da festa, o que mais me marca assim é na hora da despedida, ver que aí é só no próximo ano. Hoje eu estou junto com um amigo, ano que vem às vezes eu não posso estar. Então isso me marca muito, na hora de dar a despedida lá, falar que é só no próximo ano. Então isso me marca muito.

JV: Eduardo, eu queria ver com você, como que você vê a participação da população de São Braz na festa da folia? E qual a importância dessa festa pra cidade?

EC: Olha, a importância da população, aí você vê que sem a população nós não dá conta de fazer a festa. Porque a festa quem faz é os folião. Que tem que ter o povo. Porque sem o povo nós não faz festa. É uma importância muito grande, porque todo mundo que vem e assiste, no próximo ano quer voltar. Inclusive tem vários ônibus que vem apreciar nossa festa. E pra nós é uma grande honra. Cada ano que passa está aumentando mais.

JV: São Braz conta com duas Folias, a folia dos Correia e a folia do Flauzino. Qual a diferença entre as duas folias?

EC: Não, aí eu não acho que tem diferença não. Todas as duas folias são boas, de gente de capacidade, de chegar e cantar. Eu não vejo diferença nenhuma, até porque os santos é um só e pra nós não tem diferença de bandeira, não.

JV:

EC: Não, é, eu dedico, é, cada folia tem um giro. E folião, o folião vai naquela que ele se sente melhor e toca pra frente.

JV: Eu queria que você falasse pra mim, tentasse fazer um, que você voltasse no seu tempo, atrás, nos falasse das, dos momentos marcantes da folia, na sua vida.

EC: Eu me lembro, assim, um momento muito bom, quando eu era bem criança, de 9 anos. Eu, eles me colocavam em cima de uma cadeira, pra eu cantar, me posicionar na altura dos foliões mais velhos. Aquilo pra mim foi uma honra grande. E desde aquele dia eu pensei que eu tinha que evoluir, eu tinha que ajudar a folia do jeito que eu puder.

JV: Bom, Eduardo, que queria te fazer uma pergunta, agora, um exercício de imaginação. Como é que você imagina essa folia daqui a dez ou vinte anos?

EC: Ah, isso aí a gente já teve até conversando sobre isso, porque devido aquele assunto que nós falou no início. Foi poucos foliões que aprendeu. Eu tenho medo, daqui dez, vinte anos às vezes nem ter essa Folia de Reis aqui em São Braz, na família nossa. Porque é poucas pessoas que estão aprendendo, e Deus não deixa de levar folião nosso.

JV: Bom, eu vou terminar a entrevista com o Eduardo. E como sempre eu vou deixar pra você, então, um tempo livre, pra falar sobre a folia, pra falar sobre a importância dela pra você, o que você quiser falar aqui que nós não pudemos falar. Então o que você quiser falar aqui, você tem um tempo pra falar.

EC: Ah, o que eu tenho que falar é agradecer por ter aprendido a folia e pedir a Deus crianças venham e aprendam, porque nós jamais quer que ela acaba. E eu quero agradecer a você, por estar fazendo essa entrevista com a gente, fortalece a nossa folia e fortalece até a gente. Porque é um fato muito importante

que nós tem na folia, que nós não tivemos uma oportunidade de ter uma entrevista, falando da Folia de Reis nossa. E eu fico muito grato e vamos a luta. Jamais nós temos que parar com a folia, só mesmo quando Deus quiser e não tiver mais folião.

JV: Antes de terminar, então, e encerrar, duas coisas que eu queria saber. Qual é a sua relação com Santos Reis e qual é a relação dos Reis no seu sobrenome?

EC: Uai, é, sobre eu, os Santos Reis pra mim está em primeiro lugar e abaixo de Deus, né? Deus primeiro. E sobre a relação do meu nome, que leva Reis, eu, tudo indica que pode ser por eu ser do mês de janeiro, né? Mês de Reis. Eu sou do dia 29 de janeiro. Então, tudo influência que deva ser por isso. Eu tenho meu tio Vicente que também assina Reis. O meu pai assina Reis. É tudo o mês de janeiro. Então no meu pensamento, eu acho que é devido der do mês de Reis.

JV: Você não sabe se tem ligação com alguma devoção no passado, alguma conquista com relação a Santos Reis?

EC: Não, eu não sei explicar isso. Até é uma pergunta que deveria ser feito até pela minha mãe, pro pai. Mas eu não posso falar porque que é esses sobrenome.

JV: Como você se sente sendo pai de um folião com, com quantos anos?

EC: Treze anos.

JV: Pai de um folião de treze anos? Já tem um conceito?

EC: Ah, pra mim, eu me sinto muito orgulhoso, eu me sinto feliz. E não quero que ele fique só no acordeon não, mais coisas ainda. Porque a folia nossa depende de várias posições, na folia, e nó Veio de geração, né, de família. Porque meu avô era folião e veio meu pai e agora, e eu fui e gostei e aprendi, vem minhas criancinhas que estão aprendendo, tocam acordeon, violão e o meu molequinho já canta um pouco também. Pra mim é uma honra grande demais ter se tornado um folião.

s tem que aprender e passar mais pelos meninos mais novos. Porque não pode deixar de foliar.

JV: Então obrigado, eu queria te agradecer então pela entrevista.

EC: Pois é, João, fica um forte abraço também, folião que sempre batalha e peleja pra poder as coisas andar no sentido bom. E eu fico muito grato, também, por você ter vindo aí e me entrevistado. E você esteja à vontade, qualquer hora que você quiser voltar, eu estou aqui.

JV: Obrigado.

**Entrevista com a Sr<sup>a</sup> Claudinéia Maria Correia (I éia), 38 anos, Gari, natural de São Braz de Minas, Festeira (oferecerá uma janta aos santos Reis), participa da festa há 30 anos. Dia 13/11/2007**

JV: O que é a Folia de Reis?

CMC: A folia de Reis para nós ela não é uma sim uma comemoração ela é um tipo assim de devoção que é feita anualmente todo ano, as pessoas juntam para estar prestigiando esse evento.

JV: Esse ano você estará como festeira organizando um jantar, então eu queria que você me falasse porque você está organizando a festa esse ano?

CMC: Bom, esse é um ato, o pedido dessa janta pra mim é um tipo de uma promessa, uma devoção que eu tive com Santos Reis, é uma graça recebida, eu não imaginava que eu ia receber em tão curto prazo, o prazo que eu fiz a promessa com dois meses eu recebi essa graça, e aproveitando a oportunidade também eu fiz o convite para a minha cunhada Margarida que mora em Brasília é muito dedicatória a Folia de Reis de São Braz, fiz o convite pra eles e eles vão vir também estar participando com a gente dessa janta e sendo sócia comigo nessa participação.

JV: Como que é organizar uma festa? Como que é o fazer dessa festa, queria que você falasse um pouco para nós sobre isso.

CMC: Bom, a organização pra mim é sim, o festeiro coloca as coisas no lugar, trabalha o ano inteiro pensando naquele evento e coloca as coisas e uma pessoa vai empelotar as pelota, faz uma turma de pessoa prum lado empelota as pelota, outras vai arrumar os frango, outras vai fazer o arroz, outro vai cuidar assim das barraca, do lugar de acolher as pessoas, no tempo assim que tiver chuva, é muito bom, e eu também deixo a declara que a festa de Santos Reis não é assim o festeiro que faz a festa, é o povo, porque o santo ajuda mas é o povo que faz a festa, a união faz a força.

JV: A população de São Braz sempre participa da festa?Esse é um momento importante para a comunidade?

CMC: Ô com certeza esses trabalha o ano inteiro pensando naquela vinda que lá evêm no final do ano, e também buscando, dando oportunidade pras pessoas de longe tá vindo participar com a gente também, vem muita gente porque é final de ano é natal, ano novo, a família ajunta tudo pra estar prestigiando com a gente esse evento que é muito bom.

JV: É um momento importante para a comunidade?

CMC: É um momento muito importante para a comunidade, é como eu te falei, não é assim uma participação é uma devoção que a gente aqui tem todos os anos, eu deixo bem claro a esse respeito.

JV: Quais as lembranças mais marcantes quanto à festa no passado? Que você tem das festas que ocorriam no passado?

CMC: Bom João Venâncio eu tenho uma lembrança, essa me marcou muito foi quando eu era criança eu estava na faixa de 4 a 5 anos a gente foi numa festa de Reis que antigamente [coloca ênfase] as festas era assim mais complicada, mais dificultosa, mas pra gente que procurou aquela infância junto com os pais pra mim a marcação que eu tive na minha vida e tenho até hoje é quando a gente foi numa festa de Reis, feita pela minha tia América do Sebastião Virgílio, lá na fazenda malhada, a gente foi na festa chegou lá o palhaço veio ô as crianças, as crianças, abraçando todo mundo as crianças e eu era uma delas ele virou e falou assim o palhaço te ama [emociona-se] o palhaço ama vocês, e no fundo quem era aquele palhaço era meu pai, meu pai que a gente só foi saber depois no outro ano que era meu pai que tava falando que amava nós então eu devo isso a ele sou muito devota aos Santos Reis é isso aí eu amo de paixão esse evento.

JV: Você gostaria de falar um pouco de seu pai como folião?

CMC: Ah, com certeza eu gostaria de falar horas e horas sobre o meu pai e a minha família, uma família que eu amo muito, de paixão e devo também e quero mandar um abraço carinhoso para o gerente da folia Roldão Correia que deu muita oportunidade para a minha família, meus irmãos, pra nós, eu também o pouco que eu participei na minha infância eu andava atrás do meu pai eu era uma folioa (foliã) atrás do meu pai, aí eu batia caixa, eu cantava, não lembro nem em qual voz mais, parece que aquilo me marcou muito, também evem assim de família. Eu tenho três sobrinhos que é sanfoneiro hoje graças ao tio Roldão por ele estar dando esse apoio pra eles que a sanfona da folia ela não permanece guardada na folia ela permanece na casa do meu irmão por esse motivo tá ensinando, aperfeiçoando as crianças pra tá naquela temporada da folia de Reis eles são uns folião que pra mim são grandes, pessoas grandes, eles foliam os nove dias, rezam o terço eles tão presentes e assim eles só acaba a hora que entregou a festa que falou assim: tchau gente fica com Deus até o ano que vem. Aí vão trabalhar de novo pra tirar aqueles nove dias pra tá participando desse evento novamente.

JV: Quais transformações você percebe na festa hoje? Em relação às festas do passado?

CMC: A transformação hoje em dia ela mudou muito, porque antigamente é igual eu tava te falando a gente andava quilômetros e quilômetros, na época falava era léguas não era quilometragem, a pé, os pais carregando os filhos na cacunda pra participar da Folia de Reis.

JV: Os córregos cheios.

CMC: É os córregos cheios, a gente dobrava a barra da calça pra tá indo, ia debaixo de chuva levava a roupa na sacolinha de plástico tudo assim foi, eu alcancei esse tempo. Hoje em dia não, pra mim hoje em dia a festa tá mais voltada a comércio, a cidade não tá aquela devoção de antigamente que tudo que era feito na roça era mais sagrado e hoje tem o barracão que eles está assim procurando acomodar o povo, busca, põe é ônibus pra tá buscando o pessoal, mas pra mim escolher eu escolheria o tipo da antiguidade que era o meu tempo de infância era muito mais gostoso.

JV: Em sua opinião qual o melhor momento da festa?

CMC: Bom na minha opinião, todos são bons momentos, só que o que mais me marca, o que eu sempre prestígio é a hora do terço e a hora que vai fazer a buscada do Rei com a Rainha pra tá ajuntando na mesa do jantar, que eles canta aquela música muito bonita, pra poder depois jantar e passar a nova coroa pros novo festeiro do outro ano isso aí só porque todos momentos são importantes, esse momento pra mim é o mais necessário.

JV: Que mudanças você percebe na cidade no período de festa em relação ao restante do ano? Que é o período sem festa.

CMC: Esse período da festa, como que você tá falando, do dia 24/12 que é natal, a época natalina é uma época aqui em São Braz que mais ajunta gente, porque aí vem um parente vem outro de longe, porque nem sempre ajunta todo mundo, então essa época é uma época que ajunta muita gente pra tá participando vendo um parente, aí comove tudo assim a respeito da festa por isso que se torna uma boa festa.

JV: E a cidade ela...

CMC: É a cidade aí ela evolui, ela fica cheia de gente, as ruas fica cheia de gente diferente, então é assim.

JV: Como você imagina a festa daqui a 10 ou 20 anos?

CMC: esse é um tipo de pergunta que eu te respondo, mas a gente não sabe como vai ser, eu imagino que por Deus, e peço muito a Santos Reis que dê o mesmo jeito que tá sempre sendo, porque da minha infância até agora mudou muita pouca coisa, só porque agora pra frente quem sabe pode até melhorar mais, é isso aí.

JV: Agora ficou um tempo livre para que você fale um pouco o que não ficou dentro das perguntas.

CMC: Primeiramente quero deixar um abraço carinhoso da minha família Correia, porque é uma família que eu dedico muito a ela e tenho a dedicar e agradecer a Deus por estar me dando essa oportunidade de eu tá fazendo essa entrevista e agradecer a Deus o pai maravilhoso que me colocou no mundo e eu amo de paixão: Balthazar Correia e dizer a todos assim que eu me emociono muito, tenho uma vontade muito grande de tá buscando uma oportunidade da família tá colocando um evento igual essa Folia de Reis pra participação da Folia feminina que é um ato muito bom e aqui tem muitas mulher que tem esse ato a desejar em abrir fazer esse tipo de abertura, de tá compartilhando com os folião os nove dias e tá buscando oportunidade também assim de alguma pessoa que pode fornecer esse tipo de evento. Porque não é fácil, os instrumentos são caro e pra mim é isso meu orgulho maior, meu sonho é de ser uma capitã de Folia e não deixar a Folia Correia ela rebaixar, eu queria que aumentasse mais a quantidade de gente. Deixo também um abraço carinhoso ao tio Roldão, ao Abdias Correia porque todos os foliões não só da Folia dos Correia, todos são exemplares, não só dessa folia, um abraço pra todos aqueles que tem a devoção de Santos Reis e pedir a eles que busquem mais a união porque tem dia que a Folia não sai, é falta de folião, tem dia que a folia atrasa, muito cansativo e peço as pessoas que dedicam mais a folia que procurem mais ter união com os colegas pra poder tá facilitando mais essa área da Folia e um abraço carinhoso também pro meu irmão Eduardo, Fabrício sanfoneiro e pedir a ele também que dê oportunidade aos sobrinhos porque eu tenho certeza, isso aí eu posso assinar e deixar escrito em baixo, os netos do Balthazar Correia no futuro, não tô falando só eles, mas os que tá na infância hoje, tenho certeza que só os dele dá uma Folia totalmente completa, porque é o suficiente que eles estão aprendendo agora para no futuro eles sê um novo folião.

JV: Você acha que tem abertura para uma Folia feminina?

CMC: Com certeza, isso aí é o que a gente mais espera e...

JV: Vocês têm conversado sobre isso na cidade?

CMC: A gente já conversou, conversou mas isso aí a gente tá precisando de um patrocínio, porque aqui tem quem canta a 6, quem canta na 5, a maioria das meninas, das moças, de hoje em dia aqui, tem várias que freqüenta a Folia dos Correia, que os foliões são prova que elas bate caixa, elas participa o dia todo atrás dos folião, quando precisa toca um instrumento. Então isso daí a gente tem certeza que se fundar uma Folia (feminina) não vai faltar as pessoas.

JV: E os homens como é que reagem?

CMC: Com certeza eles dão apoio, só porque eles trabalham fora e na época da folia eles já têm aquele ato a cumprir e não tem como ajudar a gente, mas com certeza o sonho nosso aqui em São Braz é fundar uma Folia feminina.

JV: Você além de capitã vai tocar o que?

CMC: Ui, toco de tudo [risos], eu não toco instrumento mas meu sonho é aprender a tocar instrumento eu sonho que toco instrumento, mas eu não sei tocar nada.

JV: Você toca caixa?

CMC: toco caixa, cantar eu canto, isso aí eu faço.

JV: Eu queria que você falasse um pouco sobre a organização da festa, eu digo assim, tem casa que já reza o terço, prepara o altar, tem casa que já não tem.

CMC: É eu posso sim, inclusive eu deixo bem claro também e faço convite para você e sua equipe de trabalho pra tá vindo fazer cumprir esse objetivo comigo, e o meu objetivo ele é cumprido com um terço, a janta e um terço e intenção da saúde de quatro pessoas, e eu e meu tio a pedido dele, a gente vai ajoelhar no altar ele vai chegar cantando e a hora de rezar o terço ele vai cantar no altar e ajoelhar e me pediu a permissão que é uma promessa que eu to fazendo pra ele também e eu vou ajoelhar junto com ele e vou cumprir a minha promessa, é esse termo. E agora em outras casa, tem casa que já não arruma o altar pra facilitar mais porque os folião, muita vezes eles chegam, o giro é muito grande e fica muito cansativo, pra eles descansar mais rápido, quando é uma promessa tem o terço, tem o altar.

JV: Agradecimentos.

CMC: E também o meu abraço, eu te falei deixo o convite pra vocês e dizer que também a Folia de Santos Reis ela anda não é por um ato de almoçar e jantar por diversão ela é uma devoção, através dessa devoção a gente busca muita comunidade fora, busca o pessoal fora pra tá juntando aquilo ali pra curtir aquela devoção, cada um faz a sua parte, Deus cumpre com a dele e todo ano é o mesmo evento, sempre sucesso e cada dia tá evoluindo mais, porque antigamente a gente fazia uma festa com duas vacas, hoje, o ano passado mesmo teve idéia que o tio Roldão mandou matar dez vacas pra festa e ainda sobrou pouco, sabe, eu creio que esse ano é na faixa de 12 a 15 vacas, então ela tá evoluindo não só pelas pessoas da comunidade, pela comunidade de fora que é muita devota a Santos Reis e vem prestigiar junto com a gente.

JV: Quer dizer a pessoa muda (migra) mas guarda um tempinho para estar aqui.

CMC: Ela muda mas ela deixa aquele tempinho reservado na época do natal pra tá vindo prestigiar junto com a gente, então tá.

JV: Obrigado.  
CMC: De nada.

### **Entrevista com Philipe Eduardo Correia Silva, 13 anos, sanfoneiro.**

JV: Eu estou começando, agora, dia 5 de janeiro de 2008, com uma entrevista com Felipe Eduardo Correia Silva, de 13 anos, estudante, há mais ou menos três anos participa da folia, é o sanfoneiro e natural de São Braz. Felipe, a primeira pergunta que eu vou te fazer é, o que é a folia de Reis?

FC: O que é a folia de Reis? É quando os amigos se encontram, assim, quando chega no dia da saída e todo mundo se encontra, aquela felicidade. Pensa: “Ó, nove dias pra nós poder conversar e farrear”. A folia de Reis pra mim é tudo, porque é onde eu encontro meus amigos, passo o meu tempo, férias, né? Pra mim é tudo.

JV: Tem alguma relação, assim, que você já tem, ligado a devoção, a religião, com Santos Reis?

FC: Que eu saiba não. Mas eu gosto muito da bandeira. Mas, que eu saiba, que influencia, assim, não.

JV: E o que te levou a participar da folia?

FC: O que me levou a participar da folia foi estar junto a meu pai, os meus amigos e fazer tudo o que eu gosto na folia de Reis.

JV: E o que é que você gosta, na folia de Reis?

FC: Principalmente da sanfona. A sanfona, pra mim, é minha vida. Estar junto da bandeira, os meus amigos. Tudo.

JV: E quais foram as dificuldades que você se encontrou pra se tornar um tocador de sanfona, na folia?

FC: Sim, as dificuldades foi, principalmente, aprender a sanfona. Depois de aprender ela, os toques são fáceis. Agora o problema é se errar ao decorrer da folia. Aí já complica.

JV: Eu observei que, mesmo estando na folia, os foliões estão sempre te ensinando, né?

FC: Isso, porque pode algum folião saber um ritmo, e a gente às vezes pode até não saber. Aí pode falar assim, a gente vai indo, vai pegando. O decorrer dos ritmos são muitos. São, ao todo, da folia, que eu sei, da nossa folia que nós tocamos, são quatro ou cinco, na média.

JV: E esse é o papel também do capitão?

FC: É, o papel do capitão é assim, o sanfoneiro toca, o capitão faz os seus versos, a resposta responde ao capitão, pra todos, e as falas entram. Aí, no decorrer do capitão, é cantar os versos no ritmo certo, na voz certa.

JV: A tala que você fala é a caixa? O que é a tala?

FC: As talas são as quatro voz, cinco voz e seis voz.

JV: Aqui em São Braz você observa mais jovens, iguais a você, interessados na folia? Você observa mais pessoas estudando? E qual é o da própria folia, por exemplo, de dar o instrumento, deixar levar o instrumento, acha isso importante pra estimular o jovem?

FC: Sim, eu acho importante. Porque aqui no São Braz tem pessoas que se interessam mais em música do que nos outros municípios nossos, aqui, como Retiro, Morrinhos, Catirina. Eu acho importante porque, assim, se um jovem se interessa pela música, não vai se interessar por drogas ou outras coisas.

JV: A folia tem ajudado isso?

FC: Tem, e muito. Porque hoje em dia quase não se vê jovens aqui em São Braz andando à noite, é só em festas mesmo.

JV: Como você a se tornarem foliões?

FC: Sim, tem ajudado em, ajudado a gente a crescer, a se tornar mais maduro, no decorrer da vida. Empréstimo instrumento. A sanfona da folia aqui de São Braz, ela fica lá em casa, pra eu poder aprender mais próximo. Influencia muito, né. Meu pai toca violão, vai acompanhando.

JV: Em sua opinião, qual é o melhor momento da festa?

FC: O melhor momento é a saída da folia, quando todo mundo toca e é o primeiro dia, a primeira casa é tudo. Que aí a gente vai ver todo mundo da casa, a voz boa, e tudo.

JV: Você, como um jovem folião, o que você percebe na cidade, mudanças, nesse período de festa? Como é que você vê a cidade, nesse período?

FC: Muito animado, né? O prefeito ajuda, fazendo barracões, festas. Os festeiros correm muito atrás, pra poder dar conta de fazer as coisas, almoço, janta. Isso.

JV: Apesar de novo, Felipe, tem algum momento em você que foi marcado por uma festa?

FC: Não. Eu participei de poucas festas ainda, mas em estar junto com tios e avôs, pais, tudo. Porque aí a gente aprende mais.

JV: E como é que você imagina a folia daqui a dez ou vinte anos?

FC: Igual meu pai falou, eu tenho medo dela acabar, porque são poucos foliões novos que se interessam, assim, pra ajudar a folia. Mas agora em almoço e janta não tenho medo de acabar não. Tenho medo de acabar os foliões.

JV: Então, eu vou terminar com o Felipe. Queria que você falasse um pouco mais, então, de alguma pergunta que não ficou aqui, né? Sobre alguma folia, a folia na sua vida, a folia na sua cidade e como é que você se vê também no futuro, como um folião.

FC: Assim, a folia de Reis, todo mundo é amigo, todo mundo vive em paz e tudo. É difícil encontrar algumas brigas e tudo. Mas assim eu vejo eu, meu primo e todos os foliões, vejo que nós tem muitos anos de vida, saúde, paz, tudo e pra todas as pessoas.

JV: Obrigado, Felipe.

FC: Por nada.

### **Entrevista com Sr<sup>a</sup>. Hilda Tiago da Silva, 73 anos, Do Lar, natural de São Braz. 65 anos.**

JV: Hoje, então, dia 12. Vou fazer uma entrevista, vou iniciar uma entrevista com a Dona Hilda Tiago da Silva, 73 anos, do lar, nascida em São Braz, festeira, esposa do Sr. Raul Firmino, um dos maiores festeiros e foliões de Folia de Reis de São Braz, de Minas. Dona Hilda, é um prazer muito grande poder contar com a sua ajuda nesse meu trabalho. Eu queria começar perguntando pra senhora o que é a Folia de Reis?

HTS: Então eu acho que a Folia de Reis é uma coisa muito importante, né? Porque Santo Reis é muito milagroso. A gente, eu, toda vida, eu gosto muito de fazer a festa. Eu já fiz várias festas. Não sei contar quantas festas, mais ou menos, e saídas, não, mas umas seis ou oito ou mais um pouquinho eu já fiz. (riso) Deus tem dado força à gente, Santo Reis ajuda, a gente já fez bastante e eu tenho a intenção de fazer mais! Se Deus der vida e saúde, né? Minhas meninas falam assim, “ah, minha mãe pode pegar uma festa todo o ano, porque ela não trabalha! Porque nós é que arruma tudo, porque ela não faz nada, não”. Eu falei, “eu trabalho mais do que vocês! Porque eu que organizo. Tudo o que vocês faz eu conto, ‘mãe, vem cá, mãe, vem cá!’” Aí então a gente gosta de fazer.

JV: A senhora já organizou festa, né? Jantas, almoços. Como que é uma organização de um almoço, de uma janta?

HTS: Ah, isso aí depende o jeito que você quiser. Se você quiser arrumar mais, assim, mais coisas, você arruma. Se a pessoa puder fazer mais coisa, faz, se não puder, faz menos. Mas Santo Reis dá um aumento pra tudo. Que eu, aqui em casa, eu faço assim, eu vou fazer uma comida pros folião, eu vou lá, olho, penso, “ah, mas essa comida não dá, tem muita gente”. Mas eu peço aumento pra Santo Reis. Aí Santo Reis dá o aumento na comida! Não faz diferença não, dá pra todo mundo e sobra muita comida, ainda, que a gente dá muito pros pobres. O povo leva, no outro dia a gente procurar as pessoas que precisa, leva, porque isso tudo a gente faz porque tanto no almoço ou na janta as pessoas vêm e ajuda, os precisados, né? A gente acolhe todo mundo, aí a gente vai fazendo as coisa, com o que tem, com o que a gente deseja.

JV: E a população de São Braz participa desses momentos? É um momento importante pra comunidade?

HTS: Eu acho, aí, eu acho que sim! Porque a gente vai aí, aqui em casa mesmo, eu tenho 11 filhos. Quando era todo mundo, assim, moça, rapaz, nós não ficava em casa, não, nós participava de tudo. Ajudava a reza o terço, porque o Raul era folião, a gente sai fora, aí, nessas outras folia também, a gente é muito bem recebido. Eu gosto muito. Porque a festa tem que ter gente, se não tive muita gente, a festa não fica boa não. Tem que organizar. Aqui em casa, graças a Deus, nós faz e o povo acha bom! Eu acho bom também, porque aquilo ali a gente vai, aquilo é uma satisfação pra gente, arrumar tudo, o povo ajuda. A festa eu acho bem mais controlada. Você está perguntado pelo almoço, mas ... É, porque nós já fez as festas, eu gosto muito. A festa eles anda aí, essa folia daqui, eles andam nove dias. Outras, só não pode andar a par, é só ímpar, né, eles andam. Mas tira muita coisa, assim, muito objeto. Ajuda muito o festeiro. Antigamente, a gente fazia, o que tirava, o que sobrava o festeiro ficava, pra recompensar aquela despesa que ele fez. Hoje já diferenciou. Ali, hoje já parte com os dois, né? Com o festeiro e com a festeira. Quando a gente faz bastante doce, muita coisa gostosa. Tem o rei, tem a rainha. A gente faz muita coisa boa.

JV: Quais as lembranças mais marcantes que a senhora tem das festas no passado?

HTS: Lembrança no passado, desde criança, pode?

JV: Pode.

HTS: A gente pode contar o milagre? Porque eu guardo na lembrança que minha mãe trabalhava na roça, e minha irmã mais velha, elas estavam capinando e ela, é um caso muito bobo, mas aí ela vem mandando a enxada atrás dela, né? Aí ela pediu, “nao faz assim, que você manda a enxada no meu pé”. E ela foi batendo a enxada, pegou no calcanhar dela, cortou esse nervão do pé dela. Não tinha médico! O farmacêutico que tinha aqui era o véio Afonso Correa. Ele foi tratar dela e ela pediu ao Santo Reis, que se ajudasse ela, que esse nervão da perna aqui, eles falavam que ela não caminhava mais, colasse, ela ia ajudar no dia da festa de Reis, ia ajudar tres dias, né, na festa. Aí, quando foi na ocasião da festa ela já estava passando. Santo Reis ajudou e Deus ajudou, que ela já estava caminhando! O nervão da perna dela colou. Mas foi com o milagre, mesmo. Aí então a gente festeja essa festa e Deus que a gente conhece, essas festas. Que nessa época eu era mais bem nova, estava com uns cinco anos, mais ou menos. Mas aí a gente vem. Agora, depois que o Raul adoeceu, aí nós afastou. Já tem uns tres anos que a gente quase não vai, que ele não dá conta, né? A gente vai assim pouco e volta pra trás. Mas até no momento a gente ainda leva ele, ainda. Nós ainda vai às festas assistir o terço, se ele der conta ele ajuda a cantar. Mas agora ele, assim, está muito fraco, mas sempre a gente pede a Santo Reis pra ajudar, que ele consegue ajudar um pouquinho. Que o pessoal gosta muito que ele ajuda. Aí nesse momento a gente vai indo, como Deus fosse vivo, a gente vai cumprindo. A gente lembra de muita coisa, né? Mas... (riso) Sempre a gente era chamada, muito chamada pra ajudar na cozinha. Porque os meninos convidavam muito pra ir ajudar na cozinha, que a gente já tinha aquela prática, né? A gente já sabia mais ou menos o tanto de comida que a gente punha ali pra cozinhar, pra arrumar tudo, né, eles não me dispensavam também não! Agora que eu estou meia por fora. Mas não porque o povo esqueceu, mas eu mesma não vou pra não largar o Raul. Porque a gente vai indo até um certo ponto que a gente não pode. A gente tem que aquietar mais um pouquinho.

JV: Quais são as comidas que vocês servem?

HTS: A comida? A gente pode fazer o que você desejar. Faz frango, carne de porco, de gado, macarronada, tudo há. O que você desejar fazer você pode fazer. Depende é organizar bem organizada as coisas, né? Porque a gente, eu, aqui em casa, eu não ajudo a fazer uma tacha de doce, não ajudo a mexer com nada nao. Só porque na hora de descer uma tacha de doce aí o grito sai. Isso é as meninas que ajudam a fazer. Elas falam comigo, “não, a senhora pode pegar todo o ano, porque a senhora não trabalha”. Eu falo pra elas, “a minha cabeça trabalha! Eu que organizo mais, eu faço tudo, vocês não tiram uma tacha de doce, nem”, como diz o ditado, a prova da comida sem a gente. Tudo chama pra ver se está bom, se está gostosa, se não está. Mas agora está difícil. Eu gosto de festejar Santo Reis, acho bom demais.

JV: Dona Hilda, a senhora falou um pouco das lembranças do passado, e eu queria perguntar pra senhora quais as transformações a senhora percebe na festa, hoje?

HTS: Eu acho que hoje o povo está trabalhando muito bem, porque de primeiro as coisas era mais simples, sabe? A gente mexia com as coisas. Era mais simples, mas hoje o povo está assim muito, parece que valorizou, não sei, está gostando de fazer muita coisa que a gente pensa que não precisava de fazer. Mas, quer dizer, acha que tem que fazer, é do jeito que eles quer, cada um quer fazer melhor do que o outro. Como assim? Parece que muitos gasto podia evitar um pouquinho, né? Mas eles não evita. Igual bebida, tem demais, né? E isso eu nunca concordei com muita bebida não. Agora trem de comer, tudo bem, porque o que sobra o povo carrega tudo, né? Agora a bebida, o povo fica muito revoltado, né? Ah, o giro diferencou muito, né? Porque antigamente o giro era bem grande, né? Igual aqui no são Braz, na Boa Vista, o giro era mutio grande. Daí eles foram dividindo as festas, aí ficou pequeno. Mas ainda dá pra fazer, fica muito boa as festas. Agora, a gente sempre vai às festas, mas eu gosto, de todo jeito pra mim está bom. Eu sou uma criatura que eu não ponho defeito em nada, tudo pra mim está bom, está alegre, estou satisfeita. É, é Santo Reis que ajuda e o povo ajuda muito também. Que o povo ajuda muito. Aí não é, a gente pega, a gente fala a gente vai pegar essa festa, mas a gente não dá conta de fazer não, que a gente já pega pedindo Santo Reis pra ajudar e pedindo que Deus dá vida e saúde pro pessoal tudo ajudar e comparecer também né? Porque tudo tem que ajudar, tem que ter muita gente pra ajudar fazer as coisas, arrumar tudo! Com pouca gente não dá pra fazer não (riso) Ah, isso aí não está muito diferente não. Mais ou menos igual. Porque o povo hoje também é muito religioso, quem vai numa devoção dessa, vai porque tem devoção né? Não deu pra dar muita diferença não, tá mais ou menos igual. Porque tem os capitão tudo, ajuda a organizar tudo também, os folião vai organizando tudo né? Tá tudo bem. Eu acho muito bonito!

JV: Por falar em achar bonito, eu vou perguntar pra senhora uma pergunta boa. Na sua opinião, qual é o melhor momento da festa?

HTS: Uai, o melhor momento da festa, na hora de rezar o terço, que os folião está ali todo muito reunido, o pessoal tudo mundo reunido. Parece que a gente está ali mesmo naquela intenção né? E eu gosto muito no final, que os folião cantam aquelas músicas bonitas pra fazer a saída, né, agradecendo tudo. Eu acho

bonito demais, compensa bastante uma festa de Reis. (riso) Eu sinto não poder ir agora, do jeito que a gente ia né? Porque agora não dá mesmo. “É tanto trabalho na vida, e a senhora de ar alegre, rindo, satisfeita”. Eu falei, “não, isso pra mim é um prazer, Deus mesmo me escolheu!”.

JV: Mudanças que a senhora percebe aqui na cidade, aqui São Braz, no período das festas?

HTS: Ah essa mudança aí, tá meio [inaudível]! (riso) Mas mudou um pouco né? Porque de primeiro o povo era assim mais, mais unido, tudo, a gente unia mais gente. Hoje, vai muita gente, mas reparte assim pra muitos lugar. Vai repartindo, vai num lugar, volta pra trás, vem na outra festa, vai pra outra festa, vai pra outra festa né? O pessoal hoje não quieta, vai essas festas aqui por perto todo mundo assiste tudo, porque vai de carro, vai de a cavalo, tudo mundo assiste. E de primeiro só tinha umas tres, ficava longe. Aí se fosse pra uma festa, ficava quieto. Agora hoje o povo não quieta não. Aí tem que ir em tudo, né.

JV: Faz parte de todas.

HTS: De todas, não quer faltar de nenhuma né? Tem que aproveitar a vida mesmo! (riso)

JV: Aproveitar as festas, né? Como é que a senhora vê essa questão de formação de novos foliões? Desses meninos, ou da transformação, por exemplo, igual o Quincas, que agora faleceu, e pra você estar repondo novos foliões, como que a senhora vê essa formação de novos foliões e que dificuldades que a senhora acha que existe pra formar novos foliões hoje?

HTS: Bom, eu acho que é muito difícil, porque ali vai tirando os acostumados, que já está aquela turma treinada, igual o cumpadre Quincas, era muito bom folião. Ele era bom demais numa folia, porque ele fazia de tudo o que precisasse. A gente gostava muito dele. Agora pra colocar outro é meio difícil, mas vai testando um e outro até que dá conta. Igual o Vicente ali, também, ele é muito bom sanfoneiro. Ele anda muito doente também, mas até o ano passado ele ajudou. A gente sabe que esse ano ele dá conta de ajudar também, né? Mas pra colocar outro é difícil. Aquele Zico Pelé, ele foliava com o Raul, nessa folia dos Teixeira, aí ele era pequeno, ele gostava de falar “ah, cumadre Hilda, eu estou foliando, eu agradeço a cumpadre Raul. Eu era pequeno e ficava atrás dos folião e o cumpadre Raul pegou pra eu me esforçar, pra cantar. Hoje eu sou um capitão, hoje eu sou um capitão de folia”. Mas Deus levou ele cedo também, né? Aí eles tem que ir treinando outros, arrumar. Que essa folia que entrou, dos Teixeira, já, Flozinho também já faleceu, o cumpadre Zico, o véio Afonso, aí você vê que vai diminuindo, vai entrando outros, às vezes não é assim, não agrada pra um, agrada pra outro, e aí vai indo assim. A gente vê muita diferença. O interesse do jovem é muito pouco. Ninguém não quer. Eles quer saber é só de ir pra festa, brincar e farrear um pouquinho, né, mas ajudar assim é muito pouco. Tem que ir pedindo, conversando, às vezes entra algum. Mas entra mais é vez uma folia não dá pra foliar mais, os folião vai morrendo, vai cabando né, aí eles vai passando pras outras folias pra ajudar. Algum jovem entra, mas é muito pouco. Não é igual de primeiro, que a pessoa ia e fazia aquilo direto, né? Hoje eles não tem muita ilusão não, porque você vê que essas folias assim, você pode prestar atenção, que tem mais é só gente de idade, né? Os novo não estão querendo nada não. Quando os pais dá uma ajuda, eles até vai pra frente. Aqui em casa, aqui em casa é muito neto! É uma porção de filho. Eles não quiseram nada. Tem sanfona, tem viola, tem tudo, ninguém quer aprender ajudar. Tem jeito de fazer, ir sem a vontade, dá não. Tem que largar.

JV: Dona Hilda, eu queria perguntar pra senhora, como a senhora imagina a festa daqui a vinte, daqui dez ou vinte anos?

HTS: Isso aí tá meio difícil da gente dar a resposta, né?

JV: É só a imaginação, né?

HTS: É só mesmo uma ilusão que a gente fica pensando, né? Mas a gente pensa que quem sabe pode ir pra frente, né? Que os mais velhos vai terminando a sua vidinha, e os novo pensa “ah não, nós tem que pegar e fazer o que eles fazia, né?”. Porque aqui em casa mesmo eles fala. Os meninos mais novo fala com as menina mais velha “ó, nós tem que pegar a coroa e fazer uma festa antes do pai mais a mãe faltar, antes da mãe mais o pai morrer, porque nós nunca dá conta de fazer uma festa de Reis igual o pai mais a mãe fazia, nós nunca dá conta”. Não tem nenhum filho pensar que vai fazer o que nós fez. Eles acham muito difícil. Eu, a primeira festa que nós fez está com 48 anos. Eu ainda tenho ali um objeto que eu mandei fazer pra mim fazer o café. Ainda trago ele, ainda uso ele! Porque a gente organiza muito, eles fica falando comigo, como é que eu dou conta de fazer tanta coisa na cabeça pra poder, que eu dou conta de fazer ass coisa tudo que eu vejo que precisa, eu dou conta de fazer? Aí eu tenho que trabalhar muito, pra gente poder pensar e pedir a Deus, Santo Reis ajudar, Nossa Senhora, que a gente dá conta de ir preparando aquilo tudo assim devagar, vem trazendo de mais longo, pra trás, pra gente poder dar conta. Quando é no dia, pede uma qualquer, pede uma pá pra fazer um doce, pede outra coisa, pede outra coisa, é só pegar. Eu faço, agora não, agora eu já tenho que renovar minha mobília, que já tem acabado muito, mas eu fazia uma festa de Reis, só tomava os tachos de fazer comida emprestado, o resto não. Eu gosto de emprestar, mas não gosto muito de tomar aquilo emprestado não, eu gosto daquilo de ser meu mesmo! Porque antes tem muita gente pra ajudar, como você mesmo sabe. Passou a festa, o povo vai tudo embora. Ninguém, é poucas pessoas que volta pra ajudar a organizar aqui. Nesse caso, pra entregar, aquilo é muito difícil. Eu gosto muito de arrumar minhas coisas. Eu agora eu falei, eu ainda quero fazer outra festa, fazer

uma festa, mas eu quero acabar de terminar de arrumar a minha casa. Eu comecei e não dei conta ainda. Mas eu estou pedindo a Santo Reis pra me ajudar. Quando eu terminar de fazer pelo menos mais um barraco pro Ribas, não precisa terminar de fazer tudo não. Eu quero fazer, arrumando pra dar mais um agasalho pro pessoal, que chove muito, aí eu quero fazer outra festa de Reis. Eu vou organizando. Os meninos falam comigo, “mãe, a senhora pode pegar, que nós vai ajudar”. Não, ainda não é hora não. Vamos esperar mais um pouco. Ainda agora a gente está pelejando pra ver se consegue, porque eu quero fazer, se Deus quiser. É, eu tenho que ver se dá conta de fazer. Eu tenho duas fita gravada, mas, uma até, nós era festeiro. Essa até está ali no João Batista. Tem uma lá daquela folia dos Correa, quando o Braz, a gente fez aquela festa. Aí veio um pessoal lá de Brasília e filmou uma pra mim. A gente gosta demais, eu acho bom. E nas festas é só o doce, a comida de sal não! A comida de sal eu não vou em festa pra comer comida de sal, não! Eu vou pra comer é o doce! Porque é o doce que, você não faz um doce em casa igual ao de festa de Reis. Mas você pode pelear do jeito que você pelear, que não sai. Não sai do mesmo jeito de jeito nenhum! Aí a gente, eu gosto de ir. Eles falam comigo, “não, mas você ir em festa pra comer doce?”. É a única coisa que eu gosto de comida, é o doce! Eu gosto demais. Tudo bem, aí a gente vai! (riso)

JV: Dona Hilda, eu, as perguntas assim que eu tinha pra fazer, mais específicas eu já fiz. Mas eu queria deixar com a senhora o gravador, pra senhora ir agora conversando sobre a folia, se a senhora tiver um caso pra falar, tiver alguma coisa que a senhora, que fugiu das perguntas, seria um prazer pra mim a senhora poder falar um pouquinho sobre a folia da Boa Vista, a folia de São Braz, um pouco do que a senhora já vivenciou dessas folias. Eu deixo agora livre pra senhora falar como a senhora achar que tem que falar. É um momento mais livre do que as perguntas que eu já tinha pra fazer.

HTS: Eu sinto falta das festas. Eu dei conta de achar um pouco ... O palhaço, antigamente, essa folia que nós acompanha, nunca teve dois palhaço não. Mas antigamente tinha dois. Mas põe se quiser arrumar os dois. Se não quiser, é só um direto. Eu gosto do palhaço também, porque o palhaço participa da festa. Anima muito a festa, brinca muito com as crianças. A gente gosta muito do palhaço também porque ele trabalha muito. Porque ele ajuda, organiza muita coisa também, porque ele tem que trabalhar e organizar muito as coisas. A gente gosta. Quando eu fiz a primeira festa de Reis, todo mundo pediu que nós deixasse pra fazer a festa no último dia, não fizesse no dia da outra. Porque sempre fazia no dia 6. Mas fizesse no dia 7 ou no dia 5. Todo mundo queria participar da festa. Aí nós deixou, fez no dia 7. Mas graças a Deus o povo gostou. A gente trabalhou muito, mas passou a festa ... Eles conta, eu tem dia que eu penso, “que será que tinha isso tudo?”. Eles falam que era 750 cavalos. Agora, os cavaleiros eles não sabia não. Porque os cavaleiro vai mais, não vai só um nos animal, não! (riso) Mas essa também foi uma festa. O povo gostou demais. Veio gente de Patos. Um dias nós estava, eu estava no Largamar, estou espichando isso tudo, eu tô falando! (riso) Eu estava lá no Largamar comprando as coisas, aí, na loja comprando, ali naquela loja do Pedro Marcolino, você até conhece lá, tô comprando, chegou uma mulher lá dos Pato. Falou com a Santa, “Dona Santa, eu quero ir nessa festa lá no São Braz, que essa festa vai ficar boa demais da conta! Mas que é mulher, a festeira ela é muito nervosa! Eles diz que ela pôs muita gente pra vigiar na hora do povo sair, pra não carregar as vasilhas dela, pra não carregar com os doces”. Porque eu brincava demais, né, porque o divertimento da gente é a brincadeira! Aí ela, a Santa levou ela assim bem na frente, olhava pra mim, ria, falava, “ah, mas essa mulher lá ela é custosa mesmo!”. “Não, mas eu tenho que ir nessa festa, eu moro em Patos, mas eu quero ir nessa festa, porque essa festa está falada. Eu preciso de ir”. Aí a Santa conversou com ela, levou ela bem na frente, aí ela falou, a Santa falou, “é, se você tivesse falando mal da festeira, a festeira é essa aí, ó!”. Ela falou, “nossa, Dona Santa, mas e se eu tivesse falando mal demais da mulher?”. Ela falou, “pois é, a festeira é essa! Ela é boa demais! Agora, aí você vai na festa pra você poder ver como é que vai acontecer, lá”. Eu acho que isso aqui é da folia também. Ela chegou, me procurou, mas a hora de ir embora ela despediu, achou bom demais a festa, me pediu doce pra levar. Eu falei, “pode pegar! Pode pegar à vontade, tem muito doce pra vocês levar”. Os menino me pede e eu, eles me pede vasilha, eu falo, “ah não, vocês arranja um litro descartável aí, vocês pega e corta, arranja uns cinco, e enche isso de doce e leva pra sua mãe, pros seus irmãos”. Daí aquilo, o meu nome fica gravado, né? Porque eles pegam aquilo e falam, “ah mãe, eles dizem que essa mulher é ruim, ela não é ruim não! Ela me ensinou até como arrumar a vasilha pra eu trazer o doce! (riso) Ela me ajudou a arrumar a vasilha pra mim poder trazer o doce pra senhora!”. Não, a gente tem que ajudar, né? Agora, até hoje essa festa é mesmo do povo, e é do povo carregar mesmo. Não é de ficar guardado em casa não. É, não é de guardar em casa ou vender não. Aquilo ali, o que sobra, é do pessoal carregar. A gente trabalha até tarde da noite pra organizar as coisas, não dá conta, quando é de manhã, a gente levanta e já tá aquela fila de criança na porta pra pegar, é criança, é gente grande, tá tudo na fila pra pegar as coisas que sobra. Carne! A gente deixa um pouco pra gente, né? A gente deixa um doce, porque fica uns parentes mais longe que a gente quer mandar. Quantas lata de doce eu já não mandei pra Brasília! Ali, a pessoa que quer recompensar um pouco, dá uns 5 quilos de açúcar. Você leva uma lata de doce, que a gente gasta cinco quilos de açúcar, pra fazer uma lata de doce. Então, eles dá

aquele açúcar de volta, e o leite eles não pagam, porque o leite também foi ganhado, né? Porque o povo ajuda com muita boa vontade. Nossa, e eu já tenho, aqui em casa já tem ido doce pra muitos lados. Até inclusive um ano que eu fiz uma festa aqui, veio um policiamento daqui, nós é que chamou, porque muita gente não chama, nessa época não chamava. Aí a Marilda falou, “mãe, vamos lá na delegacia, pra nós chamar”, porque fazer festa em comércio aqui, pro povo não reagir de nada não, né? Era muito bom. Mas só porque, como diz ela, a gente vai e chama. Eles vieram, ficou, deu uma ida nessas festas das roças, voltou pra cá. Ficou aí olhando o jeito que a gente arrumava a comida. E eu não percebi nada. Depois que passou a festa, aquelas polícia ali do Largamar, eu soube que ele falou, “festa igual a essa, organizada, eu nunca vi”. E eu andei nas mesas tudo. E eram três mesas, né. Eu andei nas mesas tudo, o que tinha na mesa dos reis tinha nas outras mesas. Que muitos lugar acostuma a mesa dos reis ficar mais enfeitada. Eles fazem mais bonita. Agora, ele falou pra eles, falou, “lá não! E eu olhei as três mesas que estavam arrumadas, a dos Reis e as outras. O que tinha numa mesa, tinha nas outras tudo. Não é igual aí eu tenho visto, não. Eu nunca vi. Essa foi a primeira desse jeito”. Porque eu gosto de arrumar, porque o pessoal ajuda muito. Que vem uma pessoa lá de Brasília, como já tem vindo muito aqui em casa, eles trazem uma filmadora, eles filmam, eles fazem uma coisa, faz outra, tá todo mundo ajudando, né? De boa vontade, porque eles acha bom. Aí a gente tem que cumprir com os dever da gente também. E ali na hora de que põe o doce, quem quiser pôr na vasilha vai na mesa e põe, põe dentro do carro e carrega, leva. Porque eu, se eu morasse longe, eu carregava, porque o que eu gosto é do doce. Eu não gosto muito assim de comer a comida de sal, não, eu gosto é o doce! Então, eu penso que o outro pessoal é a mesma coisa. Eles gosta de tudo também. Aí a gente conforma tudo. É aqui em casa, sempre, em todo lugar. A gente arruma, põe a bandeira no altar, faz um altar bonito, quando não arruma o presépio, né? Porque muitos arruma o presépio. Agora, quando é o altar, também faz um altar bem bonito, e arruma, põe os Santo Reis lá, no altar, põe a bandeira, né? Fica muito bonito! Aqui em casa nós arruma, de vez em quando a gente peleja pra dar uma diferençazinha, pra poder. Isso aqui é da, da folia que nós fez. Acho que foi da folia. Os meninos escreveu isso aí, pra terminar. (riso) Aí a gente, porque minhas meninas ajuda muito. Nesse ponto de arrumar as coisas, elas ajuda muito. Cada uma quer fazer uma coisa diferente. Quer ver lá pra Brasília, quer trazer pra cá também, que ajudar. No dia do terço, todo mundo, das outras festas, fica perguntando, “onde você arrumou esse enfeito? Onde você arrumou esse outro enfeito?”. Umas até pede, “eu posso levar de lembrança?”. Eu falei, “pode, pode levar de lembrança também”. Eu acho muito importante e gosto muito. É, isso aí elas arrumou pra todo mundo que entrasse escrever o nome. Mas não escreveu de todo mundo não. Foi pouca gente que arrumou. Só mesmo uma lembrancinha. Isso aí parece que foi em 99? É. A outra que eu fiz, a minha menina que foi rainha, a primeira, estava com 6 anos. Hoje ela está com 48. Tem uns anos, né? E através disso nós já fez bastante de festa, saída de folia. A gente vai essas festas longe, vai de a cavalo. Porque nós gostava muito era de ir era a cavalo. Porque você viu uma tropa aí, né, nesse retrato aí. É, aquilo ali no dia de festa de Reis não sobrava um. Ali levava dois, levava três e ia todo mundo. Nós chegava assim numa reunião assim, numa festa de Reis, quando nós apontava, eles falavam assim, “a família do Raul está chegando!”. Aquilo pra gente era um prazer. E ali ficava todo mundo, lá pra sombra, pra lá, reunia a hora de rezar o terço, uns vai, outros ficam lá conversando. Mas a hora da comida, os festeiros vai lá, chama todo mundo pra ir pras mesas comer. A gente gostava muito, ainda gosto demais ainda. Eu podendo ir, eu não fico sem ir não. É de carro, hoje vai carro, vai muito carro. Que todo mundo, muita gente, os de longe vem só de carro, né? É só os de perto mesmo é que anda assim de a cavalo e anda à pé. Mais é só de carro. Não sobra muito a andar a cavalo e de a pé não, é de carro. Aí a gente acha que vai diferenciando, mas é os pouco, os pouco. É igual atravessada da nossa vida. Os mais véio dizia pra gente, “vai fazer isso, acontecer isso, isso, isso, isso”. A mesma coisa é essas festas de Reis, vai do mesmo jeito também. Que tudo que minha avó explicava só está faltando umas duas coisas que eu ainda não vi. Não sei se Deus me ajuda que dá pra mim ver ou não. Mas o resto, já vi tudo o que ela explicava pra gente. (riso) Olha, eu não sei. O que ela explicou, passou tudo igualzinho ela explicou. Agora, o que está faltando? Três dias de escuridão. Porque o que ela explicou pra trás, já, o que ela explicava, sentava com a gente. Hoje não, hoje um neto não senta com a gente pra conversar nada não. Ali eles quer sair, é pra rua, fazer as coisas pra lá pra rua. O que os pais ou os avós chama, não. A gente conta, eles falam assim, “ah, isso é do tempo dos bobo”. Por isso é que (riso) vocês ficam com isso na cabeça. Minha avó sempre dizia pra gente, “vocês não ficam sem o azeite em casa. O azeite caseiro, porque é a luz que vai pegar fogo”. Agora eu não sei não, eu não sei não. Agora vamos ver se vai ser mesmo desse jeito ou vai ser diferente. ACABOU A FITA.

**Entrevista com Sr. Ivando Ribeiro da Silva, 44 anos, lavrador, da Comunidade Evangélica, São Braz de Minas.**

JV: Hoje, dia 30 de dezembro de 2007. Eu vou começar uma entrevista com um componente da comunidade evangélica de São Brás de Minas, o Sr. Ivando Ribeiro da Silva, 44 anos, lavrador e borracheiro, natural de São Brás. E eu queria começar com você, Ivando, perguntando pra você o que é a Folia de Reis?

IR João, a Folia de Reis é uma farra, assim, de comunidade. Porque a Folia de Reis, ela é assim, ela é [inaudível]. Eu mesmo fui também folião há 12 anos. Eu tinha assim, eu sabia tudo o que era dentro da folia. Então, a folia ela é uma farrinha. Pra você ver, que ali começa do que está com a bandeira, até o que bate caixa, tudo bebe uma cerveja, bebe uma pinga, faz uma farrazinha aí mais grossa, às vezes depois não dá conta de andar, tem que, como dizem, ficar, né pra trás, melhorar, pra depois prosseguir.

JV: Você já participou das folias, então?

IR:: Já. Inclusive eu fui palhaço de folia 12 anos. E a regra da folia ali eu sei tudo, graças a Deus. Só porque eu achei, João, que algo diferente, que eu tive que mudar de vida.

JV: E você tem alguma lembrança desse período que você participava da folia?

IR: Tenho, tenho sim, lembrança. Igual mesmo quando eu era palhaço de folia, o capitão era o Flozinho, que era o dono, Quinzinho era gerente, muitos, Altaídeo já foi gerente. Então eu tenho lembrança de muitos, que ali nós vivia junto ali, fazendo aquela coisa ali, que dizem hoje, eles, que essa é com devoto, coisa ou outra, né, o povo fala, né?

JV: E qual era o momento que você mais gostava da festa?

IR: Eu, João, da festa, o que eu gostava da festa mesmo, era assim. Eu sou uma pessoa simples, eu gostava ali, quando ia pra festa, era uma pinga, era assim um churrasco ali, era isso aí. Eu gostava da festa. O doce.

JV: E como é que você percebe a cidade nesse período das festas?

IR: A cidade, João, ela fica movimentada. Aqui vem gente de Brasília, vem gente de Uberlândia, vem gente de Patos, gente de vários lugar, que às vezes foi criado, nascido e criado aqui, né, e gostava dessa festa, dessa farra aí, e hoje mora longe. E até inclusive traz mais amigos pra, com eles, ali, alegrando, nessa passagem de ano. Porque a folia, eles traz assim uma lembrança, como se fosse o nascimento de Jesus, né? E então o povo alegra com aquilo.

JV: Você faz parte de uma comunidade evangélica, aqui, em São Braz de Minas. E quando é que você começou então esse movimento evangélico na sua vida?

IR: João, o negócio é o seguinte. É tudo bom, igual como eu falei, sobre a folia, sobre tudo. A gente tinha uma vida atribulada, passando assim dificuldade. Aí um dia eu ouvi falar de Jesus e disse que Jesus mudava a vida da pessoa. Aí eu pensei, eu falava com a minha mulher: “Eu vou mudar de vida, tenho fé em Deus”. Minha mulher: “Tem fé em Deus nada!”. Eu falei: “Tenho!”. Aí um dia, em 88, eu tomei uma decisão de aceitar Jesus Cristo como meu único e suficiente salvador. E, graças a Deus, João, daí pra cá minha vida mudou.

JV: Você tem uma idéia de quantas pessoas fazem parte dessa comunidade em São Braz de Minas?

IR: Nós, os evangélicos, aqui na nossa igreja, nós é uns dezoito, dezenove pessoas.

JV: E existe outra, outra igreja evangélica? Ou só a de vocês?

IR: Existe. Ali em cima, tem a Presbiteriana no Brasil, que também eles têm os membros deles. Só que não posso te contar quantos são. Tem um rapaz da Deus é Amor, aqui perto da nossa igreja também. É.

JV: E qual é a sua?

IR: A minha é a Assembléia de Deus, Ministério de Madureira, Campo de Patrocínio.

JV: Ministério de Madureira?

IR: Ministério de Madureira.

JV: Como que, depois desse contato com a Bíblia, depois desse contato com a comunidade evangélica, como você passou então a ver a Folia de Reis, como que você entende hoje?

IR: João, aí, ao aceitar Jesus na minha vida, como meu salvador, porque antes todos nós pensamos que temos Jesus. Mas é o contrário, nós não tem ele. Ele, né, tem a nós, e nós não tem ele. Porque antes de nós aceitar ele como nosso salvador, nós somos criaturas de Deus. Porque Jesus, ele quando morreu e ressuscitou, ele então apareceu a seus discípulos e deu-lhe instruções: “Ide a todo o mundo e pregai o evangelho a todas as criatura. Todo aquele que crer e for batizado, será salvo. Mas o que não crê está condenado”. Aí, João, eu então fui procurar sobre os três Reis Magos, lendo a Bíblia. Aí eles fala Rei Gaspar, Rei Belchior e Rei Baltazar, né? Mas na Bíblia não cita o nome dos reis. E outra, hoje, a folia, João, ela pede esmola, e os Reis foi levar esmola pra Jesus. Eles levou ouro, incenso e mirra. Então, foi aí que foi minha conversão, graças a Deus. Eu senti que antes eu tinha a folia como uma devoção, era uma coisa alta perante Deus. Mas quando eu aceitei Jesus, eu vi que a folia é coisa do homem, aqui. A de Deus estava ficando pra trás.

JV: Que atividades a comunidade evangélica faz, né, pra sua comunidade, no período das festas?

IR: Ah, a Igreja Evangélica, nós, assim, é um povo que vive, assim, união. Nós também, como você disse, temos festas. Aí, é o seguinte, às vezes somos povo pobre, mas nós reunimos a igreja e ajuntamos as nossas forças e fazemos a festa e alegamos em nome do senhor Jesus.

JV: Então, nesse período, vocês também têm as suas atividades?

IR: Temos sim. Agora, inclusive, João, hoje é trinta, amanhã trinta e um, nós temos assim, nós reunimos e passamos em vigília do dia 31 para o Ano Novo, que é o primeiro de janeiro. E ali, graças a Deus, comemoramos um ano novo, né? Graças a Deus.

JV: Costuma-se falar que a cidade toda participa da festa, que quem faz a festa é o povo. Então a gente percebe que há um grupo de pessoas que tem uma outra visão, dentro da cidade. E você acha que isso fica claro pra todo mundo? Ou isso não fica bem claro? Como é que você vê então essa visão, de que na verdade todo mundo participa da festa?

IR: João, é o seguinte, é verdade. Quem faz a festa é o povo. Um só não faz festa, não tem movimento. É o povo, na verdade. E aí, como você acabou de perguntar sobre a divisão. Isso. Jesus, ele disse assim: “Confiai e andai pela porta, porque lá é espaçoso, é o caminho da perdição”. Então, como ela é a festa de idolatria, como a bíblia condena as imagens feitas por mão de homem, então nós, que tomamos uma decisão, aceitamos o evangelho, que Jesus diz: “Errais por não conheceres a escritura, porque são elas que este mundo edifica”. Por isso nós não participamos, porque a Bíblia fala, graças a Deus, pra nós discernir o bem e o mal. Então isso, nós vê que às vezes ali tem uma bebida, como eu já participei de bebidas alcoólicas, já participei de jogo, já participei de muitas coisas que é abominação aos olhos do nosso Deus, todo poderoso. Ali então, João, eu não participo, porque antes eu era gentio, hoje sirvo a Deus. Quer dizer, antes eu fazia aquilo que não era do agrado de Deus, hoje eu faço as coisa que é do agrado de Deus. Então eu tenho que discernir o bem e o mal. Então por isso que ali eu não estou, porque dali o senhor me tirou.

JV: Ivando, tendo passado pela Folia de Reis, tendo se convertido e seguido esse caminho atual, você percebe as transformações na Folia de Reis, hoje?

IR: Não, transformação na folia, não. Eu estou vendo sempre o pior. Porque parece que quando eu andava na folia, não podia assim uma pessoa, no tempo dos mais velhos, quanto assim, bater caixa de calção, não podia pegar aquela salva ali, onde eles pega hoje, as esmolas, de calção. Ontem mesmo eles passaram aqui na porta, tudo está indecente, né? Beber eles bebia, mas está tudo mudado.

JV: E você percebe também, na comunidade, mesmo participante da festa, algumas alterações nessa comunidade, ou você percebe também alguma dificuldade em se formar foliões? Como que você vê esse movimento mesmo estando afastado, como você percebe isso dentro da própria folia?

IR: Nesse sentido que você está falando, continua da mesma forma. O povo, a Bíblia disse assim, que o povo continua sendo o mesmo. O povo, eles quer é alegrar, eles quer, assim, acha bom aquele jeito, aquele ritmo. Uma criança hoje, ele cresce, a Bíblia fala que um abismo puxa o outro. A criança hoje ela cresce já com o sentido daquilo lá adiante, sabe? Então, não é prioridade. A folia continua pra muitos anos. Porque isso aí, o povo gosta dessa farra.

JV: Eu vou te perguntar, então, a partir dessa sua conversão, qual é a sua relação com a festa e com a cidade, hoje?

IR: Bom, a festa, eu quero te dizer, eu deixei ela de lado, né? E a cidade, eu continuo dentro dela. Continuo amigo do povo, que ali eu deixei. Muitos já partiram, né? Agora, a festa eu não participo dela mais, porque eu tomei uma decisão, de agora, como eu te falei, é passado, de participar de festa evangélica. Então, isso, eu participo assim de um casamento, que às vezes a pessoa não é, a gente convida, é amigo e a gente vai ali. Porque Jesus, uma certa feita, ele, o vinho faltou da festa, das bodas, ali, que era casamento, que a Bíblia disse, e aí então ele transformou a água em vinho. Então ele também participava desse tipo de festa. E o vinho, hoje o povo toma cerveja, uma coisa assim. Eu, cerveja eu não tomo, não bebo uma pinga, não bebo um vinho, mas tomo guaraná e alegre com meus amigos.

JV: Qual é a relação que você viu da Igreja Católica da cidade e a Folia de Reis?

IR: Eu pra te dizer o seguinte, a Igreja Católica eu não tenho o que condenar ela. E a folia também não. Porque o seguinte, a Bíblia diz que todas as coisa são lícito do homem fazer, só o que convém a Deus. Tudo Deus deixou. Ali, a Igreja Católica, eu não posso te dizer que ela não é salva e os folião também não. Só porque a pessoa tem que tomar uma decisão de servir ao rei Jesus.

JV: Você vê uma relação entre a igreja aqui e as folias? Ou isso é independente? A folia vai pra um lado e a igreja vai pra outro.

IR: É, isso é independente, né? Só porque o padre não importa que eles vai e canta lá dentro da igreja, né, não importa.

JV: Bom, Ivando, eu vou te agradecer a entrevista. E agora eu vou te dar um tempo, no final, livre, pra que você possa falar um pouco sobre a sua comunidade, pra que você possa falar um pouco sobre a folia,

pra que você possa colocar alguma coisa que às vezes as perguntas não satisfizeram, tá? É um tempo livre seu, fique à vontade, e coloque as coisas que você sentir vontade de colocar.

IR: Isto, João, eu não tenho nada a condenar a folia, não tenho a condenar a Igreja Católica, que meus pais, eles eram católicos. E meu pai morreu católico, minha mãe continua, minhas irmãs mantêm. Sou feliz por ter uma religião. Sim, religião, diz a Bíblia, é religar com Deus, é a pessoa religar. Então não é como eu falei sobre a pessoa. Que a Bíblia diz que cada um vai dar conta de si. Então, eu estou feliz por ter encontrado um caminho certo. E eu almejo e desejo, que os meus amigos, que hoje são folião, que são católico, que façam o mesmo que eu fiz, porque pra mim foi muito bom. A Bíblia disse que: “Se, pois, o filho, vos liberta, verdadeiramente sereis livre”. Eu era uma pessoa que eu bebia, deitava pela sarjeta, eu, o que eu ganhava de dia, eu gastava de noite, numa bebida, no cigarro, na caixeta, e minha família passando falta em casa, devendo esse armazém, devendo também, que menino adocece muito, gripa, né, nas farmácia. Então eu tinha uma vida atribulada, não tinha onde morar, não tinha assim uma vida tranquila. Mas depois que eu encontrei Jesus, Jesus me deu uma família feliz, uma família sadia, repreendeu as enfermidades, me deu um pão, me deu casa pra morar, me deu um carrinho velho, me deu muitos amigos, porque, e eu graças a Deus considero esse povo aqui de São Brás, respeito todos, que aqui é onde eu nasci, onde eu vivo. É, eu respeito. Mas sim, eu encontrei uma outra família, às vezes melhor do que a minha. Porque nós somos ligados, uma pessoa, né, em Jesus Cristo. Porque a Bíblia diz que: “Tu és membro do corpo de Jesus Cristo”. Então nós temos um, assim, um perfeito amor, um pelo outro. Nós aprendemos ali dentro da Bíblia que Jesus Cristo, quando andava com seus discípulos, Pedro então perguntou pra Jesus: “Senhor, quantas vezes eu posso perdoar o meu irmão um dia”. Aí Pedro falou: “Até sete?”. Jesus disse: “Não te digo até sete, mas setenta vezes sete”. Aí então quer dizer que nós somos falhos, nós somos uma pessoa que não temos mágoa no coração, temos o coração limpo para com os outros, puro, né, somos uma pessoa livre. Porque Jesus Cristo me libertou dos vícios, de tudo o que eu fazia, que não era do agrado de Deus. Então sou feliz por ser evangélico e desejo que todos os meus amigos, conhecidos, a pessoa que eu nunca vi, que faça o mesmo. Porque é bom nós ter paz na nossa vida.

JV: Ivando, muito obrigado, foi um prazer enorme falar com você, e vou ver o que eu posso utilizar então no meu trabalho, da melhor maneira possível.

IR: Aí, João, então, como você está me agradecendo, eu desejo pra você feliz Ano Novo, feliz 2008, pra você e sua família, e seus parentes, amigos e seu trabalho, que continue sendo perfeito diante dos olhos de Deus, viu? Porque Deus é o todo poderoso, é o criador do céu e da terra. E nós, eu, você e todos, somos pó da terra, e pro pó nós vamos voltar um dia.

JV: Obrigado, Ivando. Então eu vou terminar agora a entrevista, agradecendo mais uma vez a participação do Ivando no nosso trabalho.

### **Entrevista com Sr. Geovane Gonzaga da Silva, 43 anos, Motorista, São Braz, Capitão de Folia.**

JV: Nós vamos iniciar agora uma entrevista com o Sr. Geovane Gonzaga da Silva, conhecido como João Velho, 43 anos, motorista, lavrador, nascido em São Braz, e que exerce a função de capitão de folia, aqui na cidade de São Braz, de Minas. João é um prazer estar com você e poder fazer essa entrevista. Então o que eu vou te perguntar é o que é a folia de Reis?

G: Olha, a folia de Reis, no meu entender, é uma tradição, é uma recordação do nascimento de Jesus, e é uma recordação dos três Reis entregando os presentes. Com você. E a gente que tem a tradição, que é devoto, a gente gosta de foliar, porque a gente recorda o nascimento de Jesus, a viagem dos três Reis. Então é muito importante a gente reunir a companheirada e sair, assim, em recordação à viagem dos três Reis e do nascimento de Jesus. Com você.

JV: O que te levou a participar da folia e qual é a sua função?

G: Olha, João, o que me levou a participar da folia é porque meu pai era capitão de folia e o meu avô também era. Então, do meu avô veio para o meu pai, do meu pai veio pro meu irmão, e eu estou aqui junto com meu irmão, hoje ele numa folia e eu na outra, todos dois capitões. Então, minha mãe também, madrinha de folia, meus irmãos todos são folião. Então foi o que me levou a ser um capitão de folia, a função do capitão é o seguinte: é decifrar tudo o que tem na frente, é pedir esmola, muitas vezes também dar, se a pessoa for necessitada, fazer campanha pra ajudar os necessitados. Essa é a função do capitão, ser um dirigente da companhia. Eu aprendi assim, porque desde o meu avô, que era capitão de folia, eu era criancinha, já andava enrrabixado com eles, né? E desde menino eu aprendi a cantar com meu pai. E aí fui cantando junto com ele, e no qual cheguei ao ponto de passar ali pras respostas. A gente começou batendo caixa, né, batendo caixa, vestindo máscara. E dali a pouco passei cantando as respostas. E cheguei ao cargo de capitão. Então hoje eu sou capitão, que até inclusive o povo gosta muito. Toco, pra despesa.

JV: João, como é a formação de novos foliões e quais as dificuldades encontradas?

G: Olha, João, a formação de novos foliões ela não é difícil, porque o povo gosta demais. Inclusive, as folias de Reis está andando até com excesso de foliões. Excesso no dizer, o seguinte, as despesas fica muito cara. Então se tiver folião demais, não é qualquer pessoa que pode fazer um almoço, uma janta. Então a dificuldade é só essa. A dificuldade que eu vejo é só porque certos foliões não gosta que o outro cante errado pra poder aprender. E como que um folião já vai chegando e cantando certo, sendo que ele nunca cantou? Então a dificuldade que eu vejo é essa. É falta de ensinar aqueles que estão chegando. Então eu por exemplo eu cheguei com a boa vontade do meu pai, do meu irmão, que eu cheguei onde eu estou. Eu gosto de ensinar, mas muitas vezes a gente quer ensinar, mas tem outros contrariados com aquilo. Então a dificuldade que eu vejo em formar novos foliões é só essa. É com você, João. É, João, e, também, aqui nessa folia de São Braz ela tem uma dificuldadezinha. Assim, a gente não vê um rapazinho que toca um instrumento. Eles quer andar mas eles quer bater caixa. E como a gente usa só duas caixa, não tem caixa pra todos. Então, não vê um rapazinho que sabe fazer uma posição. Inclusive, nós estamos com dificuldade com sanfoneiro, porque nós perdemos um sanfoneiro agora esse ano, e nós estamos aí com dois ou três sanfoneiros só. E se deixasse alguém ficar com a sanfona, lá, um mês ou dois, tentando aprender, nós já tinha mais sanfoneiro. Se deixasse um violão, igual está aí, esse aí, que é da folia, é meu, mas eu ganhei pra folia. Está aí, pode ficar com o rapazinho pra ele aprender a tocar. Então, se todo mundo fizesse igual eu penso, era muito fácil formar novos foliões. Porque se não formar, João, acontece assim. Igual nós perdeu o Quincas, agora a pouco, era o sanfoneiro firme que a gente tinha, nós não temos outro pra ocupar o lugar. Se tivesse ensinado outro, já tinha outro pra ocupar o espaço dele. Então essa folia aqui, João, até quero falar um pouquinho sobre isso, essa folia aqui ela estava pequenininha, pra morrer. Eu era capitão na folia de lá. Não eu sozinho, na de lá. Eu era um ajudante lá. E ela estava aqui, ali pra morrer. Não tinha capitão, não tinha folião. E aí eu exerci o cargo aqui, e a folia graças a Deus cresceu muito. Hoje, ela é uma grande folia, graças a Deus. Mas, se nós não acudir e ensinar os mais novos, acontece que nós vamos, um dia nós vamos faltar. E quem vai ocupar o meu lugar, por exemplo? Então, é isso aí, João, nós tem que ensinar os que estão chegando. É com você, João, pode falar.

JV: João, quais são as lembranças mais marcantes, da festa, no passado?

G: Olha, João, a lembrança mais marcante da festa no passado que eu tenho, a mais marcante mesmo é o seguinte. No dia 24 de julho de 82, o meu pai faleceu. Faleceu cantando folia. Dali a 7 dias, tio Olívio, que era folião, gerente da folia, faleceu também. Irmão do meu pai. E julho é muito próximo a dezembro. E nós fomos obrigados a sair com a folia, chorando, mas fomos obrigados. E fizemos a festa. E a folia que meu pai deixou é famosa, e está aí, uma maravilha, graças a Deus. Essa é a lembrança mais marcante que eu tenho. E a outra mais marcante que eu tenho, é da primeira festa que eu fiz como capitão. Eu fiz foi uma festa aqui dentro de São Braz, na casa do Zilo, como capitão a primeira vez. Foi a melhor festa que já teve por aqui, na região. É outra lembrança marcante que eu tenho. Inclusive, até a gente não pode a gente mesmo gravar a gente. Mas eu fiquei famoso com essa festa, graças a Deus. E no mais, explicar como mais lembrança marcante, é difícil, João. Porque cada festa que a gente faz, cada dia melhora. Então é difícil a gente explicar qual as lembranças mais marcantes que a gente tem. É com você, João.

JV: João, quais as transformações que você percebe na festa, hoje, em relação ao passado?

G: João, as transformações que a gente vê é que, aqui, uns anos atrás, a gente fazia festa buscando leite à cavalo, buscando leite de carroça. Hoje a gente busca de carro, tudo tranquilamente. A gente juntava, gastava ali era 60 serviço, 90 serviço, até fechar os ranchos tudo de fazer as festa, fazer aqueles ranchão de palha, juntava aqueles ranchãozinho. E hoje a folia nossa tem o salão de festa aqui. A folia dos Correia da Malhada tem aquele galpão lá que é uma coisa imensa, que comporta cinco mil pessoas. Lugar onde todo festeiro, um festeiro lá de Brasília pode fazer a festa, pode pegar a coroa, porque ele tem tudo arrumadinho ali. Ele só vai arcar com as despesas. Então as transformações que a gente tem sobre antes e hoje, né? Hoje está muito fácil. O povo redobrou, está muito mais. Mas todas duas folias tem umas renda muito boa, ajuda bastante os festeiros a fazer as festas e não tem aquelas despesas de fazer rancho, aquelas coiserada. Tam as coisa tudo arrumadinho. Então as transformações que a gente vê é isso. Com você, João.

JV: Além dessas questões ligadas ao rancho, como é que você vê então assim a participação dos que vêm de fora, dos mais jovens, dentro da própria folia?

G: Olha, João, as participações que a gente vê é o seguinte. Os foliões, infelizmente, o lugarzinho nosso aqui é um lugar pouco emprego. Então os foliões mudaram tudo pra Brasília, Uberlândia. Então quando é véspera de Natal, aí eles vêm tudo, e vem pra foliar mesmo. E os jovens eles estão aprendendo, de uma forma ou de outra. Então as participações deles está sendo muito importante, porque eles ficam o ano todo pra lá sem a gente ter nem notícia deles. Mas quando chega a festa de Reis, eles estão aqui participando. Então, que eles estão aprendendo e ele têm a devoção mesmo. Eles já marcam as férias para aquela data. Com você, João.

JV: Como é que você vê o uso da folia fora de época?

G: Olha, João, eu vejo o seguinte. Se for uma campanha em prol dos pobres de São Vicente de Paula, é uma campanha caridosa, igual a gente sempre faz, que no qual, eu não estou me gavando não, mas eu já participei de oito eventos, em todos os oitos eu levei a maior renda, ajudando os nossos pobres. Então eu vejo assim, é muito melhor poder ajudar do que precisar de pedir. Então a gente vê assim. A campanha fora de época ela tem dois sentidos. Se for por exemplo só ir numa casa cantar, a pessoa oferece lá, às vezes não é dia de um santo nem nada, fala assim, “olha, eu quero vocês lá em casa, tal dia, cantar uma folia, e nós tomar um vinhozinho lá, comer uma carne e tal”, ali pra mim é uma diversão. Agora, se for assim pra gente sair com a bandeira em prol dos pobres de São Vicente de Paula, fazendo uma campanha pros pobres, aí eu entendo que é uma caridade. É com você.

JV: Na sua opinião, qual é o melhor momento da festa?

G: Olha, o momento melhor da festa que eu acho, o momento melhor que eu acho mesmo, não é no dia da festa. O momento melhor que eu acho é no dia da entrega. É porque os três Reis andou pelo mundo, se perderam no deserto, passaram dificuldade e foram até chegar na gruta de Belém para entregar os presentes. E a gente quando chega pra fazer a entrega da folia, a gente vai entregar os presentes, é as esmolas que conseguiu, os donativo, pra entregar os presentes pro festeiro. Então está representado os três Reis entregando os presente para o menino Jesus. Com você.

JV: Como é o dia-a-dia do folião fora do período da festa?

G: Olha, João, você pergunta é durante o giro? Olha, é muito cansaço, é muito cansaço ali, uns oito ou dez dias até que a gente recupera, porque a gente passa por muita dificuldade. A gente passa, a gente toma chuva, a gente toma sereno, passa córrego cheio, e a gente sofre muito. Às vezes tem uma janta marcada num lugar e já até meia-noite e está chovendo grosso, mas tem que chegar, porque o pessoal esta esperando com a janta. Então é muito sofrido. A gente fica muito cansado, muito abatido. Depois que passa a festa, a obrigação do folião é ajudar a legalizar a bagunça do festeiro, é lavar uma vasilha, entregar uma vasilha, ajudar a juntar as coisas que ficam pra trás. Então é muito sofrido a vida do folião. Mas a gente fica ali uns oito ou dez dias e já está pronto pra outra. Olha, João, aqui com nós, ultimamente, está assim, nós estamos foliando aqui, nós temos aqui, nós sai com a folia dia 24 de dezembro, e faz a festa no dia 6 de janeiro. Nós anda 9 dias ou talvez 11, e faz a festa dia 6 de janeiro. E quando é fevereiro, nós participa todo ano de um evento em Lagamar, na Casa da Amizade, fazendo campanha pro asilo de Lagamar. Porque Lagamar é São Braz, e lá tem muita gente no asilo que é de São Braz. Então a gente faz campanha. E lá é dia 22 ou 23 de fevereiro, dependendo da semana, né? Porque sempre é no sábado e no domingo. Aí a gente faz essa festa lá no dia 23 de fevereiro, depois dia 30 de julho já tem outra festa aqui em São Braz, em louvor aos pobres de São Vicente de Paula. E a gente tem que fazer outra campanha ali pro mês de maio, junho, por aí, fazer outra campanha, pra 30 de julho. E depois preparar, se quiser, ainda tem em agosto, em setembro, em Vasante, que a gente às vezes vai e às vezes não vai. Muitas vezes, sempre quando uma das folias daqui não vai, a outra vai. Então a gente fica mais, é tipo assim, terminou a festa, já está articulando pra outra. É com você.

JV: Como é que você imagina a festa daqui a 10 ou 20 anos?

G: Olha, João, se ela for crescendo na toada, que nem vai, se ela já era boa, ultimamente ela está muito melhor. Se ela for crescendo do jeito que está indo, eu acho que daqui a 20 anos, está vindo é 10, 15 excursão de Brasília, de Uberlândia, é de Patos, de Vazante. Porque aqui no baixio de Lagamar, as folias são famosas. Principalmente essas duas aqui de São Braz. A gente não está exagerando. É porque realmente elas têm a fama, você sabe demais disso. Então se ela for crescendo dessa maneira, daqui a uns 20 anos ela vai estar muito maior. É com você, João.

JV: João, terminaram as perguntas que eu tinha pra te fazer. E agora eu vou deixar um tempo livre pra você falar sobre a folia ou qualquer coisa que você quiser arrematar, fora as perguntas, que você acha importante deixar marcado aqui.

G: Olha, João, te perguntar o porquê dessa entrevista eu não posso te perguntar. Porque talvez é um certo segredo. Agora, eu quero te fazer uma pergunta. Se você está fazendo esse trabalho é por que você gosta de folia ou por que é que você faz esse trabalho?

JV: É, eu faço esse trabalho porque eu, quando vim aqui, eu percebi que estava tendo, alguns anos atrás, eu percebi que tinha falecido alguns foliões e que estava tendo muita dificuldade pra poder continuar as folias e formar novos foliões. Então o meu objetivo é observar como está se dando essas transformações dentro das folias. Percebi que já houve mudanças, você veio da outra folia pra cá, ou então o Antônio Firmino já foi pra lá, sempre está tendo uma troca. Mas que eu já ofereci jantas e gosto muito da folia. Tenho também uma devoção por Santos Reis. Então o meu interesse é divulgar e observar como funciona uma folia e como que se dá o funcionamento dela com as transformações que vão ocorrendo. As pessoas vão mudando, vão saindo e como que isso pode afetar ou não uma folia de Reis.

G: João, deixa eu fazer só mais uma perguntinha. É, se você está falando a respeito de problemas de folia, que você é muito devoto e gosta de observar, e se elas tiver com problema você tem a solução?

JV: Não, eu não tenho solução, não. Tenho só a observação.

G: Bom, João, então, eu quero deixar só o meu pedido. Desculpe se algumas respostas não foi bem adequado. E eu quero deixar o meu pedido, o seguinte. Vocês lá de Brasília, sempre vêm participar conosco aqui das folias de Reis, você, o Adalberto, vocês todos lá, os meninos, o Silvino, vocês tudo que gostam de participar, eu quero te fazer um pedido: não abandone nós não! Compareça sempre todo Natal, vem participar conosco, aí. Muito obrigado.

JV: Obrigado a você, João. E vamos ver o que a gente pode estar trabalhando com a sua entrevista, tá? Foi um prazer enorme estar aqui com você.

**Entrevista com o Sr. Luis Machado de Souza (Luis Prego), 59 anos, Lavrador, natural de Extrema, São Braz, Gerente de Folia.**

JV: Nós vamos entrevistar agora o Sr. Luis Machado de Souza, conhecido como Luis Prego. Ele tem 59 anos de idade, lavrador, nascido em Extrema, Distrito de São Braz. É gerente da folia e participa de folia de Reis há 47 anos. Boa tarde, Luiz. É um prazer entrevistá-lo para o meu trabalho. Eu queria saber pra você, em primeiro lugar, o que é a folia de Reis?

LP: Boa tarde. Primeiro eu quero dizer a você, que a folia de Reis, em primeiro lugar, ela tem que ter respeito, muito respeito mesmo dos foliões, dos gerentes da folia mesmo, tem que ser respeitado, e ele tem que respeitar os companheiros, desde criança até os mais velhos. Que a folia ela vem desde esse tempo que eu conheço folia, ela vem com respeito. E na passagem de tempo, ela vai mudando um pouquinho por falta de respeito, falta de moral, principalmente dos foliões. E aí eu acho que pra gente mudar a folia, pra ela ser mais bem organizada, igual eu mesmo, que visto a baiana aí direto, pejejo com um folião, peleja com outro, um desobedece, mas a gente vai levando de tranco a barranco, vai levando devagar, sem desprezitar os companheiros. E todo ano de folia é esse trabalho que eu venho fazendo aí com a minha turma.

JV: A folia é uma festa ou é uma devoção?

LP: Não, a folia ela é uma devoção. E desde o dia 24 de dezembro que você já reúne ali na casa do festeiro, então já é uma devoção que todo mundo respeita. Desde que esta todo mundo reunido, já é uma comunidade, uma irmandade que está ali pra poder fazer uma saída de folia e seguir com a folia os nove dias, na campanha de Santos Reis. Então todo mundo ali já é um respeito.

JV: Por que folia de Reis.

LP: Uai, a folia de Reis, no meu pensar, desde que eu conheci ela, é a tradição mesmo da folia. Então desde o dia que eu conheci, já é folia de Reis.

JV: O que te levou a participar da folia e qual a sua função na folia?

LP: O que trouxe eu a participar de folia é mesmo meus companheiros. O capitão de folia que era o mais velho dessa folia aqui, que era o Flozinho, então eu era pequeno e ele foi me incentivando e eu achei bom vim e comecei a cantar na terceira, tal, e vim [inaudível], e até hoje, eu passei pra gerente.

JV: A sua função hoje é gerente?

LP: A minha função hoje é gerente de folia. Vai resolver todos os problemas que tem na folia, principalmente marcar bóia. Que esse ano eu já fiz esse trabalho, já está tudo marcado, o giro certinho, e a gente peleja pra não ultrapassar a base de 12, 14, 15 casa, do almoço e na janta, pra dar os fazedor de bóia.

JV: Pode falar pra gente o que é o giro?

LP: Uai, o giro da folia é desde o dia de 25 que você sai, então a gente vai ter o giro certinho, os nove dias. Então, cedo eu marco ali 17 bóias, tem que andar o giro da folia todinho, até dar as 17 bóias, pra chegar na entrega.

JV: E como que você aprendeu a ser folião?

LP: Uai, a gente, os folião ia passar na casa da gente, a gente era mais pequeno, era novinho, então os pais da gente fala, “olha, bota sentido, o respeito”, que toda vez que o santo chega na casa da gente a gente tem que ficar de frente, ali, e respeitar. Aí eu fui vindo aquilo na minha cabeça, “ah, eu ainda quero ser folião”.

JV: Luis, você é gerente de folia, e você tem sofrido a renovação da folia. Como é a formação de novos foliões e quais as dificuldades encontradas?

LP: A reforma de novos folião, a dificuldade que nós tem aqui é a bebida. Então, o folião vai, você tenta, chama o folião pra ir aprender, ele vai, começa, se ele der uma bobeirinha ali, ele já fica com vergonha, não volta ali mais e quer só beber pinga. Então a dificuldade nossa hoje, eu falo, que tem a nossa madrinha de folia ali, que é a mulher do Baltazar, a Ana Rita, diário eu vou lá, converso com ela, digo assim, “se nós não ensinar essa turma mais nova, vai indo que a folia vai acabar”.

JV: Quais as dificuldades que vocês têm pra estar formando esses meninos?

LP: Uai, a dificuldade nossa é de pejejar com eles! Você chama um, leva um, põe lá, ele vai, anda um

bocadinho, sai, ele tem o lugar dele ali, ele vai na rua e não torna na folia mais. Você torna a chamar, ele vai um pouco e torna a voltar, aí não quer seguir, né? Então ele não quer seguir a devoção nossa, né?

JV: Eu queria que você falasse pra mim, nessa parte, um pouco, sobre os meninos que hoje têm outras, que quando você era menino a folia era, então eu queria que você me falasse sobre isso, aqui nesse mesmo item. Eu vou ligar e você continua falando sobre essa questão do jovem hoje, como é que, se ele tem devoção, se tem identidade, alguns vão trabalhar, alguns mudam de cidade e se isso acontece aqui, se isso é uma realidade, ou se não é. Então você pode também não concordar.

LP: Não, isso aí que você está me perguntando, sobre os jovens, até uma dificuldade nossa aqui, de nós, que já é mais velho, a dificuldade nossa com eles é uns muda, outros fica, os que fica na cidade então eles não tem devoção. É igual eu estou falando pra você, a devoção deles é bebida, é aquela droga, que aqui no São Braz está tendo muita já. Então a preocupação nossa com os jovens está sendo essa aqui. É o maior trabalho nosso que está tendo, é isso aí.

JV: Luis, o senhor já tem 59 anos, então está na folia desde 12 anos. Eu gostaria que você me dissesse quais são as lembranças mais marcantes da festa no passado. Aquilo que foi mais marcante, que ficou na sua memória, que você guardou com você.

LP: A lembrança da festa que eu guardo, está guardado no meu coração, é de um cunhado meu, que ele tinha a promessa de fazer a festa, direto ele falava que queria fazer a festa. Então nós passou a festa pra ele, ele fez a festa aqui dentro de São Braz. Eu acho que pra mim foi a festa melhor que teve aqui no município. E eu fico guardando no coração mesmo, o dia que nós tivemos numa festa de tarde, e ele falou comigo, “olha compadre, agora eu estou livre, eu posso morrer”. E dentro de uns dois meses, ele se sentiu mal, e levou ele pra cima e quando deu um mês ele foi falecido.

JV: Quais as transformações que você percebe na festa hoje?

LP: Uai, a transformação que eu percebo na festa hoje, que hoje os festeiros que pega a festa pra fazer eles vem em cima de mim pra saber o que tem que fazer, o que gasta na festa. Então a gente vai explicando pra eles direitinho, pra depois eles não passar trabalho ali na festa e não faltar nada na festa.

JV: Eu queria que o senhor falasse também o seguinte, como o senhor já fez festa no passado e você faz festa hoje, que outras transformações que você viu a comida, no som, nos altares, na reza, no modo da folia se conduzir quando chega na casa do festeiro, que transformações o senhor percebe? Como é o comportamento do jovem naquela época e como é hoje?

LP: De uns 20 anos atrás, das festa de Reis, assim, os jovens, as festas há uns 20 anos atrás, ela era mais bem recebida pelo povo, os jovens, os mais velhos. Então, ela era mais chamada atenção do povo. Agora hoje, no tempo de hoje, tem a festa, por comparação aqui na rua, e tem gente aqui na rua que sai na festa, o jovem hoje em dia vai lá pra fazer essa zoeira. E nesse termo de reza, de terço da ordem da reza, é muito pouca gente também hoje que participa, é só os mais velhos mesmo. Que jovem não quer nada com religião. A gente vive pelejando, chama, mesmo, até com os foliões, que diverso eu vivo brigando com eles, pra na hora do terço eles ajudar. Tem vezes que nós fica aí, uns 4 ou 5 folião, sendo que nós é uns 15 a 16 foliões.

JV: Como que o senhor vê o uso da folia fora de época?

LP: O uso da folia fora de época, nós anda aqui, ela é quase o mesmo. O respeito é o mesmo, o tratamento do pessoal é o mesmo. Então a gente anda com grande respeito nas casa aí, é o mesmo giro da folia do tempo, é o mesmo respeito.

JV: No período de festa, o que você percebe, que mudanças que você percebe na cidade em relação ao período que não tem festa?

LP: Aqui, no tempo de festa, no período de festa, a relação com o povo aqui, aumenta muita gente. Do dia 24 em diante, aqui, até no dia 6, é um movimento de gente, é por causa mesmo das festas de Reis. Por isso o povo reúne e tem muita festa aqui ao redor. Então o povo reúne. Aqui na rua mesmo é uma multidão de gente que é uma beleza.

JV: Na sua opinião, Seu Luis, qual é o melhor momento da festa?

LP: Na minha opinião, igual eu, eu gosto mesmo de rezar. O melhor momento da festa é a hora que a gente está reunido ali, a turma de folião, que aí tem mais gente de idade, ali, nós está ali ao redor de umas 100 pessoas, 150 pessoas, chama atenção pra gente rezar o terço, e todo mundo está ali presente ajudando a rezar o terço, todo mundo satisfeito.

LV: Sr. Luis, como que é composta a folia de Reis? Quantos componentes, quais os instrumentos, como que se organiza essa folia?

LP: A folia, de componentes, nós somos, pra ela ser certa mesmo, ele é só 12, né? Mas aí, nós já anda aí uns 15 a 20, porque a gente, igual eu mesmo sugeri, a gente chega em mim e fala assim, “Luis, eu posso andar com a folia”. Eu digo, “pode”. Chega outros, fala, eu chamo a atenção deles, eles falam que pode, porque a gente não pode desituar ninguém. Então todo mundo que quer acompanhar e está sendo companheiro, e é devoto de Santo Reis. Então, isso aí é uma satisfação pra gente. Agora, de instrumentos, já tem a bandeira, que a da frente e que nós respeita muito, tem a sanfona, três violão, duas caixas e um

cavaquinho e, mas é isso aí. E a voz é da gente, a boca, né? (riso)

JV: Como é que é o dia-a-dia do folião fora o período da festa? Quando ele não está naquele período de 24 ao dia 6, como é o dia-a-dia do folião?

LP: Ah, o dia-a-dia dos folião, aqui, fora das festas, é isso aí mesmo, é na rua aqui, trabalhando, tem muitos foliões também que até o dia 24 está agarrado no serviço, larga o serviço pra ir pra folia e anda os 9 dias satisfeito, com serviço pra fazer, mas não reclama de nada.

LV: Como que você imagina a festa daqui a 10 ou 20 anos?

LP: Isso aí é uma pergunta boa que você está fazendo, que é igual nós pensa mesmo. Daqui a 20 anos, pra frente, é igual eu já falei, que nós está trabalhando muito, porque a turma de folião nossa está bem velha, que se nós não trabalhar pra botar uma turma nova, é onde eu falei, que a folia de Reis vai estar encerrada. Está perguntando, negócio de promessa. Até igual essa festa desse ano, que nós vai fazer aí, é uma promessa. Nós temos diversos festeiros marcados. Então a pessoa que fez a promessa, que está doente, aquele que está na lista da festa, que está sadio, e todo mundo com saúde, então, nós tira a festa dele pra passar pra aquele que fez a promessa, pra com problema de doença. Mas isso aí, vendo o movimento aqui no São Braz, é uma beleza. Os foliões trabalham com a folia fora de tempo, é pra dentro aqui, a renda é aqui pra dentro pra São Vicente, e todo mundo peleja. E eu também assim pra folia, nós lá em casa é doidinho pra fazer a festa de Reis, nós quer fazer, se Deus quiser, que nós [inaudível] com os foliões pra o movimento de festa, mas um dia vai chegar essa hora, de nós fazer a festa. Nós estamos esperando, tem muita gente na nossa frente aí pra fazer a festa de Reis. Mas um dia vai cair lá em casa. E eu gosto de tudo dessa folia, dos foliões, todo mundo presente. É o que eu tenho pra falar pra você. Eu gosto de palhaço. Palhaço, hoje em dia, uns anos pra trás era uma beleza. Que eu mesmo trabalhei de palhaço, muitos anos, no tempo da folia do Antônio Rita, eu trabalhei de palhaço e eles até me falaram, eu ganhei troféu por ser o melhor palhaço da região. Agora, hoje em dia, palhaço não tem graça mais. Porque você chega nas casa aí não tem, o povo já não brinca com palhaço mais. Você chega, faz o que tem que fazer ali, tira a máscara e pronto. De primeiro, a gente não conhecia um palhaço. Ele se vestia de palhaço, você vestia um pano na cara, você põe um pano, tampava os braços, ninguém via a cor da gente. Então você, na hora de comer mesmo, você chegava, fazia o que tinha que fazer ali, saía pra longe, ou entrava pra um quarto sem ninguém ver, tirava a roupa e ia almoçar, ninguém sabia quem era o palhaço. Depois que terminava, saía outra vez, ele ia, vestia a roupa, fazia o que tinha que fazer, e o dono da casa não ficava sabendo quem que era.

JV: Luis, obrigado pela entrevista e vamos ver então como a gente vai trabalhar com o que você pôde colaborar conosco. Você tem alguma palavra final, que você quer falar alguma coisa?

LP: Falar o final, o que eu tenho pra dizer é eu agradeço muito a você, por você ter me procurado, porque eu falei isso pra você. Eu fico muito satisfeito de você me procurar, me considerar, como uma pessoa que você pôde conversar comigo nesse respeito seu.

JV: Então, obrigado Luis. Estamos encerrando, domingo, dia 11/11, a entrevista com Seu Luis Machado de Souza, Seu Luis Prego.

### **Entrevista com Sr. Milton Correa de Castro, 55 anos, Pedreiro, São Braz de Minas.**

JV: Dia 12 de novembro de 2007. Nós vamos iniciar a entrevista com Sr. Milton Correia de Castro, 55 anos, pedreiro, natural aqui de São Braz de Minas e folião. Na folia ele canta, bate caixa e ajuda na organização com o Sr. Roldão Correia, na questão dos giros, na questão das pessoas que vão estar oferecendo jantares, almoços. Enfim, tudo aquilo que é necessário estar organizando, o Sr. Milton participa junto com o Sr. Roldão. Bom, Seu Milton, eu vou perguntar pro senhor a primeira pergunta que eu tenho pra fazer. É, primeiro é um prazer estar aqui com o senhor, o senhor poder estar me ajudando nesse trabalho, e o que eu posso estar perguntando agora é o que é a folia de Reis?

MCC: A folia de Reis é tradição de muitos anos, né, que vem de geração em geração e é uma coisa que vem se tornando no momento já mundial. Porque nesses encontros que a gente faz, aí, via internet, por exemplo, o pessoal daqui que [interrupção].

JV: O que te levou a participar da folia e qual é a sua função na folia?

MCC: Ah, o que levou é a gente, desde criança, ter o incentivo de irmãos, que meu pai eu não lembro se foi, mas meus irmãos, que eram da folia. E a gente parece que quando é criança acha graça naquilo, principalmente aquelas caixinhas e tal. E aí peguei a andar, acompanhar, achei legal. Peguei e acompanhei e até hoje estou acompanhando, graças a Deus. Graças a Deus.

JV: E como é que o senhor aprendeu?

MCC: Foi assim, eu via aquela pessoa batendo caixa, por exemplo, [inaudível], aí achava aquilo engraçado. E igual outras crianças hoje, pega ali e tum tum, e tal. E por aí deixou, mandou eu tentar, eu

tentei, pequenininho e consegui! (riso) Antes eu cantava noutras vozes também. Mas nas seis vozes infelizmente a gente tem dificuldade.

JV: Conversa que me levou a fazer um pouco o trabalho, foi uma conversa que tivemos há muito tempo, o senhor comentou comigo sobre a formação de novos foliões, não sei se o senhor lembra disso, foi há muito tempo atrás, lá em casa. E eu quero perguntar pro senhor como é a formação desses novos foliões e quais as dificuldades encontradas por vocês pra trabalhar com esses jovens na formação?

MCC: Ah, a formação é como eu disse pra você, quando eu aprendi. Tem as crianças, inclusive, nós tem vários aí de 12 a 15, 17 anos, tem muito tempo, inclusive tem alguns menino aqui que toca desde 10 anos. E vem aprendendo, os menino aprende. Tenta ensinar pra eles, pra no futuro ser um folião em posição ali, pra crescer. Porque senão, né, pode parar de ter esses gestos e não ter folião. Que a gente está sentindo que pra frente pode acontecer. Porque as crianças de hoje, por exemplo, vem dos pais. De pai pra filho e tal. Então, infelizmente, por Deus, vários foliões [inaudível], você sabe disso, vai dificultando a geração pra manter mais foliões.

JV: Quais são as dificuldades que o senhor encontra?

MCC: As dificuldades é que às vezes a pessoa, a gente pega uma criança assim, “ah, vem cá, vamos ajudar” e tal. Eles ajudam assim, seguem um tempo, um ano ou o que, e parece que não tem aquele sentido. Ou também igual tem aqui na folia, um chegado nosso aqui, até vizinho, às vezes por trabalho ou por estudo, sai da localidade e vai pra fora, pra estudar, pra trabalhar, e vai esquecendo a tradição de folia. De repente afasta.

JV: Sr. Milton, quais são as lembranças mais marcantes da festa que o senhor tem no passado? Que lembranças marcaram o senhor, no passado, dessa festa de folia?

MCC: É uma lembrança muito dolorosa, de ver, nós estava na festa de Reis, eu não sei, eu acho que você ainda não participava. Hoje em dia, graças a Deus, eu sei que você está, né? Nós estava numa festa de Reis aqui no cerrado, na casa do Abdias, que você sabe, conhece muito. E na saída, que você sabe, a gente festeja a saída, o festeiro da festa caiu lá, bem no momento da multidão, quando a gente ia levando os Reis. Você sabe bem porquê, pega os Reis e leva e tal pra mesa. Caiu no meio da multidão e faleceu ali, simplesmente faleceu junto com a gente, ali. Assim, tipo a gente tem lembrança sim. Inclusive na festa de Reis que nós teve na casa do Alfonsinho, não sei se você sabe onde que é ali, o Luis Prego era folião nosso, e ele era o máscara da folia. Aí tinha chovido muito, mas tanto, sabe?

JV: Máscara é o palhaço.

MCC: Máscara é o palhaço. E ele era o máscara, e ele chegou assim no meio, soltando fogos, ali e tal, e ele chegou meio ali, e deu uns pulo ali na lama, embrenhou de lama, sabe, e entrou no meio do povo, daquele jeito. Aí o Zé Afonso, que Deus o tenha, chamou a atenção dele acho que dum jeito assim, ele era o dono da festa, o Zé Afonso, mas dum meio estranho. Ele largou nós, veio pra outra folia. Hoje ele é folião da outra folia. Então uma coisa que mexeu. Ele, nessa época, ele era um dos caixeiro que eu tinha confiança. Que eu era bem pequeno e eu tinha confiança de bater caixa com ele. Eu só gostava de bater caixa com ele. Aí aconteceu esse entrevero imprevisito, aí ele saiu. Aí eu senti, foi algo marcante que eu tenho.

JV: Quais as transformações você percebe na festa hoje em relação ao passado?

MCC: Transformação?

JV: É, quais as transformações que o senhor percebe na festa?

MCC: Ah, é uma transformação muito grande, né? Porque você não lembra, porque você não participava com a gente. Mas do que eu lembro pra cá, igual eu te falei, a gente mais pra trás ainda a gente não sabe falar. Mas mesmo do tempo que eu lembro pra cá, nós fazia a festa com duas vacas. Hoje nós gasta sete. Quer dizer, aí vem uma evolução, cada ano mais. Inclusive nós estamos esperando, você lembra da festa passada o que é que foi, de bom, de movimento? E nós esperando mais ainda esse ano. E cada ano vem evoluindo mais, o pessoal que vem de fora. Inclusive você. Você, antes você não era integrante da nossa festa. Aí você veio a primeira vez, você nunca mais deixou de vim e ainda traz os amigos. E aqueles amigos que vem, cada ano vem trazendo mais e cada ano vem evoluindo a festa. É o que está escrito aí, [inaudível] cada ano. Muita mudança. Porque antes a gente andava à noite. Andava a noite inteirinha e de pé, pelas estradas, pelo Arrependido. Não sei se você conhece mais ou menos onde é que é o Arrependido que a gente fala, né? Andava ali, rapaz, à noite, as madrugada! Encontrava o rio cheio! Inclusive um dia, uma coisa também muito marcante que eu tive, voltando lá naquela pergunta que você disse. O tio Luis que era capitão caiu, descendo ali no córrego, o córrego é cá pra cintura, e saiu rolando com a viola assim, nos corredor, da cava do rio, né? Foi uma coisa bem marcante. Aí o que a gente fazia de andar à noite? Um caixeiro ficava junto com a bandeira na frente, e o outro ficava lá atrás. Por que? Pra saber, dar sinal de um a outro, pra nenhum perder, nem a frente nem a rabeira perder [inaudível]. Porque dando o sinal de uma caixa e outra, né, aí ia até amanhecer o dia desse jeito. Hoje nós anda de carro! (riso) Infelizmente, saiu muito da tradição. Porque de pé era muito mais gostoso. Nós saía aqui, nós almoçava aqui no [inaudível] sempre, era um lugar marcante pra almoço, e subia a serra aí, dobrava aí, com chuva ou sem

chuva. Tinha que ir, de pé. E por lá a gente rodava duas noites. Aí depois, hoje não, hoje já vai de carro por causa [inaudível] à noite. Mudou muito, né?

JV: Como que o senhor vê o uso da folia fora de época?

MCC: Eu sempre falo isso com o tio Roldão, “tio Roldão, está tirando a tradição da folia”. Porque antes a gente foliava só nos dias, na época certa. Aí parece que hoje você chega assim, igual tem folia, sempre tem. Esse ano já cantou folia, assim, já tem umas seis vezes, além do dia da festa, depois do dia da festa. Parece que umas cinco ou seis, se não me engano. Então, parece que o povo vai tirando. Quando era só uma vez, só nas época certa, chegava o dia ali o povo estava tudo aquela coisa, falando, comentando. Hoje não, parece que hoje, igual agora, está quase no dia, você não vê. Então eu vejo isso aí, que parece que, é bom demais, porque, por isso, igual a gente vai em Lagamar, eles convida lá pra gente ir, pra dar uma ajuda lá, e a gente vai, na Vazante. Sempre ia. Agora tem dois ou três anos que não vai. Antes ia em Patos de Minas. Depois passou pra Vazante. Agora tem folia sempre. Parece que quando chega a época, parece que o povo não está assim aquela, [inaudível] que era antes.

JV: É, na sua opinião, qual é o melhor momento da festa? Da festa que eu falo é do dia 24 ao dia 6. qual é o melhor momento que o senhor acha, e mesmo dentro da própria festa, quando chega pra janta, chega pro almoço. Qual é o melhor momento pro senhor?

MCC: Eu acho que o momento, pra mim, todos os momentos são importantes. Por que? Porque, apesar que alguns, às vezes sempre a gente comenta isso nas reunião. Inclusive já teve um agora ainda, 13 de dezembro, parece que anda assim meio por conta de qualquer coisa, de beber, de não sei o que. Agora, graças a Deus, eu pelo menos ando com devoção mesmo. Tenho muita devoção pelos três Reis Santos. Pra mim, qualquer momento é importante. Mas quando você passa as coroa, arruma novos festeiros, terminou ali numa boa, graças a Deus, terminou numa boa. Que a gente volta pra casa, naquela missão que cumpriu direitinho ali a parte da gente, por exemplo, sem fazer coisa errada ou o que, eu acho também que é uma coisa muito importante que eu acho, quando a gente termina a festa, que entrega. E ali arriou todos ali, “pro ano se Deus quiser nós vamos estar juntos e tal, tal”. Passar a coroa é um momento de renovação. Que todo mês, todo ano, aliás, todo ano tem a mudança. Dois rei, né? Tem o rei e tem a rainha, e no momento que termina a festa, que está terminando a festa ali, a gente passa. Antes, passava no susto, sem contar quem. O palhaço que é chefe de passar as coroas, falava na hora, né? E falava, “fulano. Não conta pra ninguém não”. Ia lá, era o susto. Hoje não, hoje tem pedido de vários anos, né? Inclusive tem um caderno aí de vários pra frente. Inclusive o próximo agora, que é meu primo, que vai pegar agora, ele está com cinco anos que já pediu, pedido feito, pra esse ano agora. Então assim passar as coroa é uma renovação de ano pra ano. Ele representa os reis. E agora passa pra outros pra fazer no próximo ano, né?

JV: Quando fala, “passou a coroa” que dizer que entregou a festa para o outro ano.

MCC: Entregou pro outro ano. E aí é onde eu falo pra você, a gente está realizando a festa naquele momento, quando realiza, passa aquilo numa boa, ali, a gente se sente bem de ter conseguido aquilo numa boa, sem uma malquerência, sem uma troca ali de palavra. Já está definido aquele momento e uma outra já marcada para o próximo ano.

JV: Na sua opinião, qual eu perguntei? “Qual é o melhor momento da festa”, foi essa aqui. Então, como é o dia-a-dia do folião fora o período da festa? Depois que termina o período, como é o dia-a-dia do folião?

MCC: Você diz assim no giro ou depois da festa? Depois da festa aí volta o normal, cada um pro seu trabalho, cada um pras suas, né? Porque tem uns que mora longe, certo? E cada um segue suas moradia. [inaudível]. Tem o Adão que mora lá acolá, perto de Paracatu, tem uns que moram em Uberlândia, sei lá, né? E por aí. Pega o seu normal de trabalho. Aí, agora, de pouco tempo pra cá, a gente está indo em Lagamar. Sempre em fevereiro tem outra folia, outro encontro, agora abrindo aqui também. Aí é isso aí, logo logo, igual eu te falei, sempre tem quando dá no final, nós também [inaudível].

JV: Que mudanças que o senhor percebe na cidade no período de festa?

MCC: Mudança.

JV: Na cidade. O que o senhor percebe aqui na cidade nesse período do dia 24 ao dia 6?

MCC: Olha, a mudança é os visitantes que sempre vem. Dá mais um ânimo. Que todo ano graças a Deus vem mais ainda. Igual eu te falei, esse ano vem uma turma, o ano que vem já traz mais amigos, e reúne ali aquela multidão de visitante. É essa mudança que eu. O lugar, já todo ano é aquela tradição, já não acha mudança assim. É, sofre assim, em relação de às vezes passar de uma festa pra outra, ou, às vezes fazer, a festa no comércio é diferente de você fazer na roça. Inclusive a saída, a gente já fez várias vezes aqui, acho que umas duas vezes, parece, seguida, não é igual você fazer na roça. Isso é uma mudança. Aí se você quiser fazer, eu queria fazer na roça. É muito mais gostoso. Sei lá, né? Que fazer aqui no comércio, ou seja, na cidade aqui, reúne ali pro jantar e tal, aquela farrinha ali. Quando na hora de rezar, tem lá praticamente os folião e os festeiro, pouquinho gente na hora de rezar o terço. Reúne mais só na hora da janta e desaparece, vai pra rua e pronto, pra outras coisas. Não está ali por conta daquilo. E não, na roça, a mudança que a gente vê é que o pessoal vai lá pra aquilo, sabe que vai pra aquilo! E no comércio não, no

comércio às vezes está lá na rua, por ali, por acaso, “ah, está comendo ali” e tal. E na hora da reza você não vê ninguém. A mudança que eu vejo é essa.

JV: Como é que o senhor imagina a festa daqui a 10 ou 20 anos?

MCC: Estava conversando isso ontem com o João, João do Sinico. É sobre, esses, essas crianças que está faltando pra dar mais ânimo, né, que daqui uns 10, 20 anos, quem sabe Deus como vai estar? Que nós temos aí uma faixa de maior parte dos foliões de 40 a 50 e tantos, certo? Então, a gente vê, sempre a gente conversa e fala essa parte, que daqui a uns 10 anos pode achar dificuldade. Porque igual nós tem várias crianças, uns cinco ou seis, aí de 10 a 14, 15. Mas daqui uns 10 anos, esses já vai estar lá em cima, nós já não vai estar dando conta de acompanhar, porque a idade do dia de amanhã. Então, tinha que ter mais pessoa, mais criança, incentivando ali, pra daqui uns 10 anos eles estar no lugar daqueles. É isso que a gente vê.

JV: As perguntas que eu tinha pra fazer elas já estão mais ou menos. Agora eu vou lhe deixar livre pra que o senhor possa falar qualquer coisa que não esteja aqui, e que o senhor queira falar sobre a folia, sobre os momentos da folia, da festa, que o senhor queira expressar aqui, com a maior liberdade possível.

MCC: Eu acho assim que quanto mais a gente ampliasse a festa, melhor, né? Igual a gente, estou fazendo lá, agora, não sei se você observou, estou começando lá uma cozinha, que a cozinha era assim pequena, né? E longe, ficou longe do barracão. Que a gente fez o barracão e ficou longe. Estou lá começando pra ampliar mais, pra ter mais condição de atender o pessoal, que graças a Deus vem cada ano crescendo o movimento. É uma coisa que a gente vê com muito orgulho, porque a tradição da festa de Santos Reis é grande, né? Então a pessoa não vem uma vez só. A pessoa vem, a gente vê, “pro ano eu não vou faltar”. Quer dizer, então a coisa, eu fico satisfeito com aquilo, também, se gosta da festa. Mas também a gente está no meio, “ah, fulano é legal, vocês cantam bem, essas crianças tocam bem, e tal, como é que vocês conseguem ensinar essas crianças?”. É isso aí, a gente acha que , é uma coisa importante. Às vezes sim, às vezes não. Porque muitas vezes a pessoa fala assim, “ah, se eu for fazer, eu quero fazer lá em casa, na fazenda”. Igual o festeiro agora, não sei se você sabe, é o Zétinho. Então, antes dele pegar, ele falou que queria fazer na fazenda, por causa disso aí. Na fazenda é mais gostoso, é a tradição de tantos anos e tal. Por outro lado, a gente vê sempre isso aí, que tem muitas pessoas daqui, inclusive esse que vai pegar agora, que mora fora, que é primo-irmão da gente, sabe, é irmão do Baltazar aí e tal, é primo-irmão. Vai pegar, mas mora fora. O que tem que fazer? Ele acha lindo o barracão, porque lá tem tudo! Assim, ainda não, mas a gente vai devagar chegar num ponto de ser um lugar ideal de verdade pra [interrupção].

JV: Bom, Seu Milton, eu agradeço muita a entrevista e vamos ver o que a gente pode estar trabalhando com ela, com o resultado que vai sair aqui do nosso trabalho, tá? Fico muito agradecido pela atenção, pela consideração.

**Entrevista com Sr. Roldão Correia de Castro, 77 anos, Comerciante, nascido em Imburana, São Braz, Gerente de Folia. Participa há mais ou menos 60 anos da folia de Reis.**

JV: A entrevista com o Sr. Roldão Correia de Castro, 77 anos, comerciante, nascido na Imburana, região de São Braz, Pé da Serra, gerente há mais ou menos 20 anos da folia e participa das festas de folia de Reis há mais ou menos 60 anos. Roldão, bom dia.

RCC: Bom dia.

JV: É um prazer estar fazendo essa entrevista com você. Roldão, o que é a folia de Reis?

RCC: Isso é o menino, né? [inaudível] só que sabe o que é uma folia de Reis [inaudível].

JV: O que te levou a participar da folia e qual a sua função na folia?

RCC: Olha, eu entrei na folia, devia de estar mais ou menos com uns 12 anos. E entrei, [inaudível] era um padrinho que já era o gerente da folia, né, meio raivoso, eu perguntei se podia acompanhar. Ele perguntou, “é promessa, filho?”, [inaudível] ele é meu padrinho, eu falei, “não, é vontade mesmo de acompanhamento”. Falou, “não, pode ficar”. Aí eu entrei pra, assim, no segundo, sem saber de nada, no segundo dia da folia, eu já fui cantar. Aí desse dia pra cá, até hoje, [inaudível].

JV: E como que você aprendeu a ser folião?

RCC: Uai, acompanhando a turma, vendo o que a turma fazia, né? A minha religião é boa, minha fé em Santo Reis, tem que ter fé com eles. Até hoje eu tenho fé em Santos Reis. Que tem ocasião da saída de folia que eu penso, “este ano não dou conta de foliar”. Mas eu falo, “não, eu vou carregar Santo Reis e Santo Reis vai me carregar”. Eu estou sendo o alferes de um tempo prá cá, eu estou sendo o alferes. Então, é por aí. Que o alferes, o alferes carrega a bandeira. Carrega a bandeira ali, vai o carregador do [inaudível] lado. Tem muitos anos que eu trabalho como alferes. E sempre Deus me ajuda, que eu saio e achando que não dá conta de fazer nada. E no fim eu dou o giro da folia e volto, na santa paz de Deus. Santo Reis até me carrega da folia!

JV: O giro é?

RCC: O giro é nove dias, em carreata. Sai de uma casa e vai pra outra. Aí tem uns monte de bóia, tem porco, é nove dia. Nós sai no dia 25 de dezembro e no dia 2 de janeiro a gente faz a entrega. Aí no dia 6 de janeiro é a festa.

JV: Roldão, como é a formação de novos foliões e quais as dificuldades que você encontra para formar esses novos foliões?

RCC: Ah, isso tem muita dificuldade, né, porque, isso aí é tem os meninos, né? Como é nos giro mesmo, tem uma turma de menino, quando o menino vai crescendo um bocadinho, é até bom de cantar. Aí vai crescendo um bocadinho, quando vê [inaudível] atrapalhar a voz, aí não quer cantar. Mas outro bate caixa, outro arruma máscara, faz o palhaço, e aí a folia de Reis vai aumentando. Ah, as dificuldade é muitas, a dificuldade é muitas, tem muitos que anda direitinho, o outro já anda [inaudível], porque tem um regime, é que eu sempre, no dia da reunião, eu sempre peço a Deus muita união com os outros, carinho, obedecer quem ele vê passando, não ter aquelas vaia. Que muitos às vezes dá vaia, né? Está vaiando, às vezes está numa serra, aí, tem outro lá do lado, passando à cavalo lá, o de cá grita lá, vaia lá. Então aí eu peço eles, quando eu saio eu peço pra não haver isso. E outra, menino que não é acostumado na folia e que entrou na folia, no dia da reunião eu peço, “não pode entrar em quintal de ninguém panhar uma flor sem ordem do dono”. Isso tudo é conversado. [inaudível].

JV: Você tem outras dificuldades?

RCC: Não, a dificuldade, a gente está com muita dificuldade. [inaudível].

JV: Quais são as lembranças mais marcantes da festa, no passado, pra você?

RCC: Uai, quando eu fiz essa festa me ficou uma grande lembrança. Graças a Deus foi muita gente, lá de Brasília veio muita gente, porque essa festa que eu fiz foi correndo o dia, o povo não aparecia, eu estava bem preparado, eu tinha matado cinco vacas, despesa. Quando foi chegando mais na hora, que foi chegando, aí pro resto eu já estava ficando é com medo (riso), porque o negócio, mas eu já estava ficando com medo, porque o negócio é gente demais! Essa folia nossa aqui, graças a Deus, [inaudível] em casa! Lá em casa você ia assistir. Que aqui, agora, nós temos grupo aqui encerrado, um galpão pra fazer festa, mesmo. Junta gente. Rapaz! Estava encerrado. Eu matei muita vaca. Que sobre recordação, tem muita diferença. Porque antigamente era um gerente, hoje já é outro gerente, uma turma mais velha, outra turma mais nova, né? Então no fim parece muita diferença na folia, de antigamente como de agora. Mas era bom. [inaudível] na santa paz de Deus. Não sabe o que que é, ué. Sabe que é muitas coisas, [inaudível] muitas coisas, mas divulgar pra quem não sabe. Fica a lembrança de quando faz uma festa de Reis, aquele mundo véio de gente ajudando. Quando passa, o povo vai tudo embora e a gente fica aqui, acha [inaudível].

JV: Roldão, quais as transformações você percebe na festa, hoje?

RCC: Transformação?

JV: É, mudanças que você percebe da festa, hoje, de quando era 10 anos atrás, 20 anos atrás. O que você percebe?

RCC: Mudança, tem muita mudança. De um ano pro outro já tem muita mudança. Mudança de festejo, mudança de um folião que sai e outro entra. É, sobre o negócio da folia, tem muita diferença hoje em dia. Que de primeiro, nós andava só de à pé, fazia o giro todinho de à pé. Agora, hoje em dia, nós está tendo tranquilidade, está mais indo de carro. Quando nós sai longe aí, vai de carro, [inaudível], muita dificuldade. Nós, sempre Santo Reis está com nós. [inaudível]. E outro, que palhaço, de primeiro, podia pintar e bordar. Chegava numa casa aí, um palhaço que era criativo, chegava numa casa, o folia está chegando aí, ele já está olhando o terreiro, se tem uns ninho de galinha por ali, um poleiro, e ali pintava e bordava. Eu mesmo tenho um irmão, que ele passou numa janela e entrou num quarto pra pegar uns queijo [inaudível], e apertou ele, ele foi obrigado a passar por uma janela e pular dentro de uma horta, e a lama veio cá, né, e a lama caiu em cima. (riso) Aí, é bom demais! Agora hoje em dia, não. Hoje em dia se você fizer qualquer coisinha, isso está errado. Hoje em dia [inaudível]. Mas que tem muita diferença, tem. Palhaço, hoje em dia, quase que as crianças estão arrumando, porque não pode fazer nada! Se fizer a gente é obrigado a corrigir. Porque hoje em dia se for fazer um negócio desse, se chegar, roubar um queijo lá e cair no [inaudível] vai sair apanhando, né? Esse negócio de altar e reza, sempre a nossa reza, na folia reza o terço. Toda a casa que reza, nós reza o terço. Mas sempre o terço da saída é de um tipo, depois na reza é outro. Que nós na saída nós sempre tem o terço, é cantado. Depois nós reza na chegada, na saída é rezado e na festa. Três terço que nós reza cantado. O povo gosta demais, junta muita gente.

JV: Como era no passado e como é hoje?

RCC: Hoje em dia já está mais diferente, porque parece que o povo já não está com muita religião mais, né? Porque o nosso, o nosso sistema é, chega na saída. Na saída [inaudível]. Aí o costume, jantou, metade do povo vai embora. E fica aquele um ou outro por ali. Aí reza, que nós sempre janta é dez horas. Reza o terço uma hora da manhã, que daí umas cinco e meia, seis horas está saindo a folia. Aí rezou também, aí o povo vai embora. [inaudível].

JV: No passado isso era mais forte.

RCC: O passado era mais forte. No passado fazia as saída de folias tudo em casa. Tinha dança, anoitecia, não tinha outra diversão, dançava, todo mundo dançava. Dançava até certa hora, rezava o terço, aí encerrou tudo. Saía à meia-noite também. Agora, hoje em dia, já não tem esse negócio, não tem dança, muitas devoção não tem. [inaudível] parece que é uma coisa só, tanto antigamente como hoje em dia. Tudo faz parte da festa. Mas não tem, acho que não tem diferença, não. Tem alguns, mas besteira [inaudível].

JV: Roldão, como que o senhor vê o uso da folia fora da época?

RCC: Aí é esquisito demais, fora da época é esquisito demais folia fora do tempo. Mas nós sempre tem ela aqui, fora do tempo. Que nós temos, ajuda aqui a conferência, o asilo, sempre isso é folia fora do tempo. Mas parece que é muito esquisito. Ali também já anda é mais rápido, pode falar que é quase só de à pé, e mais pouca gente também, não tem aquele tanto de folião, não. Que a nossa folia, você completa é de vinte e cinco a trinta folião que acompanha. Agora é só uns dez, doze [inaudível].

JV: O que você acha esquisito?

RCC: Ah, é mais é porque é um tempo fora do tempo, né? (riso) Quando você sai em dezembro, pra fazer as festas em janeiro, é o tempo comum das saída da folias e a festa. Agora, você sai aí, não tem, por exemplo, não tem saída, não tem festa, não tem nada, né, é só mesmo pra tirar renda, pedir à associação uma renda pra ajudar os pobres com necessidade. A gente faz todo ano, sempre duas ou três vezes. Mas não é bom não, porque no giro só nosso a gente não gosta de passar muitas vezes, porque enfraquece o giro. O povo gosta demais. Agora se nós [inaudível] o giro, o povo e tem condição de ajudar.

JV: Em sua opinião, qual é o melhor momento da festa?

RCC: Não pode falar que é a hora de comer, né? (riso) O momento da festa a hora que o povo está chegando, tem aquele mundo de gente entrando, tranqüilo sabendo que tem pro povo comer, que não vai faltar nada. O melhor momento é esse, e a chegada do povo, uma alegria, e nós alegres também recebendo, todo mundo satisfeito. Um dos melhor momento é esse! Não digo na hora de pegar o prato, mas pegar o prato também é bom! (riso)

JV: Como que é o dia do folião fora o período da festa? Quando acaba a festa, como que é o dia-a-dia do folião?

RCC: Aí volta ao normal, né? Volta ao normal, acabou a festa, e cada um procura sua casa. [inaudível] assim, “nós comeu muita carne esses dias, agora vamos comer mandioca, outras coisinhas qualquer que tem em casa, né?”. (riso). Então é a diferença, que já tem essa diferença. Cada um já parte pros seus interesses também, vai trabalhar, vai cuidar da vida.

JV: Então a festa é um momento ...

RCC: É, a festa é um momento do povo, né, juntar os amigos que faz muito tempo que não vê e sempre aparece. Que só o negócio de bóia, isso tem muitos que passa com a folia e já marca pro outro ano, “o ano que vem eu quero dar a bóia”, um janta ou um almoço. Então fala assim, a bóia é certeza que vamos pegar ela. Agora, não sabe se é almoço ou se é janta, conforme o tipo do giro da folia, não tem jeito de ajeitar a janta, lá na frente, cá atrás. Não tem jeito. Só se nós for igual ao do Cerrado, que é muitos giro, pra dar certo. Aí tudo bem. Tem gente que vem de longe pedir a bóia, pedir pra fazer bóia. Uns tem promessa, outros tem devoção por Santos Reis. E outros, se a gente citou e não completou o giro, a gente sai de casa em casa, naquelas casa que sabe que tem condição e boa vontade, pede e faz tudo satisfeito. Desde a primeira até o final. Igual sempre, vou terminando uma folia, uma festa, e em dois ou três meses já tomou tudo, [inaudível] ele igual se fazer o giro de novo. Tornar a fazer o giro para o outro ano. Com esse negócio igual de sair, de ser só num lugar aqui, favorece pra gente. Agora quando sai aqui, sai lá, sai lá, você fazer o giro, organizar tudo é mais difícil. Porque a nossa folia, aqui, nós, bom, de carro eu não sei, eu não posso falar que de carro nós sempre pula. Mas de caminhando, nós não pode pular giro. A bandeira passou aqui, nós não pode pular pra cá. Agora de carro sempre, a gente, nesse mundo aí, volta pra pousar aqui, por exemplo, vem, cruza. [inaudível]. Mas de à pé nós não cruza, não. Marca tudo direitinho.

JV: Dá pra falar pra mim porque é que não pode cruzar ou pular o giro?

RCC: Ah, isso eu não sei. Isso é posição dos véio que vem trazendo de trás. Que eles que deixou isso pra nós, “não pode pular o giro”.

JV: O que o senhor chama “pular o giro”?

RCC: Ah, se nós desceu aqui, foi ali, não pode voltar por aqui. Mas se tem que vir aqui, aí nós temos que dar a volta por lá. Isso é que é pular o giro. Se nós passou uma estrada e voltar, atravessa nele ali, aí pulou o giro. De carro, sempre eu vejo, a hora que nós vai pular, eu vejo, “estão pulando o giro”. Mas, agora de à pé, nós não pula o giro não. Isso é coisa dos antigos. Eu não sei a significância que tem. Sobre o negócio dos conjunto de folia, dos folião, há muitas dificuldade. Porque muitas das vez, como você falou, não tem o filho pra entrar no lugar dele. Não tem, né? Mas aí nós vamos treinando os mais novo, vão chegando uma turminha mais novo, pra frente, pra se faltar um ele já vai fazer qualquer coisa, qualquer parte. Agora tem muita gente que gosta também da folia e às vezes, da folia, e não faz nada.

JV: O que você percebe de diferente na cidade, na época da folia e fora da folia?

RCC: Uai, sempre quando tem a folia tudo é mais alegre. Muitos vai da roça pra cidade, tudo mais alegre. Aí você, por exemplo, passa a folia, passa a festa, você vê a meninada juntando, um tanto de foliãozinho, cantando pra lá, [inaudível] os folião. Isso é importante.

JV: Como que você imagina a festa daqui a 10 ou 20 anos?

RCC: Ah, eu penso, não sei, eu penso que pode ficar muito mais difícil, né? Porque igual eu, que sou gerente de folia, canto em quatro parte, em quatro parte [inaudível] eu canto, carrego o santo, que é o alferes. Já estou quase terminando a minha empreitada também, né, a idade vai chegando. Agora, daqui a 10 anos, muitas das coisas você nem faz o cálculo de como é que vai ser. As coisas vai mudando muito. Daqui a dez anos vai ter muita diferença [inaudível]. Mas Deus ajude, Santo Reis é milagroso, Santo Reis [inaudível]. (riso) Olha, sobre a festa de Reis, a era da festa, essa festa nossa, eu não tenho bem certeza não, mas eu digo ela está de 90 anos, pra subir. É uma das mais véia que tem aqui na região, essa festa nossa aqui. E ela foi criada aqui na Boa Vista, Boa Vista é ao lado lá. Nós de cá, Boa Vista de lá. E ela ficava lá dois anos e pulava pra cá. Aqui era a família dos Correia. Juntava a família dos Correia e ficava um ano, dois, três, pulava pra lá. Lá é a família dos Marcolino. Lá ficava também dois, três anos e voltava pra cá. Nessa região parece que só tinha essa folia nossa, aqui. Não tinha outra folia, não. Aí passado uns tempos, ela veio pra cá e não voltou. Aí ficou pra cá. Aí eles levantou outra lá. Quando levantou outra lá, tinha Afonso Correia que é o nosso tio mais velho, eu acho que é o mandão da folia, [inaudível], esse levantou outra folia aqui, que é essa folia. Onde eu ponho a folia nossa, que é dos Correia e das Malhada de São Braz, é por causa disso. Que nós somos a folia quase tudo dos Correa. Mas tem essa que os Correa levantou, aqui dentro. Essa está continuando, [inaudível] Correia de São Braz. Então já bota uma declaraçãozinha por causa dos Correia de São Braz, da Malhada de São Braz. Meus irmão quase tudo foi folião. O mais novo, o mais velho. Graças a Deus, Santo Reis ajuda muito. Porque é igual eu estava falando pra você, muitas das vez, chega o dia da saída da folia, eu penso, “eu não vou com a folia, não”. Peço ajuda a Santo Reis, “Santo Reis vai me ajudar, eu vou na folia”. E estou sendo, eu sou o carregador da bandeira, né? Aquele que está sentado ali for a ele é meu companheiro. Que ele era gerente, passou pra mim, que ele não dá conta de cantar mais, de fazer mais nada, ele passou a bandeira. Agora de uns tempos pra cá, nem foliar ele não tá querendo mais. [inaudível]. Então, é uma coisa que eu não posso dar pra qualquer um fazer Que carregar o Santo Reis não é, que às vezes chega na rua que tem muitas promessas que se cumpre com a bandeira, “gente, quem começa três, quatro casa, carregar a bandeira pra mim? O negócio é assim, assim, assim, você não pode, tem que ter cuidado. Você está carregando um santo, aí”. E a bandeira nossa é santa mesmo, é santa, dos Santo Reis. “Então você tem que ter cuidado, não fazer nada que não pode, não, descuidar dela hora nenhuma, você está carregando é sua, você é o responsável por ela. E eu sou o responsável por ela. Eu vou andar junto com você, qualquer coisa eu te falo”. [inaudível]. Agora, sobre o giro nosso, depois que entrou essas outras folias, o giro nosso vem subindo pro alto [inaudível]. Chega aqui embaixo, nós vira pra lá. O giro nosso [inaudível] não. Agora de uns tempos pra cá, está vindo pra São Braz. A turminha daqui não está achando muito bom, não, os folião nosso é quase tudo aqui dentro. Aqui nós vira também [inaudível] Catirina, [inaudível]. Aqui é tudo bom! Ah, a folia, eu não sei nem como é que fala. Porque eu desde pequeno sou da folia, gosto demais. Graças a Deus, eu peço pra Santo Reis e Santo Reis me ajuda. Santo Reis é um santo. Ele não é santo, não foi santificado ainda, né? É os três Reis Magos. Mas a gente tem eles como santo, tem fé com eles como santo. Santo Reis é milagroso mas é vingativo também. Não abuse de Santo Reis, não. Santo Reis você pediu, fez fé, pediu, ele vai te ajudar. Aquele trem vai dar certo. Mas se abusar também, olha ele vai abusar também. Esse tempo o povo tem mesmo de contar caso de uma folia, que chegou na casa de um homem, o homem não gostava de folia, a mulher gostava mais. Aí o que [inaudível], tinha um boi lá que ninguém chegava perto do boi. Disse que foi acontecido, não é meu tempo. Mas que essa folia chegou, cantou, cantou. Falou “olha, o presente que eu tenho pra dar pra vocês é esse boi aí. Se der conta de levar ele, é de vocês”. A bandeira, saiu com a bandeira e o boi acompanhou a bandeira, foi embora. Disse foi acontecido, não é caso não. Disse foi acontecido. Um monte de penitência que o sujeito faz, costuma dar certinho também. Por que que é que nós tem tantos pedidos de bóia? Se a gente faz um promessa pra Santo Reis, leva ali, então vamos cumprir, né?

JV: Se não cumpre?

RCC: Então fica devendo promessa. Aí pode às vezes ficar pior. Se cumpriu a promessa, tudo bem, cumpriu. [inaudível].

**Entrevista com Sr. Sebastião Batista Mota (Tião Mota), 50 anos, Agricultor, São Braz, Festeiro. 12/11/2007**

JV: É segunda-feira, dia 12/11. Nós vamos começar a entrevista com o Sr. Sebastião Batista Mota, conhecido como Tião Mota, 50 anos, agricultor, nascido em São Braz. E que esse ano é festeiro, vai fazer a saída da folia, no dia 24, de 23 para 24. Tião, é um prazer poder estar contando com sua ajuda e eu queria perguntar pra você o que é a folia de Reis.

TM: Uai, a folia de Reis, eu acho que é fundamental, né, pra todo mundo, uma devoção que todo mundo tem. Então, todo mundo gosta de fazer. Eu, inclusive mesmo, já fiz uma saída, uma festa, aqui, né, depois que eu mudei pra São Braz. Lá na roça nós fez muito, quando nós morava lá em Cana Brava. Então, eu acho que é uma devoção que a gente tem, com os Santo Reis, e aqui mesmo em São Braz tudo mundo gosta de fazer almoço, janta, né, todo mundo pede pra fazer. E é por aí.

JV: O que é a festa?

TM: Uai, a festa, você fala como? Isso, a festa. A festa gasta mais coisa, pra você fazer uma festa. (JV in off) O final da folia, né? O final.

JV: Por que você está organizando a saída, esse ano?

TM: Por que? Uai, porque ela é o início da festa. Sem a saída não tem a festa. Então, por isso que eu vou fazer a saída. É a devoção que a gente tem dos Santo Reis.

JV: E como é organizar essa festa?

TM: Olha, organizar, você tem que fazer muita coisa, né? Pode. Inclusive, você tem que matar vaca, porco, frango, então você faz muita coisa, faz doce. Então você tem que fazer muita coisa.

JV: Você faz sozinho, isso?

TM: Faço sozinho. Quer dizer, os amigos ajuda a gente assim, com a mão de obra, né? Então, mas a despesa quem faz é mais a gente. Ai isso aí nós começamos lá pro dia 18 agora, nós vai começar a fazer doce, 18 que vem, de dezembro, vai começar a fazer doce. Ai depois vem matação de vaca, porco. Ai vai, continua até o dia 24, né? As pessoas vai muita gente. A gente tem muito amigo! Igual lá em casa, mesmo. Então vem muita gente. Eu tenho muito amigo.

JV: A população de São Braz sempre participa da festa?

TM: É todo mundo, né? É, todo mundo participa. Geralmente, todo mundo. Todo mundo é amigo de todo mundo, e aquilo ali todo mundo ajuda, [inaudível] um gadinho. Vai trabalhar, todo mundo trabalha, faz um coisa ou outra, ajuda a fazer uma barraca, um girau pra fazer as mesas, então é isso. É importante, é, ué! Todo mundo é companheiro de todo mundo. Fazer uma janta, chama a turma, se vai fazer um almoço. Então nas saída junta muita gente. (JV in off) Fala, pra comer? Isso aí é arroz, feijão, carne, frango, carne de vaca, de porco, de frango, de tudo! Bagaçu, gueiroba, mandioca, tudo isso. Macarrão. Geralmente é só galinhada que faz, macarronada, faz tudo. Salada, maionese, faz de tudo. Agora, isso aí, geralmente, não vai muita gente não. De umas 100 pessoas pra trás. Agora, festa ajunta muito. Festa ajunta muita gente. Inclusive, quando eu fiz minha saída, a minha festa, eu matei 6 vacas.

JV: O que te levou a participar da folia?

TM: Aí, geralmente, a gente vem dos mais velhos, com a devoção. Eu mesmo tive uma benção dos Santo Reis, eu pedi, parece que Deus me ajudou e Santo Reis, sabe? Um menino meu caiu, machucou a cabeça, quebrou, e eu levei ele pra Patos. Só lá no Veracruz eu fiquei lá, 59. Então, eu pedi que Santo Reis me ajudasse, que ele ficasse bom eu fazia uma saída de folia. Fiz. Depois eu fiz uma festa, agora vim fazer de novo. A gente é devoto de Santo Reis, né? Vem todo mundo, minha família toda. Meu pai, minha mãe, meus avós. Era folião, eu não sou folião, mas tenho devoção.

JV: E quais são as lembranças mais marcantes quanto das festas que você tem do passado?

TM: Eu acho que geralmente é todas as festas que você já fez, já participou. É sempre bom estar com os amigos, né? Então é isso, você acha bom demais, todo mundo na sua casa, e ajudando. É bom.

JV: O senhor já participa há muito tempo dessas festas, né?

TM: Desde menino.

JV: Desde menino. E quais são então as transformações que você percebe nas festas, hoje, em relação ao que era antes?

TM: Ah, basicamente, é a mesma coisa de antes, como hoje, é uma coisa só, sempre fartura, tem muita, né? Tem muita coisa. Sempre tem. [inaudível] faz alguma coisa pra sobrar. É isso. Na época da gente jovem sempre saía de folia, dançava a noite inteira, dançava, farreava, a noite interinha, não tinha briga, não tinha nada, amigo, né? Tudo amigo. E hoje é quase a mesma coisa, mas já tem muita coisa, tem som, tem tudo, a mesma coisa, mas geralmente o pessoal só canta e sai, não tem dança, não tem nada mais, e sai e aí é isso. Reza, reza também. Tem que rezar pra sair, pra agradecer, salvar as mesas, essas coisa. Então reza, canta. É a mesma coisa, sabe. Todo mundo gosta, criança como adulto, geralmente, está ali.

JV: Em sua opinião, qual é o melhor momento da festa?

TM: Eu acho que o momento é aquele que você está junto, ali, dançando, né? Está agradecendo. Então eu acho que é esse o momento certo, que eu acho bom. Está cantando, eu gosto mais. Então é aí. Bom, por exemplo, reza, né? Depois tem a janta, tem a janta, tem, aí é só agradecer, depois da janta. E aí sai.

JV: Mudanças que você percebe na cidade, no período de festa, em relação ao restante do ano?

TM: Ah, ela é bem mais movimentada, né? É, vem gente de todo lado. Vem gente de Brasília, Belo Horizonte, São Paulo, vem gente de tudo quanto é lugar! Porque aqui essa região ela é toda de festa, né? Começou de 20 de dezembro, já começa a aparecer. E é muita, aí até passar dia 6 de janeiro, aí é muita gente de todo lado.

JV: Como é que é depois das festas?

TM: Aí fica bem mais fraco o movimento. O pessoal fica mesmo é o povo da cidade. O movimento é bom, né? Muita gente, muito amigo que vem de fora, bom demais.

JV: Tião, como você imagina a festa daqui a 10 ou 20 anos?

TM: Eu não posso explicar, porque a gente não sabe, né? Mas eu penso que nunca acaba, eu acho que não acaba nunca. Porque sempre o povo, todo mundo gosta de fazer e pede, daqui um ano, dois anos, três anos, já tem pedido, né? Então eu acho que ela não acaba nunca, ela vai sendo a mesma coisa de hoje, eu creio que ela vai ser daqui a 10 anos. Isso aí depende muito da pessoa. Tem que formar, por que uns véio vai ficando pouco. Então sempre tem que arrumar uns menino, pra ajudar. Então isso aí eu acho que nunca acaba.

JV: Tião, nós chegamos na última pergunta. Então agora nós vamos abrir um espaço pra que você fale o que você quiser falar então sobre a folia, sobre a organização de uma janta, de um almoço, dificuldades que você encontra, enfim, que aspectos que você vê, marcantes pra gente fechar aqui. Então, um tempo livre que você tem pra poder ...

TM: A janta de folia, por exemplo, você vai juntando os amigos e fazendo. O trabalho é você fazer mesmo a comida. Então, isso aí não tem muito problema, muita dificuldade, nenhuma. Porque você, por exemplo, você chega aqui, chama um vizinho aí, dois, e num instantinho você já fez tudo. Então isso aí. A união, sabe, de todos. E se chamou vai mesmo. Então isso não é dificuldade nenhuma pra fazer, sabe? Muitas vezes eles marca assim com seis, sete mês, aí não dá conta dos pedidos, sabe, de janta, almoço. Então isso aí, que eu gosto de fazer. Então tem trabalho, assim, não esforça só um, é todos, você chama os amigos, os vizinhos, todos vêm.

JV: Tião, obrigado então pela entrevista e vamos ver então como que a gente pode trabalhar com ela, tá? Muito agradecido.

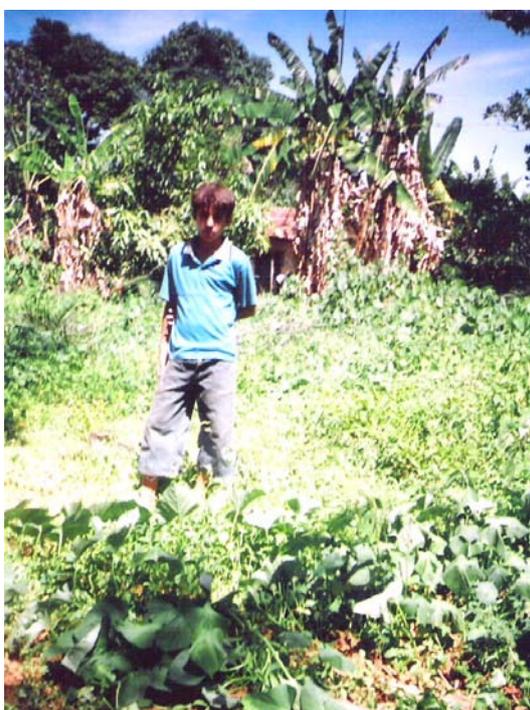
## ANEXO V- Fotos e Dados dos Entrevistados.



Sr<sup>a</sup> Claudinéia Maria Correia (Néia), 38 anos,  
Gari, natural de São Braz de Minas



Braz Mateus, eletricitista, 37 anos, migrante,  
natural de Lagamar, Minas Gerais.



Philippe Eduardo Correia Silva, 13 anos,  
de Lagamar-MG, músico em formação.



Sr. Eduardo Correia dos Reis, 35 anos, lavrador, natural  
São Braz de Minas, gerente de fazendas, músico.



Sr.ª. Hilda Tiago da Silva, 73 anos, Do Lar, natural de São Braz. 65 anos.



Sr. Sebastião Batista Mota (Tião Mota), 50 anos, agricultor, natural de São Braz de Minas.



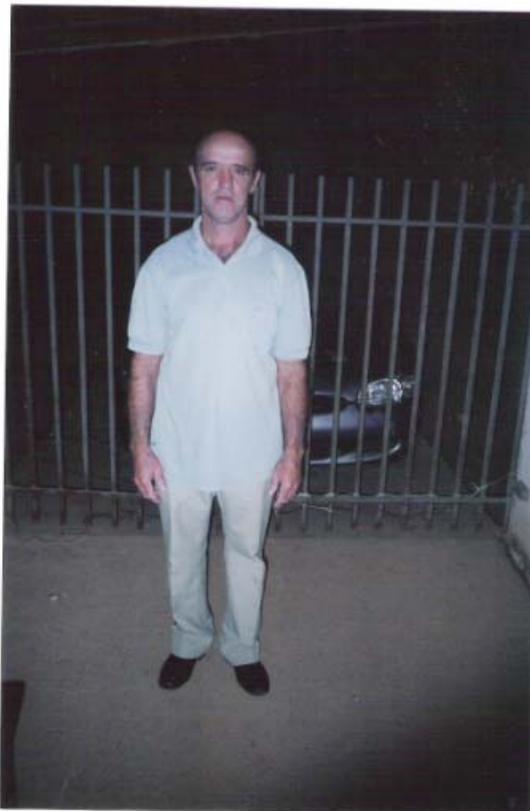
Sr. Ivando Ribeiro da Silva, 44 anos, lavrador, da Comunidade Evangélica, São Braz de Minas.



Sr. Virgílio Neto, 42 anos, químico industrial, nascido no Retiro da Roça, Município de Lagamar, MG.



Sr. Valdenir Alves Correia, 63 anos, Lavrador,  
Natural de São Braz de Minas.



João do Sinico, 52 anos, comerciário, natural de  
Presidente Olegário - MG.



Sr. Milton Correa de Castro, 55 anos, Pedreiro,  
natural de São Braz de Minas.



Sr. Donizete Osvaldino Pereira, 52 anos, fazendeiro,  
natural de Imburana, Município de Lagamar, MG.



Sr. Antônio Teixeira da Silva (Antônio Firmino), 68 anos, Aposentado, natural de Lagamar, MG.



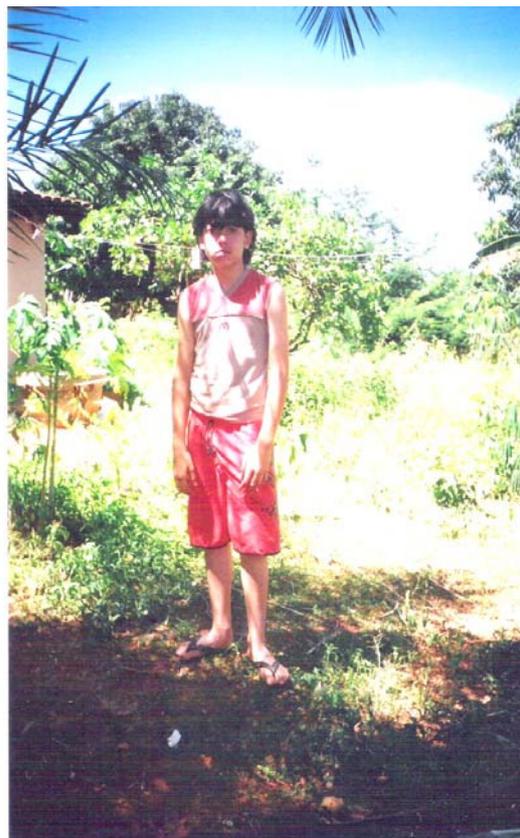
Sr. Roldão Correia de Castro, 77 anos, Comerciante, natural de Imburana, Município de Lagamar, MG.



Sr. Geovane Gonzaga da Silva, 43 anos, Motorista, natural de São Braz de Minas.



Sr. Luis Machado de Souza (Luis Prego), 59 anos, Lavrador, natural de Extrema, município de Lagamar.



Francis Hime Correa Ramos, 14 anos, natural de Vazante – MG, músico em formação.

ANEXO-VI- Mapa rodoviário. Percurso de Brasília à Lagamar-MG.  
(Fonte guia Quatro Rodas-2009).

